

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CHRISTIANE KAMINSKI

**MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NA EAD: O OLHAR
DO DISCENTE**

CURITIBA

2017

CHRISTIANE KAMINSKI

**MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NA EAD: O OLHAR
DO DISCENTE**

Tese apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Doutor em Educação, do
Setor de Educação da Universidade Federal do
Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Tania Stoltz

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Kaminski, Christiane.

Mediação pedagógica e mediação tecnológica na EAD: o olhar do discente. –
Curitiba, 2017.
279 f.

Orientadora: Profa. Dra. Tania Stoltz

Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal
do Paraná.

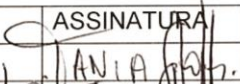
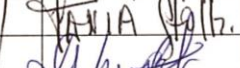

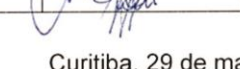
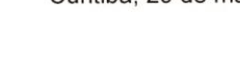
1. Autonomia. 2. Ensino a distância. 3. Mediação pedagógica. 4. Mediação
tecnológica. I. Título.

CDD 370

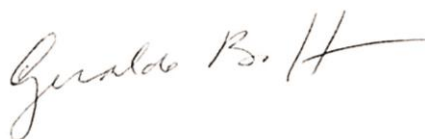
PARECER

Defesa de Tese de Christiane Kaminski para obtenção do Título de DOUTORA EM EDUCAÇÃO. As abaixo assinadas, Prof.^a Dr.^a Tania Stoltz, Prof.^a Dr.^a Lucia Helena Vendrusculo Possari, Prof.^a Dr.^a Gláucia da Silva Brito, Prof.^a Dr.^a Sônia Maria Chaves Haracemiv, Prof.^a Dr.^a Elaine Catia Falcade Maschio, arguíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Tese: "MEDIÇÃO PEDAGÓGICA E MEDIÇÃO TECNOLÓGICA NA EaD: O OLHAR DO DISCENTE".

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está Apta ao Título de DOUTORA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. ^a Dr. ^a Tania Stoltz		APROVADA
Prof. ^a Dr. ^a Lucia Helena Vendrusculo Possari		APROVADA
Prof. ^a Dr. ^a Gláucia da Silva Brito		Aprovada
Prof. ^a Dr. ^a Sônia Maria Chaves Haracemiv		Aprovada
Prof. ^a Dr. ^a Elaine Catia Falcade Maschio		APROVADA

Curitiba, 29 de março de 2017.



Prof. Dr. Geraldo Balduino Horn
Coordenador do PPGE

Prof. Dr. Geraldo Balduino Horn
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Educação
MPAP 137022 / MSIAPE 2169216



AGRADECIMENTOS

A Deus, pois a sua presença e o fortalecimento de minha fé é que permitiram esta caminhada.

A minha orientadora, Professora Dra. Tania Stoltz que, com seu olhar crítico e respeitoso, me ensinou que a razão e a emoção devem caminhar lado a lado; jamais terei palavras para agradecer o seu desprendimento, sua generosidade em socializar seus conhecimentos.

À Professora Dra. Onilza Borges Martins, minha sogra, minha mãe de coração, minha razão de estar aqui hoje; que despertou em mim o amor pela educação e a paixão pela educação a distância.

À Professora Dra. Lúcia Helena Possari, pelas valiosas contribuições acadêmicas e em especial pelo seu apoio neste trabalho.

À Professora Dra. Elaine Cátia Falcade Maschio, por acreditar em cada aluno e incentivar e se emocionar com o crescimento de cada um de nós.

À Professora Dra. Glaucia da Silva Brito, por sua presença sábia, que com seus apontamentos contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa.

À Professora Dra. Sônia Haracemiv pela sua afetividade, emoção e acolhida nos diversos momentos desta trajetória.

À Professora Dra. Dinamara Machado, que me abriu portas para que pudesse desenvolver minha pesquisa, além do carinho com que me acolheu.

Ao estimado pessoal da Secretaria da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná: Cinthia, Patrícia e Sandra que caminharam juntas em todos os momentos.

Aos meus pais e minha irmã Dani que sempre me apoiaram e incentivaram esta realização.

Ao meu querido e companheiro e marido Vinícius, que esteve sempre ao meu lado, com muito carinho e amor.

A minha amada filha Camila, que hoje compreende a falta de tempo para com ela.

Às minhas colegas de turma Larê, Thiciane e Paula, grandes companheiras, pelo convívio fraterno, pela cumplicidade e pelas amizades conquistadas que levarei por toda minha vida.

Finalmente, estendo meus agradecimentos a todas e a todos que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para a realização deste estudo.

Pessoas como vocês robustecem a minha crença na solidariedade humana.

Rudolf Steiner, pai da Antroposofia, disse que: as borboletas são flores que se desprenderam da terra...

E que as flores são borboletas que a terra apreendeu...

Seja como for, se as flores marcam a primavera, as borboletas são seu símbolo maior.

São quatro fases da mesma vida: ovo, lagarta, crisálida e borboleta.

Enquanto ovo, é princípio vivo, puro.

Representa a potencialidade do ser, guardada dentro de um invólucro de heranças parentais.

É fundamental para desenvolver a solidez das bases estruturais do indivíduo.

Mas num determinado momento, torna-se necessário romper com essa capa de proteção, para caminhar sobre as próprias pernas.

A lagarta tem o aprendizado da terra, do rastejar, das coisas que se processam lentamente.

Simboliza os cuidados com o mundo físico, com os aspectos materiais que compõem a existência cotidiana.

Pode ser o lado pesado da vida.

A crisálida é o encapsular para gestar.

É como se retornasse ao estágio do ovo, mas só que por escolha pessoal.

É criar um casulo para si mesmo, como forma de conectar-se com seus sentimentos, sua interioridade e seus próprios desejos.

E, finalmente, as asas libertam a borboleta! Mas, para se chegar à borboleta, é preciso superar o conforto e a comodidade do "já conhecido"...

É preciso deixar morrer o velho e partir ao encontro das possibilidades em aberto, sem certezas, sem garantias.

A borboleta é a lição viva de que tudo é passageiro.

Assim também somos nós...

Uns vivem para sempre no ovo...

Outros jamais passam de lagarta...

E tem gente que vive gestando um sonho, um ideal, mas sem nada realizar...

Ainda existem aqueles que, com esforço, se libertam, ganham asas e voam leves! Pousam aqui e ali, no colorido das flores, e só de existir fazem a vida mais bela!

Identifique em que fase você está e observe como fazer para processar a sua metamorfose.

Viver é cumprir fase por fase.

Desapegar-se do antigo e entregar-se ao novo até ser capaz de voar.

Desperte e tente uma nova forma! Deixe acontecer em você esse misterioso processo de se abrir para florescer! Deixe aparecer suas asas, suas melhores cores, seu voo!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a mediação pedagógica e tecnológica sob o olhar do estudante da modalidade a distância e tendo como fundamento as perspectivas de Vygotsky e de Rudolf Steiner. A EaD tem se destacado, cada vez mais, no panorama educacional brasileiro. Trata-se de modalidade que apresenta proposta legítima e necessária para a educação deste país, impulsionada principalmente pela necessidade de vagas nas universidades, e da possibilidade do emprego da tecnologia e da comunicação a serviço da inovação educativa e da formação humana. Por outro lado, pergunta-se: como a mediação pedagógica e a mediação tecnológica têm sido significadas pelo estudante de Ead? Assim, a partir da abordagem de pesquisa qualitativa-descritiva-interpretativa, foram investigados 20 estudantes da modalidade a distância em instituição privada de referência. A coleta de dados contou com questionários, entrevistas, observações em campo e levantamento de mapas afetivos que representam impressões e sentimentos acerca do ambiente da EaD, expressos em desenhos dos estudantes. Na análise utilizou-se o método de identificação de núcleos de significação de Aguiar e Ozella. Foram encontrados três núcleos de significação: eu estudante; estudante e mediação pedagógica e tecnológica e estudantes e ambiente presencial e virtual. As falas dos estudantes revelam que eles se sentem “sozinhos” no ambiente virtual de aprendizagem, além de destacarem, em muitos momentos, que o professor é apenas uma figura que transmite conhecimento, não interage. Os processos de mediação pedagógica e tecnológica são compreendidos por estes estudantes da modalidade a distância, como processos que devem ser capazes de propiciar condições para dominar e refletir os conteúdos, planejar suas tarefas, desenvolver habilidades junto às ferramentas tecnológicas, além de fomentar a criticidade e a autonomia, no sentido de que estes estudantes não sejam meros seres adaptados, mas conscientes de sua realidade e da necessidade de transformação por meio dos processos mediadores e da reflexão. Por meio da proposta de Steiner e de Vygotsky busca-se um contraponto, que possa gerar respostas entre educadores e estudantes que considerem relevantes os processos de mediação e de autonomia deste estudante, no sentido de não engessá-lo com percepções fixas, mas oportunizando o desenvolvimento da consciência de si e do mundo, o poder de entender, conhecer, desvendar e de se conectar conscientemente com este ambiente, rico em conhecimento e possibilidades, que é a modalidade a distância.

Palavras-chave: EaD. Mediação pedagógica. Mediação tecnológica. Autonomia. Ensino a distância.

ABSTRACT

This work aims to understand the pedagogical and technological mediation under the perspective of the student of the distance modality and based on the perspectives of Vygotsky and Rudolf Steiner. The EaD has been emphasizing, increasingly, in the Brazilian educational panorama. It is a modality that presents a legitimate and necessary proposal for the education of this country, driven mainly by the need for vacancies in universities, and the possibility of using technology and communication in the service of educational innovation and human training. On the other hand, we ask: how has pedagogical mediation and technological mediation been signified by Ead's student? Thus, from the qualitative-descriptive-interpretative research approach, 20 distance students were investigated in a private reference institution. The data collection included questionnaires, interviews, field observations and affective maps that represent impressions and feelings about the environment of the EDA, expressed in student drawings. In the analysis, the Aguiar significance cluster identification method was used And Ozella. Three nuclei of meaning were found: I student; Student and pedagogical and technological mediation and students and virtual and face-to-face environment. The students' speeches reveal that they feel "alone" in the virtual learning environment, in addition to emphasizing, in many moments, that the teacher is only a figure who transmits knowledge, does not interact. The processes of pedagogical and technological mediation are understood by Distance learning students, such as processes that must be able to provide conditions to master and reflect contents, plan their tasks, develop skills along with technological tools, and foster criticality and autonomy, in the sense that these students do not Are merely adapted beings, but conscious of their reality and the necessity of transformation through the mediating processes and reflection. Through the proposal of Steiner and Vygotsky, a counterpoint is sought that can generate answers between educators and students that consider relevant the processes of mediation and autonomy of this student, in the sense of not engaging him with fixed perceptions, but giving the Development of awareness of oneself and the world, the power to understand, to know, to unravel and to consciously connect with this environment, rich in knowledge and possibilities, which is the distance modality.

Keywords: EaD. Pedagogical mediation. Technological mediation. Autonomy. Distance learning.

SUNTO

Questo studio mira a comprendere la mediazione pedagogica e tecnologica sotto forma di studente guardando la distanza, avendo come base le prospettive di Vygotskij e Rudolf Steiner. La formazione a distanza si è distinta sempre più nel panorama educativo brasiliano. Essa modalità che ha proposta legittimo e necessario per l'istruzione in questo paese, trainata principalmente dalla necessità di posti universitari, e la possibilità di utilizzo della tecnologia e della comunicazione al servizio della innovazione didattica e formazione umana. D'altra parte, chiede: come la mediazione e la mediazione tecnologica sono state significate dallo studente Ead? Così, da un approccio di ricerca qualitativa e descrittivo-interpretativa, abbiamo studiato 20 studenti della modalità di distanza in un istituto privato di riferimento. La raccolta dei dati inclusi questionari, interviste, osservazioni sul campo e studio di mappe affettive che rappresentano le impressioni e sentimenti riguardo l'ambiente formazione a distanza, espressa nei disegni di analisi estudentes. Na utilizzato il metodo di identificazione Aguiar nucleo significato e Ozella. Sono stati trovati tre conduttori che significa: mi studente; studente e la mediazione e gli studenti educativo e tecnologico e ambiente virtuale. Gli interventi degli studenti rivelano che si sentono "soli" in un ambiente di apprendimento virtuale ed Excel, in molti casi, l'insegnante è solo una figura che trasmette il sapere, non interagisce. Os processi di mediazione pedagogici e tecnologici sono comprese da questi studenti della modalità a distanza, come processi che dovrebbero essere in grado di fornire condizioni di dominare e riflettere i contenuti, pianificare le attività, sviluppare competenze con gli strumenti tecnologici, oltre a promuovere la criticità e l'autonomia, nel senso che questi studenti non lo fanno sono semplicemente adattati agli esseri, ma consapevoli della loro realtà e la necessità di trasformazione attraverso i processi di mediazione e di riflessione. Attraverso la proposta di Steiner e Vygotskij ricerca è un contrappunto che può generare risposte tra educatori e studenti considerare rilevanti processi di mediazione e l'autonomia dello studente, di non paralizzare con percezioni fisse, ma che offrono opportunità per il lo sviluppo della coscienza di sé e del mondo, il potere di capire, conoscere, scoprire e connettersi consapevolmente con questo ambiente, ricco di conoscenza e possibilità, che è la modalità a distanza.

Parole chiave: Ead. Formazione a distanza. Mediazione pedagogica. Mediazione tecnologica. Autonomia. Distanza educazione.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 LINHA DO TEMPO: O PERCURSO DA EAD NO BRASIL	22
3 A UAB E A EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO A DISTANCIA PRIVADA NO BRASIL	29
4 A INTERAÇÃO E A COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA EaD	43
5 MEDIACÃO PEDAGÓGICA	57
6 MEDIACÃO TECNOLÓGICA	73
7 DIÁLOGOS COM STEINER E VYGOTSKY	86
8 METODOLOGIA	100
8.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	100
8.2 CONTEXTO DO ESTUDO	105
8.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO	107
8.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	109
8.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	115
9 RESULTADO E DISCUSSÃO	125
9.1 QUEM SÃO OS PARTICIPANTES DO ESTUDO	125
9.2 CONSTITUINDO OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DAS FALAS DO(S) ESTUDANTE (S) DA MODALIDADE A DISTÂNCIA	131
9.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DA(S) FALA(S) DO(S) ESTUDANTE(S) DA MODALIDADE A DISTÂNCIA.....	136
9.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO NÚCLEO: EU ESTUDANTE	137
9.5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO NÚCLEO: ESTUDANTE E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E TECNOLÓGICA DA MODALIDADE A DISTÂNCIA.....	149
9.6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO NÚCLEO: ESTUDANTE E AMBIENTE EaD ...	161
9.7 ANÁLISE DOS GERADORES DE MAPAS AFETIVOS	166

REFLEXÕES SOBRE O FIM DA CAMINHADA ... OU O INÍCIO DE UM NOVO PERCURSO	185
REFERÊNCIAS.....	195
APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE..	220
APÊNDICE 2 - MODELO DE ENTREVISTA	224
APÊNDICE 3 – INSTRUMENTO GERADOR DE MAPAS AFETIVOS	225
APÊNDICE 4 - DESENHOS	231
APÊNDICE 5 - ENTREVISTAS DOS ESTUDANTES.....	242

1 INTRODUÇÃO

O Verdadeiro problema não está, portanto, na aptidão ou na inaptidão das pessoas para se tornarem senhores das aquisições da cultura humana, fazer delas aquisições da sua personalidade e dar-lhes a sua contribuição.

O âmago do problema é que cada homem, cada povo tenha a possibilidade Prática de tomar o caminho de um desenvolvimento que nada entrave. Tal é o fim para o qual deve tender agora a humanidade virada para o progresso.

Leontiev

Esta tese nasceu de um sentimento pessoal de entusiasmo e curiosidade sobre o tema: Educação a distância. O desafio levou à opção do assunto para estudo e aprofundamento nesta temática.

Cabe ressaltar, neste sentido, que esta tese de doutorado buscou dar prosseguimento aos anseios de conhecimento desta pesquisadora desde seus tempos de estudante de Pedagogia, graduação que foi realizada de maneira presencial, mas que diante dos estudos sobre este tema: Educação a distância, suscitou grande curiosidade, que ia além dos anais da disciplina ofertada.

Logo após terminada a graduação em Pedagogia, buscou-se, além de um MBA em Gestão de Pessoas, uma especialização em Formação de Docentes e de Orientadores Acadêmicos em EaD (450h). E logo após a conclusão desta especialização, procurou o mestrado como forma de dar prosseguimento aos estudos com a dissertação: O papel do tutor na educação a distância em instituição pública. (KAMINSKI, 2012).

Da dissertação resultou um artigo: Educação a distância: Rediscutindo o papel do tutor (KAMINSKI e STOLTZ, 2015) e um livro (no prelo).

Cabe salientar que, enquanto os estudos se realizavam, a pesquisadora também trabalhava na área da Educação a distância, primeiramente como Tutora Orientadora no IFPR e posteriormente como Coordenadora Adjunta da tutoria *online* nesta mesma instituição, onde sua função foi a de orientar e supervisionar a comunicação ativa entre estudantes e tutores, instigando ao apoio e interação mútua, bem como ao aprofundamento do processo de aprendizagem dos conteúdos estudados.

As atribuições deste cargo de coordenação, permitiram a reflexão e um vasto campo de novos e diferentes olhares para a EaD, que puderam ser colocados em prática, tais como:

- Criar atividades interativas que estimulem a reflexão crítica e a elaboração própria dos conteúdos estudados;
- Instituir novos meios de comunicação visando o aumento da interatividade entre tutores *online* e estudantes;
- Capacitar tutores para ações pedagógicas interativas que possibilitem o crescimento e o bom andamento dos cursos do IFPR;
- Estabelecer, supervisionar e orientar a comunicação ativa entre estudantes, professores e tutores, instigando ao apoio e interação mútua, bem como, ao aprofundamento do processo de aprendizagem dos conteúdos estudados;
- Conduzir o processo pedagógico, as ações didáticas e atividades envolvidas na Tutoria *Online* do IFPR;
- Redigir projetos e documentos pertinentes ao setor;
- Participar e desenvolver atividades de capacitação e de atualização no IFPR;
- Participar das reuniões com as demais equipes de gestão.

Assim, passados alguns anos da defesa de mestrado, e com a contribuição de minha atuação como Coordenadora Adjunta da Tutoria a Distância do IFPR, bem como do aprofundamento nos estudos sobre a modalidade a distância, busco nesta tese focar a mediação pedagógica e tecnológica na modalidade a distância.

Pode-se afirmar, nos dias de hoje, que a EaD não se insere mais como uma novidade no meio educacional. Mas, firma-se como uma modalidade que oportuniza e promove a educação a milhares de estudantes. Segundo (Hodgins, 2002; Belloni, 2005; Almeida, 2013; Alonso, 2014), os estudantes que necessitam de uma formação e/ou qualificação na medida que os processos educacionais desta modalidade podem ser vivenciados por meio de processos virtuais e presenciais de aprendizagem.

Neste contexto mundial, a EaD aparece como uma modalidade de oferta de educação que atende às demandas do mercado, correspondendo, portanto, à lógica capitalista atual (globalização, exclusão, uniformização e padronização cultural), mas também como um novo modo de acesso à educação, mais adequado às aspirações e características das diferentes clientela, especialmente os mais jovens. (BELLONI, 2005, p.188).

Vale salientar, contudo, que nem tudo são flores no reino de Alice, e a modalidade a distância assim, vista de maneira superficial, nos parece uma mágica que irá encantar e possibilitar o conhecimento a inúmeros estudantes ávidos por aprender; mas, na verdade, não se pode deixar de dizer, que a modalidade a distância nasceu em um sistema capitalista, que emerge de uma sociedade que cobra desempenho, *status*, e uma performance altamente qualificada de seus cidadãos, na medida em que os ganhos devem ser altos e os custos cada vez mais baixos.

Tudo precisa *funcionar eficientemente*, isto é, com o menor custo, no menor tempo e com o máximo de lucro possíveis. Qualquer outra escala de valor deve ser deixada de lado em favor desta única, que mede o desempenho, a produtividade, a 'performatividade', para se empregar um neologismo tão ao gosto dos administradores contemporâneos. O bom e o mau, o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, o justo e o injusto, o belo e o feio, o agradável e o desagradável, o ético e o não-ético, todos os esquemas valorativos baseados numa razão mais ampla sucumbem frente ao novo mito da eficácia. O eficiente e o ineficiente, ou o eficaz e o não eficaz, tornam-se, portanto, os parâmetros definidores do campo em que se dão os julgamentos de fatos, processos e pessoas na sociedade atual. O que interessa é a tarefa eficazmente realizada, e não discussões acerca de sua necessidade, sua justeza ou dos subprodutos decorrentes de sua implementação. (DUARTE JR., 2010, p. 56).

Apesar de inúmeras críticas, a educação a distância tornou-se um objeto de investigação e de proposição de formação (Kenski, 2003; Cortelazzo, 2008; Masetto, 2013; Galafassi, 2013; Alonso, 2010; Sampaio, 2011; ABED, 2014; BRASIL, 2005- 2010; SENAC, 2013, entre muitos outros), e encontra-se em franca expansão, tanto em nosso país como em todo o mundo.

Esse processo evolutivo dos estudos sobre EaD indica amadurecimento metodológico e das perspectivas de análise da área. Indica também uma evolução da agenda de pesquisa sobre EaD, decorrente das tecnologias digitais, que tem forçado a redefinição da modalidade (SIMONSON *et al.*,2009). Conforme Rudestam e Schoenholtz-Read (2002), é grande e crescente o volume de estudos que visam avaliar empiricamente os resultados e processos de educação a distância ou on-line. Ou seja, a EaD tem se mostrado como campo fértil para estudos e pesquisas. (MILL e OLIVEIRA, 2014, p. 19).

Essa tendência de expansão da EaD, também se reflete na problemática de compreender e estabelecer parâmetros que possibilitem contribuir para os processos de mediação pedagógica e tecnológica desta modalidade, já que o que se busca na modalidade a distância, conforme destaca Masetto (2000), é fortalecer o papel do estudante como autor da construção do conhecimento e, para tanto, compreender estes conceitos poderá permitir considerar novas perspectivas e novas possibilidades para os processos de aprendizagem na EaD.

Então, aprofundar-se nas questões pertinentes e esta modalidade, suas possibilidades e desafios, é uma reflexão necessária e atual nos meios educacionais.

Desta maneira, o objetivo desta pesquisa foi o de compreender a mediação pedagógica e tecnológica sob o olhar do estudante da modalidade a distância, buscando respostas em uma pesquisa qualitativa-descritiva-interpretativa, pautada na observação do cotidiano dos estudantes de EaD.

Assim, por meio da observação do cotidiano destes estudantes, da fala destes, e por meio de suas representações de estima do espaço da modalidade a distância, buscou-se possíveis contribuições que aliadas a um aporte teórico de Steiner e Vygotsky, possam contribuir para as especificidades da modalidade a distância.

Neste sentido pergunta-se: Qual o olhar do estudante sobre os processos de mediação pedagógica e mediação tecnológica na modalidade a distância?

Outras indagações estão postas no entorno da problemática acima citada e se expressam pelos questionamentos:

- Por que o estudante busca a modalidade a distância?
- Como ele compreende os processos de mediação?
- Os processos de mediação contribuem para a construção da aprendizagem do estudante da EaD?

Em face destas questões e outras que certamente surgirão no decorrer desta pesquisa, salienta-se que a Educação a Distância rompe diversas barreiras, entre elas as pedagógicas, tecnológicas e geográficas, necessitando, portanto, de pesquisas que permitam a superação de barreiras e a ampliação de possibilidades para este formato arrojado de educação.

Neste sentido, considera-se que a mediação é uma ação humana, e que a possibilidade da mediação pedagógica se faz no processo de ensino e aprendizagem com ou sem o uso da tecnologia. Então, no caso da modalidade a distância, qual a perspectiva do estudante sobre os processos de mediação pedagógica e tecnológica para que efetivamente possam contribuir para a construção de seu conhecimento?

Nesta tese entende-se por mediação pedagógica a atitude, o incentivo, a força motriz que se coloca como uma ponte rolante entre o aprendiz e a aprendizagem, de maneira que o diálogo, a troca de experiências, o debate e a proposição de situações possibilitem um diferente olhar dos protagonistas desta modalidade (professor-tutor-estudante).

E por mediação tecnológica, que esta se realiza pelo uso da inovação tecnológica, e do uso das ferramentas de informação nos processos educativos, entende-se que o uso dessas ferramentas deve permitir que estudantes participantes, mesmo separados pela distância e pelo tempo, estabeleçam um diálogo, e promovam a construção do conhecimento pelos meios virtuais de aprendizagem, sem esquecer que os professores e tutores estão contidos nesta mediação.

Cabe salientar, ainda, que a realização desta tese utilizou-se das concepções de Steiner e de Vygotsky. Desta maneira, buscou-se estabelecer uma aproximação com a realidade dos participantes da pesquisa e, ao mesmo tempo, criar uma possibilidade de reflexão sobre os processos de mediação pedagógica e tecnológica por meio do olhar destes estudantes de EaD e do diálogo entre as abordagens de Steiner e Vygotsky.

Busca-se, assim, na filosofia de Rudolf Steiner e nos estudos de Vygotsky fundamentos que possam vislumbrar novos horizontes na educação a distância, buscando compreender que este aluno “não é distante”, não é “virtual”, mas humano, e como “ser humano” sua natureza deve ser respeitada como um “todo”, em todas as suas potencialidades, contribuindo, assim, para que o indivíduo seja capaz de tomar para si o seu próprio destino.

Neste sentido, esta pesquisa busca na filosofia de Rudolf Steiner e nos estudos de Vygotsky diferentes caminhos para a educação a distância e para o processo de construção do conhecimento destes estudantes, jovens e adultos, que

já possuem uma história de vida e uma visão de mundo. Na medida em que estes buscam, nesta modalidade, a oportunidade de se apropriar de novos e diferentes conceitos, que respeitem a sua realidade e as suas potencialidades, contribuindo assim, para que sejam capazes de tomar para si o seu próprio destino, por meio da apropriação do conhecimento e da compreensão e integração da sua vida na realidade, no sentido da transformação de si e da realidade externa em suas múltiplas dimensões.

Cabe destacar que Steiner e Vygotsky não desenvolvem as mesmas concepções e tão pouco abordam da mesma maneira as questões do conhecimento e do desenvolvimento humano. Mas o que se propõe neste estudo é o diálogo e a compreensão destas duas perspectivas no intuito de propor novos caminhos para democratizar o saber, e constituir a educação do ser humano como uma oportunidade da sociedade contribuir para integrar harmonicamente os indivíduos no todo homem natureza e mundo.

Longe de indicar soluções prontas para as questões da educação, aponta-se na filosofia antroposófica de Rudolf Steiner (Veiga; Stoltz, 2014; Stoltz; Veiga; Romanelli, 2015; Stoltz; Weger, 2012; 2015) e na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (Kaminski, 2012; Kaminski; Stoltz, 2015; Stoltz *et al.*, 2015) outro olhar, na medida em que possam instrumentalizar e conscientizar os estudantes dos processos que colaboram para o desenvolvimento integral do ser humano.

Quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e, mais complexa é a tarefa. Razão por que toda etapa nova no desenvolvimento da humanidade, bem como dos diferentes povos, apela forçosamente para uma nova etapa no desenvolvimento da educação: o tempo que a sociedade consagra à educação das gerações aumenta; criam-se estabelecimentos de ensino, a instrução toma formas especializadas, diferencia-se o trabalho do educador do professor; os programas de estudo enriquecem-se, os métodos pedagógicos aperfeiçoam-se, desenvolve-se a ciência pedagógica. (LEONTIEV, 2004, p. 291).

Esses processos, que colaboram para o desenvolvimento integral do homem, buscam não somente compreender as condições socioculturais e históricas do homem, mas inclusive as perspectivas válidas para as questões da vida humana.

Para Welburn (2005, p. 46), “o conhecimento não é na verdade, um reflexo do mundo como ele já é, mas o trabalho de desenvolver o eu livre e, então, dar um

passo além da evolução do mundo”, em que o homem reflete diante de suas percepções e ações, e ao fazer esta reflexão sobre suas percepções passa a adquirir conhecimento sobre o mundo que o rodeia e assim, refletindo sobre as suas ações passa a ter uma consciência e uma coerência racional que o irá nortear em toda a sua vida, ligado ao mundo espiritual, físico e social.

O desafio que se propõe, nesta tese, envolve a ótica do aluno de EaD sobre mediação pedagógica e tecnológica. Na medida em que conhecer a perspectiva do estudante poderá se constituir em conteúdo de estudos e reflexão sobre sua prática, buscado assim, passar a atuar num clima mais condizente com a realidade do discente e da própria modalidade a distância.

Pois, quanto mais estudos se realizarem neste campo educacional, maior será a capacidade de instrumentalização e desenvolvimento de métodos, técnicas e propostas que abordem os aspectos de mediação pedagógica e tecnológica desta modalidade que possam ampliar a possibilidade do processo de aprendizagem deste estudante de EaD, no sentido de propiciar condições favoráveis de reflexão e aprofundamento prático e científico.

A época atual apresenta uma vertiginosa produção e divulgação de informações, associada, em contrapartida, à rápida obsolescência das tecnologias, o que obriga a pensar numa requalificação permanente do quadro docente.

Mais que desenvolver conteúdos específicos, as instituições poderiam ensinar a (re)aprender e a gerar atitudes positivas frente à formação permanente e à mudança contínua. Este fato reforça a ideia de que a aprendizagem deve ser uma atividade permanente na vida das pessoas, o que exige o desenvolvimento de competências para aprender a aprender e aprender colaborativamente.

Esta pesquisa busca refletir sobre a concepção de educação a distância e, nas ideias de Steiner e Vygotsky, base para desenvolver e propiciar novas discussões que ampliem o conhecimento que poderá se refletir na aprendizagem e no desenvolvimento do conhecimento do sujeito aprendente em EaD.

O conhecimento surge e muda quando as ideias são aplicadas ou modificadas segundo as exigências feitas sobre elas. Nós entramos em uma nova estrutura: só que isso não significa que, no momento anterior, estivéssemos lidando com o nada. Estávamos lidando com o mundo da compreensão e da interpretação que tinha sido alcançado. (WELBURN, 2005, p. 36).

Para tanto, o objetivo geral desta tese é compreender a mediação pedagógica e a mediação tecnológica na EaD, por meio do olhar do estudante.

Como objetivos específicos busca-se:

- Investigar sentidos e significados de estudantes de EaD sobre a mediação pedagógica e tecnológica na EaD;
- Identificar a possibilidade de diálogo entre a perspectiva de Vygotsky e a de Rudolf Steiner para a compreensão da mediação pedagógica e da mediação tecnológica na EaD;
- Levantar a estima do ambiente presencial e virtual do estudante da modalidade a distância;
- Apresentar considerações norteadoras de um novo olhar na educação a distância a partir do estudo.

A justificativa para esta tese se dá no sentido de que a educação a distância não é mais uma alternativa para o sistema educacional. Mas é, sem dúvida, a possibilidade para milhares de estudantes vivenciarem o processo de ensino aprendizagem em tempos e espaços diferenciados.

Da literatura sobre o tema e que vem crescendo a cada ano, não foram encontrados artigos que discutissem a mediação pedagógica junto à mediação tecnológica, salvo uma tese (FARIA, 2002), que aborda o tema da mediação pedagógica e tecnológica na EaD em um de seus capítulos.

Das diferentes bases de dados investigadas (SciELO, Periódicos Capes, dissertações e teses Capes), não foi encontrado trabalho que discute, conjuntamente, Vygotsky e Rudolf Steiner na educação a distância, sendo este um diferencial nesta tese.

Assim, o trabalho vai ao encontro da ideia que a modalidade a distância deve incessantemente buscar possibilidades, informações e condições que permitam ao estudante a construção do conhecimento, da autonomia e de sua formação humana.

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar. (LIBÂNEO, 2005, p. 76).

Então, cabe dizer que esta pesquisa se torna importante no sentido de buscar elementos que possam contribuir para futuras investigações que se pautem no olhar do estudante, para buscar e desenvolver caminhos e possibilidades que permitam a aprendizagem e o conhecimento deste discente, ir além da dicotomia entre prática e teoria, e de interesses puramente econômicos.

As perspectivas educacionais desta modalidade devem estar integradas com as diferentes aplicações dos processos de mediação, sejam estes pedagógicos ou tecnológicos, de maneira que estas práticas permitam o aprendizado aliado com as experiências reais do aluno, sempre atendendo às suas necessidades, especialmente no que se refere ao seu desenvolvimento como ser humano-cidadão e sua preparação para o mercado de trabalho.

A mediação pedagógica e tecnológica na EaD não supõe uma dualidade nos processos de ensino aprendizagem, mas a ressignificação de seu papel face às novas demandas e ao acelerado desenvolvimento da modalidade a distância.

Assim, o próximo capítulo se estrutura buscando compreender os eventos que levaram ao surgimento desta modalidade, no intuito de estabelecer relações que permitam contribuir para o constructo desta investigação.

2 LINHA DO TEMPO: O PERCURSO DA EAD NO BRASIL

Esta tese inicia-se, talvez, por algo que muitos estudiosos da educação a distância já tenham por de veras um profundo conhecimento, mas cabe salientarmos que retomar o movimento histórico da educação no Brasil, nunca será demasiado (Santos; Vechia, 2008), pois o conhecimento da escola e de seu passado, sempre irão pressupor novos olhares sobre o passado, o presente e o futuro desta. Não obstante, se prescinde contemplar a investigação histórica como grande contributo do conhecimento plural, quando os resultados que se podem alcançar e as perspectivas que se podem aspirar deste olhar, podem despertar reflexões e contribuições para o futuro e a expansão de uma educação crítica e democrática daqueles que a ela terão acesso.

O registro desta trajetória em muito se perdeu no constante desprezo pela memória histórica, quase nunca vista como experiência humana de encaminhamento de solução de problemas, vivência de sucessos e fracassos como elementos fundamentais na construção de uma aprendizagem significativa. (LOBO, 2000, p. 401).

Tratar e retratar, portanto, o movimento histórico da EaD no Brasil é uma premissa para que se possa compreender de onde veio e para onde aponta esta importante modalidade educacional, pois “[...] alguns historiadores e educadores têm-se lançado à tarefa de historiar a educação escolar brasileira, através da construção de interpretações acerca das principais instituições educativas espalhadas pelas diversas regiões brasileiras”. (GATTI 2002, p. 30).

O papel estratégico da educação a distância no Brasil teve como alavanca inicial, bem como no mundo, as questões do crescimento e desenvolvimento socioeconômico, como apontam Scavazza (2009) e Sprenger (2009), além, é claro, o da democratização do ensino e de ações para promover e preparar de maneira crítica e participativa os cidadãos para o ingresso e permanência no concorrido mercado de trabalho.

Há registros históricos que colocam o Brasil entre os principais no mundo no desenvolvimento da EaD, especialmente até os anos 70. A partir desta época, outras nações avançaram, e o Brasil estagnou, apresentando uma queda no ranking internacional. Somente no final do milênio é que ações positivas voltaram a acontecer e pudemos observar novo crescimento, gerando nova fase de prosperidade e desenvolvimento. (ALVES, 2009, p. 09).

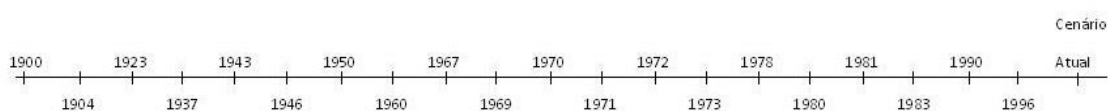
A despeito dos primeiros passos da modalidade a distância no Brasil, deve-se considerar que a atual demanda por competências e habilidades científico-técnicas, sociais e metodológicas refletem-se em novos desafios para o sistema educacional, e de que a EaD pode efetivamente contribuir para atingir os conhecimentos técnicos e científicos que elevam a qualidade da produção e da integração social do indivíduo no trabalho e na sociedade.

A modalidade a distância, diante deste contexto, portanto, se destaca como um recurso de incalculável importância, que possibilita atender a grandes contingentes de alunos em tempos e espaços diferenciados, além da capacidade de proporcionar, acesso ao saber, como meio apropriado à permanente atualização dos conhecimentos gerados pela ciência e cultura humana, como assinala Martins (2005) e Preti (2002).

No entanto, também se deve considerar trabalhos que observam a instauração da EaD no Brasil com um caráter quantitativista e privatista, como apontam Alonso (2010), Giolo (2010) e Dourado (2008).

Cabe, ainda, ressaltar, antes de se iniciar este percurso histórico, que os caminhos percorridos pela EaD no Brasil não devem ser vistos como uma modalidade educativa "alternativa" para a democratização do saber, mas como uma prática educativa situada e compromissada em fazer educação e democratizar o conhecimento.

Linha do tempo da EAD no Brasil



Em 1900:

- A história da modalidade a distância no Brasil se inicia para muitos historiadores, apesar de não se contar com registros precisos, à partir da oferta de cursos de profissionalização por correspondência (datilógrafo) na seção de classificados, no Jornal do Brasil, Rio de Janeiro;

- Conforme destacam Faria e Salvadori (2010, p. 20): " [...] eram cursos de datilografia ministrados por professoras particulares e não por Instituições, e tratavam-se de iniciativas isoladas."

Estas primeiras intenções de formação denotam as primeiras iniciativas de intercambiar informações e instrução para a melhoria da educação brasileira, como uma proposta inicialmente isolada, mas que esboça a necessidade de outro modelo de instrução, que não fosse apenas o presencial como formador de educação acadêmica e profissional.

Em 1904:

- Delineia-se uma unidade de ensino oficial de modalidade a distância, em território nacional, de cursos por correspondência, voltada para a formação de mão de obra nos setores de comércio e serviço, as chamadas “Escolas Internacionais.” (Alves, 2009);
- Estas “Escolas Internacionais” representavam modelo de organizações norte-americanas, ou seja, reproduziam o modelo de educação a distância de outro país, e ainda, não desenvolviam projetos e programas que imprimissem a realidade e a necessidade brasileira.

Em 1923:

- Marca uma nova era no processo da educação a distância no Brasil;
- Neste ano, inicia-se o projeto privado da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, uma das primeiras e reais iniciativas nacionais de educação a distância, idealizada pelo movimento de cientistas e intelectuais brasileiros, Henrique Morize e Roquete Pinto, que tinham como proposta promover a educação e divulgar a ciência e a cultura nas diferentes regiões do país, e que funcionava nas dependências de uma escola superior mantida pelo Poder Público.

Em 1937:

- Serviço de Rádiodifusão Educativa do Ministério da Educação e, entre os programas privados a distância ofertados, cabe destacar o do Instituto Monitor, escola esta, voltada inicialmente para o ramo da eletrônica, em que, por meio de uma ideia aparentemente simples, que se compunha de algumas apostilas e um kit de materiais, daria

condições ao aluno, ao final do curso, construir um modesto rádio caseiro.

Em 1943:

- Criou-se a escola rádio postal, com o apoio da igreja adventista, onde eram administrados cursos bíblicos por correspondência;
- Surge um dos mais importantes programas de educação a distância, que se encontra em funcionamento até os dias de hoje, o Instituto Universal Brasileiro com cursos de datilografia, taquigrafia, estenografia e eletrônica em Rádio.

Em 1946:

- O Senac inicia suas atividades em parceria com o Sesc, oferece além dos cursos de formação profissional, cursos de instrumentação/suplementação do ensino regular e de assuntos relacionados à qualidade de vida dos cidadãos.

Em 1950:

- Desenvolveu-se a Universidade do Ar, patrocinada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC) e emissoras associadas. O objetivo desta Universidade era oferecer cursos comerciais radiofônicos. Os alunos estudavam nas apostilas e corrigiam exercícios com o auxílio dos monitores. Ficou restrita à localidade fluminense e paulista;
- O Movimento de Educação de Base– MEB, que apesar de não serem muito bem vistos pelo governo da época, ajudaram a expandir a educação a distância no Brasil.

Em 1960:

- Vários incentivos para a utilização da TV como mídia educativa;
- Transmissão de programas educativos pelas emissoras de radiodifusão, pelas televisões educativas. Mas com diversas censuras impostas pelo regime militar;
- Inicia-se a utilização do sistema avançado de tecnologias educacionais, que previa a utilização de rádio, televisão e outros meios aplicáveis;

A história da EaD no Brasil não se realiza de forma linear, a modalidade a distância passa por inúmeros altos e baixos. Para Alves (2010, p. 09),

a modalidade a distância parece “[...] de alguns momentos de estagnação provocados por ausência de políticas públicas para o setor”.

Em 1970:

- Surge o Projeto Minerva, um convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e a Fundação Padre Anchieta, cuja meta era a utilização do rádio para a educação e a inclusão social de adultos;
- Criou-se a ABT – Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (1971), por profissionais da área de radiofusão;
- Criou-se o Programa Nacional de Teleducação (1972);
- Destaque para a primeira novela pedagógica, idealizada pelo Prof. Gilson Amado, destinada ao Ensino de 1º. Grau e denominada “João da Silva,” veiculada pelas emissoras comerciais TV Globo e TV Rio (1973);
- Apresenta-se o projeto do Instituto Padre Reus e da TV Ceará, em que começam os cursos das antigas 5ª à 8ª séries (atuais 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental), com material televisivo, impresso e monitores;
- Destaca-se o projeto do Telecurso de 2º Grau que, posteriormente, viria a receber a parceria da Fundação Roberto Marinho e é veiculado até os dias de hoje;
- O projeto de educação a distância, o Programa Nacional de Teleducação, o Prontel, programa este que não foi bem sucedido, mas que, segundo Alves (2010), possibilitou a criação da Secretaria de Aplicações Tecnológicas, a SEAT;
- O SINTED, foi criado informalmente em 1979, mas somente no ano de 1982 obteve o respaldo legal por meio da Portaria MEC/MINICOM nº 162. Em 1983, com a inclusão das emissoras de rádio educativo, o Sistema passou a denominar-se Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa – SINRED e foi regulamentado pela Portaria MEC nº 344, e hoje está vinculado à Rádio MEC;

Em 1980:

- TV's Comunitárias, modelos estes que já existiam em diferentes países do Ocidente, mas que aqui no Brasil contam com outra denominação, "TV Pública", "TV Alternativa", "TV de Quarteirão" ou "TV de Baixa Potência (*Low Power Television*)";
- O governo federal credencia a ABT - Associação Brasileira de Tecnologia Educacional para ministrar cursos de pós-graduação a distância;
- Cria-se o Telecurso 1º Grau;
- O CFE – Conselho Federal de Educação impede o prosseguimento do projeto de autorização dos cursos de pós-graduação;

Em 1990:

- Adentrando na década de 90, a educação a distância passa a ser concebida num contexto mais amplo dos Projetos Pedagógicos Nacionais, obtendo mais espaço no cenário educacional;
- Promulgação da LDB 9394 de 20 de dezembro de 1996, que em seu artigo 80, refere-se à modalidade a distância e ao papel do Poder Público, nesses termos: "O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação continuada";
- Referenciais de Qualidade da Modalidade a Distância - Ministério da Educação – MEC, passa a organizar um documento que não possui força de lei, mas que pretende dar excelência aos cursos de educação a distância, imprimindo, assim, uma nova organização à modalidade (1999);
- Este documento se destaca como um referencial norteador para subsidiar a legislação, no que se refere aos processos específicos de regulação, supervisão e avaliação da área. Além de lhe caber o papel de indutor de concepções teórico-metodológicas e da organização de sistemas de educação a distância;

Cenário Atual:

- Existem inúmeros cursos de graduação e pós-graduação a distância, tanto no que consiste instituições públicas e privadas em nosso país.

O objetivo deste capítulo foi apresentar, de uma maneira geral, os fatos mais relevantes que se evidenciaram nesta "síntese histórica", em que o percurso da modalidade a distância, desde as suas primeiras iniciativas por correspondência, da era do rádio, dos programas de teleducação, da regulamentação por meio da LDB 9394/96 e dos referenciais de qualidade para a educação superior a distância no Brasil, permitiram, de alguma maneira, que esta modalidade imprimisse no cenário educacional a sua presença, que para alguns é tida como uma modalidade de suma importância e, para outros, pode não passar de uma simplificadora do saber.

Mas, ao se deixar de lado estas concepções paradoxais, o que se permite dizer é que a educação a distância se consolida no cenário educacional brasileiro atual como uma possibilidade de democratização do saber para muitos. Sua proposta se volta ao resgate de uma enorme dívida social referente à educação, acumulada durante séculos no Brasil.

Buscando ampliar o conhecimento e oportunizar novas reflexões, no que tange aos caminhos da educação a distância no Brasil, o próximo capítulo busca delinear os passos que a modalidade a distância percorreu logo após a instituição dos Referenciais de Qualidade, com o projeto da Universidade Aberta do Brasil, projeto este apontado como um grande passo para o acesso de muitos estudantes ao nível superior de ensino.

A caminhada da educação a distância está apenas começando, e percebe-se que ela proporciona novos horizontes para a educação, na medida em que se propõe ao enfrentamento da desigualdade social e ao rompimento de antigos paradigmas educacionais.

3 A UAB E A EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA PRIVADA NO BRASIL

A Universidade Aberta do Brasil é compreendida como um dos importantes passos da educação a distância em nosso país, devido ao fato de ter sido instaurada por meio de um grande movimento de instituições federais que acreditavam, e acreditam que a educação está sempre em contínuo processo de transformação.

Mediante a compreensão deste movimento e de sua relevância para o sistema educacional brasileiro, é pertinente conhecer a sua trajetória e possibilidades, já que o objetivo deste estudo, visa compreender a mediação pedagógica e tecnológica na modalidade a distância, sob a ótica do estudante da modalidade EaD, pois como poderá ser percebido em capítulos mais adiante, os alunos entrevistados irão fazer parte desta realidade da política pública brasileira.

Então, este capítulo se inicia com a trajetória da educação a distância no Brasil, em específico da UAB até alcançar os projetos de instituições privadas. Caminho este que é marcada, não pela linearidade que se estabelece, mas, por vezes, com sucessos, e outras vezes, por inúmeras críticas e preconceitos acadêmicos em relação à este caminho percorrido pela modalidade a distância.

Mas o fato é que a modalidade a distância gera oportunidades preciosas para aqueles que buscam estender a ação educativa, já que a educação está sempre em contínuo processo de transformação, e neste sentido a UAB buscou avançar e contribuir para o desenvolvimento de programas para democratizar a educação de milhares de brasileiros.

A EAD no Brasil é marcada por uma trajetória de sucessos, não obstante a existência de alguns momentos de estagnação provocados por ausência de políticas públicas para o setor. Em mais de cem anos, excelentes programas foram criados e, graças à existência deles, fortes contribuições foram dadas ao setor para que se democratizasse a educação de qualidade, atendendo, principalmente, cidadãos fora das regiões favorecidas. (ALVES, 2009, p. 09).

Não obstante as ações que foram apresentadas no capítulo anterior, que foram importantes para o desenvolvimento e fortalecimento desta modalidade, dá-se prosseguimento no histórico da EaD, visando destacar a trajetória de um importante marco nas políticas públicas nacionais: a criação de um sistema de

Universidade Aberta e mais adiante, o envolvimento das instituições privadas na modalidade a distância.

Conforme Teixeira (1992) e Pimentel (2006), a modalidade a distância pública, concebe o movimento, ainda na década de 70, em que parlamentares brasileiros, animados com o sucesso da *Open University* da Inglaterra, apresentam projetos para a viabilização de propostas em torno de uma Universidade Aberta semelhante à do Reino Unido.

O sentido de 'aberta' que a *Open University* da Inglaterra difundiu pelo mundo no campo da EaD vai nessa direção. Não há pré-requisitos nem impedimentos legais para ingresso na universidade. Ela acolhe todo cidadão desejoso em se matricular em qualquer curso. (PRETI, 2007, p. 06).

Vale ressaltar que esta tentativa inicial não foi em vão, apesar de seu fracasso, pois este foi somente o primeiro passo. Os debates e os esforços para a criação de um sistema superior de educação a distância continuavam.

Entre estes esforços que nortearam a criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil, destaca-se a Universidade Virtual Pública do Brasil (UniRede) que, conforme Franco (2006, p. 28), "reuniu setenta instituições de educação superior públicas (federais e estaduais) que acreditaram na potencialidade da educação a distância."

Para Franco (2006), a união destas instituições universitárias permitiu conhecer e discutir as dificuldades e possíveis contribuições desta modalidade para a educação brasileira e, assim, "[...] fosse vencida a resistência nessas instituições com relação à educação a distância." (FRANCO, 2006, p. 28).

No final do ano de 1999, de acordo com Preti (2009), ocorreu o I Encontro da UniRede, que contou com a presença de mais de trinta professores, que representavam dezoito universidades brasileiras, reunidos na Universidade de Brasília. Deste encontro de professores da UniRede emergiu, como resultado dos inúmeros debates e discussões sobre a melhoria do ensino público no Brasil por meio da Educação a Distância, a formalização de um Protocolo de Intenções para a criação da Universidade Virtual Pública do Brasil, com a logomarca UniRede, pois a intenção dos idealizadores da proposta era dar a esse novo projeto a ideia de uma universidade em rede.

Ainda, conforme relata Silva; Ribeiro e Scheneider (2006), ocorreu no início de 2000, também nas dependências da Universidade de Brasília, o II Encontro do Projeto da UniRede. Neste segundo encontro, foi lançado um manifesto pela criação de uma nova universidade, “que não contaria com uma estrutura física própria, mas que contaria com a estrutura de todas as universidades públicas que se consorciassem.” (SILVA, RIBEIRO, SCHENEIDER, 2006, p. 77).

Neste mesmo ano de 2000, em meio a ânsia de desenvolver projetos para a modalidade a distância, ocorre ainda, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o III Encontro do Projeto UniRede, que buscou por meio de debates e discussões, ampliar as possibilidades de uma nova "universidade", em que para Silva; Ribeiro e Scheneider (2006), este movimento tomava espaço por meio das discussões acadêmicas e da expressiva demanda por educação superior e de formação continuada.

E as discussões e debates não pararam por aí, em meados de julho deste mesmo ano 2000, a educação a distância continua a ser pauta de discussões acadêmicas, conforme destaca Silva; Ribeiro, Scheneider (2006), com o encontro organizado pelo Consórcio Universidade Virtual Pública do Brasil, que programou a Mostra UniRede de Educação a Distância, que se realizou durante a 52ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Brasília.

Cabe destacar, segundo Costa (2012), que apenas em agosto de 2000 é que ocorre a formalização da UniRede, por meio do Protocolo de Intenção (Termo de Adesão) de lançamento do consórcio de universidades, que eram compostas de 82 instituições públicas de ensino superior e 07 consórcios regionais, que ficou ao encargo do MEC - Ministério da Educação e Cultura e do MCT - Ministério da Ciência e Tecnologia.

AUniRede contou desde o início, com o apoio da Comissão de Educação/ Frente Parlamentar de Educação a Distância da Câmara Federal na pessoa do Deputado Federal Werner Wanderer do Paraná, dos Ministérios da Educação e Cultura – MEC, Ciência e Tecnologia – MCT e de órgãos como a Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP e, especialmente, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq/ MCT que disponibilizaram bolsas DTI, para apoiar o desenvolvimento da UniRede nos pólos. Não resta dúvida de que o consórcio, inovou, rompeu barreiras e inúmeras resistências fruto principalmente de preconceitos e interesses privatistas tendo com a luta e o apoio institucional dos reitores e diretores das instituições públicas afiliadas ou parceiras, contribuindo na construção da história recente da educação a distância do país. (BRASIL, 2015).

A UniRede, portanto, trata-se de um marco histórico para a educação a distância no Brasil, que possibilitou enfrentar os desafios educacionais no tocante à acessibilidade à educação superior e à formação continuada, por meio da utilização e otimização de recursos humanos, tecnológicos, materiais e infraestrutura física das universidades que fizeram parte deste programa.

Dessa forma, a UniRede pôde contribuir significativamente para o desenvolvimento de uma nova compreensão sustentada em pressupostos de que a modalidade a distância poderia possibilitar uma importante transformação dos atuais modelos de ensino, não só para a democratização do acesso ao ensino superior, mas também para a ampliação da crescente demanda de educação continuada.

Em síntese, pode-se dizer, que a UniRede constituiu-se essencialmente, numa instância de articulação de ações implementadas pelas universidades consorciadas visando favorecer o processo cooperativo na produção de materiais didáticos, inovar os projetos político pedagógico dos cursos, democratizar o acesso ao ensino superior público e à formação continuada e inovar em termos de produção de material reduzindo as distâncias regionais e interinstitucionais, criando um espaço aberto propício ao diálogo e à livre cooperação que foi pautada pela gratuidade na disponibilização da produção de materiais didáticos, programas e de recursos multimídia. É importante ressaltar finalmente, que o foco principal da proposta foi a de construir uma rede pública centrada, principalmente na formação de professores da rede pública de ensino, que diga-se, de passagem, é função social das universidades tanto federais, quanto estaduais. (BRASIL, 2015).

Para Niskier (1999); Nunes (1993) e Veiga; Moura; Gonçalves (1998), ao se refletir sobre a educação a distância, deve-se primeiramente pensar sobre a educação como uma prática social que, em comunhão com outras práticas, contribui para a construção de significados culturais, sociais e políticos, ou seja, os significados são construídos por meio de relações estabelecidas entre os sujeitos da prática educativa.

Foi justamente o projeto e a iniciativa da UniRede um dos alavancadores que possibilitou um pensar e repensar mais amplo sobre os processos que compõem a modalidade a distância no Brasil, que considera a educação em sua amplitude, atenta às profundas transformações que estão acontecendo na esfera do conhecimento, com a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação, que permitiram refletir para uma nova compreensão dos desafios educacionais.

Essa nova compreensão, pautada nos resultados do projeto da UniRede, favoreceu o caminhar da modalidade a distância, ou seja, o de levar a educação superior a todas as regiões do Brasil, projeto este que contribuiu para o enriquecimento dos debates nas universidades brasileiras, além de apresentar as potencialidades e, claro, as dificuldades que este modelo de educação poderia oferecer rumo à democratização do saber.

Desta forma, estavam dadas as condições para a implementação de um novo projeto de educação, o Sistema Universidade Aberta do Brasil.

Desse modo, no ano de 2005 passa a ser delineada no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação, e oficializada em 2006 pelo Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006, a Universidade Aberta do Brasil - UAB.

A Universidade Aberta do Brasil, UAB, é um programa do Ministério da Educação, e que se destaca como um sistema diferenciado, que busca potencializar as políticas públicas como importante instrumento de mudança social e de possibilidades para a educação do país, pois o momento atual, tanto no que tange às necessidades sociais, quanto às expectativas educacionais, urge por transformações multidimensionais, na medida em que “há uma reorganização do tempo e da formação de uma nova cultura”. (CASTELLS 1999, p. 24).

Na realidade, a UAB não é uma nova instituição educacional, pois não tem sede ou endereço. O nome faz referência a uma rede nacional experimental voltada para a pesquisa e para a educação superior (compreendendo formação inicial e continuada), formada pelo conjunto de IES públicas em articulação e integração com o conjunto de pólos municipais de apoio presencial. (SEGENREICH, 2009, p. 211).

A Uab, portanto, não é uma instituição de ensino, é um programa de governo que fomenta a colaboração de instituições públicas que ofertam cursos a distância, ou seja, é uma parceria entre consórcios públicos nos três níveis governamentais: federal, estadual e municipal, que conta com a participação de universidades públicas e de outras organizações interessadas em ofertar vagas para estudantes no ensino superior a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País.

Trata-se de uma política pública de articulação entre a Secretaria de Educação a Distância - SEED/MEC e a Diretoria de Educação a Distância - DED/CAPES com vistas à expansão da educação superior, referendada pelo Decreto nº. 5.800 de 8 de Junho de 2006, que em seu Art. 1º: Fica instituído o

Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB, voltado para o desenvolvimento da modalidade a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no país.

Cabe, ainda, argumentar que o projeto da Universidade Aberta do Brasil é, sem dúvida, um grande passo que permite o acesso de milhares de estudantes ao nível superior de ensino, mas que na verdade não é uma universidade aberta, pois não possui os princípios norteadores desse sistema, e tão pouco é uma universidade, mas sim um consórcio de instituições públicas de ensino.

Vale citar o que consta no documento que relata a criação e o funcionamento da *Open University*: " O termo 'aberta' se aplica à nova universidade em vários sentidos. Primeiramente no sentido social, pois se dirige a todas as classes sociais, permitindo que as pessoas possam completar seus estudos em suas próprias casas sem exigência de frequência às aulas, a não ser uma ou duas semanas por ano. Em segundo lugar, do ponto de vista pedagógico, na medida em que a matrícula na universidade está aberta a todo indivíduo, maior de 21 anos, independente da apresentação de certificado de instrução anterior e de qualquer exame de admissão. Finalmente, ela se chama 'aberta' no sentido de que seus cursos, pelo rádio e pela televisão, estão abertos ao interesse e à apreciação do público em geral. (ALVES, 2009, p. 12).

Para tanto, o sistema da UAB funciona como articuladora entre as instituições de ensino superior e os governos estaduais e municipais, com vistas a atender às demandas locais por educação superior. Essa articulação estabelece qual instituição de ensino deve ser responsável por ministrar determinado curso em certo município ou certa microrregião por meio dos pólos de apoio presencial.

O Sistema UAB organiza-se de acordo com a biblioteca digital BRASIL (2015) em cinco eixos fundamentais:

- Expansão pública da educação superior, considerando os processos de democratização e acesso;
- Aperfeiçoamento dos processos de gestão das instituições de ensino superior, possibilitando sua expansão em consonância com as propostas educacionais dos estados e municípios;
- Avaliação da educação superior a distância tendo por base os processos de flexibilização e regulação implantados pelo MEC;
- Estímulo à investigação em educação superior a distância no País;
- Financiamento dos processos de implantação, execução e formação de recursos humanos em educação superior a distância.

Os primeiros cursos da UAB foram implantados depois da publicação do edital conhecido como UAB1, em 20 de dezembro de 2005. Nessa época, as Instituições Federais de Ensino Superior apresentaram suas propostas de cursos e os estados e municípios apresentaram as propostas de pólos de apoio presencial. No segundo edital, publicado em 18 de dezembro de 2006, foi permitida a participação das instituições estaduais.

Vale ressaltar que a UAB se estabelece com o compromisso de ampliar o número de vagas no ensino superior e desenvolver um sistema nacional de educação superior a distância, conforme destaca Mota (2009, p. 300), "a consecução do sistema sustenta-se na oferta de educação superior baseada na adoção e fomento da modalidade EAD, fato que confere férteis potencialidades para a UAB", ou que de acordo com Santos (2011), se não for devidamente acompanhada, o sistema UAB poderá ser um exemplo de mais uma ação educativa de Estado mal sucedida.

A UAB pode vir a se tornar um exemplo emblemático dessa condição de massificação e precarização da formação do sujeito na Educação Superior, se não se atentar para a qualidade na modalidade em EAD. No intuito de assegurar o mínimo de qualidade, órgãos públicos, conjuntamente, com a participação de várias instâncias sociais, construíram parâmetros avaliativos de qualidade para a modalidade de educação a distância. Segundo Chauí, a avaliação de toda e qualquer universidade passa a ser caracterizada por qualidade que traz em sua definição competência e excelência, cujo critério, é o atendimento às necessidades de modernização da economia e desenvolvimento social. Muitas vezes, para atender a essas necessidades, as políticas públicas fazem opções de atender o quantitativo educacional ao qualitativo, mesmo que se construa um discurso em documentos oficiais de forma distinta. (SANTOS, 2011, p. 04).

O sistema UAB sustenta-se na oferta da educação superior e formação continuada baseada em políticas públicas neo-liberais, de acordo com Junior e Nogueira (2014, p. 230), e "[...] se trata de um programa com vasta abrangência territorial e populacional, que alia descentralização e baixo custo com a possibilidade de obtenção de resultados em curto prazo, isto se comparar esta mesma meta, em termos de abrangência e população, quando buscada via ensino presencial tradicional."

Portanto, a consecução do sistema UAB sustenta-se em um viés que necessita estar sendo constantemente repensado em prol da sociedade, pois, se por um lado, observa-se a oportunidade de ampliação do número de vagas, por

outro, nos deparamos com o sucateamento das universidades que dão respaldo a este sistema, a falta de verbas, ou seja, sem maiores delongas, a falta de um projeto de Estado que realmente esteja preocupado com o enfrentamento desta realidade.

Essa preocupação se expressa por meio de um projeto que tenha como objetivo a democratização e o acesso aos bens materiais e culturais acumulados pela sociedade e não apenas atender a demanda por vagas em um modelo tecnicista de ensinar.

Celina Souza, em sua obra *Políticas Públicas: uma revisão de literatura* (2006), nos aponta três grandes fatores ou influências que vêm atuando sobre a definição e implementação das políticas públicas em todo o mundo. A primeira destas influências, sem dúvida, é a predominância das políticas restritivas de gastos na maioria das agendas nacionais. O segundo fator de forte influência é a mudança gradual na visão do próprio papel do Estado, que vem mudando de um Estado de pleno emprego de recursos para um Estado focado em orçamentos equilibrados e tendo o ajustamento fiscal como orientador das suas políticas públicas. O terceiro e último fator diz mais respeito às jovens democracias dos países em desenvolvimento, mas que também, guardadas as devidas proporções, afeta atualmente alguns países centrais, que apresentam certa incapacidade de formar coalizões políticas sólidas o suficiente para aprovarem políticas públicas de longo prazo, capazes de impulsionar um consistente desenvolvimento econômico e de promover uma efetiva inclusão social. (JUNIOR; NOGUEIRA, 2014 p. 230).

Entretanto, os desafios citados, ainda que, considerados como uma realidade representativa do sistema educacional podem ter, na modalidade a distância, e no sistema UAB impactos positivos, diante da acessibilidade à educação superior e a formação continuada de milhares de pessoas que deve ser compreendida como "[...] uma prática educativa situada e mediatizada, uma modalidade de se fazer educação, de se democratizar o conhecimento." (MARTINS, 2005, p. 33).

Dessa forma, cabe salientar que a educação a distância como uma modalidade diferenciada do modelo presencial, abraça, em especial, o uso das tecnologias como importante meio de contribuição e de possibilidades, que estimulam e promovem a construção do conhecimento e o desenvolvimento dos indivíduos que estão inseridos neste sistema, como relata Mata (1995, p. 11), "[...] a sociedade tecnológica é, sem dúvida, uma alternativa de grandes potencialidades, no sentido de facilitar o acesso a uma melhor qualidade, ultrapassando as barreiras de tempo e de espaço."

Mais além destas questões, é importante salientar que a incorporação da tecnologia, que compreende o universo da modalidade a distância, não é a única, e nem a mais importante característica desta, pois a educação a distância é uma prática educativa diferenciada que depende de modelos pedagógicos e políticos diferenciados para que possa efetivamente se estabelecer.

Para Moore (2010), não há modelo, parcerias e tecnologias capazes de propiciar a evolução do processo de ensino e da aprendizagem virtual, mas sim a união de vários elementos que privilegiem o processo como um todo.

Trata-se, portanto, de uma dialética que pode ser pensada e refletida, levando-se em conta o fato de que, não há educação a distância sem o uso da tecnologia, mas que também esta não se realiza sem o incremento de outros elementos tão importantes quanto a própria tecnologia.

Isso significa que este universo tecnológico converge para uma nova territorialidade, dando um novo *status* à organização do tempo e do espaço, que permite novas formas de comunicação, de ensinar e de aprender, que elimina as fronteiras físicas e instituem um novo paradigma tecnológico no cenário educacional.

E justamente neste cenário que emerge e se desenvolve o sistema UAB, buscando, por meio do uso de tecnologias, oportunizar a construção do conhecimento.

Para tanto, o sistema UAB, agregado a várias ações do MEC, tais como, formação inicial e continuada de professores, visa propiciar a expansão e atendimento de um grande número de alunos, por meio do uso dos meios de comunicação e de tecnologia na educação.

Os cursos de formação inicial ou continuada de professores do sistema UAB, possibilitarão não apenas uma formação em exercício e em larga escala e dimensão, mas também um ensino em que estejam presentes de forma associada a pesquisa, a extensão e o ensino. Ou seja, por meio da EAD, pode-se criar uma rede de aprendizagem significativa na qual o professor, o tutor, o professor-aluno interagem constantemente, vivenciando experiências inter e multidisciplinares, de construção coletiva e individual do conhecimento, desenvolvendo competências e habilidades, atitudes e hábitos, relativos tanto ao estudo e à profissão quanto à sua própria vida. Nesse sentido, podem-se transformar os educadores e seus respectivos alunos em autores do seu próprio conhecimento com o uso das tecnologias, que cada vez mais está próxima da educação, em que se criam e se efetivam possibilidades de sua utilização como um valioso instrumento e recurso didático. (MOTA, 2009, p. 301-302).

Portanto, a tecnologia facilita a interação, permitindo uma nova forma de comunicação e de acesso ao conhecimento. E justamente, frente a esta possibilidade, é que o sistema UAB se insere como oportunidade de ampliação de grande número de Instituições Públicas de Ensino Superior que passam a oferecer cursos de graduação e pós-graduação em diversas áreas do conhecimento com fomento da CAPES/MEC.

Estes cursos, como prática educativa, exigem planejamento, estrutura, estratégia, métodos e sistemas de avaliação próprios, de acordo com o MEC, isto é, as instituições que participam deste sistema em parceria com a CAPES/MEC devem oferecer uma estrutura física e tecnológica adequada, assim como recursos humanos para desenvolver um trabalho de ensino e aprendizagem de qualidade.

O que se percebe, é que esta modalidade impõe uma forma diferenciada de elaborar e estabelecer os diferentes processos do conhecimento, e que, se por um lado, não é a solução para os problemas da educação, por outro, é uma importante alternativa que promove a ação educativa pública.

De fato, a educação a distância com todo o potencial das novas tecnologias da informação e da comunicação ainda é um objeto de aprendizado para nós, educadores. Ou seja, parodiando Umberto Eco, é uma obra aberta, e como tal deve ser apreendida e enriquecida por cada um de nós. Com criatividade, conhecimento e competência, caminhos mais complexos podem ser trilhados. O pano de fundo do texto é minha crença na necessidade de democratizar a educação e na capacidade que temos todos nós, educadores, de fazer educação com elevado padrão de qualidade, independente de distâncias. (NEVES, 2003, p. 90).

Indiscutivelmente, a educação e em destaque a educação a distância, nos últimos anos, tem demonstrado uma procura considerável no número de vagas, remetendo à necessidade de expansão do sistema, na qual o sistema público não consegue abarcar.

O campo educacional [...] tende a ser cada vez mais apropriado pelo capital como espaço privilegiado para a acumulação, utilizando-se, por isso mesmo, de mudanças fundamentais em sua estrutura e condicionando sua relação com o Estado. Assim, a ideologia dominante tende a produzir novos conceitos cujo intuito é legitimar a base social desta nova forma de exploração, escamoteando seus reais fundamentos. (MINTO, 2006, p. 85).

Percebendo este mercado que se expandia consideravelmente, as instituições privadas viram nas demandas mercadológicas desse setor, a condição de ampliar a valorização de seu capital com a venda de serviços educacionais para estudantes que antes estavam impossibilitados de participar de aulas presenciais.

Não se concebe acreditar que as instituições privadas adentraram este mercado de maneira “benevolente” para ampliar e democratizar o saber por meio da modalidade a distância.

A verdade é que o mercado exige mais vagas e mais cursos, e que o Estado não consegue abraçar a necessidade desta população que busca uma formação.

Para tanto, a expansão da educação a distância e sua privatização, ocorrem, concomitantemente, com as mudanças contemporâneas ocorridas na produção e valoração do capital, e da reestruturação produtiva que envolve as inovações tecnológicas no Brasil.

Assim, abriram-se as portas para que instituições privadas considerassem a modalidade a distância fruto direto da expansão de formação, atrelada à tecnologia e à inovação, imprescindíveis para que o capitalismo possa renovar-se e ampliar sua margem de riqueza tendo como princípio a base industrial consolidada.

Cabe ainda ressaltar, que o crescimento da modalidade a distância em instituições privadas, concerne da produção de conhecimento atrelado à inovação. E que mesmo que advindo de instituições públicas, e, da expansão destas instituições, sejam estas, públicas ou privadas são facetas de um movimento de expansão que traduzem, de forma crescente, o modo como o capital busca valorizar-se, no âmbito dos sistemas de educação.

Percebe-se assim, que a educação e seu “complexo social” se aglutinam, por assim dizer em campos da reprodução no capitalismo contemporâneo.

Ocorre, neste sentido, que se deve ter a preocupação latente de que esta modalidade, não se entregue a tecnificação da produção do saber. Em que apenas servirá como mero propósito de “insumo” do capital, empobrecendo-a; e, por outro, prevalecendo os ideais capitalistas que enriquecem os empreendedores do ensino, criando promissor campo de acumulação de capital (como serviço) e da especulação da produção de mercadorias a ela relacionadas.

Salienta-se, que a modalidade a distância conforme foi apresentado na linha do tempo, já contava com o implemento de instituições privadas, que já percebiam o potencial desta prática para a educação.

No entanto, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, e da massificação dos aportes tecnológicos em prol da educação, esta condição ampliou e colaborou para que a iniciativa privada expandisse seus horizontes na proposta de uma educação a distância.

Assim, é relevante considerar que os aspectos legais foram relevantes, para o fortalecimento da EaD à partir da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) nº. 9.394/96, e em especial no artigo 80, que trata esta modalidade como uma forma de ensino equivalente ao presencial em todos os níveis.

Cabe ainda destacar o reforço dos referenciais de qualidade para cursos de EaD, no ano de 1998. Visto que não são normatizadores, porém possuem um caráter de orientação para cursos a distância.

A educação a distância, no setor privado marca uma fase do modo de produção capitalista, pensar neste sentido, implica compreender as formas pelas quais o campo educacional se coloca a serviço do capital.

Enquanto para as IES públicas o seu público-alvo é visto por meio de demandas sociais por serviços públicos, para as grandes empresas prestadoras de "serviços educacionais" este mesmo público é visto como mercado potencial e fonte inegável de oportunidades e lucro. [...] na perspectiva neoliberal, a crise do ensino público é fundamentalmente, uma crise gerencial, necessitando a escola ser submetida a uma reforma administrativa para se tornar competitiva. Deve, portanto, abandonar o campo da política para se adentrar na esfera do mercado. Para isso, necessita estabelecer mecanismos de controle e avaliação dos serviços educacionais, e esses devem estar articulados e subordinados às necessidades do mercado de trabalho. (PIRES, 2001, p. 26).

Deve-se, portanto, evitar o erro de certas precipitações, e a valia das instituições privadas também devem ser evidenciadas, e não apenas o seu aspecto tangível.

Para tanto, vale considerar que a modalidade EaD nas esferas privadas ampliam as vagas do setor educacional (em destaque o superior que está contido nesta investigação), conforme destaca Lampert (2000, p. 12), a modalidade a distância deve ter o caráter de: “[...] democratizar a educação, propiciando sem

distinção de idade, raça, ideologia ou classe social, a oportunidade de completar escolaridade, reciclar e/ou atualizar-se para enfrentar os 365 desafios do cotidiano.”

As instituições privadas neste sentido podem contribuir, mesmo que subsidiadas pelo aparato capitalista. Pois, se por um lado o capital pode ser permissivo, na outra ponta, ele pode inferir-se como possibilidade de maiores aparatos técnicos e tecnológicos, de ponta; que são regulados de maneira inversa, em função do capital; e que propiciam: menores esferas burocráticas que viabilizam, com mais facilidade, à implementação de mudanças e inovações pedagógicas e tecnológicas nestas instituições.

Destaca-se ainda, que este mercado privatizado de educação, estabelece valores inferiores aos praticados por estas mesmas instituições no que tange cursos presenciais. O que permite a uma maior parcela da população com baixo poder aquisitivo, ingressar em um curso superior e buscar uma ascensão, seja, esta social, profissional e do conhecimento.

Há de se considerar ainda, que estas instituições privadas de modalidade a distância, acabam por cumprir muito bem o intento neoliberal do Estado mínimo que se exime da responsabilidade pela educação, como destaca Batista (2002):

Submetida à lógica da economia de mercado ao invés de democratizar o acesso à educação pública contribui para promover a exclusão social por intermédio de movimentos controversos: a elitização combinada com a massificação do ensino. A modernização educacional de caráter conservador implementa a educação a distância pavimentando o caminho de expansão do ensino privado. Por esta via, estimula empreendimentos em áreas nas quais a educação se mostra rentável: ensino superior e especializado. Em paralelo, ao descaso de políticas educacionais prosperam formas de investimento que transformam a educação em negócio. À modernização tecnológica apregoada pelas políticas oficiais adicionam-se estratégias publicitárias de supervalorização do conhecimento e da educação. BATISTA (2002, p. 21)

Desta forma, cabe considerar a relevância das instituições privadas, mas sob algumas considerações que acabam por mascarar uma iniciativa tão pertinente quanto é esta da educação.

Não, se está considerando um ideal marxista, que subjaz o capital, mas sim, á consideração de ponderação, frente às questões capitalistas que estão contidas nos ideais das instituições privadas.

Assim, pondera-se para atentar a real democratização da educação, e não apenas, para um jogo de maior valia, seja de capital, seja de conhecimento.

Uma vez que a modalidade de educação a distância, independentemente de considerar instituição pública e/ou privada, assenta-se sob o argumento de democratizar o acesso a educação e acelerar o processo de formação, remete-se à necessidade de refletir em que nível a educação a distância, não está na verdade, funcionando para minimizar a atuação do Estado, e assim aumentar o raio de atuação da iniciativa privada.

Desse modo, cabe considerar que as reflexões deste capítulo podem ser relevantes para a educação a distância, tanto no que tange os propósitos e valorações das instituições públicas, quanto privadas, assinalando propostas que busquem diminuir estas disparidades, físicas, econômicas, sociais e ideológicas.

Seguro é ponderar e refletir, diante destas perspectivas, e não pré-julgar uma em detrimento da outra, mas buscar considerações positivas e negativas que valham como condições para se repensar esta modalidade.

As questões da modalidade EaD pública e privada, não se esgotam nas suas limitações ideológicas, tão pouco nas pedagógicas e na discussão da tecnologia, ou não, no campo educacional. E nem mesmo nas relações de capital.

O que se deve considerar relevante para a educação a distância pública e privada, são as questões que se traduzem na ampliação da escala social da prestação dos serviços educacionais, ao progresso obtido pela introdução de novas tecnologias de informação e de comunicação que propiciaram o desenvolvimento de formas inovadoras de acompanhamento e mediação pedagógica, dos espaços virtuais que promovem os encontros e o diálogo.

Espera-se, neste sentido, que os elementos aqui apresentados formem um conjunto consistente para compor um quadro teórico possível para compreender a modalidade a distância, considerando o cenário educacional brasileiro como um dos elementos que contextualizam e promovem a EaD.

No sentido de buscar elementos que permitam compreender os processos que se traduzem por meio da interação e comunicação na modalidade a distância, o próximo capítulo irá voltar-se aos elementos que permitam esta integração, a fim de que se possa elencar elementos que permitam ampliar o horizonte sobre o objetivo desta pesquisa, que é compreender a mediação pedagógica e tecnológica sob o olhar do estudante da modalidade a distância.

4 A INTERAÇÃO E A COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA DA EAD

Este capítulo busca refletir sobre os processos de interação¹ e de comunicação² na EaD, na medida em que podem ser vistos como complementares.

Para Possari (1999), "comunicar é interagir" e na medida em que estes elementos se apropriam de um novo papel na aprendizagem, que se impõe com novas relações de tempo e espaço, além de novas práticas para professores e estudantes.

Assim, Possari (2002, p. 97), destaca que "[...] comunicar-se, interagir, passa a pressupor o outro na construção dos sentidos. A recepção de lugar passivo passa a ser espaço de interação. O que se entendia por emissão-recepção se modifica."

Cabe aos programas de EaD, criar condições para o desenvolvimento de competências relacionadas com a fluência tecnológica e a representações nas diferentes mídias (visual, informacional, imagética, digital) integradas às suas atividades (KRESS, 2000), para que possam potencializar a criação de um espaço relacional de aceitação e convite à participação, à interação, apoiada em ferramentas, conceitos e signos (DANIELS, 2003). [...] o contexto se constitui na própria atividade em que os aprendizes estão envolvidos e se situam como habitantes que interatuam com os elementos da modalidade a distância. (ALMEIDA, 2009, p.108).

Como já foi mencionado anteriormente, a EaD é uma modalidade diferenciada do modelo presencial de educação, no sentido de que, contempla tempos e lugares diferenciados de se realizar. Mas isto, não quer dizer que ela possua teorias próprias, ou que seja antagônica à modalidade presencial.

Para Laaser (1997, p. 24), "[...] a educação a distância ainda não produziu teorias completamente novas que possam ser oficialmente chamadas de teorias da educação a distância por si próprias", mas o que se pode dizer é que a modalidade a distância faz parte de um processo educacional mais amplo, no qual se deve considerar suas inúmeras especificidades e possibilidades práticas e inovadoras para a democratização do saber.

¹ "[...] relações e influências mútuas entre dois ou mais fatores, entes etc. [...] isto é, cada fator altera o outro, a si próprio e também a relação existente entre eles" (Primo, 2006, p. 197). A interação é a condição de os dois pólos inter-agirem para a construção de sentidos (Possari, 2001, p. 02).

² "a comunicação não se define a partir da tecnologia, mas a partir de processos humanos, quer presenciais, quer veiculados pelos meios de comunicação". (Kaplun, 1986, apud Sousa e Nunes, 2000, p. 71).

[...] a EaD contribui para a democratização do acesso à educação, na medida em que contribui para o acesso à formação profissional de milhões de pessoas que não teriam acesso a uma formação universitária se a EaD não existisse. (SILVA e OLIVEIRA, 2012, p. 12).

[...] a educação a distância se revela, cada vez mais, como uma alternativa de ensino-aprendizagem, que não deve ser considerada como educação supletiva ou sem qualidade em relação à educação convencional, e sim como uma opção moderna, viável e que facilita a re(aproximação) das pessoas com o ensino.” (AQUINO, 2007, p. 7).

Em relação a estes processos, não se pode deixar de destacar que o grande avanço tecnológico contribui para construir um processo educativo de formação ou até de alienação e de desalienação, no que tange aos processos culturais e educacionais deste estudante.

Como destacam Sainsaulieu e Kirschner (2006), na atualidade, as novas tecnologias modificaram as profissões, as funções hierárquicas, técnicas, e até mesmo o funcionamento social, fazendo-se necessário que este estudante deva estar preparado para se familiarizar com este universo tecnológico que permeia o social e a própria EaD.

A educação a distância, enquanto fenômeno educativo imerso neste paradigma tecnológico, passa a vislumbrar novas possibilidades de ensinar e de aprender, na medida em que conta com suportes tecnológicos digitais e de rede que segundo (Peraya, 2002, p. 49) “[...] não constitui em si uma revolução metodológica, mas reconfigura o campo do possível”, e assim permite novas formas de comunicação e interação nos processos de aprendizagem por meio dos avanços tecnológicos e dos espaços virtuais que permitem um novo formato de diálogo.

Então, cabe compreender que estes avanços tecnológicos e estes espaços virtuais, não são revelados de maneira neutra, pois enaltecer o uso destas possibilidades para a interação e a comunicação destes estudantes como “salvador da pátria” para os problemas da educação, ou o inverso, acreditar que não colaboram com os processos de interação e comunicação na EaD, condiz que, tanto uma postura, quanto a outra, poderá conduzir ao erro.

Então, superando estas perspectivas inclusivas e excludentes dos processos de interação e comunicação privilegiados pela tecnologia e os espaços virtuais, pode-se vislumbrar, por fim, às possibilidades da tecnologia. Pois a modalidade a distância, por meio das redes de comunicação e informação,

evidencia-se como importante meio para a promoção da aprendizagem, na medida em que "[...] coloca o controle do processo de aprendizagem nas mãos do aprendiz, que auxilia o professor a entender que a educação não é somente a transferência de conhecimento, mas um processo de construção de conhecimento pelo aluno." (MAIA, 2003, p. 112).

Assim, a educação a distância, vista como fenômeno educativo, deve buscar a superação do modelo tradicional centrado na transmissão de informações, na medida em que deve se apoiar em princípios que permitam ao estudante, aprender a aprender, refletir e se questionar, pois caso contrário poderá reproduzir uma educação pautada apenas na transmissão e fixação de informações.

"[...] só o conhecimento, por meio de diferentes linguagens mediadas ou não pela tecnologia, garante a possibilidade de agir e interagir de forma efetiva na sociedade moderna e o distanciamento dos saberes condenam o indivíduo ao isolamento, à discriminação e à exclusão de sua cidadania." (ABREU, 1999, p. 12).

A tecnologia na modalidade EaD, deve ter como um de seus papéis a postura de promover espaços de interação e comunicação, em especial, frente às relações de tempo e espaço.

Para Franco e Behar (2000, p. 65), "[...] o aspecto essencial não é a distância, mas um redimensionamento do espaço temporal no processo de ensino-aprendizagem", e esta condição só se realiza com a possibilidade das ferramentas tecnológicas que facilitam este contexto.

Contexto este permeado pela tecnologia e os espaços virtuais que permitem um espaço aberto e flexível, onde a comunicação e a interação não são meramente transmitidas, mas oportunizam a seus participantes a construção do conhecimento.

O processo educacional mediado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação adquire dimensões que precisam ser exploradas segundo as perspectivas da era das redes. As relações educativas possibilitam trocas comunicativas multidirecionadas, baseadas na participação, na colaboração e na interação entre todos os agentes. Rompe-se assim com os velhos modelos pedagógicos baseados na comunicação unilateral que privilegia o professor, desconsiderando as peculiaridades do aluno. (NETO, 2009, p. 45).

No entanto, cabe o contraditório, ao se colocar tantas expectativas quanto ao uso das tecnologias e da hipervalorização dos espaços virtuais de aprendizagem; se por um lado a tecnologia e a virtualidade facilitam e promovem o conhecimento, por outro, pode-se observar que esta ferramenta pode apenas transmitir instruções ao sujeito.

Cabe assim, considerar que este sujeito, não pode se constituir em um mero espectador, frente à estas possibilidades tecnológicas e virtuais com interações limitadas e repetidor de conteúdos, onde se evidencia o desenvolvimento da memória, e não de sua capacidade cognitiva, criativa e crítica, ou seja, sua capacidade de pensar, agir e interagir com o meio. "[...] a possibilidade de interagir, através das ferramentas tecnológicas, implica rever todos os papéis dos envolvidos no processo ensino e aprendizagem e como também a metodologia utilizada para a promoção dessa aprendizagem." (GADOTTI, 2000, p. 07).

Para Almeida (2003), as ferramentas tecnológicas são os diferentes meios (eletrônica, rádio, televisão, telefone, fax, computador, internet, etc.), técnicas que possibilitem a comunicação e abordagens educacionais e que se baseia tanto na noção de distância física entre o aluno e o professor como na flexibilidade do tempo e na localização do aluno em qualquer espaço.

Os procedimentos educacionais, sempre que possível devem ser mais auto-orientados e menos baseados em processos de memorização. Assim, as instruções, quando imprescindíveis, devem levar em conta as diversas experiências anteriores dos educandos no que se refere às variabilidades e diferentes profundidades. Considerando que os adultos, mais do que as crianças, em geral apresentam características de auto-orientação, as metodologias adotadas devem permitir que os aprendizes descubram por si. (MOTA, 2009, p. 299).

Neste sentido, estes processos de interação e comunicação devem promover a aprendizagem e o conhecimento deste estudante, na medida em que possam possibilitar que a educação, não seja apenas a transferência de conhecimento, mas um processo de construção deste conhecimento.

[...] não basta apenas mexer com a forma e com o conteúdo dos materiais ou estratégias de ensino. É necessário modificar o processo de comunicação dos sujeitos envolvidos e articular os saberes multirreferenciais da equipe envolvida desde o projeto de desenho instrucional até a vivência e dinâmica do curso. (SANTOS, 2003, p. 217).

Assim, a modalidade a distância não deve ser vista como um modelo educacional de massificação, onde se aprende passivamente, em que a máquina transmite ou repassa as informações, mas que permite que o sujeito seja exigido, e também exija de si mesmo.

Para Zuffo (2009, p. 333), "[...] a nova escola deve formar indivíduos criativos, flexíveis, com espírito crítico, cidadãos que saibam viver e conviver em sociedade, capazes de reconhecer problemas, buscar e criar soluções."

O que se pode perceber, portanto, é que a EaD se estabelece para fortalecer a educação e permitir que esta possa contribuir efetivamente nos processos educacionais, e onde estes processos contam com a ajuda e as possibilidades de comunicação abertas pelas novas tecnologias e dos processos mediadores que lhe conferem esta possibilidade.

Deste modo, a tecnologia vêm a colaborar com os processos de interação, que como destacam Primo e Cassol (1997, p. 67), "[...] são as relações e influências mútuas entre dois ou mais fatores, de modo que cada um altera o outro e a si próprio, bem como a relação existente entre eles", assim, compreende-se que a interação é uma relação de troca que se estabelece entre pares, sejam estas pessoas e/ou coisas.

Partindo deste entendimento, o que se pode verificar é que, a tecnologia favorece diferentes processos de aprendizagem, e estes processos fornecem recursos eficazes para atender e motivar os seus participantes, em uma relação contínua, em que para Belloni (2001) e Preti (2011), se reflete em uma relação de aprendizagem, que é construída e reconstruída, estabelecendo-se, assim, novas possibilidades de conhecimento, no qual "[...] o modelo informático é essencialmente plástico, dinâmico, dotado de uma certa autonomia de ação e reação." (LÉVY, 1999, p. 74).

A ideia é de que a aprendizagem, de acordo com Alonso (2009), não seja processual com o uso das ferramentas tecnológicas na EaD, mas que permita efetivamente que a comunicação e a interação estejam baseadas na possibilidade de uma "[...] 'via' promissora na constituição de sistemas educativos não presenciais mais abertos e flexíveis." (ALONSO, 2009, p. 91).

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação e a capacidade de memorizar e classificar a leitura e a análise de textos, imagens, a representação de redes de procedimentos e de estratégias de comunicação. (PERRENOUD, 2000, p. 128).

As evidências até aqui expostas, possibilitam que se obtenha uma visão mais ampla acerca dos processos que envolvem a comunicação e a interação no processo de aprendizagem da EaD, ou seja, uma posição crítica que compreenda o uso das ferramentas tecnológicas na educação como uma prática para ampliar as formas de aprendizagem realizadas por meio da educação a distância.

Nessa perspectiva não resta apenas ao sujeito adquirir conhecimentos operacionais para poder desfrutar das possibilidades interativas com as novas tecnologias. O impacto das novas tecnologias reflete-se de maneira ampliada sobre a própria natureza do que é ciência, do que é conhecimento. Exige uma reflexão profunda sobre as concepções do que é saber e sobre as formas de ensinar e aprender. (KENSKI, 2003, p. 75).

O que se percebe, neste sentido, é que o uso das tecnologias permite, além da troca de informações, um diferente modelo de relação homem e máquina, que contribui, segundo Lévy (1995), para o processo de construção do conhecimento.

Neste mesmo sentido, o que não se pode deixar de observar é que a tecnologia e o espaço virtual, além de permitir a apropriação de inúmeras informações, possibilita um ambiente de interação e comunicação para estes estudantes da EaD.

Assim, este cenário educacional vai se delineando buscando compreender este estudante real e virtual, que se apropria das inovações tecnológicas, que podem lhe permitir construir o conhecimento e realizar esta nova relação com o mundo e com a cultura por meio dos processos mediadores.

[...] mediadores são todos os instrumentos criados pelo homem (a linguagem em especial) em sua interação com outros e com o meio. Os mediadores são heranças culturais de outras gerações, determinados por sua materialidade sócio-histórica. Todas as funções psicológicas superiores são necessariamente mediadas, ou seja, os processos mentais do homem em sociedade são moldados pelo conhecimento de gerações anteriores que está em cada objeto (amplificador cultural) criado pelo homem. Portanto, nesta visão, a interação com objetos modifica e funda processos mentais que de outra forma não existiriam e eliminam outros processos tornados desnecessários pela presença do instrumento. (LACOMBE, 2000, p. 8-9).

Cabe assim, analisar que a tecnologia, e em especial a tecnologia utilizada para fins educacionais, de acordo com Maia e Meirelles (2002), necessita-se de recursos humanos para que efetivamente exerça seu papel norteador da ação educativa. Na medida, em que é possível verificar neste processo de construção do conhecimento, é que novos ambientes se formam: virtuais e reais, e novas práticas e metodologias devem ser pensadas e não apenas repensadas para a singularidade desta modalidade, pois "[...] a maioria das pessoas que vive no mundo tecnologicamente desenvolvido tem um acesso sem precedentes à informação: e isso não significa que disponham de habilidades e do saber necessários para convertê-los em conhecimento." (SANCHO, 2006, p. 18).

Desse modo, para se fazer um "bom" uso das tecnologias, que evidenciem os processos de interação e comunicação na EaD, deve-se pensar em mudanças, mudanças de paradigma, para não consumir formas tradicionais de educar, onde apenas estão inseridas as "novas tecnologias" com a "velha" forma de ensinar, pois para Larsen (1998) e Valente (1993), inserir a tecnologia no contexto educacional apenas como aporte de inovação não irá determinar e nem acrescentar possibilidades de aprendizagem aos protagonistas desta modalidade a distância.

[...] o uso das ferramentas tecnológicas em EaD traz uma contribuição essencial pelo registro contínuo das interações, produções e caminhos percorridos pelo aluno, permitindo recuperar instantaneamente a memória de qualquer etapa do processo, realizar tantas atualizações quantas forem necessárias e desenvolver a avaliação processual no que diz respeito a acompanhar a evolução do aluno e suas produções. A par disso, mesmo após a conclusão das interações, é possível recuperar as informações, rever todo o processo e refazer as análises mais pertinentes em termos de avaliação. (ALMEIDA, 2012 p. 12).

A interação e comunicação no processo da modalidade a distância, portanto, poderá permitir uma diferente forma de aprender e de ensinar, na medida em que a troca de informações e conhecimento se realizem por meio de aportes tecnológicos e virtuais.

E esta forma de comunicação, realizada por meio de interfaces, passa a tornar possível a interligação entre os espaços presenciais e virtuais. Para Almeida (2012, p. 10), "[...] os recursos das tecnologias podem ser empregados para controlar os caminhos percorridos pelo aprendiz, automatizar o fornecimento de respostas às suas atividades e o *feedback* em relação ao seu desempenho."

Ao nos depararmos, assim, com as possibilidades que a tecnologia e suas ferramentas podem inferir no contexto da EaD, em que de acordo com Bates (2005), a modalidade a distância se realiza como uma estratégia educativa que utiliza o ambiente virtual para disseminar o conhecimento, sem limitações de lugar e de tempo, e onde este conhecimento é construído por meio deste contexto e de suas potencialidades que permitem que se estabeleçam ritmos próprios de aprendizagem e de conhecimento interativo, em que por meio do acesso às informações, de experiências, erros e acertos o processo de construção do conhecimento se realiza.

Assim, a educação a distância em ambientes digitais e interativos de aprendizagem permitem romper com as distâncias espaço-temporais e viabiliza a recursividade, múltiplas interferências, conexões e trajetórias, não se restringindo à disseminação de informações e tarefas inteiramente definidas a priori. (ALMEIDA, 2012, p. 11).

Confere-se assim, um poderio a tecnologia e aos ambientes virtuais que devem ser observados com um certo conter, pois ao mesmo tempo em que a tecnologia é uma das condições que viabilizam os espaços de aprendizagem de acordo com Primo (2000 apud FERREIRA; BIANCHETTI, 2002, p. 260), “[...] as novas tecnologias da informação e da comunicação vêm contribuindo para a modificação da forma de as pessoas se relacionarem e de construírem conhecimentos, pois elas proporcionam múltiplas disposições à intervenção do interagente”, esta mesma condição pode estancar as possibilidades deste estudante, pois a dificuldade em se relacionar com estas ferramentas pode ser uma realidade desmotivadora.

O que se deve buscar para a efetivação deste espaço de educação, é de que o acesso ao conhecimento parta do princípio da atuação efetiva do sujeito envolvido no processo de ensino-aprendizagem, na medida em que a EaD é mediada por diferentes recursos tecnológicos que objetivam a formação de um sujeito social, comprometido com o processo, ou seja, protagonista de sua própria caminhada em busca da aprendizagem.

Assim sendo, a proposta de Educação a Distância que se pretende, visa à construção do conhecimento, à interpretação e aplicação de um ensino que possibilite ao sujeito interagir com a tecnologia e o ambiente virtual.

De acordo com Barreto; Guimarães e Magalhães (2006), a proposta visa à promoção social do sujeito inserido neste contexto, em que os recursos para a intervenção do aluno no processo de aprendizagem se inserem como forma de que a sua participação possa influenciar outros e a si mesmo. Assim, Silva (2006) acrescenta que a tecnologia e o ambiente virtual podem permitir a participação, a intervenção, a bidirecionalidade e a multiplicidade destas conexões.

No entanto, não se pode deixar de ponderar que a utilização das ferramentas e espaços tecnológicos, de acordo com Barreto (2006) e Nunes (1994), não devem estar voltados para massificar, e/ou perpetuar modelos tecnicistas de ensinar, nas quais sua aplicabilidade busca apenas expor informações, pois a tecnologia, “[...] não se constitui em si uma revolução metodológica, mas reconfigura o campo do possível.” (PERAYA, 2002, p. 49).

Assim cabe elencar que a tecnologia e os processos de mediação envolvidos na modalidade a distância, devem sim, buscar o fortalecimento da dimensão didático-pedagógica para o redimensionamento de práticas pedagógicas fundamentadas na concepção da modalidade a distância, pois, “[...] desde o surgimento da educação a distância até hoje, diferentes tecnologias foram sendo incorporadas como suporte às propostas pedagógicas a serem desenvolvidas na educação a distância”, Sancho (1998, p. 45), e nem sempre estas priorizam o modelo a distância, mas se utilizam de modelos acadêmicos e industriais de educação que apenas reproduzem as dificuldades e as fraquezas do ensino tradicional.

Para nós que começamos a trabalhar com a EaD calcados em experiências que vêm ou se estruturam no interior de universidades convencionais, cabe também reflexão sobre o tipo de sistema a ser priorizado. Afinal, se for para 'tecnologizar' a aula, ou propor continuidade de práticas bastante burocratizadas estabelecidas em nossas salas de 'quatro paredes', a EaD poderá muito pouco. A busca por 'territórios' negociáveis parece ser fundamental na efetivação do encontro, das convivências e das trocas entre os atores que participam da formação. (ALONSO, 2009, p. 92).

Não se pode, portanto, criar o equívoco de que a tecnologia é a única condição que viabiliza a modalidade a distância, pois como Almeida (2003, p. 327), argumenta, “[...] os programas de EaD podem ter o nível de diálogo priorizado ou não, segundo a concepção epistemológica, tecnologias de suporte e respectiva abordagem pedagógica”. Neste sentido, compreender a real valia da tecnologia e

dos ambientes virtuais, e refletir que apenas pôr o aluno diante de informações pode não ser suficiente para despertar e motivar a aprendizagem significativa do estudante.

Portanto, é importante compreender que os desafios da modalidade a distância são na verdade equivalentes aos desafios da escola tradicional e presencial, na qual intervenções e reflexões são necessárias para que se possa desenvolver e explorar novas abordagens que contribuam efetivamente para os processos de ensino-aprendizagem e de inclusão social.

[...] seja a distância ou presencial, propomos uma educação que efetivamente tenha o foco voltado para a aprendizagem. E, em especial para a modalidade a distância, que sua organização esteja centrada na modelagem do ambiente, na mediação pedagógica e no planejamento de atividades pautadas na reelaboração do significado com investimento em ações que valorizem a interatividade permitida pelos dispositivos tecnológicos. (BARROS E CARVALHO, 2011, p. 228).

Concordando com Barros e Carvalho (2011), entende-se que a apropriação de conhecimentos nesse espaço, deve refletir uma pluralidade de representações e linguagens que possam permitir o desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem, mediados pela tecnologia e espaços virtuais de aprendizagem, que possam permitir o desenvolvimento de novas formas de aprendizagem que englobem os aspectos racionais e emocionais, em que estas percepções são utilizadas para a compreensão do objeto de conhecimento em questão.

Assim, é imprescindível dizer, a tecnologia em ação integrada aos professores, tutores e o próprio estudante, impulsionam a modalidade a distância, e de acordo com Axt Fagundes (1995); Fagundes (1996) e, Prado e Valente (2002), promovem a interação com o outro e com o meio, na medida em que desencadeiam situações conflitantes para o estudante, as quais exigirão que ele encontre as possíveis soluções, o que possibilitará a aprendizagem e, conseqüentemente, a organização de um conjunto de significados que poderão promover o seu desenvolvimento intelectual.

Acrescenta-se que as teorias e práticas associadas à informática na educação vêm repercutindo em nível mundial, justamente porque as ferramentas e mídias digitais oferecem à didática, objetos, espaços e instrumentos capazes de renovar as situações de interação, expressão, criação, comunicação, informação, e colaboração, tornando-a muito diferente daquela tradicionalmente fundamentada na escrita e nos meios impressos. (SERAFIM E SOUZA, 2011, p. 22).

Isto pressupõe rever as formas de ensino-aprendizagem, e o modo como estes processos são mobilizados, frente às tecnologias já disponíveis, na medida em que esta perspectiva nos incita a pensar e repensar práticas educativas e tecnológicas, como propostas coerentes com estes novos parâmetros educacionais.

Para Almeida (2003, p. 334), "[...] os programas de EaD podem ter o nível de diálogo priorizado ou não segundo a concepção epistemológica e respectiva abordagem pedagógica." Assim, o que se percebe é a necessidade de reflexões que promovam a comunicação, mediada pela tecnologia, e a troca de informações que irão interferir e modificar os processos de aprendizagem na modalidade a distância.

A tecnologia oferece apoio valioso para este fim porque seu uso fortalece os processos de interação e troca de informações em ambientes e contextos que ajudam a mobilizar conhecimento, rompendo com a sala de aula tradicional e promove a cooperação entre as partes que estão inseridas neste contexto (AGUILAR, 2012, p. 807, tradução nossa).

Cabe ressaltar que há um conjunto de possibilidades a serem explorados nos modos da modalidade a distância, que ampliam o olhar para o processo educativo, e passam a considerar a aprendizagem como aporte para a construção do conhecimento e não apenas como instrução, sendo que conforme Belloni (2005, p. 192) "[...] a da integração da tecnologia nos processos educacionais, como meio de democratizar o acesso a uma verdadeira formação emancipatória", ou seja, que a aprendizagem seja significativa para o sujeito.

Entende-se assim, que a ação educativa da modalidade a distância, nesta ótica, conduz a uma intencionalidade, que visa a construção do conhecimento e do saber, que busca superar a prática de educação bancária, na qual o aluno é tratado como mero receptáculo inerte, desprovido de tudo o que representa vida (emoção, afeto, vontade, consciência), onde as informações lhe são repassadas como meros conteúdos para a memorização e que efetivamente acabam sendo esquecidos após serem utilizados, pois não lhe dizem nada.

Então, o que se busca com a modalidade a distância e o uso da tecnologia no ambiente da EaD, são ações que promovam uma visão ampla do processo educativo e do conhecimento em construção/reconstrução.

Diante dessa nova conjectura social, marcada pela diversidade, complexidade e flexibilidade, torna-se fundamental uma educação que prepare o indivíduo para as alterações da vida profissional, para um novo mercado de trabalho, numa construção contínua dos seus saberes e aptidões, proporcionando-lhe meios para alcançar uma autonomia pessoal e intelectual; e, assim, adquirir uma consciência de si próprio e do seu papel a desempenhar enquanto sujeito social e cidadão. (SERAFINI, 2013, p. 20).

Desta forma, não é demasiado afirmar que, assim como mudanças ocorreram em todos os campos sociais e profissionais, também a tecnologia e suas ferramentas proporcionaram uma revisão no campo educacional. Sem sombra de dúvidas, a tecnologia veio para reforçar um diferente olhar, que além de provocar o processo educativo, busca estabelecer uma aprendizagem vivenciada para o estudante, relata Steiner (2008, p. 24) que "[...] o homem não é um ser homogêneo." Sempre deseja mais que o mundo lhe oferece, ou seja, possui necessidades que são incorporadas às estruturas prévias de conhecimento do sujeito, e estas passam a adquirir novo significado para ele a partir da relação que faz com estes conteúdos.

Partindo desta perspectiva, o que se estabelece, é que os saberes e as experiências acumuladas pelo sujeito, devem ser consideradas nesta modalidade, tanto quanto "[...] as informações acessadas, mediante diferentes mídias, que precisam ser discutidas e valorizadas como partes inerentes do processo de construção do saber. Neste sentido, a interatividade coloca-se como um grande e importante desafio." (VIEIRA, 2011, p. 66).

Ensinar em ambientes digitais e interativos de aprendizagem significa: organizar situações de aprendizagem, planejar e propor atividades; disponibilizar materiais de apoio com o uso de múltiplas mídias e linguagens; ter um professor que atue como mediador e orientador do aluno, procurando identificar suas representações de pensamento; fornecer informações relevantes, incentivar a busca de distintas fontes de informações e a realização de experimentações; provocar a reflexão sobre processos e produtos; favorecer a formalização de conceitos; e a aprendizagem do aluno. (ALMEIDA, 2008, p. 335)

Ou seja, esta evolução tecnológica, que se ampara na tecnologia e no espaço virtual, é um espaço de aprendizagem que deve procurar integrar e incorporar os recursos tecnológicos e os saberes acumulados culturalmente e historicamente pelos sujeitos que se encontram inseridos nesta modalidade.

As ferramentas cognitivas representam uma abordagem construtivista da utilização dos computadores, ou de qualquer outra tecnologia, ambiente ou atividades que estimulem os alunos na reflexão, manipulação e representação sobre o que sabem, [...] ao utilizar uma ferramenta cognitiva, o conhecimento é construído pelo aluno e não transmitido pelo professor. (JONASSEN, 2007, p. 47).

Neste sentido, a tecnologia e o espaço virtual, e a ação de professores, tutores e estudantes se apresentam como importante condição que possibilita a criação de um novo espaço que busca a integração do mundo real ao mundo virtual.

Espaço este conhecido como Ambiente Virtual de Aprendizagem - (AVA), que tem como função promover o processo de ensino em um ambiente virtual, por meio de fóruns, *chats*, ambientes de grupo, ferramentas midiáticas como redes semânticas (mapas conceituais), hipermídias, bases de dados, entre outras que podem ser usadas como ferramentas cognitivas para explorar as dimensões do processo de ensino-aprendizagem.

Neste ambiente virtual de aprendizagem, o sujeito poderá manipular as ferramentas tecnológicas, processar informações, relacionar seu conhecimento e experiências acumuladas para refletir, interpretar e dar significado às informações, estabelecendo condições, assim, para a construção do conhecimento.

A utilização de ambientes virtuais, portanto, deve ter como ênfase a possibilidade de comunicação proporcionada à Educação a Distância, pelo dinamismo de estabelecer processos comunicativos em várias formas de linguagem (escrita, oral e visual), de registro, memorização e recuperação de dados, não importando para isso o espaço e o tempo em que os interlocutores se estabeleçam. A comunicação por ambientes virtuais é a possibilidade, embora haja uma dispersão geográfica, de alunos e de professores alimentarem simultaneamente o processo de ensino-aprendizagem por uma memória compartilhada, coletiva e cooperativa. (AMARILLA, 2011, p. 21).

Então, o que se pode estabelecer com estas considerações, é que os aportes tecnológicos disponíveis na EaD e a comunhão de professores, tutores e estudantes colaboram com os processos educacionais, diminuindo as fronteiras e ampliando a circulação de informações que possibilitam a construção de significativos conhecimentos, efetivados no universo real e virtual.

Ao longo deste capítulo, buscou-se compreender os processos de interação e comunicação que se utilizam das inovações tecnológicas na EaD, as quais não deveriam se deixar seduzir apenas pelo enfoque técnico. Mas que requerer a

compreensão de seus elementos comunicativos, de seus processos mediadores e de seus ambientes virtuais como recursos que permitam superar os espaços temporais e espaciais, síncronos e assíncronos para o estabelecimento de processos que signifiquem uma mudança no modo de compreensão da gestão dos processos de aprendizagem, que podem ser condizentes com o desenvolvimento e autonomia do sujeito aprendente.

Pois as novas tecnologias já fazem parte da vida cotidiana, e hoje se inserem integradas ao mundo, e muitas vezes não se percebe a sua aplicabilidade na educação enquanto potencial, que exige um novo aprendizado em que o sujeito assume seu papel como construtor do conhecimento.

Estas considerações nos fazem refletir a respeito da necessidade de ações que possibilitem e decodifiquem os processos de ensino-aprendizagem para esta modalidade.

Neste sentido, os próximos capítulos irão procurar ilustrar as implicações da mediação pedagógica e tecnológica para a construção deste conhecimento significativo.

Afinal, se for para "tecnologizar" esta modalidade, cabe algum tipo de mediação? Ou este território é negociável, e pode conviver e/ou necessitar destas mediações?

5 MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

É voz corrente que a dimensão educativa baseada em uma relação unilateral, em que o professor ensina e o aluno aprende, se modificou.

Para Masetto (2000), a mediação pedagógica é a atitude, o incentivo, a força motriz que se coloca como uma ponte rolante entre o aprendiz e a aprendizagem, de maneira que o diálogo, a troca de experiências, o debate e a proposição de situações possibilitem um diferente olhar dos protagonistas desta modalidade (professor-tutor-estudante).

Perez e Castilho (1999, p. 10), destacam que “a mediação pedagógica busca abrir caminho a novas relações do estudante com os materiais, com o próprio contexto, com outros textos, com seus companheiros de aprendizagem, incluindo o professor, consigo mesmo e com seu futuro”.

Deste modo, o que surge na práxis cotidiana destes professores-tutores, é um novo modo de reconhecer e enfrentar os problemas, na medida em que se constroem novas estratégias de ação, novas perspectivas de pesquisa e novas teorias, que buscam compreender a dinamicidade de um sistema complexo, no qual o docente tem que agir tomar decisões e fazer encaminhamentos, cujos resultados são marcados por incertezas.

As situações que se impõe neste sentido, portanto, são únicas, de acordo com Gómez (1997), o que faz com que não se possam resumir estas situações à mera aplicação de regras e procedimentos já consagrados.

Ora, se o processo de ensino-aprendizagem se constrói a partir da práxis, ou seja, em um sujeito histórico-social datado, e da possibilidade de o homem conhecer sua realidade objetiva, então, todo o esforço do homem em produzir meios de comunicação que vençam a distância como modo de operar sua realidade não pode ser negado ou negligenciado pela educação. Se as tecnologias de comunicação se inserem no contexto da existência humana e servem de suporte para a construção da realidade, como cartas, telégrafo, televisão, vídeos, computadores, etc., a educação, portanto, não pode abster-se de pensar, de promover e de utilizar tais tecnologias, desde que elas colaborem para aquele intuito primeiro, retomando, a promoção do homem no sentido de liberdade, autonomia e colaboração. (AMARILLA, 2011, p. 47).

Neste sentido, compreender os elementos e processos da mediação³ pedagógica na modalidade a distância, se faz de suma importância para esta pesquisa, e para reflexões posteriores, na medida em que os elementos aqui apresentados, buscam compreender como a mediação possibilita ou não a construção do conhecimento que se traduz nos anseios e nos desejos de quem busca uma formação.

Se toda ação humana supõe uma mediação, do mesmo modo a aprendizagem se faz com a mediação semiótica ou pela interação com o outro, na interação social, na qual as palavras são empregadas como meio de comunicação ou de interação. A essa mediação, Vygotsky e seus discípulos denominaram de sociointeracionismo – a ação se dá numa interação sociohistórica ou históricocultural. (MARTINS; MOSER, 2012, p. 10).

Primeiramente, cabe ressaltar que para esta pesquisa compreender as indagações vivenciadas pelos estudantes da EaD acerca dos processos de mediação pedagógicos, também permeiam as práticas pedagógicas na modalidade a distância, e se manifestam em muitas questões, dentre elas, como motivar o aluno, como impulsionar sua aprendizagem, como instigar sua participação e autonomia.

Este estudante de EaD, confronta-se com tempos e espaços organizados de uma forma "diferente", da modalidade presencial, e estabelece um contato com os professores e tutores, em várias situações, sem ter uma reação imediata, "o olho no olho". Implicando, assim de que esta mediação deve oportunizar um conjunto de conhecimentos e habilidades didático-pedagógicas novas, para que tanto professores, tutores e estudantes superem o contraponto da modalidade presencial, que estabelecesse o contato diário entre estes interlocutores.

Desinstalar-se de um processo de mediação pautado em uma relação presencial, cujos olhares, gestos e palavras, provocam atitudes visíveis, reações imediatas, e passar a contar com uma realidade em muitas ocorre por meio de material impresso, por ferramentas tecnológicas e virtualmente, é um constante desafio.

³ Mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento. (OLIVEIRA, 2002, p. 26).

Os espaços não são mais os mesmos nem para a vida cotidiana, nem mais nos modelos de educação, que se vêem permeados pelo desenvolvimento da tecnologia. E que hoje estão contidas em nossas relações diárias.

Neste sentido, a mediação pedagógica deve refletir tanto no que tange os processos mediadores dos estudantes desta modalidade, elementos mobilizadores de ação, que permitam a este estudante articular e construir, num movimento próprio, contínuo e dinâmico o seu conhecimento.

Nos dias de hoje, verifica-se uma gama de princípios voltados para a formação de sujeitos críticos, participativos e autônomos, que permeie uma postura docente mediadora.

Cabe destacar que esta postura, não deve ser muito diferente na educação presencial, quanto na educação a distância. Na medida em que estas sempre devem conceber esta formação que mobilize o estudante para a construção de sua história e saber.

Tais princípios constituem um corpus teórico-metodológico decorrente de processo de construção histórica e social deste sujeito, na medida, em que os discursos pedagógicos buscam estabelecer uma relação, na qual prevaleça ações que promovam o desenvolvimento e a autonomia deste estudante.

No presente capítulo, destaca-se a mediação pedagógica na modalidade a distância como foco de análise. Na qual, por meio da articulação entre a teoria e a prática, identificar os conceitos e princípios, na qual segundo vários autores, se desenvolvem ações que se aproximam aos princípios da mediação pedagógica esperada por estes estudantes da modalidade a distância.

Estudantes estes que estão permeados por inúmeras diversidades de tempo e espaço, além das ferramentas tecnológicas e espaços virtuais.

Pois a modalidade a distância, de acordo com Souza, Sartori e Roesler (2008), "[...] caracteriza-se por ser um processo composto por duas mediações: a mediação humana e a mediação tecnológica, imbricadas uma na outra."

Neste sentido, salienta-se que o papel da mediação pedagógica, não pode ser mais definida como a de um docente que apenas repassa conhecimento, ou é mero transmissor de conteúdos. Mas que se efetive na mediação do conhecimento e de ações que promovam a autonomia deste indivíduo, e neste sentido busca-se

elementos que contribuam para esta condição, apontando nos estudos de Steiner e Vygotsky um diferente olhar para o processo de mediação pedagógico na EaD.

Esta consideração se opõe, à concepção tradicional, na qual os discursos pedagógicos se caracterizam por abordagens de caráter espontaneísta, e se traduz didaticamente numa série de atitudes e procedimentos.

Na Educação a Distância, a mediação pedagógica busca novas reflexões, uma vez que o distanciamento de espaço e tempo exigem recursos e estratégias diferentes dos moldes da educação presencial.

Assim, com a inserção das ferramentas tecnológicas e dos espaços virtuais na modalidade a distância, que buscam desenvolver o apoio à aprendizagem, a mediação pedagógica, reflete um “novo tempo”, na qual as possibilidades e também as exigências da configuração deste novo "espaço" se configura e projeta novas configurações de aprender e de ensinar.

Como afirmam Dussel e Caruso (2003), a história da sala de aula mantêve-se quase imutável nos últimos cinco séculos (ou mais), porém podem ser percebidas, desde meados do século XX, bruscas mudanças nessa história em função da instalação da técnica e da tecnologia no contexto escolar. Grosso modo, inferimos que a sala de aula virtual – o espaço de trabalho do docente da EaD virtual – é apenas uma configuração distinta da tradicional. Reconfigurados dessa forma, os novos espaços e tempos ajustam-se às novas necessidades e/ou ao estágio de desenvolvimento tecnológico. Tais necessidades e desenvolvimento podem ser vistos da perspectiva de uma evolução da civilização humana ou da nova fase de acumulação capitalista. O quadro pode ser completado com as possibilidades de experimentação do tempo da atualidade, especialmente aquelas ligadas à flexibilização de “tudo”: uma sala de aula em que o arranjo “material” não obedece ao espaço físico ou geográfico, uma sala de aula que está em todo lugar e a qualquer momento... Afinal, a flexibilidade temporal possibilitou a ampliação do espaço, ou melhor, ciberespaço, quase celestial: onipresença, onisciência e onipotência. Como diria David Harvey (2001, p. 184), vivemos nessas novas rodadas e formas de configuração temporal e espacial que o atual regime de acumulação encontrou elementos de ingresso no contexto educacional, com estabilidade de médio prazo. Acabamos de presenciar, pois, o nascimento de uma sala de aula muito engraçada. (MILL, 2009, p. 39).

Uma das principais características da modalidade a distância, que lhe conferem a necessidade de um olhar pedagógico diferenciado do presencial, é o elemento "a distância", no que se refere à possibilidade de aprendizagem em qualquer tempo e espaços (reais e virtuais). Fato inverso ao que ocorre na modalidade presencial, onde há um tempo e um espaço definidos no contexto do real.

Neste sentido, exatamente para dar conta desta possibilidade de tempos e espaços diferenciados, é que cabe compreender como se realiza a mediação pedagógica, em um processo que integra diferentes práticas pedagógicas, elementos e sujeitos.

Aliás, tempos e espaços educacionais constituem fatores fundamentais para a compreensão do processo e desenvolvimento do trabalho pedagógico. Pois, a forma como estes tempos e espaços se realizam afetam profundamente a prática pedagógica, na medida em que o tempo e as ações exigidas destes espaços, de algum modo, encontram-se interligados entre si e diretamente relacionados com a prática docente e tutorial desta modalidade, que permite ou não a efetivação de processos de mediação pedagógica.

Um novo tempo, um novo espaço e outras maneiras de pensar e fazer educação são exigidos na sociedade da informação. O amplo acesso e o amplo uso das novas tecnologias condicionam a reorganização dos currículos, dos modos de gestão e das metodologias utilizadas na prática educacional. (KENSKI, 2004, p. 92).

A mediação pedagógica, na modalidade a distância deve permitir a interlocução horizontalizada entre seus protagonistas, em que de acordo com Oliveira (2008), esta forma de relação e interação potencializa significativamente os processos de ensino-aprendizagem.

Contudo, não se deve esquecer a necessidade de articular os avanços tecnológicos a estes processos pedagógicos, que devem estar apoiados em novas práticas pensadas para esta modalidade e não apenas criar a ilusão de substituir as ferramentas de ensino e continuar a manter as velhas práticas.

O que se requer, é uma articulação que busque facilitar e potencializar a prática pedagógica, o que poderá resultar num processo educativo preparado para lidar com as condições impostas pelo modelo "a distância", que devem propiciar processos de ensino e de aprendizagem, que tem como característica principal a interação e a interatividade que se dá num processo relacional, dialético e compartilhado.

“Usar uma nova tecnologia não garante inovação, a inovação está na forma criativa de utilizá-la, na forma como aproveitamos todas as possibilidades para os processos de ensino e de aprendizagem, de outra forma, podemos estar simplesmente falando de uma novidade e não de uma inovação.” (SCHLEMMER, 2008, p. 11).

Assim, o que se deve compreender é que o uso das novas tecnologias na modalidade a distância, promove uma nova relação do estudante com o conhecimento, e também com outros estudantes, professores e tutores, o que resulta na interatividade.

Para Silva (2006), implica em interagir, por meio das ferramentas tecnológicas, no sentido de rever os papéis e as inúmeras possibilidades didáticas e metodológicas dos envolvidos neste processo de ensino e aprendizagem, e ainda cabe salientar que a interatividade⁴, para Mattar (2009, p. 114), "[...] é considerada um conceito de comunicação, não de informática."

Ou seja, as tecnologias, em especial das ferramentas tecnológicas disponibilizadas na EaD, permitem a interatividade entre seus protagonistas, ampliando, renovando e construindo conhecimentos que lhe permitem ampla liberdade, no sentido de que estes usuários passem a fazer as conexões que lhe forem convenientes, de forma a se atualizar e de produzir as intervenções que mais lhe convém.

No entanto, Silva, Coelho, Molina e Medeiros (2014, p. 259), enfatizam que a tecnologia "[...] trouxe mudanças para a educação nos diferentes níveis de ensino. (...) mas elas ainda não se configuram como mediação pedagógica nas práticas docentes", o que sugere que a tecnologia por si só não basta, é preciso refletir e compreender a imposição de uma prática pedagógica coerente e significada que permita ao estudante a sua participação ativa e lhe permita construir o seu caminho para o conhecimento.

A mediação pedagógica coloca em evidência o papel de sujeito do aprendiz e o fortalece como ator de atividades que lhe permitirão aprender e conseguir atingir seus objetivos; e dá um novo colorido ao papel do professor e aos novos materiais e elementos com que ele deverá trabalhar para crescer e se desenvolver. (MORAN, 2000, p. 146).

Desta forma, o que se pode identificar, é que o propósito da mediação pedagógica na modalidade da EaD, é preparar o estudante para que este deixe de aprender passivamente, como acontece com o ensino instrucionista, em que a máquina ou o professor/tutor transmitem ou repassam as informações, pois, "[...]

⁴ A interatividade diz respeito a ação do receptor que é a de interferir, modificar o que está sendo objeto de construção de sentidos/de conhecimento. Isto equivale a dizer que interatividade pressupõe que o autor/emissor/professor construa uma rede, um conjunto de possibilidades a explorar, ofereça um conjunto intrincado de lugares dispostos à interferência e às modificações; mensagem modificável em mutação do leitor/receptor/aluno. (POSSARI, 2001, p. 01).

um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa." (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2009, p. 23).

Assim, Bruno (2009) relata que se busca estabelecer na modalidade a distância é uma nova condição, que permita uma nova relação que exija, tanto dos papéis de professores e tutores, quanto dos estudantes, que se auto-organizem à luz das aprendizagens emergentes. Sendo assim, esta relação irá se constituir em parcerias que poderão promover condições de ensino-aprendizagem por meio desta interação professor, tutor, aluno e máquina.

Ensinar em ambientes digitais e interativos de aprendizagem significa: organizar situações de aprendizagem, planejar e propor atividades; disponibilizar materiais de apoio com o uso de múltiplas mídias e linguagens; ter um professor que atue como mediador e orientador do aluno, procurando identificar suas representações de pensamento; fornecer informações relevantes, incentivar a busca de distintas fontes de informações e a realização de experimentações; provocar a reflexão sobre processos e produtos; favorecer a formalização de conceitos; propiciar a interaprendizagem e a aprendizagem significativa do aluno. (ALMEIDA, 2008, p. 335).

Esta relação de reciprocidade, entre professores, tutores, alunos e máquinas que se efetivam e promovem a interação, Primo e Cassol (1999, p. 67) afirmam que "[...] são as relações e influências mútuas entre dois ou mais fatores, de modo que cada um altera o outro e a si próprio, bem como a relação existente entre eles", pode ser compreendida a partir da visão sociointeracionista.

Nesta perspectiva, o homem constitui-se como tal por meio de suas interações com o meio e, portanto auto-organizem, é visto como alguém que transforma e é transformado nestas relações sociais, ou seja, "[...] a interação social como fator que propicia trocas recíprocas que, na concepção de educadores, é um fator de grande importância para o desenvolvimento cognitivo do aprendiz, Barbosa (2012, p. 03-04), que pode possibilitar a aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento intelectual do estudante.

[...] a interação entre pares permeada pela linguagem (humana e da máquina), potencializa o desempenho intelectual porque força os indivíduos a reconhecer e a coordenar as perspectivas conflitantes de um problema, construindo um novo conhecimento a partir do seu nível de competência que está sendo desenvolvido dentro e sob a influência de um determinado contexto histórico-cultural. (LUCENA, 1998, p. 50).

Assim, a modalidade a distância pressupõe uma prática pedagógica que fomente um trabalho recíproco entre seus protagonistas, na qual o objetivo seja à autonomia, a criticidade e a arte da dúvida, e neste sentido as ideias de Vygotsky podem permitir e ampliar este entendimento "[...] em relação ao processo de ensino- aprendizagem centrado em práticas pedagógicas interativas que orientem as atividades de forma instigante para o aluno de EaD." (BARBOSA, 2012, p. 08).

Toda a conduta e a habilidade do professor/tutor estão centradas na capacidade de motivação, interesse e apoio aos alunos, bem como na preparação do ambiente e na organização de materiais. Os alunos deixam de ser receptores passivos de informações e passam a ser construtores e socializadores de conhecimento. (ANDRADE; VICARI, 2011, p. 261).

O movimento instaurado, portanto, nos sugere que a mediação pedagógica busca o fomento de práticas, no sentido de promover e decodificar as informações, buscando assim "[...] abrir e facilitar o diálogo e desenvolver a negociação significativa de processos e conteúdos a serem trabalhados nos ambientes educacionais, bem como incentivar a construção de um saber relacional, contextual, gerado na interação professor/tutor/aluno". (MORAES, 2003, p. 210).

Neste sentido, a importância da mediação pedagógica deve ser percebida por meio das interações que ocorrem entre os sujeitos envolvidos neste processo educativo, pois cabe a ambos o comprometimento frente a este processo, uma vez que "[...] só o aluno pode fazer aquilo que produz conhecimento, e o professor só pode fazer alguma coisa para que o aluno o faça." (CHARLOT, 2006, p. 15).

Além disso, a mediação pedagógica, vista sob a ótica sociointeracionista, nos remete a perceber e a questionar os papéis dos protagonistas da modalidade a distância que devem provocar a reflexão, a autorreflexão, a tomada de consciência, e a metacognição, a fim de propiciar novos olhares e reflexões acerca dos contextos, de como nos inserimos neles e das funções que somos requisitados a desempenhar.

Na perspectiva sócio-interacionista o processo de ensino é expandido de modo a incorporar as relações socioculturais, podendo garantir um arsenal teórico que favoreça pensar um modelo educacional mais coerente com as exigências da sociedade, não apenas em termos de realização profissional, mas também em termos de realização pessoal. Desse modo, favorece a problematização das condições existenciais dos indivíduos, levantando situações-problema que possam ser trabalhadas no contexto pedagógico a fim de contribuir, de alguma forma, para a transformação do meio social, assim como favorecer a constituição do próprio sujeito. Nisso se concretiza a dinamicidade de um processo educativo “vivo” que age articulando a reflexão prática-teoria-prática, numa espiral, ora se aproximando, ora se distanciando da realidade concreta no sentido de melhor compreendê-la e melhor atuar sobre ela. (ARAUJO e CARVALHO, 2011, p. 183).

Ao dar andamento aos questionamentos que poderão contextualizar esta pesquisa, dá-se destaque ao conceito de autonomia do sujeito aprendente.

Para Lalande (1999), a autonomia se caracteriza pela condição de uma pessoa ou de uma coletividade cultural, na qual ela mesma determina a lei à qual se submete. Complementando esta consideração, Zati (2007) observa que a autonomia é:

[...] como ela se dá no mundo e não apenas na consciência dos sujeitos, sua construção envolve dois aspectos: o poder de determinar a própria lei e também o poder ou a capacidade de realizar. O primeiro aspecto está ligado a liberdade e ao poder de conceber, fantasiar, imaginar, decidir e o segundo ao poder ou capacidade de fazer. Para que haja autonomia os dois aspectos devem estar presentes, e o pensar autônomo precisa ser também fazer autônomo. O fazer não acontece fora do mundo. ZATI (2007, p. 12).

Neste sentido, o que se pode afirmar é, que não há lugar para a alienação, mas sim, para a autoria, para a criticidade, para a criatividade, na medida em que o sujeito precisa posicionar-se, envolver-se e comprometer-se com a construção de seu saber e de sua autonomia, pois conforme destaca Keim (2014, p. 188), “[...] a autonomia acontece primeiramente no interior de cada pessoa, para, então se manifestar de maneira íntegra no exterior”, sendo neste sentido, fundamental que este sujeito busque se constituir da necessidade de pensar e repensar seu conhecimento, no intuito de perceber e integrar novos elementos.

Para Moraes (2003), o estudante deve ser um sujeito ativo que reconhece e valoriza a educação como um processo de transformação, em que de acordo com Veiga (1994, p. 154), “[...] o homem não existe para retornar a uma unidade

perdida, mas sim para conquistar uma autonomia antes inexistente", ou seja, que compreende a mudança como condição intrínseca a qualquer processo de formação e aprendizagem.

A autonomia, ao contrário do que muitos devem imaginar, não surge como um conceito pedagógico da EAD, para designar a atitude e postura necessária ao aluno que está espacialmente distante do seu educador, tampouco é um conceito extraído de algum manual de pedagogia ou da obra de algum teórico da área de educação. Mas seu uso ganha centralidade na modernidade, pela crítica kantiana à razão, e é compreendida como a capacidade que a razão tem de pensar a si própria e de se auto atribuir regras e leis. É contrária a heteronomia, situação em que pensamos e agimos sob orientação de outros ou movidos por algo externo a nós. A relevância deste conceito para humanidade é tão amplo que seria um devaneio restringi-lo apenas à pedagogia. (OLIVEIRA e NUNES, 2011, p. 06).

É relevante, desta maneira, afirmar que a autonomia não deve ser vista como um conceito que conta com estratégias retiradas de algum manual de pedagogia, muito menos como um conceito que emerge a partir das necessidades diferenciadas da modalidade a distância, ou ainda, se ter a falsa pretensão de acreditar que este conceito de autonomia em EaD, é um conceito de autossuficiência e ou autogerência deste estudante.

Este é um conceito de extrema relevância para a humanidade e seria um devaneio restringi-lo apenas à pedagogia, ou seja, "[...] o aluno tem de se assumir como ser que observa o mundo e a si mesmo. Conhecedor dos seus afetos, possuidor de uma mente e uma afetividade que questionam os sentidos do mundo e sentem em si as provocações do mundo." (AMARILLA, 2011, p. 57).

Ou seja, a autonomia deve ser encarada como um pressuposto primordial do desenvolvimento humano, e este conceito deve ser estendido para a educação e em especial para a modalidade a distância, que busca priorizar a atitude independente do educando, exigindo deste, modificações no seu modo de gerir o próprio conhecimento.

Para Belloni (2003) e (2006), o estudante de EaD deve estar investido de uma atitude autônoma, de um amadurecimento intelectual, emocional e comunicacional, que lhe permitam ampliar o próprio conhecimento, e se, por ventura, não possuírem esta atitude, devem sim, procurar desenvolvê-la para conseguirem atingir seus objetivos de construção do saber, pois é "[...] com a sua

própria decisão de aprender, que cada aluno irá formar um conjunto de saberes individuais." (BORDIEU, 1998, p. 48).

A questão que se debate aqui a respeito da autonomia, pedagogicamente falando, não é uma questão nova, porém se evidencia de forma mais relevante na modalidade a distância diante de sua complexidade, no que concerne o amplo uso de métodos e metodologias diferenciadas frente às inovações tecnológicas e sociais que se processam no mundo.

Assim, é interessante que a educação possibilite mergulhos para descobrir e especificar o movimento de emancipação humana que é ontológica, epistemológica e contextual, para mediar relações que são pautadas numa esquizofrenia científica e alienada pela lógica da produção como agente prioritariamente quantitativo e pouco qualitativo. Esquizofrenia que leva à produção desenfreada de textos e argumentos precipitados e carentes de maiores debates e aprofundamentos que possibilitam o afloramento de preconceitos e posições de poder que renegam a liberdade e autonomia em nome de conhecimentos estigmatizados e rotulados como necessários e imprescindíveis. (KEIM, 2014, p. 198-199).

Não que a modalidade a distância seja uma total novidade no campo da educação, mas sim, que deve promover uma nova possibilidade que não perpetue velhos paradigmas e ideologias dominantes que atendem ao engessamento de práticas e currículos pré-estabelecidos na reprodução e na repetição de conteúdos.

A EaD pode acrescentar novos elementos e possibilidades à ação, à interação e à autonomia dos sujeitos que dela participam.

Pois, conforme discorre Belloni (2006) e Preti (2005), deve-se ter o cuidado de que a concepção de modalidade a distância, que propõe a autonomia do estudante como centro do processo de aprendizagem, como um dos aspectos centrais da EaD, pode em tese confundir inovação técnica com inovação pedagógica.

E para que esta situação não se estabeleça, são necessárias estratégias que efetivamente promovam o processo pedagógico, no sentido de investir numa postura ativa destes educandos, na medida em que estes serão responsáveis pela construção do seu conhecimento e de sua própria autonomia.

Principalmente na EaD o aluno precisa ser incentivado a desenvolver sua autonomia para garantir a condução e efetivação de sua aprendizagem, haja vista que não dispõe do acompanhamento docente presencial e direto para realizar seus estudos. A construção do material didático, a estruturação das salas de aula virtuais, a escolha e utilização dos artefatos disponibilizados nos ambientes virtuais de aprendizagem, o profundo conhecimento da turma, avaliações planejadas e continuadas e *feedbacks* constituem medidas de caráter *sinequa non* ao bom desenvolvimento de uma disciplina, ajudando a estimular a atitude autônoma e pesquisadora dos aprendentes. (LIMA; SILVA; PAIVA, 2010, p. 04).

A modalidade a distância, representa um desafio a mais para os alunos que se encontram inseridos nela, pois compreende-se a prerrogativa do devir de que os alunos da EaD sejam autônomos, assumindo posturas diferenciadas e investigativas, empreendendo e dirigindo ações que concretizem suas aprendizagens.

Pois ser autônomo não significa criar suas próprias regras, mas se constituir sujeito que produz conhecimento e assume responsabilidade sobre seu futuro.

Desta forma, devemos tomar cuidado para não resumir a autonomia deste estudante na modalidade a distância, de acordo com Moreira, Arnold e Assumpção (2006), em um processo de organização e autogerenciamento da aprendizagem, como por exemplo, a capacidade de cumprir as tarefas em um determinado tempo, comparecer nos *chats* e fóruns dos ambientes virtuais.

Como foi observado, a autonomia abrange muito mais que apenas um autogerenciamento, para Perelman; Olbrechts-Tyteca (2002) e Mills (1982), deve-se levar em conta ações que contribuam para a promoção de conhecimentos construídos e novas formas de aprender, no sentido de promover a capacidade de refletir do estudante sobre seu processo de construção do conhecimento, revendo e reorganizando seu pensamento e tomando consciência do seu processo de aprendizagem e, conseqüentemente, do significado do aprender a aprender.

Neste mesmo caminho, vale destacar Vygotsky (1994), que considera todo sujeito como um ser social, relacional e participante de um processo histórico.

Neste sentido, os processos pedagógicos têm como objetivo intervir na realidade deste sujeito e, a partir da apropriação de novos conceitos, possibilitar uma nova compreensão dessa mesma realidade, ou seja, uma outra forma de entender a realidade que o rodeia. Buscando, assim, assumir uma responsabilidade maior na sua própria aprendizagem, tendo que ser capaz de organizar e gerir o tempo de seus estudos, além de buscar a sua autotransformação como sujeito ativo

de seu desenvolvimento, pois somente quando "[...] consegue fazer do conteúdo do mundo o conteúdo do seu próprio pensar reencontra a unidade da qual ele mesmo se desligou." (STEINER, 2008, p. 25).

Ou seja, deve-se considerar a mediação pedagógica, nesta modalidade, como uma ação voltada para a realidade deste estudante e fundamentada nela, pelo fato, já visto, de que nossa compreensão está radicada na vivência que temos do mundo.

E assim, partindo desta multiplicidade de sentidos de nossa cultura, irá se verificar que este sujeito, o educando, somente poderá aprender e aprender partindo daquilo que já conhece e integrando o novo com a ajuda do outro.

Um melhor conhecimento sobre as competências mentais de cada aluno permite selecionar as estratégias mais adequadas para a organização, integração, e processamento profundo da informação, facilitando a integração de materiais escolares novos com informações anteriormente retidas na memória. (PINTO, 2001, p. 32).

Assim, nos cabe refletir que as situações de aprendizagem e desenvolvimento deste estudante dependem de inúmeros fatores, que devem ter como pressuposto básico, a relevância dos conhecimentos e habilidades prévias dos alunos e o conhecimento e controle das atividades cognitivas que eles têm de si mesmos.

Ou seja, ao que se refere a todo conhecimento que o indivíduo tem sobre as suas potencialidades e sobre as suas limitações, sobre as tarefas e as estratégias para executá-las, como esclarece Pinto (2001, p. 32), "conhecimentos de uma pessoa sobre o âmbito e limites da mente humana e dos respectivos processos cognitivos de atenção, aprendizagem, memória e raciocínio".

A partir destas considerações, e concordando com Nisbett, Schucksmith e Dansereau (1987, apud Pozo, 1996), é possível compreender que a mediação pedagógica e as estratégias de aprendizagem ocupam um espaço significativo na modalidade EaD, e têm como finalidade o planejamento de atividades que permitam os processos de conhecimento e desenvolvimento deste estudante.

Deve-se, neste sentido, partir de elementos conhecidos e vivenciados pelo estudante, para que estes elementos incentivem e estimulem as hipóteses e expectativas deste, na medida em que favorecem a definição de suas atividades e o planejamento de sua aprendizagem.

A aprendizagem, em ambientes virtuais, requer que o estudante mude suas atitudes de aluno passivo para um indivíduo ativo, que saiba onde e como adquirir os conhecimentos necessários para aprender, que saiba pensar criticamente, que incorpore a responsabilidade por sua aprendizagem, que controle seus próprios processos de aprendizagem e participe ativamente nesses processos, empregando essas habilidades de uma forma positiva, ou seja, aprenda a aprender. Aprender a aprender é visto como a chave para o sucesso quando se considera a Educação a Distância. (ALLIPRANDINI; SCHIAVONI; MÉLLO E SEKITANI, 2014, p. 08).

O que se pode estabelecer destas considerações, de acordo com Rodrigues (2004), Moore e Kearskey (2007) e Rumble (2003), é que a modalidade a distância busca uma condição e uma concepção pedagógica diferenciada e com características próprias que compreendem a aprendizagem na EaD como um processo ativo que requer condições singulares que promovem e organizam as situações de aprendizagem.

Com isso, o resultado da aprendizagem deixa de ser dependente apenas de uma proposta pedagógica baseada em elementos sustentados pelas informações transmitidas, e passa a considerar o estudante como parte integrante e ativa deste processo.

Como ponderam Costa e Boruchovitch (2000), a proposta pedagógica, neste sentido, irá se estabelecer no sentido de possibilitar ao estudante o agir sobre suas potencialidades, pois além de ter conhecimento sobre si, sobre a tarefa, deverá estabelecer diferentes estratégias, para que efetivamente possa se apropriar, monitorar e regular seu aprendizado.

Neste sentido, Cosme e Trindade (2001, p. 13) discorrem que "[...] é preciso que a escola não se limite a ser, apenas, um espaço de difusão dos saberes", mas que esta se defina, antes de tudo, como um contexto que estimula os estudantes a apropriar-se e a construir, de uma forma progressiva, estratégias que possibilitem ao aluno planejar e monitorar o seu desenvolvimento cognitivo.

[...] a educação a distância é uma modalidade de ensino que contempla os mesmos elementos fundamentais da modalidade presencial: concepção pedagógica, conteúdo específico, metodologia e avaliação. Porém, se diferencia da presencial pelo modo como se estabelece a mediação pedagógica. (CATAPAN, 2009, p. 75).

Partindo do pressuposto da importância de que os alunos, em especial nesse contexto de aprendizagem, precisam adquirir novos comportamentos diante do processo ensino-aprendizagem, que aprendam a aprender, considerando se tratar de um novo contexto de aprendizagem, fica evidente a necessidade de que ações sejam implementadas de forma a possibilitar que o aluno aprenda a aprender nesse novo contexto. (ALLIPRANDINI; SCHIAVONI; MÉLLO E SEKITANI, 2014, p. 14).

Desta forma, segundo Catapan (2009), a mediação pedagógica na EaD irá se desenvolver de maneira criativa, com movimentos que irão se diferenciar dos modelos presenciais, que irão buscar espaços para o pensamento autônomo do aluno e, o ensinar, por sua vez, irá instigar as trocas e os processos de construção do conhecimento.

Minha busca só encontrará alicerces firmes quando achar algo que se baseia em si mesmo. Ora, esse algo sou eu como ser pensante, visto que dou à minha existência o conteúdo concreto e fundamentado em si mesmo na atividade pensante. Agora posso partir desse ponto e perguntar se as outras coisas existem no mesmo ou noutro sentido. (STEINER, 2008, p. 38).

Assim, o que se pode perceber é que a EaD é um processo complexo, que exige uma concepção pedagógica que atenda aos desafios de sua singularidade, pois esta não é uma modalidade de aprendizagem baseada no “faz de conta”, que se “estuda quando sobrar tempo”, como muitos já apregoaram.

Mas um processo que se organiza em espaços, tempos e procedimentos diferenciados de aprendizagem que se utiliza de recursos tecnológicos para que ocorra os processos de aprendizagem, e um pensar autônomo, o que lhe confere um formato inovador.

E, justamente, por se levar em conta esta complexidade da modalidade a distância e suas características próprias, de tempos e espaços síncronos e assíncronos, aliados aos recursos tecnológicos que se fazem fundamentais para este sistema, é que se busca, com o próximo capítulo: mediação tecnológica, elementos que possam contribuir para uma reflexão frente aos processos de ensino aprendizagem e do real papel do estudante nesta modalidade.

Pois, em uma visão generalista, provavelmente equivocada da EaD, pode-se ter a ilusão que basta o domínio da máquina - computador, para que se tenha a "chave" do conhecimento, uma vez que o acesso a este universo de informações conta com uma quantidade avassaladora de informações e conteúdos.

Assim, pretende-se demonstrar que os recursos tecnológicos, bem mais do que aguçar a curiosidade do aluno em relação ao que está sendo ensinado, podem prepará-lo, ou não, para um mundo em que se espera que ele conheça, além dos conteúdos educacionais, as suas potencialidades e seja "[...] capaz de desenvolver, em si, propriedades e funções cuja origem estão nele mesmo." (STEINER, 2000, p. 162).

Desta maneira o que irá se propor a seguir, é a possibilidade de compreender como se realiza a mediação tecnológica, quais os benefícios trazidos pelos recursos tecnológicos à educação e como esta mediação pode ou não contribuir efetivamente para o conhecimento e a autonomia do estudante da modalidade a distância.

6 MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

Este capítulo desenvolve-se por meio da questão da mediação, em destaque a mediação tecnológica, na medida, em que a tecnologia⁵, se faz presente nos dias atuais, e em especial nos programas que acolhem tanto os modelos presenciais, quanto a modalidade a distância que é o caso desta investigação.

A Mediação tecnológica na EaD, remete ao uso da inovação tecnológica, e dos usos das ferramentas da informação nos processos educativos, sejam presenciais ou a distância. De acordo com Valentini e Soares (2005), a mediação tecnológica deve permitir que estudantes participantes, mesmo separados pela distância e pelo tempo, estabeleçam um diálogo, e promovam a construção do conhecimento pelos meios virtuais de aprendizagem.

Neste contexto a tecnologia, na dimensão da mediação tecnológica da EaD, não deve ser considerada apenas, como um simples instrumento ou ferramenta. Mas, que deve se ser visto como aglutinador em conjunto com o estudante que combinados formam o fim único, ou um ser combinado, o qual pode realizar uma atividade impossível para os dois em separado.

Na medida em que:

Precisamos explorar as potencialidades dos recursos computacionais nas situações de ensino-aprendizagem e evitar o deslumbramento que tende a levar ao uso mais ou menos indiscriminado da tecnologia por si e em si, ou seja, mais por suas virtualidades técnicas do que por suas virtudes pedagógicas. (BELLONI, 2003, p. 73).

Concebe-se assim, que os processos de mediação tecnológica na modalidade a distância, podem permitir ou não, segundo a concepção epistemológica, suporte para os processos educacionais interativos.

Destaca-se neste sentido, de que este processo mediador, tem sua relevância para esta pesquisa, no sentido, de que contribua com considerações e

⁵ Brito e Purificação (2006, p. 19), com base em Sancho (1998), classificam as tecnologias em três grandes grupos: Físicas – são as inovações de instrumentais físicos, tais como: caneta esferográfica, livro, telefone, aparelho celular, satélites, computadores; Organizadoras – são as formas de como nos relacionamos com o mundo e como os diversos sistemas produtivos estão organizados; Simbólicas - estão relacionadas com a forma de comunicação entre as pessoas, desde o modo como estão estruturados os idiomas escritos e falados até como as pessoas se comunicam.

significados que possibilitem dialogar com as compreensões remetidas pelos estudantes desta modalidade.

Cabe ainda, considerar relevante que esta aproximação da teoria e da prática deste processo, seja ampliada pelas considerações de Steiner e Vygotsky, no que tange propiciar a este estudante desenvolver sua criticidade, autonomia e a apropriação do conhecimento.

É importante destacar que acreditar que o uso das tecnologias, por si só, é a realização de mediação na educação, é um “tremendo” erro. Conforme destaca Dowbor (2001, p. 09), “[...] não se pode continuar a repetir velhos enganos, na medida em que tecnologia sem a educação, conhecimentos e sabedoria não nos permitem organizar o seu real aproveitamento e apenas nos levam a fazer as mesmas coisas.”

A mediação tecnológica exige uma mudança na concepção de mediação, que precisa repensar os seus caminhos. Pois, é no aprender com o tecnológico e nos ambientes virtuais que o estudante potencializa suas mudanças. Assim, como o próprio mediador (professor- tutor) terá que saber que estes espaços podem ampliar sua atuação e seu ofício. Na medida em que se faz necessário deixar as práticas transmissivas e disponibilizar-se para o diálogo:

Deixa de ser um mero transmissor de saberes. Deverá converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências e memória viva de uma educação que, em lugar de aferrar-se ao passado (transmissão), valoriza e possibilita o diálogo entre culturas e gerações. (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 23 apud SILVA, 2002, p. 70).

Para tanto cabe evidenciar uma mediação tecnológica, que propicie o conhecimento, por meio de ambientes digitais e interativos de aprendizagem, os quais buscam romper com as distâncias espaço-temporais e priorizam a disseminação de informações e tarefas que promovam a interiorização de conceitos construídos que irão compor a prática educativa da modalidade a distância.

Devemos observar também que vivemos em uma sociedade tecnologizada. No cotidiano do homem do campo ou do homem urbano, ocorrem situações em que a tecnologia se faz presente e necessária. Assumimos, então, educação e tecnologia como ferramentas que pode proporcionar ao sujeito a construção de conhecimentos, preparando-o para saber criar artefatos tecnológicos, operacionalizá-los e desenvolvê-los. Ou seja, estamos em um mundo em que as tecnologias interferem no cotidiano, sendo relevante, assim, que a educação também envolva a democratização do acesso ao conhecimento, à produção e à interpretação das tecnologias. (SAMPAIO; LEITE, 1999, apud BRÍTO; PURIFICAÇÃO, 2008, p. 23).

Para autores como Coutinho (2009); Maia e Matar (2007); Godoi (2009, 2013); Almeida (2009), a tecnologia pode ser vista como recursos incalculáveis para inovar e viabilizar a educação para milhões de estudantes deste sistema.

Como destaca Lévy (1996), o ambiente de aprendizagem com a inserção da tecnologia, permite agregar à educação maiores probabilidades de um ensino dinâmico, rápido e objetivo entre seus participantes. No entanto, vale ressaltar que apesar de os benefícios do uso das tecnologias na modalidade a distância ser "incalculável", esta ferramenta de acordo com Almeida (2003), não é suficiente para definir a concepção educacional.

Então, esta pesquisa irá buscar elementos que contribuam para compreender como a tecnologia pode ou não, viabilizar os processos de aprendizagem e comunicação na EaD.

Além de propiciar elementos que repensem os processos de mediação tecnológica que se baseiam em recursos mediáticos que permitam a comunicação e o desenvolvimento cognitivo do estudante.

Pois, a comunicação é uma necessidade humana e como tal, lançamos mão diariamente das mais diversas tecnologias para nos relacionarmos melhor na troca de informações, no registro dos fatos, nas demonstrações dos sentimentos e nas expressões das ideias.

E, em se tratando do processo de educação e comunicação, na modalidade a distância, as possibilidades tecnológicas surgem facilitando a aprendizagem, através da oferta do conhecimento pela Mediação Tecnológica.

As mídias há muito tempo abandonaram suas características de mero suporte tecnológico e criaram suas próprias lógicas, suas linguagens e maneiras particulares de comunicar-se com as capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas, intuitivas e comunicativas das pessoas. (KENSKI, 2004, p. 22).

Com base nesse pensamento de Kenski (2004), cabe destacara amplitude e a aplicabilidade da mediação tecnológica na educação a distância, como uma proposta que contribui e facilita o desenvolvimento de competências e habilidades dos discentes.

Neste sentido Belloni (2005), destaca que a adoção dos recursos tecnológicos na prática educativa requer um planejamento, cuja metodologia esteja centrada na realidade da vida e no social.

Então, o que se pode perceber inicialmente, é que há uma ponte estabelecida entre as práticas pedagógicas e o mundo virtual das tecnologias que viabilizam os processos de aprendizagem.

Aprendizagem esta que não se limita à mera “transmissão” dos conteúdos por meios midiáticos, mas uma aprendizagem desenvolvida através de uma postura metodológica que se insere na vida dos alunos e os liga ao contexto tecnológico de acordo com Trindade (1992; 1997) e Blandin (1990).

Uma proposta de EaD adequada deveria, então, integrar, em um conjunto coerente e consistente de materiais e estratégias, conteúdos e metodologias de ensino que levassem em consideração as seguintes grandes variáveis, cujas características fundamentais são: autonomia do aluno adulto, capaz de gerir seu próprio processo de aprendizagem; novas funções e características do professor (transformação da função docente de rotineiramente individual em necessariamente coletiva); mediatização intensiva do processo de ensino e aprendizagem, com a integração cada vez maior dos meios de informação e comunicação digitalizados e teletransmissores; e flexibilidade institucional e pedagógica, o que requer muita inventividade e instituições competentes e não-corporativas. (BELLONI, 2005, p. 193).

Evidentemente “[...] compreender o valor funcional das TIC como instrumento de ação pedagógica, importa refletir sobre os sentidos pedagógicos da utilização destas tecnologias.” (TRINDADE, 2014, p. 217).

A discussão do uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação ou mídias está uma determinada concepção de relação ensino-aprendizagem fundamentada em abordagens que hoje se estabelecem hegemonicamente no discurso educacional.

Em suma, as abordagens que se apresentam é a de que a TIC possibilita uma interatividade espontânea, quase “natural” da relação estudante-máquina, além é claro das possibilidades trazidas com a internet que facilitam o diálogo entre pessoas, mediado pela máquina, e com a própria máquina.

No entanto, cabe destacar conforme Espinosa (1993), que se deve levar em conta que o ensino ao se utilizar da tecnologia, não é "natural", pois a sua utilização precede de planejamento, considerando a necessidade de ensinar a utilizá-los, o que implica conhecer a linguagem, decodificar os códigos, bem como se familiarizar com os ambientes virtuais que irão implicar nos processos de mediação do conhecimento.

E ao não se dar conta de suas possibilidades e limitações, pode-se cair na contradição de não ter a tecnologia como uma oportunidade de inovar os processos de ensino-aprendizagem, mas a possibilidade da desvalorização deste recurso, pois a tecnologia deve estar fundamentada em "[...] uma troca de informações e pontos de vista", "[...] diálogo, ação e contestação, e não mero assimilar passivo de informações despejadas ininterruptamente pelos meios de comunicação de massa sobre os espectadores passivos." (DUARTE JR, 2010, p. 88-89).

É importante não nos esquecermos de que a tecnologia possui um valor relativo: ela somente terá importância se for adequada pra facilitar o alcance dos objetivos e se for eficiente para tanto. As técnicas não se justificam por si mesmas, mas pelos objetivos que se pretenda que elas alcancem, que no caso serão de aprendizagem. (MASETTO, 2009, p. 144).

A TIC mal empregada ou por excesso de utilização ou por ser planejado seu uso como adorno para a aula para se tornar esteticamente mais interessante, pode ser tão tradicional e ineficaz quanto uma palestra em que o professor fala ininterruptamente por horas. (BRITO e BUENO, *et al.*, 2012 p.11).

Pelo aqui exposto, cabe por sua vez demonstrar que o uso das tecnologias na modalidade a distância, pode em contra partida, quando bem dimensionada ser um dispositivo propulsor de inúmeras práticas e técnicas relevantes em que de acordo com Demo (2009) e Moran (2009), incentivam e promovem a aprendizagem do discente, pois o "[...] valor da tecnologia não está nela em si mesma, mas depende do uso que dela fazemos." (COSCARELLI, 2006, p. 46).

E, neste sentido pode-se levar em conta, a ideia da autonomia do aprendente, que seria decorrente do uso dessas mesmas tecnologias que permitem a busca do conhecimento, em uma concepção, em que se pesem seus aspectos progressistas, como estabelecer o estudante como autor de sua história, ou seja, o centro da construção de seu próprio conhecimento: a sua autonomia como sujeito aprendente.

[...] O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar a lógica superior, ou comportamento superior com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica. (VYGOTSKY, 1998, p. 73).

Assumir, portanto, esta discussão é considerar que a mediação tecnológica poderá promover um pensar sobre o trabalho na educação, na medida em que se trabalhe com os conhecimentos de forma contextualizada, ou seja, com conhecimentos que contribuam com a formação de cidadãos capazes de dar respostas às necessidades de uma sociedade em constante transformação.

Assim sendo, e estabelecendo que as ferramentas tecnológicas possam ser vistas como aliadas da educação, mas sem esquecer que é preciso reconfigurar as metodologias didáticas tradicionais, além de prover novas oportunidades de ensinar e aprender na perspectiva de que uma nova educação seja construída.

O advento das tecnologias de informação e comunicação (TIC) reavivou as práticas de EaD devido à flexibilidade do tempo, quebra de barreiras espaciais, emissão e recebimento instantâneo de materiais, o que permite realizar tanto as tradicionais formas mecanicistas de transmitir conteúdos, agora digitalizados e hipermediáticos, como explorar o potencial de interatividade das TIC e desenvolver atividades à distância com base na interação e na produção de conhecimento. (ALMEIDA, 2003, p. 303).

Desta maneira, não há como separar a tecnologia e suas estreitas relações com a modalidade a distância, pois a inserção da tecnologia nesta modalidade contribui de forma significativa para os processos de ensino-aprendizagem, na medida em que "[...] permite que o espaço e o tempo de aprendizagem sejam ampliados e o conceito de ensinar tome, por conseguinte, novas proporções." (ARAÚJO e MARQUESI, 2009, p. 358). Promovendo e facilitando a interação, e a participação do estudante, melhorando assim a aprendizagem

Para Lévy (1993, p. 40) "[...] quanto mais ativamente um pessoas participar da aquisição do conhecimento, mais ela irá integrar e reter aquilo que aprender."

É importante que as informações e os materiais sejam usados de modo intencional, não aleatório e tecnologicamente orientado nas atividades de ensino-aprendizagem, pois não possuem um valor de per si. Sua possível relevância e significação existe em função: dos propósitos (intencionalidade), das concepções norteadoras das ações da importância que possam exercer para a aprendizagem, pois intermediam os sujeitos (professor-alunos-comunidade) e o conhecimento, organizados em dado contexto. (MAIA, 2003, p. 136).

Neste contexto, cabe destacar que tendo em vista, os inúmeros recursos que a mediação tecnológica permite por meio das ferramentas tecnológicas, refletir e redefinir possíveis contribuições para a prática educativa, dando assim, ao ato de educar uma visão mais ampla, que permita por meio das ferramentas tecnológicas, tornar o ambiente educacional propício ao aprendizado, pois "[...] aprender é planejar; desenvolver ações; receber, selecionar e enviar informações; estabelecer conexões", "[...] permitindo estabelecer múltiplas e mútuas relações, retroações e recursões, atribuindo-lhes um novo sentido que ultrapassa a compreensão individual." (ALMEIDA, 2003, p. 335).

Assumir, portanto, que não basta apenas refletir sobre as formas de tecnologia e suas consequências para a educação, em especial para a educação a distância.

Mas que se deve estar aberto ao potencial destes recursos, frente as possibilidades de mudanças no contexto educacional que possibilitam, em um sentido mais amplo, que a realidade seja vista de uma forma diferente, abrindo-se espaço para o novo e rompendo com velhos paradigmas, na medida em que isto poderá se constituir em uma verdadeira educação.

Pois a, "[...] mediação é um processo essencial para tornar possível, as atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo." (OLIVEIRA, 2002, p. 33), e ainda conforme afirmou Wertsch (1998), a mediação exige mudanças nos modos de aprender e de ensinar.

O que se observa, portanto, neste contexto da mediação tecnológica é a necessidade de rever à realidade e transformar educandos passivos em sujeitos questionadores e livres para fazerem suas escolhas, ou seja, "[...] liberdade não é uma escolha arbitrária e sem ordem, mas sim a capacidade de ter a causa ordenadora em si mesmo." (STEINER, 2008, p. 17).

Compreende-se, assim que possibilitar ações para a autonomia dos estudantes é sem dúvida, um trabalho árduo, por isso é fundamental buscar novos diálogos para assim obter a transformação de simples indivíduos passivos em sujeitos capazes, dinâmicos, criativos e ávidos pela construção do conhecimento tão necessário nos processos da educação a distância.

Pois, a constatação desta necessidade, não pode ser vista apenas como uma ferramenta, mas como potencializadora de um processo formativo

transformador para este estudante de EaD, na medida em que busca efetivamente nos processos pedagógicos e tecnológicos, construir uma educação comprometida na transformação deste sujeito, em que não se pode oferecer um único caminho, uma única concepção, mas caminhos infundáveis para que o verdadeiro conhecimento seja construído e reconstruído.

[...] como um contexto que estimule os seus alunos a apropriar-se e a construir, de uma forma progressiva, o seu patrimônio pessoal de metacconhecimentos, ou seja, de conhecimentos sobre o modo como adquire, gere, utiliza e alarga o seu campo de saberes. (COSME e TRINDADE, 2001, p.13).

Em síntese, a mediação tecnológica pode participar do processo de construção do conhecimento no sentido de compor o processo de ensino-aprendizagem, na medida em que os recursos tecnológicos estão à serviço destes, intermediando as relações de forma contextualizada e articuladas ao processo educativo, pois a tecnologia "[...] não melhora a essência do que se ensina e sim a forma de transmiti-la. Assumir o emprego de tecnologias educacionais favorece a revisão da prática convencional. (SOARES, 2006, p. 39).

Então cabe salientar a importância de compreender a relação ensino-aprendizagem e a mediação tecnológica, no que tange promover a apropriação criativa das TIC, de forma a permitir que o estudante da modalidade a distância se torne um usuário criativo dos artefatos tecnológicos, e não seja dominado por eles.

Deve-se assim, ir além de uma visão tecnicista em que a tecnologia e o seu papel mediador, conforme apregoam Belloni E Subtil, (2002), vai além da simples transferência de informação, na medida em que a relação estabelecida entre estudante e tecnologia, é propulsora de transformação de ideias, sentimentos, atitudes e de sentidos entre esses sujeitos, com o uso dos "objetos midiáticos" ou "múltiplas mídias articuladas".

[...] a tecnologia educacional, sabiamente, não se reduz à utilização de meios. Ela precisa necessariamente ser um instrumento mediador entre o homem e o mundo, o homem e a educação, servindo de mecanismo pelo qual o educando se apropria de um saber, redescobindo e reconstruindo o conhecimento. (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2006, p. 31).

Cabe, então, compreender que a mediação tecnológica poderá favorecer a formação de outras práticas sociais e culturais e educacionais que recriem os significados da aprendizagem.

Neste sentido, apregoa Moran (2009, p. 27), "[...] as tecnologias nos ajudam a realizar o que já fazemos ou desejamos. Se somos pessoas abertas, elas nos ajudam a ampliar a nossa comunicação; se somos fechados, ajudam a nos controlar mais. Se temos propostas inovadoras, facilitam a mudança."

Portanto, ao termo consciência do papel da tecnologia como mediadora, que colabora no sentido da construção de novos saberes que ampliam as possibilidades de comunicação e interação com o mundo, e que quando efetivamente são utilizadas de forma significativa, para refletir, criticar e analisar o próprio contexto histórico, no sentido de permitir ao sujeito, aqui inserido, encontrar vistas há superação, construção e melhoria de sua própria história.

Ou seja, a mediação tecnológica na modalidade a distância, deve ser entendida como um contexto que se defina como uma forma de "[...] estimular os seus alunos a apropriar-se e a construir, de uma forma progressiva, o seu patrimônio pessoal de metacconhecimentos, ou seja, de conhecimentos sobre o modo como se adquire, gere, utiliza e alarga o seu campo de saberes." (COSME; TRINDADE, 2001, p. 13).

Considera-se, portanto, que a mediação tecnológica poderá permitir ao estudante processar informações e lidar com os novos estímulos que a tecnologia impõe, possibilitando, assim novas experiências e situações nas quais este sujeito vivencie e estabeleça relações entre o seu cotidiano e os novos conhecimentos.

Tão logo o homem se apercebe dos objetos a sua volta, ele os considera em relação a si mesmo e com todo direito, pois todo o seu destino dependerá do fato deles lhe agradarem ou não, deles o atraírem ou lhe causarem repulsa, de lhe serem úteis ou prejudiciais. (GOETHE, 1981, p. 133, apud STOLTZ, 2010).

A constatação destas ideias na EaD, oportuniza refletir e desenvolver teorias que superem os modelos instrucionais e behavioristas, que acreditam que a relação máquina-homem basta para que ocorra a instrução. Pois, na verdade o que se busca nesta modalidade nada "convencional", é a superação desta condição "instrucional", e vislumbrar que outras correntes filosóficas e pedagógicas podem

contribuir para compreender a complexidade desta modalidade e permitir novos caminhos.

Neste sentido, deve-se compreender que uma das condições *sinequa non* desta modalidade, sem dúvida perpassa, como já foi apontado nesta pesquisa, pela condição da autonomia deste estudante, que conforme Silva (2004), não se trata de um saber pautado apenas na teoria, e sim em um saber relativo a conhecer a si próprio, ou seja, compreender o seu próprio processo de aprendizagem, suas facilidades e dificuldades, para que ocorra a aprendizagem e o conhecimento.

Para Stoltz e Weger (2012), o conhecimento não é o ato através do qual o sujeito se vê transformado em objeto, em que recebe dócil, e passivamente os conteúdos que o outro lhe impõe.

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em relação ao mundo que o rodeia, e este necessita de sua ação transformadora sobre a realidade.

E neste sentido, cabe perceber que a modalidade a distância, e o processo de ensino-aprendizagem desta, exigem a reflexão deste aluno sobre as suas fontes de conhecimento.

Pois, na maior parte do tempo o ensino na modalidade a distância, não ocorre presencialmente, mas virtualmente.

Saímos do contato físico para o contato virtual, vencendo barreiras de espaço e tempo, então cabe compreender, como aponta Steiner (2000, p. 72), que "[...] o pensar e o perceber são as únicas fontes diretas do conhecimento", para este estudante que busca o aprender a aprender, além dos limites de uma sala de aula convencional.

Esta demanda, uma busca constante, implica na invenção e reinvenção dos modelos de ensinar e aprender, pois não há homem isolado, também não há pensamento isolado, uma vez que todo o ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo e a comunicação entre ambos.

Assim, Steiner (2000), destaca que este estudante pode ser pensado como um sujeito que deve assumir a si mesmo, como uma matéria a ser transformada por sua própria responsabilidade, na medida em que "[...] a natureza faz do homem um

mero ser natural; a sociedade, um ser que age conforme leis; um ser livre somente ele pode fazer de si mesmo.” (Steiner, 2000, p. 119).

[...] não pode existir nem na natureza, nem na sociedade, nenhum objeto que neste sentido [...] não seja mediado, não seja resultado de mediações. Desse ponto de vista a mediação é uma categoria objetiva, ontológica, que tem que estar presente em qualquer realidade, independente do sujeito. (LUKÁCS, 1979, p. 90).

Neste sentido, diante das ideias expostas, em que a educação mediada pelo uso das tecnologias, poderá permitir a reflexão, não apenas para a necessidade da atuação do sujeito sobre ele próprio, mas ir além, e compreender que este indivíduo não se encontra sozinho com ele mesmo, mas faz parte de um contexto, no qual seu conhecimento, além de estar pautado em "sua própria responsabilidade" deve conceber na experiência social, na interação na linguagem e na ação à aprendizagem.

A escola aparece como elemento mediador na apropriação, pelo indivíduo, do saber historicamente acumulado ao longo do desenvolvimento da humanidade. Nessa perspectiva teórica, assume um papel primordial, pois “a instituição escolar foi criada para desempenhar uma função: a de comunicar às novas gerações os saberes socialmente produzidos, aqueles que são considerados, em um determinado momento histórico, válidos e relevantes.” (LERNER, 1996, p. 95 apud CORREIA; LIMA, 2001, p. 559).

Há de se compreender que o estudante que decidir se engajar em cursos a distância, deverá se apropriar de responsabilidade, participação, disciplina e motivação para que efetivamente tenha sucesso e alcance os seus objetivos na obtenção do conhecimento.

Ou seja, vencer os desafios de aprender a aprender e desenvolver, a autonomia necessária para alcançar o sucesso nesta modalidade. Já que, pode-se apontar como pressuposto que a aprendizagem é pessoal e intransferível, e o fator "mediação", se insere como propulsor, para que este sujeito crie novas oportunidades e construa o seu próprio conhecimento.

Destaca neste sentido Steiner (2000, p. 162), que “o homem é capaz de desenvolver, em si, propriedades e funções cuja origem estão nele mesmo. Os seus atributos genéricos lhe servem, então, como meio para exprimir a sua entidade individual.”

Então, a educação, e em especial a EaD, devem considerar como afirma Pacheco (1996, p. 86), a necessidade de atentar-se para à “valorização da individualidade do sujeito, da sua cognição, das atitudes, dos valores, ao respeito pelas diferenças individuais e à procura de um desenvolvimento global e contínuo.”

Pois, o "saber" envolve conhecimentos necessários à execução de uma prática, em que o estudante seja capaz de executá-la, e saiba “saber fazer”.

Portanto, fica claro que, ao conhecimento, alia-se a habilidade do indivíduo em que Martins (2010, p. 135), entende se deve “[...] fundamentar a educação no sujeito que aprende ser uma condição básica para a construção de uma nova cultura sobre o ato educativo.”

Assim, o aluno deve ser conscientizado de que se trata de um processo de construção e reconstrução do saber, como afirma Becker (2000), pois as modificações deverão ser efetuadas a partir de sua determinação, que sempre está a exigir a maturidade e responsabilidade.

E não se deseja, neste sentido, que a tecnologia venha dicotomizar os processos de construção deste "saber", mas que este seja visto como mediador dos processos de aprendizagem e conhecimento para este estudante que estão determinados a construir o seu conhecimento.

O uso inovador da tecnologia aplicada à educação, e mais especificamente, à Educação a Distância deve estar apoiado em uma filosofia de aprendizagem que proporcione aos estudantes a oportunidade de interagir, de desenvolver projetos compartilhados, de reconhecer e respeitar diferentes culturas e de construir o conhecimento. (BRASIL, 2007).

Deve-se, portanto, considerar que a tecnologia é um desafio para o estudante, e utilizar-se desta ferramenta, não é a garantia de um aprendizado consciente.

Mas, sem dúvida, a tecnologia, pode sim ser utilizada para mediar e impulsionar este sujeito, respeitando suas as especificidades e individualidades, na medida, em que a unidade, tão necessária ao novo “mediar tecnológico” estará contextualizado, em contribuir para que o ensino seja um processo construtivo, agradável, desafiador e estimulante para este estudante.

É preciso, portanto, conceber uma visão que compreenda o fenômeno educativo e os processos que envolvem o ensino e a aprendizagem na modalidade

a distância, neste caso os processos de mediação pedagógica e mediação tecnológica, que permitam estabelecer e retomar parâmetros que contribuam para o conhecimento e o desenvolvimento humano deste estudante.

Assim, esta pesquisa busca por meio de sua metodologia o pressuposto orientador que esteja intrinsecamente vinculado à concepção de realidade deste estudante, ou seja, à concepção da relação homem-mundo e a busca por sua autonomia e liberdade.

Mais especificamente, a ênfase se coloca em compreender a relação entre a mediação pedagógica e a mediação tecnológica na educação a distância, buscando investigar sentidos e significados de estudantes de EaD sobre a mediação pedagógica e tecnológica.

Buscando na possibilidade de diálogo entre a perspectiva de Vygotsky e a de Rudolf Steiner identificar a compreensão da mediação pedagógica e da mediação tecnológica na EaD, apresentando assim, diretrizes norteadoras de um novo olhar na educação a distância à partir deste estudo.

7 DIÁLOGOS COM STEINER E VYGOTSKY

Este capítulo busca estabelecer como questão central, a possibilidade de diálogo entre Rudolf Steiner e Lev Vygotsky, como objetivo de apresentar um olhar que possa contribuir para compreender os processos de mediação na educação, na medida em que o objetivo desta tese se faz em compreender a relação entre mediação pedagógica e mediação tecnológica na educação a distância.

Longe de indicar soluções prontas para as questões da educação e em especial para a educação a distância, busca-se na filosofia antroposófica de Steiner e na teoria histórico-cultural de Vygotsky um diferente olhar que contemple a concepção de ver o homem e o mundo, no sentido de se reconhecer como autor e protagonista de suas transformações por meio do conhecimento.

Deve-se, ainda, destacar que tanto Steiner, quanto Vygotsky não tiveram nenhum contato com as novas tecnologias, mas que suas contribuições tem se revelado atuais e se identificam com as questões inerentes da educação, e aos processos de mediação que influenciam a aprendizagem e o desenvolvimento do estudante, sejam estes da modalidade presencial como a distância.

A compreensão que norteia o caminho para a teoria cognitiva de Steiner, procura ir além do raciocínio puramente intelectual e materialista ao qual estamos acostumados, seja na escola, seja na sociedade. O que Steiner busca é uma reflexividade científica, que possibilite uma ampliação da capacidade de autointerrogação do homem por meio de seu pensar que lhe permita ascender ao conhecimento.

Uma busca séria por conhecimento só poderá interessar, de fato, pelo mundo dado como representação, se este último for o meio para investigar indiretamente o mundo do eu existente em si. Se os conceitos de nossa experiência fossem apenas representações mentais, então a nossa vida prática equivaleria a um sonho e o reconhecimento do verdadeiro estado de coisas, ao acordar. (STEINER, 2000, p. 64)

A educação pensada na filosofia antroposófica difere da educação tradicional de nossas escolas, pois esse modelo procura desenvolver no indivíduo o sentir, o observar, o pensar e o agir no mundo, de uma maneira que não esteja limitado ao que pode ser apreendido pelo pensamento, mas que leve à apreensão universal do mundo, pois "[...] há mais coisas presentes em nossa experiência do

que simples sentidos, ou seja, foi nossa relação com o mundo que nos formou como seres vivos e observadores." (STEINER, 2005, p. 80), e é por meio desta relação que o indivíduo passa a construir e ser construído por esta realidade.

A natureza faz do homem um mero ser natural; a sociedade, um ser que age conforme leis; um ser livre somente ele pode fazer por si mesmo. A natureza abandona o homem em determinado estado de sua evolução; a sociedade o conduz alguns passos adiante; o último somente ele pode dar a si mesmo. (STEINER, 2000, p. 118-119).

Assim, o desafio que Steiner propõe é a possibilidade de o indivíduo, por meio de sua relação com o mundo, com o outro e com ele mesmo, desenvolver condições que lhe permitam o desenvolvimento de uma liberdade ética, ou seja, "[...] o que importa não é, se posso ou não realizar uma decisão, mas como a decisão surge em mim "[...] interna, fruto do pensar, de uma capacidade racional." (Steiner, 2000, p. 21). O termo ética, fala a respeito da concordância com a essência, neste sentido, a lógica interna está em acordo com a lógica externa.

A fim de estabelecer um diálogo, apesar das bases filosóficas distintas, cabe destacar o pensamento no materialismo histórico de Vygotsky, que tem como foco a "dimensão psicológica do ser humano" que busca compreender o homem por meio de sua condição histórica, do lugar que ocupa nesse contexto, bem como do que ele significa e de como é significado pelos demais sujeitos com os quais se relaciona, o que se configura em expressão não de um sujeito em si, mas da própria história humana.

Ou seja, é um processo de construção determinado por condições socioculturais e históricas, na medida em que a ação do outro sobre cada sujeito que aprende é fundamental, não só como incentivadora e construtora do ser, mas como ponte indispensável entre este e a realidade.

O processo pelo qual o indivíduo internaliza a matéria-prima fornecida pela cultura não é, pois, um processo de absorção passiva, mas de transformação, de síntese. Esse processo é, para Vygotsky, um dos principais mecanismos a serem compreendidos no estudo do ser humano. É como se, ao longo de seu desenvolvimento, o indivíduo "tomasse posse" das formas de comportamento fornecidas pela cultura, num processo em que as atividades externas e as funções interpessoais transformam-se em atividades internas, intrapsicológicas. (OLIVEIRA, 1997, p. 38).

Assim, pode-se inferir que tanto Steiner como Vygotsky convergem para os princípios de ação recíproca social, na qual a mediação contribui para os processos do desenvolvimento do sujeito aprendente. Ou seja, a educação, para estes estudiosos, tem como objetivo intervir na realidade do aluno, em que a partir da mediação e da apropriação de novos conceitos, desenvolvem uma nova compreensão da realidade que passa a ser incorporada, repensada, podendo promover a autonomia e o desenvolvimento desses estudantes.

Mas, infelizmente, o que se tem observado nos meios educacionais, é justamente a oposição entre as ideias de desenvolvimento e autonomia do aluno, pois o que se tem observado nos meios educacionais, são situações que contemplam a superfície e não a essência. Pois, hoje educamos indivíduos para reproduzir o que acreditamos ser o ideal, por meio de uma educação pronta e acabada, na qual os processos de mediação acabam por engessar a construção do conhecimento, com professores, métodos e alunos, que não querem “correr perigo” e não estão preparados para perceber, observar e compreender o que está à sua volta.

Se tudo nos fosse apenas dado, nunca passaríamos do estado em que fitamos o mundo de fora e, de forma análoga, o mundo interior de nossa individualidade. Poderíamos, nesse caso, apenas descrever as coisas de fora, mas nunca compreendê-las. Nossos conceitos teriam apenas uma relação exterior com aquilo a que se referem, mas nenhum interior. Para que possa haver verdadeiro conhecimento, tudo depende da possibilidade de encontrarmos em qualquer parte do mundo dado uma região em que nossa atividade não apenas pressuponha algo dado, mas seja ativa em meio a ele. (STEINER, 1985, p. 33).

Temos visto que a instrução e o desenvolvimento não coincidem de forma direta, senão que constituem dois processos que se encontram em algumas relações mútuas muito complexas. A instrução unicamente é válida quando precede o desenvolvimento. Então desperta e engendra toda uma série de funções que se encontram em estado de maturação e permeiam na zona de desenvolvimento próximo. Nisto consiste precisamente o papel principal da instrução no desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1993, p. 243).

Assim, cabe refletir que o conhecimento não é o ato através do qual o sujeito se vê transformado em objeto, em que recebe dócil e passivamente os conteúdos que o outro lhe impõe.

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em relação ao mundo que o rodeia, e este pensamento é compartilhado tanto por Steiner quanto para Vygotsky, ou seja, esta demanda se reflete em uma busca constante, implicando na invenção e reinvenção.

Não há homem isolado, também não há pensamento isolado, uma vez que todo o ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado que mediatiza o primeiro sujeito do segundo e a comunicação entre ambos. Steiner ressalta que “o homem permanece em seu estado imperfeito, a menos que assuma a si mesmo como uma matéria a ser transformada por força própria. A natureza faz do homem um mero ser natural; a sociedade, um ser que age conforme leis; um ser livre somente ele pode fazer de si mesmo.” (2000, p. 119).

Neste sentido, Vygotsky (1998) destaca o homem como parte desta natureza, e sua ação sobre ela irá permitir superar os esquemas de comportamento reflexo deste indivíduo, permitindo que este desenvolva domínios dos meios externos e passe a formar funções psíquicas que irão lhe permitir observar o exterior com ações controladas pelo interior, ou seja, é uma relação internalizada, que considera o domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e pensamento do indivíduo e perpassa para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, tais como a atenção voluntária, memória lógica e formação de conceitos, que são mediadas pela relação do homem com o mundo e com os outros homens. E, é através dessa relação que desafia e estimula os conceitos cotidianos e os conceitos científicos que ocorre o desenvolvimento dos processos psicológicos do indivíduo.

A mediação é uma idéia central para a compreensão das concepções sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico: enquanto sujeito do conhecimento, o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe. A construção do conhecimento se dá através da interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, assim, como no construtivismo e, sim, pela mediação feita pelos outros sujeitos. O outro social pode apresentar-se por meio de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo. (DIAS e LEITE, 2010, p. 56).

Como se pode observar, tanto Steiner quanto Vygotsky destacam um homem que não se faz sozinho no mundo, que necessita do outro e dos elementos

da natureza e da ciência para se desenvolver e ampliar a sua capacidade de compreensão do todo e de si mesmo.

Verifica-se, neste sentido, que o caminho proposto por Steiner em seus estudos para a ampliação da possibilidade cognitiva humana, se revela muito próximo das necessidades da educação atual, e mais especificamente da modalidade a distância, que enfatiza o aluno da EaD como um "[...] sujeito ativo na construção de seu próprio conhecimento" (Nogueira, 2002, p. 78), ou seja, é o aluno quem controla o processo de aprendizagem, frente aos processos de mediação pedagógica e tecnológica.

A ciência seria mera satisfação da curiosidade se não atinasse à elevação do valor da personalidade humana. As ciências adquirem seu valor real somente pela exposição do significado de seus resultados para a vida humana. Não podemos considerar o aprimoramento de uma única faculdade como meta da existência humana, mas sim o desenvolvimento de todas as suas faculdades latentes. O conhecimento possui valor quando contribui para o desenvolvimento integral do homem. (STEINER, 2000, p. 185).

O homem pertence ao mundo, não é um mero espectador, mas o resultado do mundo, parte da articulação deste mundo. Neste sentido, destaca-se que o estudante da EaD não é uma tábula vazia, mas um ser que já possui conhecimentos, conceitos e necessidades que devem ser consideradas frente aos processos de mediação, sejam estes pedagógicos e/ou tecnológicos, nos quais o homem deve estabelecer as leis de seu próprio agir, que foram construídas pelo conhecimento e que poderão lhe permitir a sua autonomia e, como enfatiza Steiner, o conhecimento é o desenvolvimento do compreender e aprender real que irão lhe possibilitar o apoderamento de sua liberdade.

O conhecimento científico é o caminho pelo qual nós podemos relatar o mundo por meio do desenvolvimento de nossa atividade interna. Com isso, nós estamos estabelecendo um relacionamento particular com a natureza e definindo nossa própria postura. Quando nos aprofundarmos nos pensamentos de Rudolf Steiner, talvez encontraremos, para nossa surpresa, que a atividade científica não revela nossa passividade frente aos 'fatos' definidos da natureza, mas nosso próprio processo de vida, de conhecimento, o desenvolvimento livre do nosso eu. (STEINER, 2005, p. 21).

Ou seja, para Steiner, o conhecimento científico deve possibilitar o empoderamento de nossa própria racionalidade, do nosso próprio pensamento, da

nossa liberdade. E para que este estado de liberdade ocorra, é essencial que nos conscientizemos de nossa própria vivência cognitiva, do pensar sobre o pensar como um elemento que contribua para o conhecimento como um todo.

No entanto, cabe salientar que esta racionalidade, na visão de Steiner, não deve suplantar o pensar intuitivo, mas que estes: a razão e a emoção, devem coexistir mutuamente, pois "[...] se uma decisão racional se impuser igual à fome e à sede, ou seja, sem a minha participação ativa, então só me resta segui-la coagidamente, e a minha liberdade é uma ilusão." (STEINER, 2000, p. 19).

Cabe salientar, portanto, que a questão da liberdade para Steiner se estabelece quando o indivíduo compreende que ele mesmo é o senhor de sua ação, pois esta liberdade está na ação realizada pelo indivíduo, que encontrou a lei dentro de si próprio.

Vale continuar a examinar que a liberdade, em Steiner, refere-se a um processo de autodeterminação da consciência, à atividade pensante, e que pressupõe um desenvolvimento da consciência que supera os limites apresentados na trivialidade do cotidiano.

Essas questões estão explicitamente ligadas às concepções da modalidade a distância, que entende a EaD como uma educação que deve permitir o conhecimento, o pensar e a formação humana deste indivíduo, não como uma instrução programada e acabada. Mas como um processo que possibilite a ampliação da capacidade de pensar e compreender o mundo à sua volta, "[...] entendendo que um projeto de educação, traz em sua base, sempre, uma compreensão de mundo." (ALONSO, 2005, p. 18), e onde esta compreensão deverá permitir um aluno ativo, capaz de superar os seus limites, pois "[...] sou livre se eu mesmo produzo o móbil da minha ação e não executo apenas o que o outro ser me inculcou." (STEINER, 2000, p. 139).

Desta maneira, considero que os processos educacionais, e em destaque os processos mediadores do conhecimento da modalidade a distância, devem possibilitar ao estudante o desenvolvimento de sua cognição como um processo ativo de seu pensar, ou seja, permitir que o conhecimento reflita uma outra forma de entender a realidade que nos rodeia, que envolva os sentimentos e as ações.

Pois, cabe aos processos de mediação na educação, promover a construção do conhecimento, que se realizam de forma conjunta, na medida em

que estes processos devem ser olhados não como momentos de ações isoladas, mas como momentos convergentes entre si, em que todo o desencadear das trocas, colabora para que se alcancem os objetivos traçados e planejados pelo sistema educativo e para o desenvolvimento da própria autonomia e consciência deste estudante de EaD.

Para Steiner, a educação segue os princípios da fenomenologia do desenvolvimento da consciência, porque dentro deste desenvolvimento encontra-se o processo para a liberdade do ser humano. E esta liberdade, considerada por Steiner, refere-se a um processo de autodeterminação da consciência, à atividade pensante que pressupõe um desenvolvimento da consciência que supera os limites apresentados na trivialidade do cotidiano, permitindo a este indivíduo estabelecer as leis de seu próprio agir, ou seja, as leis que estabelece a si mesmo, não aceitando apenas o que é externo a ele, mas tomando o conhecimento como ponto de partida para que estabeleça seus próprios princípios.

A manifestação para os sentidos revela algo diferente do que para a ótica conceitual. O estar-diante-de-mim mental da outra pessoa acontece paralelamente à sua anulação como mera aparência sensorial, e o que ela expressa no momento dessa anulação me obriga a suspender o meu pensar enquanto ela se expressa, cedendo assim o espaço da minha atenção para a articulação do pensar dela. O pensar da outra pessoa se torna vivência para mim no âmbito do meu pensar, como se fosse o meu próprio pensar. Aí, eu efetivamente percebi o pensar alheio, pois a manifestação aos sentidos, que se anula diante da minha observação, é permeada por meu pensar no âmbito da minha mente. Nesse processo, o pensar do outro se coloca no lugar do meu próprio pensar. (STEINER, 2000, p. 178).

Hoje ninguém deve ser obrigado a compreender. Não exigimos aceitação de quem não sente uma necessidade pessoal para adotar uma determinada convicção. Igualmente não queremos inculcar conhecimentos à criança, mas queremos desenvolver suas faculdades para que ela queira compreender por conta própria e não precise ser obrigada a compreender. (STEINER, 2000, p. 184).

Assim, retoma-se Vygotsky, que também enfatiza a importância da mediação e do conhecimento para o desenvolvimento de um elevado grau de consciência, pois, "[...] não é a realidade que simplesmente 'se reflete' na consciência, mas também o indivíduo que a reconstitui ativamente e nela interfere, produzindo uma nova versão da realidade externa e das próprias vivências." (TOASSA, 2006, p. 72-73).

Ora, o que se pode perceber, é que estes estudiosos, apesar de serem de tempos e de teorias diferenciadas, se encontram em vários pontos de suas concepções.

Considerando, ainda, as questões que visam o desenvolvimento da consciência por meio do pensamento de Vygotsky, cabe a percepção de que para Vygotsky (1996), a educação deve ter como objetivo a autorregulação, que é uma função psicológica superior, socialmente construída e dependente do domínio, pelo aluno, de instrumentos culturais específicos, a qual irá implicar no desenvolvimento da consciência.

A consciência é sempre consciência socialmente mediada de alguma coisa. (VYGOTSKY, 1928, 1933,1996): é a própria relação da criança com o meio, e, de modo tardio, da pessoa consigo própria. (LURIA, 1988). A consciência não é sistema estático, mecanicista: relaciona-se ao desenvolvimento da conduta voluntária. (TOASSA, 2006, p. 72).

Nesse sentido, o importante no processo educacional mediado, é a formação da consciência que enfatiza que a relação ensino e aprendizagem é um fenômeno complexo, pois diversos fatores de ordem social, política e econômica interferem na dinâmica da sala de aula, isto porque a escola não é uma instituição independente que está inserida na trama do tecido social. Mas, é permeada por interações que se estabelecem e englobam o universo acadêmico, e revelam facetas do contexto mais amplo, em que o ensino amplia os processos cognitivos e a consciência do estudante.

A própria consciência ou a tomada de consciência dos nossos atos e estados, deve ser interpretada como sistema de transmissores de uns reflexos a outros que funcionam corretamente em cada momento consciente. Quanto maior seja o ajuste com que qualquer reflexo interno provoque uma nova série em outros sistemas, mais capazes seremos de prestar-nos contas de nossas sensações, comunicá-las aos demais e vivê-las (senti-las, fixá-las nas palavras etc). (VYGOTSKI, 1991, p. 3)

Este processo expressa-se pelo uso intencional de estratégias de domínio de funções mentais de memória como ações autoconscientes e essenciais aos processos de aprendizagem. Estratégias estas que são caracterizadas por Rosário; Perez; Gonzáles Pienda (2004) como ações deliberadas para alcançar objetivos específicos; como ações que correspondem às respostas pessoais relativas às tarefas a serem realizadas e não a um guia pré-estabelecido; como processo

flexível de seleção e aplicação que se adéqua à tarefa e que implica tanto recursos cognitivos quanto recursos motivacionais, e como processos que devem ser aplicados a diferentes tipos de tarefas escolares para facilitar sua transferência.

Neste sentido, cabe refletir que para Vygotsky, o aprendizado possibilita o despertar de processos internos do indivíduo, que liga o desenvolvimento da pessoa a sua relação com o ambiente sociocultural em que vive. Além de reconhecer que a situação do homem como indivíduo não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie, o que nos leva aos processos de mediação, que se referem ao apoio oferecido pelo outro.

Este apoio, para Vygotsky, se caracteriza no desenvolvimento proximal, que é justamente a capacidade que surge e se desenvolve na partilha com o outro, ou seja, pela mediação.

[...] a transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador [...]. De acordo com a tendência dominante, até recentemente, a psicologia tratou o assunto de um modo demasiadamente simplificado. (VYGOTSKY, 1998, p. 7).

Neste sentido, ao interagir com o outro e com o novo conhecimento, este indivíduo se transforma, pois passa a obter o domínio de formas complexas de conhecimento e a construir significados a partir das informações descontextualizadas que ampliam seus horizontes, na medida em que passa a lidar com conceitos científicos hierarquicamente relacionados, que são atividades extremamente importantes e complexas, que possibilitam novas formas de pensamento, de inserção e atuação em seu meio.

[...] o uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. (VYGOTSKY, 1998, p. 73).

É por meio destas reflexões que este estudo pretende buscar a capacidade criadora de construir, a partir do existente, um sentido que norteie nossa ação enquanto indivíduos que promovem e ampliam os processos da mediação pedagógica e tecnológica na educação a distância. Ou seja, deve-se buscar um equilíbrio nas questões que permeiam a educação, e em especial a educação a distância, que reside na busca de processos que permitam rever e ampliar as

concepções e os métodos utilizados nos processos de ensino aprendizagem da modalidade a distância.

Pois, os processos de educação que pura e simplesmente buscam apenas transmitir valores, acabam por asfixiar o desenvolvimento, a criatividade, a autonomia e a liberdade do estudante de EaD, e estes valores e significados impostos tornam-se, portanto, insignificantes.

A educação é, fundamentalmente, um ato carregado de características lúdicas e estéticas. Nela procura-se que o educando construa sua existência ordenadamente, isto é, uma experiência vivida, que harmoniza experiências e significações.

Uma educação voltada para a realidade existencial do sujeito e fundamentada, nela tem maior significado, pelo fato já visto, de que nossa compreensão está radicada na vivência que temos do mundo (Stoltz; Weger, 2015). Assim, na multiplicidade de sentidos de nossa cultura, o educando somente pode apreender a aprender, por meio daqueles que o auxiliem a compreender-se.

A tarefa da cognição não é repetir, sob forma conceitual, algo que já existe sem isso, mas, sim, criar um campo inteiramente novo que apenas constitui a plena realização em combinação com o mundo sensorial dado. Com isso, a atividade suprema do homem, seu ato criador espiritual, achase organicamente integrado no discurso geral dos fatos do mundo. Sem essa atividade, nem poderíamos pensar nesse decurso dos acontecimentos como uma totalidade definida em si. Frente à sequência dos fatos, o homem não é um mero espectador ocioso que reproduz em sua mente, sob forma de imagens, aquilo que ocorre no cosmos sem sua intervenção, mas, sim, o co-criador ativo do processo cósmico. (STEINER, 1979, p. 11).

Se tudo nos fosse apenas dado, nunca passaríamos do estado em que fitamos o mundo de fora e, de forma análoga, o mundo interior de nossa individualidade. Poderíamos, nesse caso, apenas descrever as coisas de fora, mas nunca compreendê-las. Nossos conceitos teriam apenas uma relação exterior com aquilo a que se referem, mas nenhuma interior. Para que possa haver verdadeiro conhecimento, tudo depende da possibilidade de encontrarmos em qualquer parte do mundo dado uma região em que a nossa atividade não apenas pressuponha algo dado, mas seja ativa em meio a ele. (STEINER, 1985, p. 33).

Steiner (1985) acredita que o conhecimento só ocorre quando o sujeito cognitivo entra em interação com o objeto dado pelo mundo às suas observações, pois para Steiner o conhecimento implica no agir, no sentir, e no observar o mundo com objetividade.

Este é um dos caminhos de reflexão que se propõe: o profundo e vasto conteúdo da Antroposofia de Steiner, da qual resultam caminhos práticos que buscam desenvolver o pensar deste indivíduo. Os fundamentos antroposóficos deram origem a uma nova antropologia, visando o homem integralmente ligado ao mundo espiritual, físico e social.

A compreensão que norteia o caminho para os estudos de Steiner exclui o raciocínio puramente intelectual e materialista ao qual estamos acostumados, seja na escola, seja na sociedade. Para Welburn (2005, p. 46), “o conhecimento não é na verdade, um reflexo do mundo como ele já é, mas o trabalho de desenvolver o eu livre e, então, dar um passo além da evolução do mundo.”

Esta com certeza, é uma reflexão que impõe muitos questionamentos e muitos outros que provavelmente irão partir destes, que nos leva a (re)pensar no indivíduo que somos e no mundo que vivemos e que queremos, pois para Steiner (2009), não é a escola que muda o homem, mas esta com certeza pode e deve contribuir para o desenvolvimento da complexidade humana para a integração de corpo e espírito.

A educação pensada na filosofia antroposófica difere da educação tradicional de nossas escolas, pois este modelo procura desenvolver no indivíduo o sentir, o observar, o pensar e o agir no mundo, de uma maneira que não esteja limitado ao que pode ser apreendido pelo pensamento, mas que leve à apreensão universal do mundo, na medida em que permite a este indivíduo acolher, refletir e pensar sobre suas ações, percepções e conhecimento.

Caracteristicamente, a filosofia de Steiner nos torna cientes de nossas próprias pressuposições e da situação histórica que as determinam, portanto, é capaz de nos libertar. Ele faz com que a nossa consciência volte-se para ela mesma. ‘Qualquer pessoa refletindo o significado da ciência natural na vida humana’, ele observa: ‘descobrirá que seu significado não está de forma alguma limitado à aquisição de um conhecimento muito detalhado da natureza. Os itens detalhados do conhecimento podem, na verdade, apenas conduzir a uma experiência do que a psique humana não é. A alma vive, não em pressuposições completas sobre a natureza, mas no processo do conhecimento científico sobre a natureza. É trabalhando a natureza que a alma se torna consciente de sua própria vida e do seu ser.’ (WELBURN, 2005, p. 20-21).

Hoje, educamos para reproduzir o que acreditamos ser o ideal. Mas, o objetivo da educação deveria ser outro baseado na liberdade, no estímulo da consciência da razão, do eu, do espírito e do mundo, em que estes conceitos

deixam de ser apenas conceitos e desdobram-se em realidade de vida, de emoções e do desejo de vivenciar um modo de pensar e de viver de maneira plena respeitando o homem, o espírito, a natureza e o cosmos.

Quando a ciência do século XX viu 'a descoberta' do 'que realmente está lá' inutilizando a 'ignorância' e a 'superstição', Steiner estava ciente da complexidade do pensamento, do 'elemento não observado' na experiência. Na verdade, ele viu a tendência em direção à polarização como fundamental na explicação evolucionária que ele deu do significado. O pensamento analítico leva a visões altamente concentradas: mas se nós as errarmos pelo que está apenas 'realmente lá' esqueceremos que elas foram retiradas do que é por definição um todo muito maior. (WELBURN, 2005, p. 26).

Conhecer a si próprio como personalidade que atua, significa, portanto: possuir, sabendo, as leis que determinam o agir, isto é, os conceitos e ideais morais. Conhecendo essa conformidade com tais leis, o nosso agir é, também, obra nossa. A regularidade não é, nesse caso, dada como algo exterior ao objeto no qual constata a atuação, mas sim como o próprio conteúdo do objeto empenhado numa atividade viva. O objeto, nesse caso, é nosso próprio Eu. Se este compreendeu, pela cognição, a própria essência do seu agir, também se sente como dono do mesmo. (STEINER, 1979, p. 66).

O olhar de Steiner analisa o ato cognitivo desde suas origens, voltando, para isso, ao ponto de partida livre de premissas. Este limite é traçado artificialmente, segundo ele, sendo um corte cuidadoso no processo pensante, para efeito de determinação do início da atividade cognitiva. Esse momento é aquele em que o sujeito toma contato com o mundo dado no qual pensa, enquanto repensa.

Cabe salientar que, para Steiner, o pensar não é exatamente o ato cognitivo, mas o ato pelo qual é possível exercer a atividade do conhecimento. A descrição do que é pensar é para ele a ciência do pensar.

Só o pensamento, através da relação entre os elementos da realidade e da interação que daí resulta, possibilita ao ser humano a oportunidade da cognição. O ato cognitivo separa esses elementos, na tentativa de conhecer. O pensar os reúne novamente para forjar o conhecimento da realidade circundante. O pensar é o elemento que introduz a ordem necessária a um entendimento e que fornece na visão steineriana, a complementação transformadora que constitui o mundo dado numa totalidade.

A busca pelo conhecimento não é, portanto, uma submissão a uma ordem suposta das coisas que somos compelidos a aceitar, nem existe ou pode existir a tal compulsão externa para pensar de modos específicos sobre o mundo. Também não é a abordagem gradual de alguma grande idéia, como no pensamento idealista hegeliano. Ela é a procura pela própria relação humana com o mundo que nos cerca, mudando-o e sendo mudada por ele. Essa relação não é dada a nós a partir do exterior, mas: 'o fato de que o pensamento, em nós, atinge além da nossa existência do mundo universal traz à tona em nós o desejo fundamental pelo conhecimento. Os seres sem o pensamento não têm esse desejo. Quando eles se deparam com as outras coisas, nenhuma pergunta surge quando eles se confrontam com algo externo. É essa parte da coisa que recebemos não do exterior, mas do interior.' (WELBURN, 2005, p. 75).

O que, porém, sabemos é que conceitos e idéias só penetram na esfera do que é imediatamente dado durante o ato cognitivo e por meio dele. Por isso ninguém se engana a respeito desse caráter dos conceitos e pensamentos. [...] todo o resto da nossa imagem do mundo deve ser dado para que o possamos vivenciar; só nos conceitos e idéias ocorre ainda o inverso: temos de produzi-los para poder vivenciá-los. Só os conceitos e idéias nos são dados da forma que foi denominada contemplação intelectual. Na contemplação intelectual o conteúdo deve ser dado simultaneamente à forma do pensamento. (STEINER, 1985, p. 34).

Acompanhando, assim, o raciocínio de Steiner, este conduz à conclusão de que o sujeito e o objeto do conhecimento estão em constante atividade interativa, ou, então, não existe a possibilidade de construção do conhecimento.

Percebe-se assim, que tanto para Steiner como para Vygotsky o ato educativo é sentido como um processo de construção, que necessita do outro, onde o indivíduo não é mero espectador, mas o resultado do mundo e da articulação com este mundo.

A educação, neste sentido, tem o papel de desenvolver pensamentos superiores, auxiliar no desenvolvimento psíquico do sujeito, pois a intersubjetividade existente nesse espaço e as relações ali estabelecidas ampliam o horizonte e a consciência, ou seja, modificam o modo de ver e de se relacionar com o mundo.

Considera-se, assim, que a educação é um *lócus* onde ocorre a ampliação da consciência, na medida em que busca uma visão totalizante do fenômeno humano, estimulando a criação de sentidos individuais com relação ao todo da vida. Tanto Vygotsky como Steiner entendem a busca de sentido como essencial no desenvolvimento da consciência. Promovendo condições ao indivíduo que lhe permitam maior equilíbrio entre o sentir, o pensar e o fazer. Caso a educação não cumpra esse objetivo, estará contribuindo para a cisão no processo de desenvolvimento.

Neste sentido, o que se pretende com esta tese é compreender os processos de mediação pedagógica e tecnológica na EaD por meio do olhar dos estudantes, e discutir esses processos a partir de Steiner e de Vygotsky. Assim, o próximo capítulo irá abordar a metodologia que será utilizada para responder à questão inerente a este trabalho, onde serão descritos os métodos, a forma de coleta e outros elementos que possam vir a contribuir com o objetivo desta tese.

8 METODOLOGIA DA PESQUISA

8.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Este capítulo busca na metodologia condutas que orientem o processo de investigação desta pesquisa, na medida em que esta abordagem permite a aproximação e focalização do fenômeno que se pretende estudar, prestando-se, assim, à identificação dos métodos e tipos de pesquisa adequados às soluções desejadas.

Ou seja, a investigação científica, conforme Sampieri (2006) destaca, estabelece, contextualiza e relaciona aspectos diferentes de um ou mais fenômenos ou situações-problema, organizando informações e consolidando o conhecimento.

Então, para que esta investigação se desenvolva e possa contribuir efetivamente para a discussão do objetivo desta tese que é compreender a relação entre a mediação pedagógica e a mediação tecnológica na educação a distância e ir além do contexto teórico e abraçar um novo "olhar", por meio da própria visão do estudante que se encontra inserido na modalidade a distância, deve-se compreender a importância da metodologia e dos métodos que serão utilizados.

Para Köche (1997), o método pode ser considerado como um procedimento regulado por normas que prescrevem o percurso que o investigador deve seguir para a construção de seu objeto de estudo.

O método é a justificativa, segundo Kude (1997), para o enfoque da pesquisa (quantitativo ou qualitativo) e a metodologia é o conjunto dos procedimentos utilizados para a realização do estudo.

Esta pesquisa, portanto, irá se desenvolver sob um enfoque qualitativo, descritivo e teórico-exploratório, na medida em que considera a necessidade de familiarização com o objeto dela: a mediação pedagógica e a mediação tecnológica na modalidade a distância sob o olhar do estudante.

Então, ao considerar que esta pesquisa irá se estabelecer, pautada sob um enfoque de natureza qualitativa, em que de acordo com Castro (2006) e Lüdke e André (2008), busca aproximar a teoria e os fatos, e que por meio da descrição e interpretação de situações isoladas ou únicas, privilegia o conhecimento das

relações entre contexto e ação (método indutivo), e, portanto, privilegia tanto o contexto teórico como o subjetivo.

Assim, é importante ressaltar que sob esta ótica, a objetividade dá lugar ao subjetivismo do pesquisador, "[...] a estratégia utilizada em qualquer pesquisa científica fundamenta-se em uma rede de pressupostos ontológicos e da natureza humana que definem o ponto de vista que o pesquisador tem do mundo que o rodeia." (RICHARSON, 1999, p. 32), ou seja, retrata a realidade do fenômeno através do olhar do pesquisador.

Nesse sentido, o pesquisador deve criar métodos e estratégias que minimizem sua interferência durante o trabalho: "[...] é impossível considerar uma técnica em abstrato, pois é um elemento de um conjunto mais amplo: a postura e a metodologia decididas pelo pesquisador." (RICHARDSON, 1999, p. 209).

Então, partindo desta proximidade do pesquisador com o objeto de análise, deve-se considerar a abordagem qualitativa o enfoque desta pesquisa, que irá considerar, para esta aproximação, a estruturação de uma pesquisa teórico-exploratória. "[...] o objetivo principal da pesquisa teórico-exploratória é o aprimoramento de ideias, que permite uma flexibilidade em sua estrutura." (GIL, 1991, p. 45), a qual será um dos suportes de análise para os possíveis pontos essenciais que podem indicar a compatibilidade ou não entre os autores, Steiner e Vygotsky.

Além do âmbito teórico, constatou-se a necessidade de uma pesquisa empírica, a qual busca na percepção dos estudantes da EaD sobre a mediação pedagógica e tecnológica produzir e analisar dados, pois conforme Demo (1994, p. 37), a pesquisa empírica possibilita e oferece uma "[...] maior concretude às argumentações, por mais tênue que possa ser a base fatural."

O significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática.

Pesquisas qualitativas tipicamente geram um enorme volume de dados que precisam ser organizados e compreendidos. Isto se faz através de um processo continuado em que se procura identificar dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes o significado. Este é um processo complexo, não-linear, que implica um trabalho de redução, organização e interpretação dos dados, e que se inicia já na fase exploratória, acompanhando toda a investigação em uma relação interativa com dados empíricos: à medida que os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai procurando tentativamente identificar temas e relações, construindo interpretações e gerando novas questões e/ou aperfeiçoando as anteriores, o que, por sua vez, o leva a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testem suas interpretações, num processo de 'sintonia fina' que vai até a análise final. (ALVES, 1991, p. 60).

Dadas estas considerações, observou-se a necessidade de organizar questões que pudessem direcionar o melhor caminho de compreensão dos fatos que parecem ser relevantes no processo de investigação que se pretende, que é compreender a relação entre a mediação pedagógica e a mediação tecnológica na educação a distância, por meio dos levantamentos sentidos e significados dos estudantes inseridos neste contexto, e da possibilidade de diálogo entre a perspectiva de Vygotsky e de Rudolf Steiner.

A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sinequa non* da entrevista qualitativa. Tal compreensão poderá contribuir para um número de diferentes empenhos de pesquisa. Poderá ser um fim em si mesmo o fornecimento de uma 'descrição detalhada' de um meio social específico; pode também ser empregada como uma base para construir um referencial para pesquisas futuras e fornecer dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica específica. (BAUER; GASKEL, 2010, p. 65).

Então, considera-se também relevante destacar a realização de entrevistas semi-estruturadas e da observação, que servirão como meio de análise da realidade, das respostas às entrevistas, das experiências e da linguagem dos estudantes da modalidade a distância.

Este trabalho buscará compreender e desenvolver estudos que forneçam informações valiosas para o processo da avaliação dos dados e das relações entre as variáveis.

Na medida em que se deve condicionar e prever condições e métodos que permitam formular, sistematizar e orientar a coleta e a análise de dados, assim como a discussão dos resultados. (LAKATOS; MARCONI, 1991; CERVO; BERVIAN, 1996).

Esta pesquisa, portanto, recorre ao referencial de pesquisa qualitativa de observação e entrevista, no sentido de poder compreender da melhor maneira possível o fenômeno que pretende estudar, pois o enfoque qualitativo para Sampieri (2006) permite considerar o "todo" da investigação, sem reduzi-lo a partes; além de investigar os sujeitos e tentar conhecê-los como pessoas, procurando não reduzir a palavra e os atos a equações estatísticas, possibilitando assim, maior profundidade aos dados, implicando em um ponto de vista recente, natural e holístico do fenômeno investigado.

Ou seja, no enfoque qualitativo o indivíduo tem a oportunidade de participar de uma pesquisa e ser estimulado a pensar livremente sobre o tema, objeto ou conceito que está sendo abordado, na medida em que o pesquisador faz emergir tanto aspectos subjetivos quanto conscientes no entrevistado.

Oportunizando, assim, ao pesquisador a possibilidade de buscar, por meio de suas próprias percepções e entendimento, abrindo espaço para a sua interpretação.

Desse modo, é possível afirmar que problemas reais, questões de pesquisa, são retirados do dia a dia, numa tentativa apropriada de resolver questões, propor novos métodos e melhorar a realidade, como é o caso desta proposta de pesquisa, na medida em que busca compreender os processos de mediação pedagógica e tecnológica na modalidade a distância sob o olhar do estudante.

Conforme Bauer e Gaskell (2010) ressaltam a experiência e a visão da realidade são fatores que colaboram para a construção de dúvidas, e estas situações permitem ampliar a compreensão a respeito do campo de conhecimento da pesquisa, revelando, assim, áreas de consenso (positivos ou negativos), além de situações que envolvem o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de novas ideias.

Entretanto, apesar da aparente valorização da teoria, o que temos visto é que muitas pesquisas, sob a alegação de "dar voz" aos sujeitos ou de valorizar as práticas, limitam-se a reproduzir falas e falas dos sujeitos, sem qualquer tentativa de identificar regularidades, relações e categorias e/ou se servir de um instrumental analítico capaz de organizar e dar sentido aos dados. A crescente valorização da prática e da subjetividade parece estar levando a uma tendência à reificação da prática e do sujeito, em prejuízo da construção de conhecimentos relevantes e do diálogo com os autores que já se ocuparam do tema. Aparentemente, para fugir ao equívoco de aceitar a teoria como verdade, cai-se no equívoco de transferir para os sujeitos a posse da verdade. (ALVES, 2001, p. 43-44).

Percebe-se, portanto, que a metodologia deve subsidiar o corpo de conhecimentos significativos que irão nortear uma investigação científica, na medida em que propõe questionamentos e possibilidades sobre um determinado ponto de vista, e adequando os procedimentos, a organização, os padrões significativos e a teoria, buscando por meio deste, compreender o objeto de estudo e possibilitando resultados e conclusões que poderão permitir a análise e avanço do conhecimento.

Esta pesquisa, assim, desenvolve-se motivada pelas discussões que giram em torno dos processos de mediação pedagógica e mediação tecnológica da modalidade a distância.

Entende-se que estes processos possam contribuir de maneira direta para a construção do conhecimento, autonomia e liberdade dos discentes desta modalidade.

A intenção, portanto, deste trabalho gira em torno de possibilitar a compreensão dos processos de mediação pedagógica e tecnológica da modalidade a distância, na medida em que busca, por meio do discurso do estudante, de sua visão e de como ele próprio se reconhece como aprendiz e aprendente.

Pois, o “significado” que as pessoas dão, durante o processo de investigação do objeto estudado, deve ser o foco de atenção especial do pesquisador.

Não se pode deixar escapar “detalhes” durante todo o processo de investigação. Por isso, a compreensão da realidade do entrevistado deve ser uma preocupação durante a pesquisa.

Assim, por meio de um enfoque qualitativo, e do diálogo das teorias de Steiner e Vygotsky que irão contribuir para interpretar os resultados dos discursos dos participantes desta pesquisa, irá se estabelecer o percurso deste trabalho.

8.2 CONTEXTO DO ESTUDO

A modalidade a distância tem crescido intensamente no Brasil, e dados do Censo de Educação Superior (MEC, 2015) destacam que dos mais de 6,7 milhões de universitários brasileiros, 14,7% deste contingente se encontram matriculados em cursos a distância.

Assim, o grande desafio que se impõe é o crescimento avassalador da EaD, na medida em que esta modalidade permite expandir a oferta da educação para pessoas que antes não poderiam estudar presencialmente, e que hoje, frente aos avanços tecnológicos e novas práticas pedagógicas, de acordo com Litto (2009), encontram nesta modalidade a oportunidade de expansão de seus conhecimentos e da democratização do ensino.

São diversos os benefícios associados ao sistema EaD, que imprimem a esta modalidade a promoção de oportunidades para grandes contingentes populacionais, na medida em que este modelo educacional permite: tempos e espaços síncronos e assíncronos, multimeios de aprendizagem, interação com pessoas de diferentes culturas e experiências profissionais, além da oportunidade de estudar a partir de novas metodologias e tecnologias.

Então, para que este sistema possa realizar seu intento, que é promover a educação para um grande contingente populacional, faz-se necessário pensar e repensar modelos que possam alcançar êxito nos processos de ensino-aprendizagem desta modalidade.

E para tanto esta pesquisa busca nos aportes teóricos sobre EaD, na "visão" do estudante desta modalidade e no diálogo de autores como Steiner e Vygotsky, a oportunidade de cercar-se de uma multiplicidade de recursos para propor uma nova reflexão, na qual o objetivo desta tese é compreender a relação entre a mediação pedagógica e a mediação tecnológica na educação a distância.

As novas tecnologias contribuíram significativamente para a criação de novas ferramentas de comunicação e informação na modalidade a distância e estas inovações trazem consigo, muitas vantagens e desvantagens para os estudantes desta modalidade.

Este estudo visa contribuir neste sentido, de procurar elementos que visem, caracterizar os problemas e as contribuições que os processos de mediação

pedagógica e tecnológica podem contextualizar nos processos de construção do conhecimento deste estudante de EaD.

Colaborar com os contextos, permite maximizar os processos de construção do conhecimento deste estudante da modalidade a distância, na qual um de seus pilares é a autonomia do aluno, como apregoam, Valente; Prado; Almeida (2003), Belloni (2006), Lima; Silva; Paiva (2008; 2010).

Além de que compreender estes contextos, permite, não apenas como a capacidade que o sujeito tem de organização e de autogerenciamento de suas atividades, mas na medida em que este desenvolva uma atitude independente e investigativa e efetivamente, seja também o autor no processo de construção da aprendizagem, que tem por meios a mediação pedagógica e tecnológica ao seu intento.

Não obstante, deve-se ainda considerar que a educação a distância, conforme Barreto (2006), ainda é encarada como uma forma nova de ensinar e de aprender que se encontra em constante transformação.

Assim, a questão que se propõem a estudar nesta pesquisa se destaca como um grande desafio necessário para a construção de novos aportes para a análise e discussões que contribuam para esta modalidade e os seus processos pedagógicos e tecnológicos.

Na medida em que nos deparamos com um grande índice de estudantes que abandonam os cursos no início. Pois de acordo com alguns estudiosos deste contexto, Coelho (2002); Biazus (2004); Moore; Kearsley (2007); Pacheco (2007), os índices de evasão, tem superado em muito o dos cursos presenciais, e vários fatores tem sido apontados, tais como: a complexidade das atividades proposta nesta modalidade; dificuldade de usar as ferramentas tecnológicas; expectativas erradas por parte dos alunos; problemas na interação com tutores e professores, além de outras mais.

Assim, partindo destas premissas, pretende-se considerar para esta investigação uma instituição de educação a distância de ensino superior, na qual os alunos que irão participar desta pesquisa poderão estar inseridos nos mais diferentes cursos de ensino superior a distância que esta instituição oferece.

Esta universidade é uma instituição de ensino superior presencial e a distância com mais de 20 anos, com sede em Curitiba, que atua em mais de 400

idades do Brasil, com aproximadamente 460 pólos de apoio presencial, 150 mil alunos e está entre as três melhores instituições de educação a distância do Brasil.

A instituição oferece cursos superiores de graduação e pós-graduação, tanto na modalidade presencial, quanto semipresencial e a distância, além de cursos de extensão, e conta com mais de 150 mil estudantes em todo território nacional. Sendo que seu maior contingente de alunos se encontra na modalidade a distância.

Cabe salientar que esta universidade possibilita a seus alunos assistir as aulas no pólo de apoio presencial ou em casa. Além das aulas gravadas nos estúdios em Curitiba, com a transmissão de algumas aulas ao vivo, via satélite.

Entre os cursos de graduação disponíveis na modalidade a distância, estão as engenharias com laboratórios físicos e simuladores de alta tecnologia, ciências contábeis, publicidade e propaganda, administração, gestão de recursos humanos, jornalismo, secretariado, filosofia, pedagogia, teologia, letras, entre outros, além de cursos de pós-graduação a distância.

Não se pode deixar de citar, que esta universidade está entre as três melhores universidades do país segundo o ranking nacional do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) na modalidade de ensino a distância, segundo dados da Associação Brasileira dos Estudantes de Educação a Distância (ABE-EaD) do ano de 2015.

8.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

A escolha dos sujeitos pesquisados teve como critério principal a necessidade de estudarem em uma instituição de ensino superior a distância no estado do Paraná.

A escolha dos participantes do estudo reflete-se em esforço de fazer descrições plausíveis e consistentes do cenário que se pretende estudar, afim de que estes colaboradores possam contribuir com considerações e reflexões relevantes para a análise do presente estudo.

Para tanto, irá se contar com 20 estudantes no estudo principal de alunos de instituição superior a distância. Anterior ao estudo principal, se realizou um estudo piloto que contou com 5 estudantes (que foram inseridos no modelo

principal) destes cursos da modalidade a distância no ensino superior, para que, efetivamente, os procedimentos que foram utilizados neste trabalho demonstrassem ser adequados para a coleta de dados desta pesquisa.

Assim, mesmo sendo uma representação parcial do contexto da modalidade a distância e dos envolvidos nesta, cabe salientar que seu objetivo envolve "[...] buscar entender o que as pessoas apreendem ao perceberem o que acontece em seus mundos", cabendo, ainda salientar que "[...] é muito importante prestar atenção no entendimento que temos dos entrevistados, nas possíveis distorções e no quanto eles estão dispostos ou confiantes em partilhar suas percepções." (ZANELLI, 2002, p. 83).

Então, por meio da escolha dos participantes desta pesquisa, e por entender que se trata de uma pesquisa qualitativa na qual o pesquisador deve ter o cuidado de aprender a observar, analisar e registrar os dados deste contexto.

Para Liebscher (1998), este modelo de pesquisa possui uma natureza complexa e é de difícil quantificação, na qual Silva e Menezes (2005, p. 20) reforçam que "[...] entre o mundo real e o sujeito, isto é um vínculo indissociável do mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números."

Em outros termos, o interesse do pesquisador não está em quantificar uma ocorrência ou quantas vezes uma variável aparece, mas sim na qualidade em que elas se apresentam Minayo (1994), ou seja, como as coisas acontecem.

Assim, cabe destacar que se deve compreender que não há a necessidade de uma grande quantidade de participantes, mas que sem dúvida, o pesquisador deve estar apoiado em condições que viabilizem a pesquisa, no sentido de abranger as principais dimensões relevantes que traduzem a subjetividade dos participantes do estudo.

Seguiu-se, nessa investigação, o critério aleatório de escolha dos estudantes, na medida em que foram incluídos para esta pesquisa os alunos devidamente matriculados nesta universidade até o ano de 2016 (não importando o curso) na modalidade a distância, maiores de 18 anos, sem distinção de gênero.

Os alunos participaram desta pesquisa, na medida de suas possibilidades, quando se encontravam em sala de aula nos pólos presenciais. Cabe salientar que as aulas não foram interrompidas e os estudantes tiveram total autonomia quanto a

participação ou não nesta pesquisa. Os alunos que efetivamente participaram assinaram um termo de livre consentimento, no qual consta à total confidencialidade de suas considerações e identificação.

Assim, compreender a subjetividade destes estudantes da modalidade a distância em curso superior de EaD, será de grande valia para promover reflexões e discussões, que possam efetivamente contribuir nos processos de ensino-aprendizagem que permeiam esta modalidade.

8.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Esta pesquisa busca parte de sua resposta no conteúdo do discurso dos estudantes da modalidade a distância em curso superior.

Na medida em que este trabalho parte de certos questionamentos que se encontram apoiados em teorias e hipóteses, e como destaca Trivinos (1987) e Sampieri (2006), estes caminhos oportunizam um amplo caminho de interrogativas e novas suposições, que calcadas nas respostas dos informantes e das observações do pesquisador, complementam as informações com maior precisão, obtendo-se, dessa maneira, as respostas necessárias para a investigação.

Vivemos num mundo de sentidos conflitantes e contraditórios. Lidamos não com o sentido dado pelo significado de uma palavra ou conceito que espelham o mundo real, mas com sentidos múltiplos, o que nos leva à escolha de versões entre as múltiplas existentes. Lidamos com a realidade polissêmica e discursiva, inseparável da pessoa que a conhece. (PINHEIRO, 2004, p. 193).

Assim, cabe salientar que os procedimentos de coleta de dados desta pesquisa, se valem de um cunho qualitativo, que objetiva recorrer, de acordo com Minayo (2000, p. 21), "[...] a preocupar-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado", ou seja, este trabalho irá buscar no universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes destes participantes, as considerações que possam contribuir em consonância com os aportes teóricos, para o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos que objetivam este estudo, e neste sentido, esta pesquisa se destaca como exploratória.

Em outras palavras, a pesquisa exploratória, ou estudo exploratório, tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere. Pressupõe-se que o comportamento humano é melhor compreendido no contexto social onde ocorre. Nessa concepção, esse estudo tem um sentido geral diverso do aplicado à maioria dos estudos: é realizado durante a fase de planejamento da pesquisa, como se uma subpesquisa fosse e se destina a obter informação do Universo de Respostas de modo a refletir verdadeiramente as características da realidade. Assim, tem por finalidade evitar que as predisposições não fundadas no repertório que se pretende conhecer influam nas percepções do pesquisador e, conseqüentemente, no instrumento de medida. Não corrigido, este tipo de tendência poderá conduzir o pesquisador a perceber a realidade segundo sua ótica pessoal, de caráter técnico-profissional. A pesquisa exploratória, permitindo o controle dos efeitos desvirtuadores da percepção do pesquisador, permite que a realidade seja percebida tal como ela é, e não como o pesquisador pensa que seja. (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995, p. 321).

Cria-se, assim, por meio deste contexto exploratório uma maior familiaridade com o tema e o objetivo a ser abordado neste contexto que se refere à modalidade a distância e os processos de mediação pedagógica e tecnológica.

Visando, ainda, estabelecer os procedimentos desta pesquisa, cabe classificá-la como bibliográfica, no que se refere ao estudo teórico. A pesquisa bibliográfica, segundo Lima e Miotto (2007), viabiliza neste sentido, conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre o assunto que esta pesquisa aborda, por meio de livros, revistas, artigos e dissertações.

Então, o que se pode observar é que esta pesquisa concebe em seus procedimentos, uma envergadura de posições que possam contemplar um posicionamento qualitativo que considera vários elementos para dar-lhe fidedignidade.

De acordo com Vergara (2009), ao considerar a proposta de discurso dos participantes de uma pesquisa, estarão imbricadas neste contexto elementos como: questionários, entrevistas e testes para coletar os dados e desenvolver a investigação.

Assim, esta pesquisa também terá uma inspiração empírica com suporte na fenomenologia que busca superar a dicotomia empirismo/racionalismo, como destaca Bueno (2003, p. 23), que tem "[...] a função de reintegrar o mundo da ciência ao mundo da vida", no sentido de buscar, conhecer o mundo da vida cotidiana, com a visão da totalidade sobre o ser do aluno em seu pensar, sentir e agir.

Cabe assim, destacar que a pluralidade e a complexidade do cotidiano inserido nesta pesquisa, e claro, no contexto humano não podem ficar reduzidas a uma explicação empirista ou racionalista.

O desafio, portanto, desta pesquisa se faz na busca por procedimentos que permitam compreender a realidade e as necessidades dos estudantes inseridos na modalidade a distância que utilizam os aportes pedagógicos e tecnológicos na construção do conhecimento.

Então cabe desenvolver condições que privilegiem os processos teóricos e empíricos deste estudo, para que tanto o processo de entrevista, observação, mapas afetivos e teoria se realizem em um constante diálogo a colaborar com os objetivos desta investigação.

A primeira etapa desta pesquisa irá se realizar por meio do estudo piloto, com 5 estudantes (que fizeram posteriormente parte da pesquisa principal) da modalidade a distância de curso superior, que irá demonstrar e conferir a viabilidade e a confiabilidade do método. Então, a partir dos resultados apresentados e das variantes inseridas, se dará prosseguimento à investigação.

Anterior ao procedimento de coleta de dados será solicitado o preenchimento do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que irá assegurar aos participantes desta pesquisa, o entendimento sobre os procedimentos e conteúdo do estudo que será realizado.

Serão utilizados como instrumentos para a coleta de dados: o diário de campo, que concentrará o registro das observações realizadas durante a tutoria presencial de cursos em EaD; entrevistas semi-estruturadas, além de instrumento gerador dos mapas afetivos de Bomfim *et al.* (2014), pois como infere Corraliza (1998, p. 60), "[...] a atribuição de significados ao ambiente corresponde a um conjunto de conteúdos que permite o sujeito compreender o que é para ele um lugar [...] o ambiente é um território emocional".

O registro irá ocorrer por meio de anotações em diário de campo, além da gravação e da mediação realizada por esta pesquisadora, sendo a abordagem efetivada através do contato direto com os pesquisados.

A observação qualitativa não é mera contemplação ('sentar e ver o mundo e fazer anotações'), nada disso. Implica entrar a fundo em situações sociais e manter um papel ativo, assim como uma reflexão permanente, e estar atento aos detalhes (não às coisas superficiais) gerar hipóteses para futuros estudos. (SAMPIERI, 2006, p. 383).

É importante ressaltar a preocupação desta pesquisadora em não interferir, na medida do possível, no contexto destes estudantes, e que ainda irá procurar meios para não alterar o seu cotidiano.

As entrevistas serão gravadas pela pesquisadora e irão se constituir de entrevistas semiabertas, que irão procurar explorar a realidade e o cotidiano destes estudantes, denotando assim conforme Trivinos (1987); Sampieri, (2006), em um conjunto de questões predefinidas, mas que permite inserir outras questões que sejam por ventura relevantes no decorrer da entrevista.

Entende-se que ao se considerar as entrevistas semiestruturadas, deve-se compreender que ela parte de questões predefinidas, que são o ponto de partida para o entrevistador, mas que não ditam regras rígidas sobre a ordem das questões e permitem que outras questões e reflexões surjam no decorrer da entrevista.

É proveitoso pensar, que este tipo de recurso permite, de acordo com Sampieri e Collado (2003, 2013), produzir uma melhor amostra da coleta de dados que se pressupõe.

Pois, a entrevista semiestruturada tem um índice de respostas bem mais abrangente que a estrutura de uma análise por questionários de perguntas e respostas engessadas, oportunizando, assim, um amplo caminho de interrogativas e novas suposições, calcadas nas respostas dos informantes, em que o pesquisador tem a liberdade de manifestar-se sobre as questões que complementam as informações com maior precisão, obtendo, dessa maneira, as respostas necessárias para a investigação, o que permite a ampliação e a liberdade do entrevistado e do entrevistador.

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVINOS, 1987, p. 146).

Deve-se ainda, ressaltar que para se realizar uma entrevista bem sucedida é necessário criar uma atmosfera amistosa e de confiança, não discordar das opiniões do entrevistado, tentar ser o mais neutro possível.

Acima de tudo, a confiança passada ao entrevistado é fundamental para o êxito no trabalho de campo.

Considera-se também, relevante para essa investigação, no momento da entrevista realizar o levantamento de alguns dados relacionados ao estudante, tais como: nome, idade, ocupação, curso, ano de matrícula.

Além de um questionário, que irá permitir ao entrevistador tomar esta ferramenta como ponto de partida para a entrevista, com questionamentos que visem provocar a reflexão do investigado quanto as questões relacionadas a modalidade a distância, e seus processos de mediação pedagógica e tecnológica, além de considerar a estima em relação ao ambiente da EaD e sua possível contribuição ou não para a aprendizagem e os processos de autonomia deste estudante.

É importante destacar que as informações colhidas durante as entrevistas com os estudantes serão transcritas, e um código e/ou nome fictício será atribuído a cada estudante participante.

Dessa forma, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, não aparecerão os nomes verdadeiros dos entrevistados, preservando a confidencialidade dos participantes, conforme previsto no TCLE, que de acordo com Spink e Menegon (2004, p. 92), que é o "[...] princípio básico do consentimento informado, que deve estabelecer a transparência quanto aos procedimentos e quanto aos direitos e deveres de todos os envolvidos no processo de pesquisa."

É primazia desta investigação, ainda considerar e discutir a estima do estudante em relação ao ambiente presencial e virtual, no qual este sujeito se encontra inserido, buscando enfatizar, na relação estudante e ambiente presencial e virtual, a afetividade (emoções e sentimentos) como possibilidade de compreensão na relação entre percepção e ação, subjetividade e objetividade, estudante e os espaços presenciais e virtuais da modalidade a distância.

Assim, irá se aplicar, com intuito de enriquecer esta pesquisa por meio da metodologia desenvolvida por Bomfim (2003, 2005), o instrumento gerador dos mapas afetivos, que visa a estudar a relação entre o espaço e os afetos na cidade, com o intuito de superar a dualidade entre cognição e afeto na reprodução da

vivência do indivíduo, proporcionando, assim, a representação do espaço, considerando que qualquer ambiente é um território emocional.

Cria-se, assim, para esta investigação, uma condição diferenciada, no sentido de ressignificar este instrumento como meio capaz de acessar os significados atribuídos à estimados estudantes da EaD no âmbito dos ambientes presenciais e virtuais.

Tendo em vista que esse instrumento foi desenvolvido inicialmente para o estudo dos afetos na cidade, caberá a esta investigadora realizar mínimas adaptações no instrumento original.

O desafio que se coloca, ao se propor utilizar os mapas afetivos é o de permitir acessar elementos que contribuam para evidenciar a estima ao ambiente presencial e virtual dos estudantes da modalidade a distância, pois conforme aponta Lynch (1998), a necessidade de conhecer e estruturar o nosso meio ambiente é muito importante e esta condição tem grande relevância prática e emocional para o indivíduo.

Não se pode deixar de destacar que este instrumento baseia-se, ainda de acordo com Bomfim (2003), no estudo da afetividade na perspectiva calcada nos mapas cognitivos coletivos de Lynch e na perspectiva histórico-cultural, que tem como pressuposto teórico os processos psicológicos superiores pesquisados por Vygotsky.

Parte-se, assim, dos pressupostos de que a estima pode ser uma forma de se conhecer o ambiente presencial e virtual da modalidade a distância e de que a experiência emocional é um indicador da ação e da forma como este estudante se implica nesse espaço.

Assim, os mapas afetivos, de acordo com Bomfim (2007), podem evidenciar as representações do espaço, que se configuram como instrumentos reveladores da estima, que acessam sentimentos e significados atribuídos pelo indivíduo a um objeto de sua realidade.

Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento que as emoções inserem no comportamento consiste inteiramente na regulagem das reações pelo organismo. (VIGOTSKI, 2001, p. 139).

Sendo assim, utilizar a estíma como categoria de análise possibilita, além do conhecimento sobre o ambiente, observar como os indivíduos agem e se posicionam nesse espaço.

Pois, os sentimentos se caracterizam como orientadores das ações cotidianas, refletindo em ações que podem ter um caráter ativo ou passivo, dependendo da forma como os sujeitos são afetados, em que, de acordo com Bomfim (2003), demandam disposições afirmativas ou negativas, que configuram uma afetividade em relação a esse espaço e refletem sobre a inter-relação entre o ambiente presencial e virtual da educação a distância e o estudante.

Ou seja, por meio das percepções, sentimentos e emoções deste aluno da modalidade a distância, busca-se compreender como este ambiente afeta o sujeito e suas formas de interação neste espaço, pois estes sentimentos, de acordo com Vygotsky (2001), podem ser observados como palco mediador das construções e das descobertas dos estudantes.

8.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados deste estudo, procura na relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, implicarem um conhecimento que não se reduza a um rol de dados isolados, mas de dados estes que estão conectados em um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito investigado.

Análises estas que irão se utilizar de recursos que visem alcançar o objetivo deste trabalho que é compreender os processos de mediação pedagógica e tecnológica sob o olhar do estudante da EaD.

Cabe ressaltar, que o objetivo destas análises, visam coletar experiências da prática concreta dos estudantes frente aos processos de mediação pedagógica e tecnológica da modalidade a distância, considerando também como importante aporte teórico os estudos de Steiner e Vygotsky.

Assim, os procedimentos de coleta de dados, irão inicialmente pautar-se no quesito da observação do objeto investigado, na medida em que esta pesquisadora não poderia de deixar de realizar observações ancoradas no cotidiano destes estudantes de EaD.

Implicando, assim não, em um simples coletar e transcrever dados, como relatam Ferreira e Mosquer (2004) e Danna e Matos (2006), mas em uma condição na qual estão contidos a reflexividade e interpretação deste próprio autor.

Dessen e Murta (1997) ressaltam que as observações no campo natural, onde ocorre o fenômeno estudado, permitem o acesso a características comportamentais. Assim, a validade externa é favorecida, embora a validade interna possa estar comprometida pela presença do observador no contexto. (CANO e SAMPAIO, 2007, p. 203).

Tenho a ciência de que esta não é uma tarefa nada fácil, repleta de dilemas teóricos e práticos que cabe ao pesquisador gerenciar, na medida em que exige do pesquisador, uma demanda de recursos dos mais variados, sobreposto aos próprios sentidos físico-orgânicos desta pesquisadora.

Neste sentido, as observações realizadas devem procurar um equilíbrio na possibilidade da imparcialidade, mesmo que para Kreppner (2001), a ideia de imparcialidade, seja aparentemente irracional, uma vez que cada pessoa percebe o mundo com um conjunto de expectativas.

Assim, compreendo que devo procurar manter uma observação criteriosa, e a menos possível permeada de fatores subjetivos, buscando assim, aproximar-me o mais possível de um rigor científico que venha a contribuir na área de conhecimento que me proponho investigar.

Cabe então, procurar direcionar a observação para um raciocinar rápido que transcenda a dicotomia razão e emoção, na medida em que as percepções e os acontecimentos são descritos por este autor no momento em que se manifestam numa linguagem que dispensa o jargão especializado.

Sendo assim, para dar conta do compromisso da análise do material coletado, se dará prosseguimento à coleta de dados com a aproximação teórica de Aguiar e Ozella (2006, 2013, 2015), que considera a psicologia sócio-histórica um de seus referenciais norteadores.

A identificação de núcleos de significação a partir do material coletado, conforme Aguiar e Ozella (2006) constitui importante ferramenta metodológica para a apreensão e constituição dos sentidos das falas dos estudantes, pois o compromisso desse referencial está pautado em uma análise da realidade do discurso dos sujeitos participantes, ou seja, o significado e sentido que estes estudantes conferem à mediação pedagógica e à mediação tecnológica.

Como aponta Vigotski (2001, p. 398), os significados são, 'ao mesmo tempo, um fenômeno de discurso e intelectual'. Eles são a unidade constitutiva da contradição entre pensamento e linguagem. É também por isso (o fato de o significado conter mais do que aparenta) que se confirma a necessidade de construir um método científico que, em lugar de reduzir os significados à mera descrição descontextualizada de palavras, luta por apreender e explicar, por meio de categorias metodológicas fundamentais, a riqueza das mediações que neles se ocultam e determinam sua relação de constituição mútua com os sentidos. Compreendendo que a palavra com significado tem origem na articulação dialética do pensamento com a linguagem, concordamos com Aguiar e Ozella (2013, p. 304) quando afirmam que somente 'por meio de um trabalho de análise e interpretação pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido.' (AGUIAR, SOARES e MACHADO, 2015, p. 61).

Aguiar e Ozella (2006), ao tomar como base o método da psicologia sócio-histórica, destacam que não existe método separado de uma concepção de homem. Ou seja, uma concepção de homem constituído a partir de uma relação dialética com o social e histórica; um homem que é, ao mesmo tempo, único, singular e histórico, um homem que se distingue da realidade social, mas, ao mesmo tempo, não se dilui nela, pois são diferentes.

Assim, é conveniente explicitar como os núcleos de significação são identificados e podem contribuir para a análise dos dados deste trabalho.

A análise para Aguiar e Ozella (2006), inicia-se a partir da análise do discurso dos sujeitos participantes, que é denominada "leituras flutuantes", que é a primeira unidade do momento empírico da pesquisa; "partimos dela sem a intenção de fazer mera análise das construções narrativas, mas com a intenção de fazer uma análise do sujeito." (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 230).

Essas leituras flutuantes se referem às várias leituras que permitirão que o material coletado destaque os temas que emergem com mais frequência.

Destacando assim, por meio destas várias repetições, a fala dos informantes, a carga emocional presente, as contradições e as possíveis insinuações não concretizadas.

Esses indicativos, de acordo com Aguiar e Ozella (2006), irão destacar e se organizar como pré-indicadores para a construção dos núcleos futuros.

Então, por meio destes pré-indicadores, irá ocorrer o processo de aglutinação do conteúdo coletado, que se estabelece pelo conjunto de indicadores e seus conteúdos, "critérios estes que não são isolados entre si, mas são

complementares pela semelhança do mesmo modo que pela contraposição." (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 230).

É nesse momento da pesquisa, já de posse do conjunto de indicadores e seus conteúdos, que para Aguiar e Ozella (2006, p. 231) se inicia o "processo de articulação que resultará na organização dos núcleos de significação através de sua nomeação", e representa o processo que possibilita a análise dos núcleos de significação.

Essa fase de análise para a pesquisa à luz da perspectiva histórico-cultural, por meio dos núcleos de significação, irá apreender, não apenas o conteúdo da fala dos informantes, mas articulá-la com o processo interpretativo do investigador, revelando-se um movimento do empírico para o interpretativo.

Assim só avançaremos na compreensão dos sentidos quando os conteúdos dos núcleos forem articulados. Nesse momento, temos a realização de um momento da análise mais complexo, completo e sintetizador, ou seja, quando os núcleos são integrados no seu movimento, analisados à luz do contexto do discurso em questão, à luz do contexto sócio-histórico, à luz da teoria. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 232).

Essa visão dos núcleos de significação corrobora, portanto, com a realidade que se pretende investigar neste trabalho, na medida em que se realizam articulações da história do sujeito, de sua realidade, dos conhecimentos científicos e da própria visão do investigador.

Esses fatores imprimem uma nova realidade, reveladora das contradições e desses movimentos dialéticos fundamentais para a apreensão da constituição dos sentidos em uma pesquisa qualitativa.

Para Brandão (2004), seguindo esse princípio, no sentido de captar e tentar interpretar a(s) categoria(s) dos discursos dos sujeitos da presente amostra ao nível de suas respectivas práxis, deve-se ter o cuidado de não destacar apenas a homogeneização do discurso do sujeito, mas que se percebam também as contradições, "várias linguagens em uma única e não ao contrário." (BRANDÃO, 2004, p. 88).

[...] o diferente que subjaz o discurso, que não exclua a noção de heterogeneidade como elemento constitutivo de práticas discursivas que se dominam, se aliam ou se afrontam em um certo estado de luta ideológica e política, no seio de uma formação social em uma conjuntura histórica determinada. (BRANDÃO, 2004, p. 88).

Essa forma de abordar o discurso permite compreender a questão dos significados na relação que se estabelece entre o homem e a realidade. Segundo Palmer (1969, p. 230), “a compreensão é o meio pelo qual o mundo se coloca face ao homem; a compreensão é sempre a posição a partir da qual vemos aquilo que vemos.”

A análise do discurso, portanto, “[...] não deve buscar a unidade de todas as formações discursivas de uma conjuntura, definindo uma invariante universal, nem a multiplicação ao infinito e sem hierarquia das relações entre os campos.” (BRANDÃO, 2004, p. 94).

[...] o pesquisador está interpretando o sentido de cada unidade de análise. Embora as interpretações estejam restringidas tanto pela teoria quanto pelo referencial de codificação, faz sentido perguntar se outros codificadores teriam chegado à mesma conclusão.” (BAUER; GASKELL, 2010, p. 356).

A intenção desta pesquisa é compreender como os processos de mediação pedagógica e tecnológica são capazes de contribuir para a aprendizagem, a autonomia e a liberdade destes estudantes da modalidade a distância, na medida em que se utilizam de seu discurso e das práticas sociais e pedagógicas que desenvolvem.

A interação entre os núcleos de significação encontrados, levantados a partir do material coletado, irá trazer respostas a esta questão.

Não menos importante para esta pesquisa, é o instrumento "mapas afetivos", que se destacam na medida em que buscam na fala dos entrevistados e em seus desenhos, de acordo com Goffman (2002), encontrar verdadeiras possibilidades da compreensão de seus próprios papéis, de suas condutas e das relações que mantêm com o outro.

Os mapas afetivos, neste sentido, visam contribuir para a captação dos sentidos e significados destes estudantes, na medida em que “[...] o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção.” (OLIVEIRA, 1992, p. 76).

Busca-se assim, uma possibilidade a mais de captar as subjetividades espaciais e temporais dos sujeitos desta pesquisa, pois esta ferramenta pode evidenciar algumas condições que por ventura escapem a este pesquisador, na medida em que pode contribuir evidenciando como os próprios entrevistados vêm a si mesmos e aos outros frente às muitas e negociadas identidades.

O processo de atribuir um sentido pessoal aquilo que se aprende supõe a capacidade de elaborar algum tipo de resposta a perguntas tipo: que importância tem este conteúdo para mim?; tenho alguma razão pessoal pela qual considere que valha a pena aprendê-lo?; de que me serve ou me servirá fazer isso?. As respostas às tais questões remetem, em última análise, a uma dimensão mais afetiva e emocional da aprendizagem, dimensão que, sem dúvida nenhuma, ocupou um lugar secundário entre as prioridades da pesquisa psicoeducacional das últimas décadas, decantada claramente para a compreensão e a análise dos aspectos cognitivos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem. (MIRAS, 2004, p. 209).

Evidencia-se que a utilização dos mapas afetivos, conforme destaca Bomfim (2003), é um desafio, na medida em que busca no sentimento de pertença dos participantes da pesquisa um caminho para alcançar o sentido que está velado nos significados das palavras.

Então para que possamos compreender o pensamento de uma pessoa, torna-se necessário entendermos sua base afetivo-volitiva, e neste sentido, os mapas afetivos buscam por intermédio de desenhos, metáforas e palavras, cumprir este objetivo, no qual os afetos podem ser considerados como parte do subtexto da linguagem, pois "[...] as emoções, os sentimentos e os afetos não desempenham um papel unicamente nos processos interativos, mas também estão envolvidos no próprio ato de aprender." (MIRAS, 2004, p. 221).

Este trabalho busca por meio do instrumento mapas afetivos, fundamentos para investigar o sentimento de pertença ou não dos estudantes desta modalidade e sua relação com os processos pedagógicos e tecnológicos. No sentido de buscar fundamentos de investigação da afetividade (sentimento e emoções), que procurem evidenciar também o caráter social das emoções.

A separação do intelecto e do afeto, diz Vygotsky, 'enquanto objetos de estudo, é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que esta apresenta o processo de pensamento como um fluxo autônomo de 'pensamentos que pensam a si próprios', dissociado da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa. Esse pensamento dissociado deve ser considerado tanto um epifenômeno sem significado, incapaz de modificar qualquer coisa na vida ou na conduta de uma pessoa, como alguma espécie de força primeira que exerce influência sobre a vida pessoal, de um modo misterioso e inexplicável. Assim, fecham-se as portas à questão da causa e origem de nossos pensamentos, uma vez que a análise determinista exigiria o esclarecimento das forças motrizes que dirigem o pensamento para esse ou aquele canal. Justamente por isso a antiga abordagem impede qualquer estudo fecundo do processo inverso, ou seja, a influência do pensamento sobre o afeto e a volição.' (MIRAS, 2004, p. 76-77).

Como destaca Bomfim (2003), o que o indivíduo sente, afeta e interfere na forma deste se implicar e de agir sobre o ambiente.

Assim, cabe exemplificar como mapas afetivos poderão, efetivamente, contribuir como instrumento metodológico, que busca acessar os sentimentos por intermédio de desenhos, palavras e metáforas, direcionando uma compreensão da relação da pessoa com o entorno físico.

Salienta-se, ainda, que na aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos, são dadas algumas orientações, e os participantes respondem sozinhos ao questionário, devolvendo-o em seguida ao pesquisador.

Entende-se, que utilizar esta ferramenta é um desafio, tanto no que tange a própria ferramenta em si, quanto o desafio de se trabalhar no contexto da compreensão das emoções e sentimentos.

Para Bomfim (2003, p. 131), em sua tese de doutorado, intitulada Cidade e Afetividade: Estima e construção dos Mapas Afetivos de Barcelona e São Paulo, destaca que as metáforas "[...] podem ser formas eficazes de apreensão dos afetos, porque vão além da cognição."

Seu alvo maior é a conquista da intimidade. O que se busca, portanto, é uma adaptação do método criado por Bomfim (2003) em sua pesquisa, fruto de seu doutorado,

Cabe neste sentido, descrever as etapas que irão permitir aos mapas afetivos contribuir na investigação desta pesquisa.

Este instrumento de acordo com Bomfim (2010), é composto por diferentes etapas que possibilitam a investigação dos sentimentos e emoções que são:

- O desenho;
- Significar os desenhos;
- Sentimento;
- Palavras síntese;
- Elaboração textual;
- Categorias da Escala Likert.

O desenho é o primeiro item deste instrumento, que visa facilitar a análise da expressão das emoções, em que para Bomfim (2010), representa a forma de o sujeito ver e sentir o lugar onde estuda.

De acordo com Bomfim (2003), o desenho poderá permitir acessar as emoções e sentimentos. Sendo importante salientar que a interpretação do desenho, conforme destaca Bomfim (2010, p. 143), "[...] fica a cargo do próprio sujeito que o construiu e não do investigador".

Na etapa seguinte, verifica-se a necessidade do pesquisador significar o que o estudante quis representar com o desenho, ou seja, deve-se considerar "[...] o significado que a pessoa atribuiu ao desenho, em sua estrutura e significado." (BOMFIM, 2010, p. 144).

Na categoria sentimentos, deve-se considerar como etapa de análise, a categoria fundamentada no método processual de Vygostky (*apud* LURIA, 1996), que busca compreender o sentido da comunicação complexa. Ou seja, como complementa Bomfim (2003, 2010), esta é a fase em que o investigado irá expressar e descrever os sentimentos a respeito do desenho, na medida em que este sujeito elabora afeto à sua própria criação.

Segue-se para a etapa da análise das palavras-síntese, que são (06) seis palavras sínteses que podem variar entre sentimentos, substantivos ou qualidades que o indivíduo atribui ao seu desenho.

É por meio destas palavras, que o investigado terá a oportunidade de resumir ainda mais, os sentimentos evocados por meio do desenho. Nesta fase é importante compreender que esta categoria irá buscar uma saturação das respostas do investigado, ou respostas que afirmem com maior clareza e precisão o seu sentimento.

Vale salientar que Bomfim (2010) indica que este item é tão importante para o investigador quanto para o investigado, no sentido de que projeta o investigado tanto para as etapas posteriores, quanto para a análise do investigador sobre a ressignificação do que foi projetado no desenho.

Nesta etapa, análise da elaboração textual, procura-se captar as respostas que não foram emitidas até o presente momento, no sentido de incentivar o investigado a uma nova construção de sentimentos sobre o ambiente. Em que por meio da elaboração textual, o sujeito pode falar algo a mais, e tornar aparente o que é figura na conjuntura das significações de seus sentimentos.

E, por fim, as categorias da escala Likert, que é um instrumento que visa categorizar as afirmações dos investigados em uma escala de 0 a 5. Neste

instrumento, não é esclarecido ao investigado a que categorias pertencem suas afirmações.

As categorias utilizadas para análise, ainda serão devidamente testadas em um estudo piloto, para evidenciar ou não sua capacidade de responder às variáveis desta pesquisa.

As categorias são:

- Pertencimento: sentimentos, emoções e palavras de identificação com o ambiente;
- Contrastes: sentimentos, emoções e palavras contraditórias (positivo e negativo);
- Agradabilidade: palavras que vinculam sentimentos positivos ao ambiente;
- Insegurança: palavras que envolvem sentimentos inesperados, instáveis, negativos;
- Comparação do ambiente: permite a elaboração de metáforas, e evidencia-se por possibilitar uma nova síntese do sentido da comunicação complexa do afeto por meio da escrita.

Estas categorias serão formadas por meio da representação da totalidade dos sentimentos encontrados nas unidades, conforme destaca Bomfim (2010), que inferiram significados a partir dos objetivos investigados.

Desta maneira o que se pretende com a utilização da escala Likert, é medir as atitudes e comportamentos, utilizando-se para isso do contexto que viabiliza opções de resposta que variam de um extremo a outro (por exemplo, de nada provável para extremamente provável), e não apenas questionamentos que denotam respostas de “sim ou não”.

Assim, o que se busca é descobrir níveis de opinião, e registrar o nível de concordância ou discordância com uma declaração dada.

Cabe ainda ressaltar que a escala Likert é utilizada massivamente em pesquisas quantitativas, e esta pesquisa tem cunho de uma metodologia qualitativa. Então, como irá se firmar esta condição?

Cabe neste sentido buscar argumentos em Osinski e Bruno (1998), que destacam a necessidade de se constituir novos constructos, à análise referendada

pela escala Likert, na medida em que apontam outros níveis de medida além dos princípios estatísticos.

Também cabe, as considerações de Costa *et al.* (1999), que destaca que a análise da escala Likert, seja baseada em uma lógica paraconsistente, na medida em que demonstra que os dados coletados por meio da pesquisa com escalas, pode ser feito com testes não paramétricos, e o trabalho de Sanches, Meireles e Sordi (2011), que apresenta a análise e reflexões que discutem a viabilidade de um estudo qualitativo por meio da escala Likert.

A lógica paraconsistente pode ser aplicada para modelar conhecimentos por meio da procura por evidências, de tal forma que os resultados obtidos são aproximados do raciocínio humano. [...] a lógica paraconsistente pode modelar o comportamento humano e assim ser aplicada em sistemas de controle, porque se apresenta mais completa e mais adequada para tratar situações reais, com possibilidade de, além de tratar inconsistências, também contemplar indefinições. (COSTA *et al.* 1999, p. 37).

Busca-se, assim, por meio da metodologia escolhida, contribuir no sentido de apresentar um trabalho consistente, que contemple uma análise envolvida com a teoria e a realidade das questões que estão sendo investigadas, ou seja, que destaque tanto a realidade objetiva vivenciada pelos estudantes desta modalidade, como também a dimensão subjetiva de homens históricos, pois estas dimensões (objetiva e subjetiva) não se excluem, mas sim dialogam entre si.

Por outro lado, cabe ainda salientar que esta pesquisa desenvolve-se motivada pelas inúmeras críticas e anseios que predominam no universo da modalidade de educação a distância.

9 RESULTADOS E DISCUSSÃO

9.1 QUEM SÃO OS PARTICIPANTES DO ESTUDO

A educação a distância possui um perfil diferente do estudante presencial, pois na medida em que o estudante desta modalidade opta por buscar este modelo educacional, ele vai se deparar com a necessidade de adaptação a este diferente formato do presencial, que possui algumas características próprias que são necessárias para estimular a percepção, a cognição e o desenvolvimento da sua autonomia.

Como se sabe, na modalidade a distância, não há a figura do professor ao lado do aluno, cobrando ou elogiando. Por este motivo, este estudante de EaD, em sua grande maioria, é um aluno mais maduro e com certo grau de autonomia e responsabilidade com seus prazos e tempos.

Os estudantes participantes desta investigação têm idades entre 21 e 51 anos de idade, em sua maioria, não possuem uma graduação, e buscam na EaD um aprendizado em prol do seu trabalho e até mesmo da sua realização pessoal, como poderá ser verificado em suas falas mais adiante neste trabalho.

Assim, a escolha dos estudantes de EaD para esta pesquisa se deu de forma aleatória em seu ambiente acadêmico: instituição privada de ensino superior a distância. Cabe ainda salientar que não houve a escolha de um único curso desta instituição, mas se levou em conta apenas a participação voluntária dos estudantes.

Desta forma, acredita-se estar atingindo um campo bastante diversificado, que permitiu estabelecer relações para compreender a mediação pedagógica e tecnológica sob o olhar do estudante da modalidade a distância, obtendo-se, assim, uma perspectiva em busca de alternativas eficazes para a construção do conhecimento.

Assim, foram distribuídos questionários a 86 alunos que se dispuseram a participar desta pesquisa, no entanto, durante as observações realizadas a partir do dia 03 de Outubro de 2016 até a data de 08 de Dezembro de 2016, apenas 20 destes estudantes realmente entregaram o material de pesquisa, o TCLE devidamente assinado, e responderam à entrevista realizada pela pesquisadora.

Em razão da demora destes estudantes em entregar o material de pesquisa, a pesquisadora passou a perguntar se havia algum problema ou dificuldade para responderem o material, ou mesmo se os estudantes estavam dispostos a realmente participar da investigação.

Neste sentido várias situações foram apresentadas por estes estudantes, como motivo para não preencher o questionário: a falta de tempo, em razão de trabalho e de família; o extravio do material de investigação, que foi entregue novamente para que pudessem responder; o simples esquecimento; o não comparecimento nas aulas semipresenciais.

Vale também salientar que durante estas semanas de observação, a pesquisadora não poderia deixar de imprimir sua própria ótica à respeito desta evasão.

Em primeiro lugar, cita-se que todos os estudantes, quando lhes foi apresentada a pesquisa e a razão da investigação, foram bastante solícitos em participar de maneira voluntária, muitos, ainda, relataram a importância de poderem mostrar a realidade de seu cotidiano acadêmico.

No entanto, mesmo estes estudantes sabendo que poderiam entregar os questionários na coordenação da EaD, caso viessem em dias diferentes dos programados para as aulas semipresenciais, que acontecem todas as segundas - feiras e quartas-feiras, dias em que as observações em campo da pesquisadora eram realizadas, não entregaram os questionários.

Até mesmo nos dias de prova, a pesquisadora compareceu para tentar realizar a coleta do material entregue, ou mesmo entregar novamente o questionário para realizar a entrevista, mesmo nestes dias a evasiva era grande com as respostas: esqueci, não lembrei de responder, pois tinha que estudar para a prova, posso trazer outro dia, não tive tempo, agora não posso participar, tenho compromisso.

E quando não havia prova, a maioria dos estudantes não comparecia, pois não existe a obrigatoriedade da presença deles, em especial dos estudantes do curso de pedagogia, que, na maioria dos dias, contava com apenas 3 a 4 estudantes em classe. Mas quando havia apresentação de trabalho que valia nota, a sala estava repleta com 24 estudantes. Mesmo neste dia havia a negativa da

entrega. A justificativa era de que tinham esquecido e que tiveram que preparar o trabalho para apresentação.

Dispuseram-se, assim, para esta investigação, 20 estudantes da modalidade a distância, que assinaram o TCLE, responderam ao questionário e participaram da entrevista e observação realizadas. A partir destes dados, foram identificados os núcleos de significação que subsidiam esta tese.

Os dados coletados foram importantes para caracterizar o estudante da modalidade a distância nesta instituição privada, sobretudo se relacionados ao conteúdo da(s) fala(s) deste(s) estudantes, visando, neste sentido, apreender os sentidos e significados da mediação pedagógica e tecnológica dos envolvidos nesta investigação, “[...] mesmo considerando que uma boa entrevista possa contemplar material suficiente para uma análise, se houver condições, alguns outros instrumentos podem permitir o aprimoramento e refinamento analítico.” (AGUIAR E OZELLA, 2006, p. 229).

QUADRO 1 - CURSO, TEMPO DE CURSO, TRABALHO E FORMAÇÃO DOS PARTICIPANTES

ESTUDANTES	CURSO	TEMPO DE CURSO	TRABALHO	FORMAÇÃO SUPERIOR
VANDA	GEOGRAFIA	1 semana	Não	Não
LUÍZA	HISTÓRIA	2 anos e meio	Sim	Não
FERNANDA	PEDAGOGIA	3 meses	Sim	Não
LUÍS	MATEMÁTICA	1 ano e meio	Sim	Não
AMANDA	PEDAGOGIA	4 anos	Sim	Não
CAMILA	PEDAGOGIA	4 anos	Sim	Não
PEDRO	MATEMÁTICA	2 anos	Sim	Não
VINÍCIUS	HISTÓRIA	8 meses	Sim	Sim – Letras
MAGDA	PEDAGOGIA	4 anos	Sim	Não
RENATA	HISTÓRIA	2 anos e meio	Sim	Não
THAÍS	HISTÓRIA	2 anos e meio	Sim	Não
LEANDRO	MATEMÁTICA	7 meses	Sim	Não
JAIR	MATEMÁTICA	3 anos	Sim	Não
LUCAS	GEOGRAFIA	3 anos	Sim	Não
JÊNIFER	PEDAGOGIA	2 meses	Não	Não
LARISSA	HISTÓRIA	1 ano	Sim	Não
ROBERTO	MATEMÁTICA	10 meses	Sim	SIM – Administração
TAIS	PEDAGOGIA	1 ano e 3 meses	Sim	Não
VALMIR	MATEMÁTICA	2 anos	Sim	Não
KELLY	PEDAGOGIA	1 semana	Não	Não

FONTE: Elaborado pela autora a partir do processo de análise das entrevistas dos estudantes de EaD, de Outubro a Dezembro de 2016.

Observa-se, hoje em dia, que as pessoas procuram cada vez mais uma especialização para o mercado de trabalho, com prioridade a modelos que permitam uma maior autonomia nos tempos e espaços de aprendizagem.

“[...] Embora muitas pessoas só recentemente tenham descoberto as possibilidades de aprendizagem a Distância, ela é, na verdade, uma prática tradicional, que começou por volta de 1.850 em vários países da Europa. O motivo para oferecer educação e treinamento àqueles que, por um motivo ou outro, não podiam chegar até uma escola, estava baseado no desejo se estender a oportunidade de autoaperfeiçoamento a todos que quisessem aprender a satisfazer suas variadas ambições.” (LITTO, 2010, p. 25).

No que tange a escolha do curso destes estudantes da EaD, verificou-se que a escolha ocorreu em função da relação de afetividade estabelecida durante a vida destes estudantes, além dá perspectiva ofertadas no trabalho e expectativas de uma formação que possibilite se inserir no mercado de trabalho. Para Roberto, o curso de matemática sempre foi o seu objetivo, “[...] sempre quis fazer este curso”, Jénifer relata que busca na pedagogia “[...] uma formação para o trabalho”.

Novos caminhos vão surgir durante a faculdade, o mercado de trabalho pode exigir adaptações ou uma grande guinada na carreira. É comum encontrar engenheiros trabalhando na área de finanças, arquitetos se dedicando à área comercial, economistas cuidando de marketing. A mudança não significa fracasso nem frustração, mas sim a aceitação de desafios que a vida vai trazendo. Escolher uma profissão representa esboçar um projeto de vida, questionar valores, as habilidades, o que se gosta de fazer e a qualidade de vida que se pretende ter. (SONTAG, *et.al.* 2006, p. 01).

Ocorre ainda relatar que o tempo de curso destes estudantes, é bastante variado, pois as turmas nas quais estão inseridos são multisseriadas. Turmas estas que se apresentam com os estudantes nas mais várias fases do curso: de estudantes recém matriculados aos estudantes que estão realizando seus TCCs para finalização do curso.

No que tange à relação destes estudantes com o mercado de trabalho, verifica-se que a grande maioria tem um emprego, dos 20 estudantes, 17 estão empregados. Mas ao se analisar a questão da formação superior, este número quase se inverte sendo que 18 destes estudantes possuem apenas o ensino médio.

O desempenho de uma profissão requer que o indivíduo invista em seu desenvolvimento profissional e busque adquirir conhecimento especial, mesmo que numa preparação longa e intensiva. Essa preparação, geralmente oferecida pela formação acadêmica, tanto em cursos de graduação quanto em cursos de pós-graduação, contribui para que se desenvolvam habilidades que possibilitam alcançar um nível de profissionalismo que seja compatível com a função pretendida. (TESSARO, *et.al.*, 2013, p.05).

O próximo quadro, traz, os elementos, idade, sexo, naturalidade, estado civil, ano de matrícula e renda familiar dos participantes, que contribuem para a caracterização dos participantes deste estudo.

QUADRO 2 - IDADE, SEXO, NATURALIDADE, ESTADO CIVIL, ANO DE MATRÍCULA E RENDA FAMILIAR DOS PARTICIPANTES.

NOME	IDADE	SEXO	NATURALIDADE	ESTADO CIVIL	ANO DE MATRÍCULA	VALOR DA RENDA FAMILIAR
VANDA	32	F	São Paulo	divorciada	2016	3.500
LUÍZA	36	F	Curitiba	casada	2014	Não informou
FERNANDA	45	F	São José dos Pinhais	separada	2016	2.800
LUÍS	36	M	Belo Horizonte	casado	2015	4.000
AMANDA	32	F	Curitiba	casada	2012	Não informou
CAMILA	31	F	Brasília	solteira	2012	3.600
PEDRO	26	M	Curitiba	solteiro	2014	3.000
VINÍCIUS	28	M	Piraquara	casado	2016	Não informou
MAGDA	34	F	Recife	casada	2012	4.200
RENATA	29	M	Curitiba	solteira	2014	4.000
THAÍS	29	F	Pinhais	casada	2014	3.600
LEANDRO	34	M	Curitiba	casado	2016	Não informou
JAIR	33	M	Curitiba	casado	2013	4.000
LUCAS	47	M	Recife	casado	2013	4.300
JÊNIFER	23	F	Curitiba	solteira	2016	Não informou
LARISSA	21	F	Pinhais	solteira	2015	3.000
ROBERTO	51	M	Belém do Pará	casado	2015	4.300
TAÍS	32	F	Curitiba	casada	2015	4.000
VALMIR	38	M	Curitiba	casado	2014	Não informou
KELLY	23	F	Maringá	solteira	2016	Não informou

FONTE: Elaborado pela autora a partir do processo de análise das entrevistas dos estudantes de EaD, de Outubro a Dezembro de 2016.

No que se refere ao fator idade, 13 destes estudantes, ou seja, a maioria participante desta investigação possuem idade superior a 30 anos, o que sugere que estão em plena capacidade produtiva e buscam na EaD a oportunidade de uma formação superior, ou, em algumas situações, a ampliação de sua capacidade no campo profissional. E os outros 07 estudantes, que têm entre 21 e 29 anos, também relatam as mesmas condições no que se refere ao fato da formação superior em EaD.

Levantou-se, ainda, como característica dos participantes, que a maioria é do sexo feminino (12 no caso desta investigação de um total de 20 participantes).

Para Abreu (2014), a mulher está cada vez mais em busca de seu espaço no mercado de trabalho, e busca nos estudos a preparação para se impor neste mercado.

Analisou-se também, a naturalidade destes estudantes, chegando assim aos números: 09 destes estudantes são de Curitiba, 04 são da região metropolitana de Curitiba, 01 do interior do Paraná, e 06 dos diferentes estados do Brasil.

Verifica-se que os estudantes desta instituição, optaram pelo curso a distância, não pelo fator espaço, questão esta que não foi em momento algum, colocada como preponderante para a escolha desta modalidade.

Cabe ainda destacar que mesmo os nascidos em estados diferentes deste país, são residentes deste capital e os da região metropolitana também não destacaram esta condição para a escolha da EaD.

No que tange ao estado civil, pôde-se concluir que a maioria dos alunos são casados (12), apenas 01 é divorciado e os outros 07 solteiros, da totalidade dos 20 que se dispuseram a participar da pesquisa.

Revela-se neste sentido, que todos os envolvidos nesta investigação são adultos que em sua grande maioria (18 estudantes), não possuem formação superior. E destacam a vontade de estudar, voltar ao mercado de trabalho, e ainda aumentar a possibilidade de uma promoção com a conclusão do curso, ou seja, aumentar as suas possibilidades econômicas e sociais.

Em relação à renda familiar destes estudantes, verificou-se que 07 destes estudantes preferiram não responder, ou mesmo que não sabiam dos valores das rendas de sua família, e que 12 destes informaram uma renda familiar maior ou

igual a 3000 reais e apenas 01 estudante com uma renda familiar inferior a 3000 reais. Este fato pode ser compreendido a partir de Reis (2010):

Durante as entrevistas nas instituições privadas, averiguou-se os valores de cursos de graduação e pós-graduação ofertados, os valores das mensalidades não ultrapassam R\$ 200,00. Já nos cursos presenciais, ofertados pelas mesmas instituições, esses valores praticamente duplicam. Isso demonstra que além do fato de poder adquirir conhecimentos sem ter que frequentar uma sala de aula normal, o aluno da EAD ainda vai disponibilizar um investimento bem menor para sua formação. (REIS, 2010, p. 32).

Analisando brevemente o perfil destes estudantes, o que se pode observar é que, em sua maioria, são pessoas que buscam uma opção de aprendizagem que possibilite a expansão de seus conhecimentos e a facilidade de tempo e espaço que esta modalidade oferece.

Visam assim o conhecimento e uma formação com os diferenciais que a EaD proporciona, com tempo, espaços e métodos diferenciados da modalidade presencial.

9.2 CONSTITUINDO OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO DAS FALAS DO(S) DISCENTES DA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Esse trabalho busca, por meio do método de núcleos de significação, constituir elementos que possam contribuir para o objetivo desta tese que é: compreender a mediação pedagógica e tecnológica sob o olhar do estudante da modalidade a distância.

A análise que será apresentada neste capítulo é o resultado da articulação dos dados coletados durante as observações e das entrevistas coletadas e “[...] esse procedimento explicitará semelhanças e/ou contradições que vão novamente revelar o movimento do sujeito.” (AGUIAR E OZELLA, 2006, p. 231).

Como explicitado na metodologia, o método de núcleos de significação, de Aguiar e Ozella (2006, 2013), consiste em uma proposta de análise de conteúdo que busca instrumentalizar o pesquisador, com base nos fundamentos epistemológicos da perspectiva sociohistórica. Nesta perspectiva, o processo de apreensão das significações remete à significação da dialética, que configura a relação entre sentidos e significados constituídos pelo sujeito frente à realidade na qual se relacionam.

Aguiar e Ozella (2006) ao tomar como base o método da psicologia sociohistórica, afirmam que não existe método separado de uma concepção de homem. Essa base teórica determina a necessidade de se estudar o homem constituído a partir de uma relação dialética com o social e a história, um homem que é, ao mesmo tempo, único, singular e histórico, um homem que se distingue da realidade social, mas, ao mesmo tempo, não se dilui nela, pois representam constructos diferentes.

Dessa maneira, apoiando-se nos estudos de Vygotsky (2001), Aguiar e Ozella (2006) estabelecem um importante referencial constituído pela unidade contraditória do simbólico e do emocional, que se refere à distinção entre significado e sentido.

O significado, para Aguiar e Ozella (2006), remete às produções históricas e sociais que permitem a comunicação e a socialização de nossas experiências, “[...] aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades.” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 226).

Já o sentido, segundo Aguiar e Ozella (2006), é muito mais complexo que o significado, pois este se destaca na singularidade historicamente construída que considera a totalidade humana: cognitiva e afetiva, ou seja, refere-se “[...] a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade.” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 227).

Essas categorias, destacadas por Aguiar e Ozella (2006), encontram respaldo nas reflexões de Namura (2004) a respeito da dimensão de ‘sentido’, ao considerar todas as instâncias envolvidas nesse processo: a razão e a emoção, e não apenas reducionismos científicos.

Pois, “[...] só quando compreendemos a possibilidade do todo, é que este poderá contribuir para a compreensão da produção de sentido com sua concepção histórica e social da linguagem trazendo a cultura, a ideologia, a ética e a estética.” (NAMURA, 2004, p. 111).

O primeiro passo para a obtenção de uma análise comprometida com a realidade da fala dos sujeitos participantes iniciou-se por meio de várias leituras denominadas “leituras flutuantes”, “que são a primeira unidade do momento

empírico da pesquisa; partimos dela sem a intenção de fazer mera análise das construções narrativas, mas com a intenção de fazer uma análise do sujeito.” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 230).

Essas leituras permitiram que o material coletado destacasse os temas que emergiram com mais frequência, caracterizando, por meio dessas repetições, a fala dos informantes, a carga emocional presente, as contradições e as possíveis insinuações não concretizadas.

Por meio da leitura “flutuante” e dos pré-indicadores se manifestará o processo de aglutinação do conteúdo coletado, que se estabelece pelo conjunto de indicadores e seus conteúdos. “Critérios estes que não são isolados entre si, mas são complementares pela semelhança do mesmo modo que pela contraposição.” (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 230).

Sob o cuidado de não resvalar numa visão metafísica, para não anular as oposições que movimentam a história, a capacidade teórico - metodológica de apreender as mediações determinantes dos processos de significação, o pesquisador deve conceber os pré-indicadores não como discursos acabados em si mesmos, plenos e absolutos, mas como teses que, na tríade dialética (tese-antítese-síntese), se configuram como produções subjetivas mediadas por objetivações históricas das quais o sujeito se apropria. Nessa perspectiva, os pré-indicadores passam a ser compreendidos não como afirmações descoladas da realidade, mas como construções sociais, isto é, discursos mediados por numerosos artefatos culturais e históricos que constituem o movimento dos processos de significação da realidade. (AGUIAR E OZELLA, 2015, p. 64).

É nesse momento da pesquisa, já de posse do conjunto de indicadores e seus conteúdos, que para Aguiar e Ozella (2006, p. 231) se inicia o “processo de articulação que resultará na organização dos núcleos de significação através de sua nomeação”, e representa o processo que possibilita a análise dos núcleos de significação.

Essa fase de análise da pesquisa à luz da perspectiva histórico-cultural, por meio dos núcleos de significação, irá apreender não apenas o conteúdo da fala dos informantes, mas irá articulá-la com o processo interpretativo do investigador, revelando-se um movimento do empírico para o interpretativo.

Assim só avançaremos na compreensão dos sentidos quando os conteúdos dos núcleos forem articulados. Nesse momento, temos a realização de um momento da análise mais complexo, completo e sintetizador, ou seja, quando os núcleos são integrados no seu movimento, analisados à luz do contexto do discurso em questão, à luz do contexto sócio-histórico, à luz da teoria. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 232).

Essa visão dos núcleos de significação corrobora, portanto, a realidade que se pretende investigar neste trabalho, na medida em que se realizam articulações da história do sujeito, de sua realidade, dos conhecimentos científicos e da própria visão do investigador.

Esses fatores imprimem uma nova realidade, reveladora das contradições e desses movimentos dialéticos fundamentais para a apreensão da constituição dos sentidos em uma pesquisa qualitativa.

Para Brandão (2004), seguindo esse princípio, no sentido de captar e tentar interpretar a(s) categoria(s) da(s) fala(s) dos sujeitos da presente amostra ao nível de suas respectivas práxis, deve-se ter o cuidado de não destacar apenas a homogeneização do discurso do sujeito, mas que se percebam também as contradições, “várias linguagens em uma única e não ao contrário.” (BRANDÃO, 2004, p. 88).

É nessa perspectiva de investigação, portanto, que se concebe esta tese, que busca apreender e interpretar os sentidos constituídos pelos estudantes de EaD sobre os processos de mediação pedagógica e tecnológica no espaço desta modalidade, sentidos esses que, histórica e dialeticamente, têm feito parte do conjunto de mediações sociais que têm configurado o movimento de sua dimensão subjetiva.

Para o início desta análise, os núcleos primeiramente serão destacados para depois serem reintegrados ao contexto social e histórico, conforme os procedimentos propostos por Aguiar e Ozella (2006). Desta maneira, irá se demonstrar, nos quadros a seguir, como se chegou aos núcleos de significação que norteiam esta pesquisa.

QUADRO 3 - ESTABELECENDO OS PRÉ-INDICADORES E OS INDICADORES DA INVESTIGAÇÃO

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
<ul style="list-style-type: none"> - ações destacadas pelos alunos no processo de ensino-aprendizagem da EaD; - aulas semipresenciais; - conversas com professores e tutores; - a utilização de vários recursos tecnológicos; - auxílio para quem precisa; - organização nos estudos; - organização do tempo de estudo; - preocupação; - respeito; - estabelecimento de relações variadas; - problematização; - espaço virtual de estudos; - autonomia; - conhecimento; - desenvolvimento humano; - criticidade; - tempo; - recursos; - afetividade; 	<ul style="list-style-type: none"> - ações do estudante; - a expectativa; - a realidade; - a pretensão; - a relação de afetividade com o universo da EaD.
<ul style="list-style-type: none"> - compreensão sobre os processos de mediação pedagógica e tecnológica da EaD; - Receio sobre os processos de mediação: pedagógico e tecnológico; - explicações que possibilitem a compreensão dos processos mediadores; - estabelecimento de relações que permitam os processos mediadores; - os recursos disponíveis no espaço da modalidade a distância; - o uso do computador no espaço da EaD; - o uso de mídias de informação; - a duração das aulas semi-presenciais; - os encontros nos espaços virtuais de estudo; - a didática; - os conteúdos das aulas; - os conteúdos das pesquisas; - material pedagógico; 	<ul style="list-style-type: none"> - a compreensão do processo de mediação; - o entendimento da mediação pedagógica; - o entendimento da mediação tecnológica; - o reconhecimento destes processos; - o processo de autonomia deste estudante.
<ul style="list-style-type: none"> - atividades relevantes destacadas pelos discentes - encontros semi-presenciais; - os encontros virtuais; - a possibilidade de tirar dúvidas; - atividades desafiadoras; -apresentação de trabalhos presenciais; - apresentação de trabalhos no ambiente virtual; - postagem de pesquisas em ambiente virtual ; - discussão em espaços presenciais; - discussão em espaços virtuais; -estabelecimento de relações entre conteúdo científico e prática; - o espaço da EaD; 	<ul style="list-style-type: none"> - a influência dos processos de mediação nos ambientes da EaD; - o ambiente presencial; - o ambiente virtual; - a relação de afetividade com os espaços da EaD.

FONTE: Elaborado pela autora a partir do processo de análise das entrevistas dos estudantes de EaD, de Outubro a Dezembro de 2016.

QUADRO 4 - MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E TECNOLÓGICA: NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> - os motivos; - a expectativa; - a realidade; - a pretensão; - ações do estudante; - a relação de afetividade com o universo da EaD; - as dificuldades; - a autonomia. 	EU ESTUDANTE
<ul style="list-style-type: none"> - a compreensão do processo de mediação; - o entendimento da mediação pedagógica; - o entendimento da mediação tecnológica; - o reconhecimento destes processos; - a relação da autonomia com os processos de mediação. 	ESTUDANTE E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E TECNOLÓGICA
<ul style="list-style-type: none"> - a influência dos processos de mediação nos ambientes da EaD; - o ambiente presencial; - o ambiente virtual; - a relação de afetividade com os espaços da EaD. 	ESTUDANTE E AMBIENTE EaD

FONTE: Elaborado pela autora a partir do processo de análise das entrevistas dos estudantes de EaD, de Outubro a Dezembro de 2016.

Seguindo no processo de análise, importa considerar que ele começou no interior de cada núcleo e foi avançando para o estabelecimento de relações entre os núcleos, evidenciando-se semelhanças e contradições no discurso do aluno e nas observações realizadas por esta pesquisadora.

9.3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DA(S) FALA(S) DO(S) ESTUDANTE(S) DA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Vale salientar que a investigação aqui pretendida deverá transcender o óbvio, buscando no tratamento teórico-metodológico e no trabalho de análise a possibilidade de um caminhar na direção de explicações cuja finalidade consista em revelar não o sujeito em si, “[...] mas a síntese de múltiplas mediações que, sem deixarem de remeter ao sujeito em foco, expandem nosso conhecimento sobre uma realidade concreta que supera a ideia de sujeito como ser em si mesmo, mas que,

sem dúvida, tem o sujeito como sua unidade, seu motor.” (AGUIAR e OZELLA, 2015 p. 65).

Neste sentido, os núcleos de significação, colaboram, tendo em vista o pressuposto de que o homem é constituído em uma relação dialética com o social e com a história, sendo esta relação ao mesmo tempo única, singular e histórica.

Na medida em que este homem é constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, em suas variadas formas de expressão: as relações sociais, a historicidade social, a ideologia, ou seja, a sua relação e compreensão do mundo.

9.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO NÚCLEO: EU ESTUDANTE

Este núcleo é fundamental porque revela como os estudantes de EaD constituem os significados e sentidos por meio de suas experiências e percepções, que trazem significações importantes e que serão apreendidas nesta investigação.

Diferentemente do estudante do ensino presencial, que possui todo um ambiente ao alcance dele, o estudante da modalidade a distância encontra-se em espaços síncronos e assíncronos de aula e estudos, o que muitas vezes pode ser um facilitador, como pode ser vislumbrado por alguns como um agravante para os estudantes desta modalidade.

Como destaca Santaella (2009),

Uma vez que a percepção se dá em um *continuum* sensório, não há por que postular uma separação drástica entre pretensos espaços físicos e pretensos espaços virtuais. No que diz respeito ao corpo, se esse *continuum* também abarca a propriocepção, não há como postular que o corpo fica inerte e esquecido enquanto a mente surfa pelo ciberespaço, pois percepção e propriocepção são dois pólos inseparáveis de atenção. (SANTAELLA, p. 129).

Assim, busca-se neste núcleo: eu estudante, um dos alicerces para contemplar o objetivo da tese em questão que é compreender a mediação pedagógica e tecnológica sob o olhar do estudante da modalidade a distância.

Como se sabe, cada estudante tem suas necessidades, ritmos, expectativas próprias, o que leva à necessidade de compreender o individual, para então se projetar uma totalidade do geral.

E é neste sentido que este capítulo irá se pautar, buscando nos indicadores abaixo as possíveis contribuições para a elaboração deste trabalho:

QUADRO 5 - CONSTITUIÇÃO DO NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO EU-ESTUDANTE

INDICADORES	NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> - os motivos; - a expectativa; - a realidade; - desafios; - a pretensão; - ações do estudante; -a relação de afetividade com o universo da EaD; - as dificuldades; - a autonomia. 	<p>EU ESTUDANTE</p>

FONTE: Elaborado pela autora a partir do processo de análise das entrevistas dos estudantes de EaD, de Outubro a Dezembro de 2016.

Este núcleo define-se pelo modo como o estudante percebe o universo da modalidade a distância, envolvendo seus motivos, suas expectativas, suas pretensões, suas ações na forma como lida com este tipo de educação, além de destacar a relação de afetividade com esta modalidade, suas dificuldades e a possibilidade de exercício da autonomia.

Pôde-se perceber na fala dos estudantes participantes, que um dos maiores motivos de buscarem este formato de educação, é a falta de tempo para frequentar as aulas, como relata Amanda: “[...] os motivos foram pela falta de tempo diante dos meus compromissos, ficaria difícil frequentar a faculdade todos os dias”. Para Luís, “[...] o principal motivo foi a busca de flexibilidade de horário de estudo. Estou satisfeito.”

Queremos apropriar-nos daquilo que diz respeito ao sujeito, daquilo que representa o novo, que, mesmo quando não colocado explícita ou intencionalmente, é expressão do sujeito, configurado pela unicidade histórica e social do sujeito, revelação das suas possibilidades de criação. (AGUIAR E OZELLA, 2006, p. 227).

Apona-se, ainda, que a modalidade EaD é uma grande oportunidade de formação para estes estudantes, no sentido de possibilitar uma flexibilidade em seus horários de aula e estudos, aliada ao seu tempo de trabalho e, muitas vezes, ao tempo em que passam ao lado de suas famílias.

É o ensino que eu me encaixo, né. É o ensino que me capacita, é o ensino que atende minhas necessidades de tempo. Estou muito satisfeito com esta escolha. É uma metodologia nova... é uma metodologia que eu aceito, né.. e vejo que ajuda o aluno a pensar, o aluno ir atrás, o aluno a pesquisar, não aquele aluno que fica tão copiador, tão dependente... (LEANDRO).

Observou-se ainda, em relação à flexibilização dos tempos e espaços, que os alunos desta instituição estavam inscritos na modalidade semipresencial em EaD, mas que esta presencialidade é apenas obrigatória nos momentos de apresentação de trabalhos e avaliações.

Os horários desta semi-presencialidade aconteciam nas segundas e quartas– feiras das 19:00 às 20:00 horas em sala de aula de seus cursos correspondentes e das 20:00 às 21:00 horas em uma sala de aula de apoio que abrange conteúdos gerais, tais como português, redação, matemática básica, entre outros.

Quando incluída no ensino à distância, a presencialidade tem sua função revista, bem como a frequência, os objetivos e a forma das situações presenciais de contato dos alunos entre si e dos alunos com aqueles que os apóiam ao longo do processo de aprendizagem. Há esquemas operacionais de ensino à distância em que os educadores se encontram diariamente, não em termos obrigatórios, com um tutor ou orientador de aprendizagem, seja para assistir algum programa em vídeo, para receber algum tipo de material, para resolver um problema, etc.; há outras em que os educadores se reúnem periodicamente para debater assuntos que estejam estudando - reuniões estas que podem ou não contar com a presença de um tutor. (GONÇALVES, 1996, p. 13).

Notou-se ainda, que os alunos em sua grande maioria, vão embora, assim que termina as aulas de seus respectivos cursos.

Cabe salientar que estas aulas e em especial as aulas dos cursos de pedagogia, possuem um número muito pequeno de estudantes que as frequentam no formato semipresencial, e que normalmente estão presentes apenas quando se

trata de apresentação de trabalhos que valem nota e nos dias de prova que se realizam nos laboratórios de informática.

Já nos cursos de Matemática, Geografia e História, o número de participantes é bastante grande, com salas de aula lotadas em todas as oportunidades, conforme observação da pesquisadora.

A modalidade a distância, como se pode perceber, é uma necessidade para a maioria destes alunos que buscam uma formação. Na verdade, muitos deles desejariam realizar seus estudos em um formato presencial, “[...] tenho 04 filhos, e um deles ainda pequeno... não dou conta de sair todos os dias. Eu estou satisfeita, porém se eu tivesse como fazer presencial eu faria.” (CAMILA).

Eu trato o meu psicológico, e eu estou reaprendendo a lidar com pessoas... eu tive síndrome do pânico, que eu trato... e a depressão.. e por causa disso eu escolhi a EaD... Eu não escolhi a presencial por medo de passar mal e de outras coisas que poderiam acontecer... (KELLY).

Percebe-se assim, que a modalidade a distância tem o potencial de atender a um público que de outra forma estaria excluído do sistema de educação formal, devido a problemas de tempo, de ordem familiar e de saúde, mas que não deixariam de escolher um modelo presencial de educação, se assim pudessem como apontam autores como Belloni (2003, 2006) e Lopes (2010).

Autores como Anastasiou e Alves (2004); Masetto (2012); dentre outros, destacam que a modalidade a distância conta com estratégias de ensino-aprendizagem que buscam favorecer o desenvolvimento de determinadas competências de aprendizagem da EaD, favorecendo a demanda destes estudantes que buscam na EaD a oportunidade de um estudo mais flexível que a modalidade presencial.

Não há vantagens ou desvantagens absolutas entre a modalidade presencial e a distância. O que se pode perceber são diferenças que atendem melhor a um público ou a outro.

A Educação a Distância, assim como toda a Educação, encontra-se necessariamente vinculada ao contexto histórico, político e social em que se realiza, sendo considerada, sempre, como uma prática social de natureza cultural. A Educação a Distância não deverá ser pensada como algo a parte da organização de ensino, mas como uma modalidade de educação que, em função de suas peculiaridades espaço-temporais, dos tipos de mídias e recursos tecnológicos utilizados e de suas características contextuais, requer a organização de um sistema que ofereça ao aluno as condições necessárias para que o mesmo efetue sua formação. (BOLETIM – SALTO DO FUTURO/MEC, 2002, p. 101).

Os estudantes afirmam também que a EaD lhes propicia condições para estudar e realizar suas tarefas sem sair de casa, sem a necessidade de faltar ao emprego, ou de deixar os filhos sozinhos, o que para estes estudantes era imprescindível e significativo.

Para Renata, “[...] a modalidade EaD lhe dá a oportunidade de estudar sem sair de casa, ficar mais perto dos filhos menores, e tendo acesso ao curso superior, a economia em transporte, além da mensalidade muito mais em conta do que no presencial.”

Vale destacar novamente que dentre as vinte entrevistas, 12 delas são de estudantes do sexo feminino. Para estas estudantes, os fatores família, deslocamento, tempo, economia e segurança também são apontados para a escolha da modalidade a distância.

Na visão das participantes do estudo, essas condições proporcionam um sentimento de segurança e de conforto, garantindo-lhes tranquilidade.

Entretanto, alguns estudantes desta modalidade apontam dificuldades em relação à participação na EaD, tanto no que se refere ao uso de metodologias, à necessidade de organização de seus horários, à necessidade de disciplina em relação aos estudos necessários, e à apresentação de trabalhos, o que lhes exige o desenvolvimento de estratégias e autonomia específicas para realizar a aprendizagem no sistema de EaD.

A autonomia, ao contrário do que muitos devem imaginar, não surge como um conceito pedagógico da EAD, para designar a atitude e postura necessária ao aluno que está espacialmente distante do seu educador, tampouco é um conceito extraído de algum manual de pedagogia ou da obra de algum teórico da área de educação. Mas seu uso ganha centralidade na modernidade, pela crítica kantiana à razão, e é compreendida como a capacidade que a razão tem de pensar a si própria e de se auto atribuir regras e leis. É contrária à heteronomia, situação em que pensamos e agimos sob orientação de outros ou movidos por algo externo a nós. A relevância deste conceito para a humanidade é tão amplo que seria um devaneio restringi-lo apenas à pedagogia. (OLIVEIRA e NUNES, 2011, p. 06).

Como relata Luíza, “[...] este curso é muito difícil, não foi uma opção, mas era mais barato e não preciso vir sempre, mas se pudesse escolher, teria feito aulas presenciais, por que o professor sempre tá lá para ajudar.” Outro exemplo é o da estudante Fernanda:

A modalidade a distância foi uma grande oportunidade para mim, pois me deu a oportunidade de uma profissão, pois já tenho 45 anos e dois filhos adolescentes,... sabe eu só cuidei da minha família até hoje... e agora estou podendo voltar a estudar e ter meu próprio dinheiro... tô bem feliz... mas sinto dificuldades para acompanhar as aulas no computador... meus filhos me ajudam muito... eles entendem bem de computador... daí eles me ajudam a postar os trabalhos... pois fico com vergonha de dizer que não sei fazer isto direito. (FERNANDA).

Considerou-se ainda, para a organização do núcleo eu estudante, as questões referentes à necessidade de autonomia, à compreensão que tinham sobre o processo de autonomia e as principais dificuldades que encontram para construir o conhecimento por meio da modalidade a distância.

Em sua etimologia, autonomia vem do grego *autós* (próprio, a si mesmo) e *nomos* (lei, norma, regra). Para os gregos esse termo significava a capacidade de cada cidade em se autogovernar, de elaborar seus preceitos, suas leis e dos cidadãos decidirem o que fazer [...] na relação pedagógica, a autonomia está associada ao reconhecer no outro a capacidade de participar, ter o que oferecer e poder decidir aliado ao potencial do sujeito em 'tomar para si' sua própria formação. (PRETI, 2000, p. 08-09).

Sobre estas questões, a pesquisadora observou que muitos estudantes não têm a real noção do que seja esta autonomia na aprendizagem.

Os participantes desta investigação demonstram não saber o real significado de autonomia, referindo-se apenas à relação tempo de estudo, de aprender a mexer com os meios tecnológicos disponíveis, da necessidade de aprender o conteúdo que foi apresentado, esquecendo-se de que a autonomia vai muito além do cumprimento de tarefas exigidas e abrange a possibilidade de transformação deste estudante em seu modo de ser e de aprender.

Para Camila, a autonomia é necessária para que ela faça seu horário de estudo. No caso da Kelly, quando foi perguntada sobre autonomia, ela relatou que: “[...] não há necessidade de autonomia para estudar na EaD”, e em sua explicação, ela relata que “[...] tem sim que ter organização para estudar, senão como é que vou realizar uma prova, ou um trabalho, então a gente tem que ser bem organizada, tem que ter tudo no tempo certo.”

Um dos equívocos de muitos alunos, é pensar que a EaD irá lhe dar a oportunidade de um diploma de ensino superior, sem o esforço de muito estudo e conhecimento.

Cabe salientar que as concepções de autonomia vêm se ressignificando ao longo dos anos, procurando atender às necessidades dos novos tempos, e neste caso, em especial da modalidade a distância, que se encontra permeada por uma gama de condições diferenciadas da modalidade presencial, precisa contar, também, com os avanços tecnológicos.

No relato de Lucas, a autonomia pode ser vista de uma maneira mais abrangente:

Para mim a autonomia é quando a pessoa, age por si própria... é quando ela consegue realizar as tarefas sem pedir ajuda. Quando eu já sou capaz de fazer sem pedir ajuda. Posso até pedir... mas por precisar de auxílio... e não por que não sei de nada... Daí sempre tô aprendendo...sempre me virando... Daí eu já consigo saber quando preciso de ajuda ... e quando não preciso.... e percebo que já consigo definir e compreender a minha dificuldade... ou quando já sei me virar. (LUCAS).

O que se pode perceber nesta fala do estudante Lucas, é que a autonomia é compreendida como a capacidade de agir por si, de se reconhecer como participante de um processo de desenvolvimento, que vai provocando transformações em sua forma de aprender e apreender a realidade em si própria, pelas interações estabelecidas no contexto.

O olhar deste estudante corrobora com os pressupostos de Vygotsky, no sentido de que ele concebe o domínio de sua conduta, e compreende o ser autônomo como o resultado de um processo pensando e repensado por ele mesmo. Na medida em que esta modalidade permite promover o desenvolvimento de um sujeito consciente e crítico, no que tange à sua realidade, na medida em que este estudante passa a participar ativamente da construção deste espaço.

É importante ressaltar que, para Vygotsky (1995, 2001), a autonomia se realiza por meio da autorregulação e que de acordo com este estudioso, os estudantes são aprendizes envolvidos em práticas socioculturais de ensino e aprendizagem.

Em uma breve síntese sobre os processos que perfazem a autorregulação, vale explicitar que o conhecimento é mediado por signos (linguagem, esquemas, figuras) e instrumentos (livros, filmes, material didático, jogos...), e que na medida em que este estudante aprende, abre canais de desenvolvimento.

Ou seja, por meio das diversas formas de interação social, na medida em que se utiliza de instrumentos físicos e psicológicos, este estudante passa a

internalizar suas ações e pensamentos, internalização a partir do conceito proposto por Vygotsky. É por meio deste processo que as funções mentais são desenvolvidas e a aprendizagem acontece.

O que ocorre na visão de Vygotsky diante deste processo é uma “[...] reconstrução e transformação por parte do próprio sujeito.” (LOURENÇO, 2005, p. 58).

Vigotski (1995) denominava este processo de autorregulação, a função psicológica superior mais importante, já que ela permite que o sujeito tenha controle sobre as outras funções psicológicas ao dominar sua conduta. Para ele, o sujeito constitui-se como autorregulado no momento em que consegue internalizar as regras, as normas, os costumes existentes no meio ao qual pertence. Esse processo se dá desde seu nascimento, pois, como já dito antes, ao nascer, a criança já se encontra em uma cultura e através da mediação do outro exercida pela linguagem (fala, gestos, etc.) vai controlando seu comportamento de acordo com o que lhe é significado. (PETRONI E SOUZA, 2009, p. 356).

Para a estudante Luiza, a autonomia também se revelou um fator primordial para o seu rendimento acadêmico.

É fundamental a autonomia e a organização pessoal para mim... quando se estuda na EaD.. pra mim a autonomia é um cumprimento de um planejamento de estudo todos os dias... que requer autodeterminação para realizar um horário todos os dias como se fosse presencial... é compreender por que estamos na EaD. (LUIZA).

A autonomia pra mim é um desafio, mas preciso dela para poder estudar e compreender as coisas... Como meu curso é matemática... se eu não tiver disciplina e não me dedicar às aulas e aos trabalhos ... vou ser alguém que saiu da faculdade sem aprender nada... por isso a autonomia é importante pra mim. (PEDRO).

Colaborando na compreensão deste núcleo eu estudante, vale salientar novamente as observações desta pesquisadora, no que tange ao cotidiano acadêmico destes estudantes e seu olhar sobre estes discentes com o intuito de compreender esta relação de afetividade com a EaD, nas quais estão inseridas suas expectativas, ações, desafios e dificuldades.

O que se pôde verificar, é que os estudantes, de uma maneira geral, compreendem a importância de manter uma disciplina em relação aos estudos e aos horários, mas que, no cotidiano, muitos não realizam tal intento.

Para Fernanda, “[...] sei que tenho que manter os horários de estudo, mas não consigo sempre.” Thaís expressa: “[...] só estudo para as provas e faço os

trabalhos que os professores e o AVA pedem, sei que não devia ... mas tô levando assim.” O entrevistado Jair, comenta: “[...] sei que a autonomia é importante, e que depende de mim... mas nem sempre consigo manter a disciplina de estudos.”

A aprendizagem, para estes estudantes da modalidade EaD, não é uma tarefa fácil, é um desafio que necessita de muita reflexão, de compreender o real significado de seu formato, da sua vontade de aprender e das dificuldades em se manter uma disciplina de horários e estudos que possam lhe agregar conhecimentos, experiência e formação humana e profissional.

Aqui se faz fazer um paralelo com os estudos de Steiner.

Para Steiner (1996), por meio de seu EU, é possível caracterizar a vida como um processo transitivo entre diferentes dimensões manifestas nas pessoas humanas, na qual cada uma destas é tida como ser único e individualizado, agindo de forma integrada no que constitui a vida, que são suas vivências e conhecimentos acumulados, e a educação.

Pois, “[...] só o pensamento, através da relação entre elementos da realidade e da interação que daí resulta, possibilita ao ser humano a oportunidade da cognição. O ato cognitivo separa estes elementos, na tentativa de conhecer.” (ROMANELLI, 2015, p. 55).

Educação como busca contínua de interação/superação, em conformidade com o inédito viável, considerando as tensões decorrentes dos conflitos existenciais e transcendentais, inerentes ao contexto pós-moderno multirreferencial a que estamos submetidos. É processo cultural de matriz ontológica que constrói discernimento historicizado e político, por isso crítico, a partir e em torno da raiz. (KEIM, 2011, p. 22).

Este núcleo, portanto, revelou o estudante da modalidade a distância como acredita que a autonomia é um pressuposto primordial deste formato de educação.

Retoma-se, portanto, os indicadores deste núcleo que consideram: os motivos que os levaram a escolher esta modalidade, suas expectativas, a realidade, a pretensão, suas ações, sua relação de afetividade com a EaD, bem como as dificuldades encontradas nesta modalidade.

Portanto, diante das considerações feitas neste capítulo, remete-se a este núcleo: eu estudante como um indivíduo que deve estar sempre voltado para o ato de aprender e de estudar, pois deve ter disciplina com seus horários de estudos e das estratégias para estudar.

Este estudante da modalidade a distância, acredita que a EaD permite uma maior flexibilidade de espaços e tempos, conforme concordam como Preti (1996), Martins (2005) e Carvalho (2007), tornando mais fácil aprender e apreender pois, um dos maiores problemas com o ensino tradicional, sempre foi o tempo, os espaços, e os processos mecânicos de memorização que acabam por desestimular este estudante que trabalha, ou que por algum motivo não tem, ou não teve tempo de estudar por meio deste método tradicional.

Entende-se que compreender este estudante da modalidade a distância é uma condição estritamente necessária para a compreensão por parte dos interessados na modalidade dos cursos a distância, na medida em que conhecer este estudante irá permitir desenvolver estratégias que promovam a aprendizagem deste estudante de EaD.

A essência do que seja o sujeito na perspectiva histórico-cultural, conduz à compreensão do que é seu comportamento, sua consciência, suas atitudes, e sua subjetividade⁶ que o constitui como humano, e que não pode ser definida de modo abstrato.

Ao contrário, a essência humana se define justamente pela concretude do mundo com o qual o sujeito se relaciona.

Na medida em que cada ser humano é construído socialmente, na relação com a realidade e com os outros homens, ele se apropria também da história da humanidade; isto é, o homem não é construído apenas pelo meio social imediato, mas por todas as mediações nele contidas, pela história da humanidade e pela cultura que ele carrega. A atividade humana, por meio da qual o indivíduo desenvolve a consciência, envolve, pois, essencialmente uma apropriação da história. (ROSA E ANDRIANI, 2002, p. 273).

O que se pode perceber é que este sujeito de EaD busca se desenvolver, seja, no sentido, da formação para ascender melhores condições financeiras e sociais, seja, para potencializar suas capacidades cognitivas.

Pois, a sociedade na qual vivemos atravessa um momento único e singular, no qual as necessidades, questionamentos e ansiedades do indivíduo urgem nesta nova ordem social e política, permeada pelas novas tecnologias, e pela universalização e a transformação da informação.

⁶ De acordo com a concepção sócio-histórica, a subjetividade é constituída em relação dialética com a objetividade e tem caráter histórico.

Diante destas necessidades, o desafio que se impõe passa a exigir outras e novas formas de domínio para apreender o novo, nas quais este sujeito possa se ressignificar diante das questões sociais, financeiras e cognitivas, na medida em que o avanço tecnológico e as exigências sócio-econômico-culturais, impostas pela sociedade, provocam grandes mudanças, tanto nas estruturas dos empregos, quanto na forma de trabalhar.

Neste sentido, a modalidade a distância vem colaborar e trazer contribuições significativas para a educação, proporcionando outras e novas formas de pensar e repensar a educação no geral, permitindo a reflexão, a discussão, o repensar e o reelaborar de nossas práticas educacionais, experiências, paradigmas, interações e inter-relações professor, tutor e aluno.

As possibilidades que a EAD pode nos propiciar são: a flexibilização de espaço e de tempo; o acesso a um grande número de informações; a possibilidade de comunicação em tempo real; a troca de experiências entre pessoas que vivem em espaços físicos diferenciados e distantes; a chance de uma inclusão educacional, social e digital; a construção do conhecimento de maneira partilhada; e, o protagonismo dos participantes do processo na história. É claro que há necessidade de abertura de espírito, envolvimento, responsabilidade, organização, pesquisa e principalmente criticidade para saber optar pela melhor e mais adequada maneira de ensinar e de aprender, dependendo do contexto em que nos situamos. (LOPES *et al*, p. 18).

Vale reconhecer que também é difícil se adaptar a novos modelos educacionais, e que deixar para trás os velhos paradigmas e padrões conhecidos não é tarefa fácil, tanto para os professores desta modalidade, quanto para seus alunos e tutores.

E essa resistência não é só no sentido do medo do novo, do desconhecido, mas também do preconceito que muitas vezes temos ao nos depararmos com o diferente.

Pois a EaD é uma proposta que envolve novo paradigma educacional centrado na figura do aluno e na aprendizagem, mais do que no ensino, o que ainda provoca muita desconfiança dos que trilham por esta modalidade.

Desta maneira, inserem-se na modalidade a distância os processos de mediação pedagógica e tecnológica, que tem como papel articular uma nova significação, frente às mudanças e reflexões do modo como construímos o conhecimento.

Esta modalidade educacional, pautada neste sujeito: o estudante - deve procurar compreender suas necessidades e anseios, de maneira que possam colaborar para sua adaptação e desenvolver processos que possibilitem uma proposta de educação preocupada com a sua formação, autonomia e desenvolvimento humano.

O percurso desta análise revela múltiplos indicadores que estão relacionados entre si. Considera-se que esta análise não se encerra aqui, mas suscita maiores discussões, e aponta que, devido à amplitude da subjetividade dos estudantes, muitas serão as articulações que irão contribuir mais adiante para explicitar o objetivo desta investigação.

No próximo tópico será analisado o núcleo: estudante e mediação pedagógica e tecnológica. Núcleo este que compreende a articulação de novos indicadores no sentido de compreender a mediação pedagógica e tecnológica sob o olhar do estudante da modalidade a distância.

9.5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO NÚCLEO: ESTUDANTE E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E TECNOLÓGICA

Este núcleo visa constituir e estabelecer, sob a ótica dos estudantes da modalidade a distância, os significados e sentidos por meio de suas experiências e percepções, que trazem significações importantes no que subjaz os processos de mediação pedagógica e tecnológica.

Como se pôde perceber no tópico anterior, a modalidade a distância se constitui, para muitos estudantes, na única oportunidade de realização de uma formação superior, especialmente para aqueles estudantes que possuem pouco tempo disponível, seja por motivos de trabalho, familiar, ou econômico.

Assim considerou-se que compreender este estudante, por meio de sua ótica, de seus anseios, acertos e dificuldades no que tange a sua realidade na EaD, irá se refletir também no que se refere a este núcleo: estudante e mediação pedagógica e tecnológica.

Como sujeitos, os indivíduos são afetados, de diferentes modos, pelas muitas formas de produção nas quais eles participam - também de diferentes maneiras; ou seja, os sujeitos são profundamente afetados por signos e sentidos produzidos nas (e nas histórias das) relações com os outros. (SMOLKA, 2000, p. 31).

Cabe salientar, no entanto, que os indicadores deste núcleo, são outros, e que a análise será estabelecida em seus próprios parâmetros, mas que em alguns momentos, o núcleo “eu estudante” irá se fundir com os outros para fundamentar a análise em sua totalidade. Pois, estamos falando de um sujeito subjetivo, e que permeia diferentes e várias reflexões e pensamentos, no que concerne à realidade na qual se encontra imerso: a modalidade a distância.

QUADRO 6 -: CONSTITUIÇÃO DO NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E TECNOLÓGICA

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> - a compreensão do processo de mediação; - o entendimento da mediação pedagógica; - o entendimento da mediação tecnológica; - o reconhecimento destes processos; - a relação da autonomia com os processos de mediação. 	<p style="text-align: center;">ESTUDANTE E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E TECNOLÓGICA</p>

FONTE: Elaborado pela autora a partir do processo de análise das entrevistas dos estudantes de EaD, de Outubro a Dezembro de 2016.

Na EaD, o distanciamento físico sempre exigiu recursos e estratégias didáticas e comunicativas diferentes das apresentadas na modalidade presencial.

A mediação na EaD possui um papel de suma importância, já que uma de suas características é o distanciamento físico, e esta condição lhe exige recursos, estratégias, habilidades, competências e atitudes diferentes das encontradas no modelo presencial de educar.

Neste sentido, não se pode deixar de lembrar e de contar com as inovações tecnológicas da era digital, no entanto, Lévy (2000, p. 172), pondera que não se trata apenas de “usar as tecnologias a qualquer custo, mas de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais”.

O docente de EaD se depara com situações, em geral, não vivenciadas anteriormente como aluno, confronta-se com tempos e espaços organizados de uma forma diferente, estabelece um contato com os alunos sem contar com os olhares e gestos, e em várias situações, sem ter uma reação imediata do que foi apresentado e proposto, implicando num conjunto de conhecimentos e habilidades didático-pedagógicas novas, que colocam, em muitos casos, em xeque encaminhamentos dados para situações presenciais. Desinstalar-se de um processo de ensino pautado numa relação presencial, cujos olhares, gestos e palavras, provocam atitudes visíveis, reações imediatas, e passar a ‘olhar’ o aluno através do computador, do material impresso ou de outras mídias, é um constante desafio. (SOUZA, 2005, p. 01-02).

A educação a distância, portanto, comunga da união destas duas formas mediadoras: a mediação pedagógica e a mediação tecnológica, em que por meio das falas dos estudantes de EaD, esta modalidade se destaca como um “[...] novo espaço para aprender.” (LEANDRO, 2016).

No entanto, deve-se considerar a real compreensão destes processos mediadores para além do superficial, buscando na fala destes estudantes, e na subjetividade dos significados, a verdadeira compreensão das questões que tangem a mediação pedagógica e tecnológica.

A mediação pedagógica é compreendida por Perez e Castillo (2001, p. 01), “[...] como o tratamento de conteúdos e formas de expressão dos diferentes temas a fim de fazer possível o ato educativo, dentro do horizonte de uma educação concebida como participação, criatividade, expressividade e relacionalidade”

Deste entendimento, também comunga Masseto (2000) e Veiga (2004), que destacam a mediação pedagógica como uma facilitadora, incentivadora e motivadora da aprendizagem. Na medida em que esta mediação é a atitude deste mediador (professor/tutor), que permite interagir com o estudante, construir e percorrer caminhos, favorecendo a reconstrução das relações existentes para os processos do conhecimento.

É paradoxal, mas a ação do professor visa desaparecer a necessidade que os alunos têm, inicialmente, do professor. Seu papel de mediador não pode ser confundido com o de transmissor de conhecimento, pela simples razão de que o conhecimento não se transmite pelo ensino. Os alunos e os professores aprendem durante a aula. Mas não é possível transmitir conhecimento. Acreditar nisso seria acreditar que o conhecimento está pronto e acabado e pode ser encaminhado como uma mensagem a ser transmitida. Não pode, nem mesmo ser apropriada, como dissemos equivocadamente nos anos 80 do século passado. Apropriar-se é o mesmo que capturar e essa ação não se aplica ao conhecimento, que é um processo e tem que ser vivido para ser conquistado, não capturado. (WACHOWISZ, 2009, p. 21).

No entanto, muitos destes estudantes da modalidade a distância relatam conflitos nesta relação mediadora entre professores e estudantes de EaD, na medida em que suas falas revelam os contrastes nas questões que abrangem a mediação pedagógica como parâmetro. Para Amanda, estudante de Pedagogia, o indicador mediação pedagógica é entendido como:

[...] um meio pelo qual o professor faz mediação entre a aprendizagem e o aluno... e os meios que ele utiliza para transmitir conhecimento para mim... no meu cotidiano é um pouco difícil ter essa mediação, pois a modalidade da qual escolhi, me priva um pouco deste contato com o professor. (AMANDA).

O que difere mesmo é o olho no olho. Essa é a maior diferença da EaD. Poucos encontros com o professor. Pois só temos duas aulas por semana. E para quem quer... pois não somos obrigados a ir. Então, se vc não aparece para as aulas... ou aparece só de vez em quando... fica meio difícil realizar esta mediação (JAIR).

A mediação em relação aos livros, eu acho que são bons... e por exemplo em relação aos professores ... eu acho que eles tem ensino e sabedoria para dar alguma coisa para a gente... mas eles se baseiam muito no livro.. eles mandam a gente ler o livro e fazer um resumo.. é aquele negócio... se eu for ler e fazer resumo.. eu faço na minha casa e não perco tempo vindo aqui.. por que alguns professores sabem dar aula... porém não sabem... tipo assim, a gente teve uma professora que a gente reclamava dela, mas agora a gente tá parando e vendo que esta professora foi a melhor até agora.. por que ela dava conta , explicava, ela fazia dinâmicas com a gente... a gente tinha que lá na frente explicar o conteúdo da aula... a gente tinha um entendimento daquilo.. e depois ela saiu... e os professores de agora... tá bem confuso (LARISSA).

Percebe-se, assim, que esta condição de um professor preparado para motivar e preparar o estudante para caminhar com autonomia, nem sempre é realidade no que tange a EaD.

[...] o professor precisa, antes de tudo, aprender bem e, portanto, levar o aluno a aprender bem. O fenômeno da aprendizagem é uma qualidade tipicamente humana que compreende a qualidade formal, isto é, o conhecimento e cognição, bem como a qualidade política, quer dizer ideologia e ética do conhecimento. Entre ambas, estabelece-se não só uma relação necessária, mas ao mesmo tempo uma hierarquia, já que a primeira é o meio, enquanto a segunda é o fim." (DEMO, 1998, p. 2).

Estes estudantes da modalidade a distância, também destacaram que não vêem diferença entre a modalidade presencial e a modalidade a distância.

Afirmam que o professor da modalidade a distância não difere em nada dos professores da modalidade presencial que já conheciam, e que não percebem uma relação que motive e/ou que provoque a curiosidade, e a autonomia deste indivíduo.

Lucas, estudante de Geografia, relata não perceber diferenças no processo de mediação, seja este no contexto presencial ou no a distância.

[...] a mediação pedagógica é o movimento que o professor realiza para que eu entenda os conteúdos... acho que é isso... mas eu acho, que ele não explica direito... sabe assim... preciso de mais aulas para entender... parece que estou na escola de novo... kkkkk... no ensino médio... não vejo diferença da EaD pra minha escola. (LUCAS).

[...] eu sinto que as aulas são iguais a qualquer outra que já tive na minha outra faculdade que fiz antes... é só menos tempo com o professor.. mas pra mim é igual... não vejo diferença nenhuma... até pelo contrário... acho que o professor da EaD só quer dar trabalho e xerox pra gente ler e depois dar aula no lugar dele... na verdade procuro me virar sozinho, né... (VINÍCIUS).

Neste sentido, merece destaque as considerações de Nova e Alves (2003, p. 23), que considera que os professores da educação a distância nem sempre estão preparados para abraçar este sistema, “[...] “a experiência tem nos mostrado que os sujeitos que atuam como ensinantes na EAD reproduzem as suas práticas como se estivessem em uma sala de aula convencional, esquecendo das peculiaridades deste ambiente.”

Sancho (2006, p.19), também faz referências a esta dificuldade do mediador, e adverte que “[...] a principal dificuldade para transformar os contextos de ensino com a incorporação de tecnologias diversificadas de informação e comunicação parece se encontrar no fato de que a tipologia de ensino dominante na escola é a centrada no professor.”

Destaca-se ainda, que a mediação pedagógica na EaD para Masetto (2000), Veiga (2004), Martins (2005) e Wachowicz (2009) deve ser capaz de fazer o estudante perceber que é ele próprio o agente mais importante deste processo na EaD, como afirma Amanda, “acredito que tudo depende da pessoa, ela que deve ser determinada para estudar, pois é ela que pode contribuir e também pode dificultar sua aprendizagem”.

Portanto, é também na modalidade “a distância que estes professores e tutores devem, de forma ativa, despertar o desejo de aprender destes estudantes, além de possibilitar uma educação crítica, reflexiva e com princípios da autonomia” pois tudo depende também da existência do desejo de aprender, de ser uma pessoa do conhecimento. (WACHOWISZ, 2009, p. 27).

Pra mim o professor é muito importante... ele que explica a matéria ... ele que me tira as dúvidas... claro que tenho os livros também... mas é diferente... sempre vou pra aula.. por que é diferente ouvir a matéria do professor né ... parece que a gente aprende mais... eu acho isso, né... não sei se tô certo... mas acho isso... (ROBERTO).

Acredito que a mediação pedagógica é o professor que faz, ... né... pra mim é ele que me motiva... eu queria mais aulas... até queria fazer presencial... mas tá muito caro... daí não dá... então eu não falto nas aulas... gosto dos professores .. claro Tb têm os livros que me ajudam ... mas pra mim.. as aulas me ajudam muito para estudar. (LUCAS) .

Ressalto que em todas as entrevistas desta investigação quando estes estudantes foram perguntados sobre a mediação pedagógica, o único papel lembrado por eles, foi: o papel do professor de sala de aula, não sendo mencionado por nenhum dos estudantes o papel do tutor como partícipe desta função mediadora.

Neste sentido, cabe, em uma futura investigação, buscar elementos que colaborem para o entendimento deste caso específico, pois o trabalho do tutor é um trabalho que também colabora com os processos de mediação pedagógica, mas que não foi nominado por nenhum dos entrevistados desta pesquisa.

Faço considerar este fato relevante, pois a dissertação de mestrado da autora desta tese no ano de 2012, que foi publicada sob o título: o papel do tutor na educação a distância em instituição pública que abordou especificamente o trabalho do tutor presencial e do tutor a distância, e sua relevância para os processos de mediação na modalidade a distância.

O conjunto de dados analisados neste investigação, apontam o papel do tutor como mediador cognitivo e afetivo, ou seja, aquele que orienta, ajuda e provoca o estudante na construção do saber e das diferentes formas de autorregulação. A construção de sentidos, relatados pelas tutoras, permitiu destacar o tutor como uma das peças fundamentais que contribuem, por meio de suas ações pedagógicas, para a construção do conhecimento e autonomia do aluno aprendiz da modalidade a distância. (KAMINSKI, 2012, p. 128).

Retomando a questão da mediação pedagógica na modalidade a distância, percebe-se que as falas destes estudantes nos remetem à necessidade de se estabelecer um vínculo com este professor, apesar do pouco tempo que estes estudantes passam na sala de aula, e que esta relação de troca poderia ser um elemento impulsionador da aprendizagem nesta modalidade, na medida em que

este profissional provoca e estabelece uma relação de afeto e provoca ações para a autonomia deste estudante.

Segundo Veiga (2004), essas relações sempre estão presentes no encontro entre pessoas, com desejos e aspirações mútuas, e no que destaca Wachowicz (2009, p. 33), que “[...] o contato com o outro nos faz pensar e ver que não estamos sós, não só de corpo, mas também de sentimentos”.

Então, ao considerar que a presença do outro, é uma necessidade para o sujeito que busca conhecimento, passamos a questionar se existe mediação nos processos tecnológicos?

Em uma abordagem sócio-histórica/cultural, a aprendizagem de qualquer conhecimento novo parte do OUTRO, de padrões interacionais interpessoais. Assim, a aprendizagem é entendida, independentemente da idade, como social e contextualmente situada, como um processo de reconstrução interna de atividades externas, em que a relação social tem o papel primário em determinar o funcionamento intrapsicológico ou intramental. (MAGALHÃES, 1996, p. 3-4).

Neste sentido, cabe analisar que este “outro” pode sim estar presente sem corpo físico, que se faz evidenciado em um espaço diferenciado, em um espaço virtual. Na medida em que a mediação tecnológica considera os mecanismos cognitivos e sociocognitivos e as interações e as trocas entre os estudantes e professores e tutores.

É preciso utilizar as novas tecnologias como espaço de produção de conhecimento e não apenas formar consumidores de informação. É necessário alterar a ordem de uma escola de consumo de novas e de velhas tecnologias para uma escola de construtores de conhecimento, de sujeitos autônomos e criadores de significados. É imprescindível formar cidadãos protagonistas e não simplesmente consumidores de obras do outro. Ensinar por meio das tecnologias e estabelecer outros caminhos para relações estabelecidas na escola possibilitam a transformação do aluno em produtor do conhecimento e de cultura. (OLIVEIRA, 2005, p. 138).

Com a informatização da sociedade, os processos de aprendizagem necessitam abraçar esta possibilidade. Na medida, em que esta mediação deve estar fundada em um movimento de coordenação e, ao mesmo tempo, de descentralização do professor, auxiliando-os a aprender, a sistematizar os processos de produção e assimilação de conhecimentos.

Viver nesta sociedade tecnológica, estudar com aportes tecnológicos, nem sempre é a garantia de aprendizagem e muito menos de conhecimento, pois como

destaca Sancho (2006, p. 18), “a maioria das pessoas que vivem no mundo tecnologicamente desenvolvido tem um acesso sem precedentes à informação: isso não significa que disponha de habilidades e do saber necessários para convertê-los em conhecimento”.

Eu compreendo que a mediação tecnológica é o meio pelo qual eu optei para estudar... e estudar por esse meio é bastante exigente, tem que ter bastante força de vontade... por que vc tem que se virar por vc mesmo... o professor dá a aula... mas não ensina como fazer no computador... até tem uma aula pra mostrar como é ... mas na verdade a gente vai perguntando pros colegas e vai se virando pra postar os trabalhos. (AMANDA).

Pra mim a mediação tecnológica, é o uso do computador, celular, é através da tecnologia que tenho acesso as aulas.. no início foi meio difícil.. tive que aprender.. não usava ... tinha até computador em casa... mas agora já estou me virando... mas ainda sinto muita dificuldade no AVA.. principalmente por que não tem ninguém disponível para ajudar quando temos dificuldades. (CAMILA).

Destaca-se, neste sentido, no núcleo mediação tecnológica, que os estudante de EaD percebem que o acesso ao computador e à internet são condições inerentes a esta prática mediadora, na medida em que consideram a necessidade de realização das atividades, pesquisas, trabalhos e avaliações práticas cotidianas da proposta da modalidade distância.

Percebe-se que para estes estudantes de EaD, a necessidade de ter e utilizar os equipamentos e as ferramentas digitais, como acessar a Internet, é primordial para viabilizar o curso, colaborando com as reflexões de Palloff e Pratt (2004, p. 88), que destacam que é necessário ter “conhecimento básico da Internet, incluindo como usar um navegador, acessar o site do curso, usar o ambiente on-line, fazer pesquisas básicas na Internet e enviar e-mails “[...] e saber usar um processador de textos.

Este aspecto também ficou evidenciado na fala da estudante Taís: “[...] saber lidar com o computador, mandar e-mails, acessar a internet, postar trabalhos e fazer a prova... tudo é mediação tecnológica para mim... como eu ia fazer pra estudar este curso, se eu não soubesse mexer nisso tudo. Para Magda, também estudante de Pedagogia, “[...] a tecnologia para mim, é a mediadora toda da EaD... pra mim a sala de aula pode ser qualquer lugar que tem um computador com internet... prefiro o computador à sala de aula.”

Também, destaca-se o contraditório em relação às facilidades tecnológicas, como relata a estudante Camila de Pedagogia, que não tinha o hábito de utilizar as ferramentas tecnológicas, e que durante o curso em EaD aprendeu a utilizá-las.

Salienta-se que não é prerrogativa ter noções de informática para se estudar em um curso *on-line* ou semipresencial, e exigir esta competência poderia gerar alguns obstáculos ao andamento e aproveitamento dos cursos em EaD.

Neste caso, vale considerar que a tecnologia na modalidade a distância não deve ser um fator que impeça este estudante de se matricular em um curso de EaD. Mas sim, que as instituições que possuem cursos nesta modalidade, precisam conceber atividades para todos os níveis de aprendizagem em informática, considerando que nem todos os alunos são *experts* em tecnologias digitais.

O computador é o principal acesso em um curso de EAD. É através dele, ao acessar a internet, que o aluno “entra em sala de aula”. É através do acesso a sites de pesquisas, com a orientação do professor, que o aluno encontrará material para fazer seus estudos e pesquisas. Não somente o computador, mas também deve ser considerado como elemento importante a interação entre professores e alunos no processo de aprendizagem. Por seu turno o docente aprendendo a usar os softwares de ensino e transmitindo e repassando como usá-lo aos educandos, de modo que todos possam usufruir dos benefícios das TICs. (ALMEIDA, 2013, p. 19-20).

É preciso conceber cursos preocupados em desenvolver tanto para professores, quanto para tutores, a formação e formação continuada para o uso pedagógico das tecnologias digitais. Objetivando, assim, que tanto os profissionais de EaD quanto seus estudantes, estejam aptos a lidar com as inovações desta área, tanto quanto aprender os primeiros passos desta ferramenta, no sentido de que este processo mediador possa alavancar a conquista de conhecimento e autonomia deste estudante.

Vale destacar, no que tange aos processos de mediação e autonomia, que autores como Coll (1995), Echeita e Martin (1995), Martins (2005) e Preti (2013) argumentam que os processos mediadores, quando bem articulados, favorecem a promoção da autonomia do estudante.

Ressalta-se ainda, que não são muitas as pesquisas que focam ambos os processos: mediação e autonomia, utilizando-se a base de dados Scielo e Capes, no que tange à relação entre esses processos.

Então ao destacar o indicador: a relação de autonomia com os processos de mediação pedagógica e tecnológica deve-se levar em conta que as atividades da modalidade a distância, como apontado pelos estudantes desta investigação, envolvem, em diferentes níveis, uma capacidade de autonomia destes indivíduos, como: “saber dar conta sozinho de situações complexas, orientar-se nos deveres e necessidades múltiplas, distinguir o essencial do acessório, não naufragar na profusão das informações, buscar estratégias de estudo, gerir corretamente seu tempo e sua agenda...” (LINARD, 2000, p. 11).

A EaD, apoiada pelas mediações pedagógicas e tecnológicas,

[...] traz modificações nas funções tradicionais do ensinar e aprender, a “sala de aula” não é o único espaço possível de aprendizagem. Tem-se possibilidade de mudar da sala de aula – espaço físico – para sala de aula virtual, no ciberespaço. Nesse ambiente de aprendizagem, estabelecem-se novas relações entre professores-tutores e alunos. Embora em ambas as modalidades o objetivo seja o mesmo: construir novos conhecimentos e educar para cidadania, ambas se comportam diferentemente nos seus devidos espaços. Paradoxalmente, EaD impõe interlocução e interação permanente, proximidade pela comunicação e diálogo. (GOTTARDI, 2015, p. 112).

Neste sentido, não se pode falar de autonomia do estudante, sem considerar as reflexões que já se fizeram no passado e que ainda se mostram atuais em nossa sociedade. A questão inerente à autonomia do estudante é uma concepção que vêm se resignificando ao longo dos tempos, procurando atender às necessidades desta era tecnológica que estamos vivenciando atualmente.

A modalidade a distância, neste sentido, deve contribuir para que este estudante perceba-se como um agente importante no processo, na medida em que destacam Palloff e Pratt (2002): esta condição propicia a motivação deste estudante para participar e desenvolver suas atividades.

Alguns estudantes remetem suas compreensões sobre este indicador como uma ação que lhes permite gerenciar seus estudos, seus tempos e modos de aprender.

Vanda, estudante de Geografia, que acabou de ingressar no curso a distância, relatou que “[...] acredita que autonomia é a maneira como irei me organizar para estudar neste curso... só tive uma aula com os professores e conheci o laboratório de informática... sei que vou precisar me policiar para dar conta... mas sou uma pessoa organizada.”

Em relação à autonomia e esta relação com os processos de mediação, Jair destacou que: “[...] a autonomia pra mim... precisa do professor ... para que eu possa entender melhor as matérias.. vejo que depois das aulas eu entendo melhor o que fazer no AVA... pra mim ... uma coisa depende da outra.”

A fala destes estudantes reflete as considerações que Veiga (2004) remete aos processos de mediação, como processos que procuram facilitar e mediar o conhecimento, procurando indicar uma direção para o estudante e não respostas prontas.

Apontam, ainda, os estudantes participantes desta investigação, que a relação mediação e autonomia, lhes permitem de acordo com o estudante Roberto: “[...] vencer o desafio de estudar sozinho... eu sei que fazer isto, é ter autonomia... é aprender sem a ajuda do professor”.

Para Ferreira e Silva (2009), desenvolver esta habilidade, capacita o estudante a compreender que ele deve assumir para si a responsabilidade de sua formação, tendo nos processos de mediação a alavanca de impulso para construir sua autonomia e aprendizagem.

Essa perspectiva coloca-o como sujeito, autor e condutor do processo de formação, que poderá desenvolver a sua autonomia e a sua liberdade, segundo Steiner, pois:

[...] o homem permanece em seu estado imperfeito, a menos que assuma a si mesmo como uma matéria a ser transformada por força própria. A natureza faz do homem um mero ser natural; a sociedade, um ser que age conforme leis; um ser livre somente ele pode fazer de si mesmo. A natureza abandona o homem em determinado estado de sua evolução; a sociedade o conduz alguns passos adiante; o último aperfeiçoamento somente ele pode dar a si mesmo. (STEINER, 2000, p. 118-119).

Esta condição de liberdade, apontada por Steiner, é uma questão que se evidencia como uma realidade que deve ser almejada na educação, e que deve ser um parâmetro para educadores que procuram construir um processo mediador que permita o caminhar destes estudantes de EaD.

Cabe assim, retomar o que o núcleo aqui discutido, considerou por meio das falas destes estudantes: que os processos de mediação pedagógica e tecnológica estão interligados, como afirma Valmir estudante de matemática, “[...] como disse antes a mediação pedagógica pra mim é o professor, e a mediação pedagógica,

claro é por computador... mas eu não estaria no computador sem o professor que postou matéria e trabalho para mim”.

Destaca assim, Moran (2003), que as ferramentas tecnológicas podem somente reproduzir o modelo de transmissão do conhecimento, cabendo aos processos pedagógicos mediar um modelo pedagógico pautado no aluno, na medida em que se valoriza a construção de conhecimentos e aprendizagens, autonomia e liberdade.

As considerações que até aqui estiveram relacionadas, buscaram compreender o núcleo: estudante mediação pedagógica e tecnológica, explorando por meio das falas dos estudantes da EaD, as possíveis contribuições que respondessem aos indicadores encontrados, que foram: a compreensão do processo de mediação; o entendimento da mediação pedagógica; o entendimento da mediação tecnológica; o reconhecimento destes processos; a relação da autonomia com os processos de mediação.

Colocados estes indicadores, revelou-se que o estudante compreende os processos de mediação em seu cotidiano, assim como a relação entre eles e a necessidade da mediação pedagógica e tecnológica como fator que contribui para os processos de autonomia.

Assim este núcleo, e os indicadores que o definem, irá contribuir para a elaboração do próximo capítulo, visto que o todo integra as partes desta investigação.

Neste sentido, busca-se no próximo núcleo: “Estudante e ambiente EaD” e seus indicadores: a influência dos processos de mediação nos ambientes da EaD; o ambiente presencial; o ambiente virtual e a relação de afetividade com os espaços da EaD, mais elementos que contribuam para a compreensão do objetivo deste estudo, que é compreender a mediação pedagógica e tecnológica sob o olhar do estudante da modalidade a distância.

9.6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO NÚCLEO: ESTUDANTE E AMBIENTE EaD

Este núcleo compreende os indicadores: a influência dos processos de mediação nos ambientes da EaD, o ambiente presencial, o ambiente virtual, a relação de afetividade com os espaços da EaD.

A ideia, neste tópico, assim como nos outros, não é de sistematizar e responder de maneira numérica cada um destes itens, mas sim, evidenciar todos os indicadores de uma maneira que se envolvam na discussão deste núcleo, e que assim estejam refletidos nas falas dos estudantes aqui investigados.

QUADRO 7 - CONSTITUIÇÃO DO NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO ESTUDANTE E AMBIENTE EAD

INDICADORES	NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> - a influência dos processos de mediação nos ambientes da EaD; - o ambiente presencial; - o ambiente virtual; - a relação de afetividade com os espaços da EaD. 	ESTUDANTE E AMBIENTE EaD

FONTE: Elaborado pela autora a partir do processo de análise das entrevistas dos estudantes de EaD, em outubro, novembro e dezembro de 2016.

Este núcleo visa a compreender, sob a ótica do estudante desta modalidade, o ambiente da EaD, na medida em que em muitos momentos se torna tão diferente do modelo presencial de educação, e em outros, acaba por assemelhar-se.

Neste sentido, destacam Moran (2002) e Nunes (2012), que a EaD pode ter ou não momentos presenciais, na medida em que ocorrem aulas nas quais o aluno está em contato com o professor, mas, de modo geral, professor e aluno ficam separados fisicamente no espaço e/ou no tempo, sendo que estes encontros entre eles ocorrem de modo indireto, ou seja, pelo uso de ferramentas tecnológicas.

Aproximar-se das reflexões destes estudantes de EaD sobre este ambiente, não foi uma tarefa fácil, e para tanto foram integradas as respostas às questões elaboradas na entrevista e no instrumento Mapas afetivos, de Bonfim. Vale destacar que tanto os núcleos de significação, quanto o gerador de mapas afetivos, são

instrumentos metodológicos que consideram o afeto como parte do subtexto da linguagem.

Para Bomfim (2003), os mapas afetivos podem ser um caminho para alcançar o sentido que está velado nos significados das palavras, o que comunga com os trabalhos de Aguiar e Ozella (2013, p. 310), que permitem “[...] ir além do aparente e considerar tanto as condições subjetivas quanto as contextuais e históricas.”

Então, para que se possa compreender a fala destes estudantes, se faz necessário compreender sua base afetivo-volitiva, conforme destaca Bonfim (2003), o que apoia Vygotsky (2001), que considera os afetos como parte do subtexto da linguagem.

Consideradas, portanto, as bases de discussão metodológica deste núcleo, destaca-se o indicador que busca a influência dos processos de mediação nos ambientes da EaD.

Os estudantes, quando perguntados sobre os espaços presenciais e a distância, responderam que “[...] é prático e difícil ao mesmo tempo. ao mesmo tempo que se pode estudar em qualquer lugar... é preciso mais dedicação.. mas eu prefiro o espaço presencial.. com o professor.” (Kelly).

Já a estudante Camila relata que “[...] é bom o espaço da EaD... e acho que o espaço presencial é bem limitado e o virtual é mais livre.”

Verifica-se neste sentido, como se pode observar, que não foi perguntado sobre os processos de mediação nestes ambientes, mas que por meio das falas destes estudantes esta categoria transparece na subjetividade das respostas.

Os estudantes relatam ainda que “[...] o ambiente de aula presencial é meu ambiente preferido... com o professor e a interação com os colegas.” (LUCAS), Para Fernanda, estudante de Pedagogia, “[...] o espaço virtual me oferece conteúdos abundantes e o espaço presencial, supre minhas dúvidas, mas não dá tempo de aprofundar e debater.”

Já Valmir destaca que “[...] recomendo o espaço da modalidade a distância, é muito bom... mas vejo que os dois espaços não podem ser cursados sem o outro.” Percebe-se neste sentido, que os estudantes destacam a necessidade do encontro das aulas presenciais, e até remetem a um sentimento de mais tempo de encontros presenciais na modalidade a distância.

Este fato é contrastante com as observações realizadas por esta pesquisadora, uma vez que esta instituição privada propõe um modelo semipresencial de EaD, no qual os estudantes têm a oportunidade de frequentar as aulas duas vezes na semana. Mas ocorre que a presença não é obrigatória, como já foi apresentado no núcleo Eu estudante, e muitos estudantes não frequentam essas aulas, principalmente no curso de Pedagogia.

Esse conjunto de argumentos, apresentado na fala dos estudantes, perpassa as considerações de Oliveira, Vilas Boas e Bombassaro (2004), que destacam que embora a modalidade a distância privilegie as condições de lugar e tempo diferenciados, como uma de suas vantagens, esta modalidade também, apresenta alguns limites e desvantagens.

Ainda de acordo com Gomes (2010), quando se destaca o espaço presencial, percebe-se que no processo de aprendizagem destes estudantes, prevalece como vantagem o convívio entre as pessoas e a troca de experiências entre professores e estudantes.

Os espaços presenciais para os estudantes de EaD, remetem ao sentimento de incentivo com a presença dos professores, motivando-os à pesquisa, no sentido de aprofundamento nos estudos fora da sala de aula, indo além do conteúdo já abordado.

Estes estudantes também salientaram que o ambiente presencial na modalidade a distância favorece o entendimento do conteúdo das disciplinas, possibilitando, desta maneira, que o estudo torne-se mais prazeroso, sanando muitas dúvidas.

Contudo, percebe-se que ao mesmo tempo em que estes estudantes destacam o ambiente virtual como fator vantajoso da modalidade a distância, estes mesmos estudantes se referem a essas mesmas condições como uma desvantagem, diante da dificuldade de se situar frente às tecnologias.

Ainda, diante deste paradoxo, da fala dos estudantes em relação ao espaço presencial da EaD, estes mesmos estudantes consideram que os contatos presenciais são poucos, e cogitam o aumento destes encontros, mas uma grande parcela destes estudantes não comparece de forma habitual ao encontro semipresencial desta modalidade.

Deste modo, a relação destes estudantes com o ambiente presencial da EaD, sugere, para a maioria dos estudantes, a dificuldade de contato com o professor e, até mesmo, o descaso de alguns no momento do retorno, como fator limitador nessa interação, cabe assim subsidiar esta consideração.

Como relata Severo (2008), em seu estudo, que identificou que quase metade dos estudantes que participaram de sua pesquisa mostrou-se insatisfeita com a quantidade e a qualidade dos encontros na EaD, destacando-se os estudantes das disciplinas de exatas.

Paralelo a isso, os estudantes de EaD destacam que o ambiente virtual da EaD permite uma maior flexibilidade de tempo e possibilidades de estudo, o que se pode tomar como uma condição de vantagem deste ambiente.

Pelo exposto, nas falas dos estudantes percebe-se que o espaço virtual lhe permite realizar o projeto de ampliação de seus estudos e conhecimento, no sentido de que as facilidades tecnológicas podem operar em benefício da falta de tempo e mesmo no que tange à condição financeira destes estudantes, como foi elencado no núcleo eu estudante.

É importante, ainda, destacar que a tecnologia, por si só, não assegura conhecimento. E que este espaço necessita de pessoas preparadas e envolvidas neste processo, para que possam colaborar da melhor maneira, para que todos os recursos deste espaço possam propiciar a aprendizagem e o conhecimento.

Assiste-se a uma reitificação dos meios tecnológicos que, em contraposição ao conhecimento historicamente acumulado, esvazia a prática pedagógica de seu conteúdo fundamental e a coloca numa condição subalterna, sem que se perceba, nas entrelinhas desse processo, que a própria tecnologia é produção humana, é produto e produtora do gênero humano e, dialeticamente, pode ser concebida como instrumento de mediação de apropriações de artefatos materiais e simbólicos centrais para que cada sujeito tome parte ativa da história da humanidade. (ALVES, 2012, p. 52).

Observa-se, também, que dentre os entrevistados, o espaço virtual é destacado com mais veemência no que tange à importância do esforço próprio, da necessidade de autonomia em relação ao espaço presencial da EaD.

Dentre estes benefícios destacados pelo estudante, percebe-se que se modifica a posição do professor, visto ainda, em muitos momentos nesta modalidade, como o centralizador do conhecimento, para a situação do aluno como autor de seu processo de aprendizado.

Assim remete Kenski (2003, p. 21), que:

[...] o homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam suas maneiras de pensar, sentir, agir. Mudam também, suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos. (KENSKI, 2003, p. 21).

Os espaços de EaD, portanto, no que tange à ótica destes estudantes, são promissores e, ao mesmo tempo, nada fáceis. Alguns estão preparados para abraçar as condições que se impõe em cada um destes espaços, outros não.

É difícil mudar padrões adquiridos em anos de cultura de uma educação pautada na instrução centrada pelo professor. E hoje, ter que se deparar com os avanços tecnológicos e com uma realidade na qual o estudante deve conceber seu querer aprender, e descentralizar o papel do professor como um mediador autoritário.

Os espaços da modalidade a distância, como podem ser vistos, compreendem um grande desafio e também grandes vantagens da educação focada na aprendizagem.

E, neste sentido, destacam-se o encontrar novos caminhos que integrem o estudante e os espaços presenciais e virtuais da escola, do trabalho e da vida destes estudantes.

O próximo capítulo irá se focar nos geradores de mapas afetivos de Bomfim, que aborda com mais especificidade a relação de afeto destes ambientes presenciais e virtuais da modalidade a distância.

Dar-se-ão, neste sentido, mais ênfase em relação às escolhas, anseios, metas e desejos, que conferem sentido aos estudantes de EaD, no que se refere aos sentimentos e emoções que os mesmos têm em relação ao espaço que estudam. Investiga-se assim, na sequência, as características de cada ambiente (presencial e virtual) que influenciam na aprendizagem e conhecimento destes estudantes de EaD.

9.7 ANÁLISE DOS GERADORES DE MAPAS AFETIVOS

A análise por meio de geradores de mapas afetivos, busca colaborar com o objetivo deste estudo, que é o de compreender a mediação pedagógica e tecnológica sob o olhar do estudante da modalidade a distância.

Desta maneira, coube considerar relevante este método, no sentido de que ele se propõe a analisar a relação do estudante da modalidade a distância com o espaço presencial e virtual,

Para a apreensão dos afetos, utilizou-se o método dos mapas afetivos e para questões relacionadas aos processos de mediação e autonomia foram utilizados questionários com questões objetivas e subjetivas. A análise dos dados qualitativos foi realizada por meio da análise de conteúdo e de uma análise estatística complementar.

Destaca-se ainda, que esta abordagem possui caráter histórico-cultural (Vygotsky), na qual o sujeito é compreendido, ao mesmo tempo, como produto e produtor de sua história.

Assim, o que irá se apresentar nesta investigação por meio dos mapas afetivos, se volta para a questão do ambiente na modalidade a distância, a qual está envolta por uma realidade subjetiva vivida pelos indivíduos e também por uma dimensão objetiva de sujeitos históricos.

Salienta-se ainda, que estas dimensões objetiva e subjetiva não se excluem, mas sim, se completam, estabelecendo-se assim uma unidade dialética.

Unidade esta, na qual a “emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo.” (LANE, 1994, p. 64).

Inicia-se pela proposta de Bomfim (2010) para a construção do mapa afetivo, em que a autora define os elementos abordados no instrumento na Tabela 1.

TABELA 1 - SÍNTESE DO PROCESSO DE CATEGORIZAÇÃO PARA ELABORAÇÃO DOS MAPAS AFETIVOS

Categoria	Descrição
Identificação	Idade Sexo Naturalidade Curso Ano de matrícula Renda mensal
Estrutura	Mapa cognitivo de Lynch: desenho que represente o ambiente da EaD para o estudante. Metafórico: desenho que expressa, por analogia, os sentimentos, ou o estado de ânimo do estudante.
Significado	Explicação do estudante de EaD sobre o desenho representado.
Qualidade	Atributos do desenho e do ambiente da modalidade a distância, apontados pelo estudante.
Sentimento	Expressão afetiva do estudante em relação à representação do desenho e do ambiente da EaD.
Metáfora	Comparação dos espaços presenciais e virtuais do ambiente da modalidade a distância que tem como função a elaboração de metáforas.
Sentidos	Interpretação dada pelo investigador à articulação entre as metáforas dos ambientes presenciais e virtuais e as dimensões atribuídas pelos estudantes (qualidade e sentimentos).

FONTE: Adaptação, realizada pela autora, do trabalho de Bomfim (2011), Mapas Afetivos: uma perspectiva de leitura psicossocial do território.

A análise proposta por este instrumento adaptado, destaca a relação do estudante com a EaD e com os ambientes presenciais e virtuais desta, como situa Corraliza (1998), de modo cognitivo, afetivo e simbólico.

A categorização dos Mapas Afetivos da Tabela 1, primeiramente busca categorizar o indivíduo investigado, por meio de questões objetivas que revelem dados no que tange a idade, sexo, naturalidade, curso, ano de matrícula e renda familiar, a fim de situar a realidade deste estudante com o ambiente da EaD.

Em seguida busca-se na categoria estrutura, conceber o desenho do estudante no que tange à sua representação, sua forma de sentir e de se sentir no ambiente.

Assim, buscam-se elementos existentes no ambiente físico, ou metafórico, que considerem o desenho e seu significado, na medida em que fazem relação à comparação do ambiente com as impressões do próprio estudante, pois “a decomposição de uma ação supõe que o sujeito que age tem a possibilidade de

refletir psiquicamente a relação que existe entre o motivo objetivo da relação e o seu objeto. Senão, a ação é impossível, é vazia de sentido para o sujeito.” (LEONTIEV, s.d., p. 85).

No sentido proposto, os desenhos, expressos no sentido do mapa, identificam o ambiente como um espaço de troca, de histórias e de construção individual e coletiva destes sujeitos, que enfoca aspectos favoráveis do ambiente, capazes de suprir suas necessidades biológicas, psicológicas, econômicas e/ou sociais. (BOMFIM, 2010).

Pode-se assim, inferir que o ambiente presencial e virtual da EaD pode ser caracterizado como agradável ou desagradável; evocar um sentimento de pertencimento ao ambiente, ou não; remeter à uma sensação de preferência por um determinado ambiente desta modalidade, em razão de um sentimento de insegurança, que remete à sensação de instabilidade, de que algo inesperado possa acontecer, o que evoca sentimento de medo em relação ao ambiente, seja por motivo de dificuldade, ou de preferência por um dos ambientes da EaD; a sensação de dificuldade de aprendizagem, em que ganham destaque os aspectos negativos do ambiente, mais relacionados às características, tempo, espaço, didáticas, metodológicas e de mediação, sejam estas pedagógicas e tecnológicas, entre outras; remetendo à contradição ao qualificar o ambiente, ou seja, esta categoria descreve situações em que o sujeito considera o ambiente, por exemplo, bonito e feio, significativo e ineficiente, incentivador e desmotivador, entre outras.

Diante destas caracterizações que buscam apoio, no trabalho de Bomfim (2010), e que enfocam e contextualizam tais significações, destaca-se, neste sentido, a estima de lugar, categoria ambiental, que tem no modelo socialmente construído, a avaliação afetiva do sujeito em relação ao ambiente.

A estima de lugar é uma forma específica de conhecimento que remete aos aspectos de significado ambiental na dimensão das emoções e sentimentos, que tem como categoria social, a “[...] estima como compreendida como uma forma de pensamento social que caminha em paralelo a outros de simbolismo do espaço, derivado da categoria de identidade social urbana ou de uma afetividade do lugar.” (BOMFIM, 2010, p. 218).

Ressalta-se ainda que a estima de lugar compreende-se de acordo com Bomfim *et al.*, (2014), como potencializadora, quando se compõe das

características de pertencimento e agradabilidade, ou despotencializadora, quando derivada da insegurança e da ineficiência.

Cabe salientar que estas características potencializadoras e despotencializadoras são transversais às demais, significando estabelecer que este mesmo sujeito que destaca aspectos desagradáveis do ambiente, pode fomentar pontos potencializadores considerando o cuidado e o amor pelo lugar, assim como o oposto também pode ser considerado, na medida em que o sujeito sintá-se desvinculado do ambiente por considerá-lo despotencializador.

Como salienta Bomfim (2010), a estima de lugar é um dos indicadores da participação e da implicação do sujeito com o ambiente, na qual a estima potencializadora indica a relação deste com o ambiente e o aumento da potência de ação do indivíduo, enquanto a estima despotencializadora gera predisposições negativas do indivíduo para com o ambiente.

Desta forma, a leitura psicossocial do ambiente por meio dos afetos, nos fornece um rico e denso material que poderá se refletir proveitoso para a elaboração de ações e intervenções no âmbito da modalidade de EaD, na medida em que busquem estimular situações potencializadoras destes estudantes, bem como enfraqueçam ou inibam situações despotencializadoras e desmotivadoras destes estudantes.

Reflete-se ainda, que o mapa afetivo é um instrumento que revela o conhecimento, orientação e pertencimento no ambiente pelos sentimentos dos indivíduos envolvidos e que facilita a superação das dualidades: objetividade – subjetividade; individual – coletivo e cognição – afeto.

Tais afirmações podem se enquadrar em distintas dimensões, como a de Pertinência (sentimentos, emoções ou palavras de identificação com o lugar); Contrastes (sentimentos, emoções e palavras que se contradizem); Agradabilidade (palavras que demonstram sentimentos de vinculação do indivíduo ao ambiente, consideradas qualidades positivas); Insegurança (sentimentos e palavras que envolvem a não agradabilidade ao ambiente, instabilidade e até um olhar negativo).

Colaborando com estas dimensões, considera-se relevante, ainda como método recomendado para medir a satisfação com um dado objeto, a escala Likert.

Na medida em que esta escala busca caracterizar dentre as variáveis do ambiente da modalidade a distância, qual ou quais seriam as mais representativas

considerações que estabeleçam um vínculo positivo ou não às questões apresentadas.

Dentre as variáveis investigadas, estão as categorias que correspondem a afirmações, que se baseiam em dimensões levantadas por meio do desenho dos estudantes e do questionário gerador de mapas afetivos, em uma escala de 1 a 5 que representam impressões e sentimentos acerca do ambiente da EaD.

Sendo que o 1 é discordo totalmente; 2 discordo; 3 nem concordo e nem discordo, 4 concordo e 5 concordo totalmente. Considerações estas, que remetem à agradabilidade e desagrado quantitativamente em relação ao ambiente da EaD.

TABELA 2 - SÍNTESE DO AMBIENTE PRESENCIAL DA EAD – CONFORME QUALIDADES E SENTIMENTOS DOS ESTUDANTES DE EAD

Imagens	Qualidades do ambiente presencial	Sentimento do ambiente presencial
Agradabilidade	<ul style="list-style-type: none"> - identificação com a modalidade; - oportunidades; - convivência; - animação; - estrutura física; - motivação; - mediação; - processo de aprendizagem; - informações; - conteúdo; - conhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - alegria; - esperança; - acolhimento; - perseverança; - valorização; - diálogo; - importante; - conforto.
Contraste	Informação - falta de conteúdo Mediação – práticas ultrapassadas Convivência – poucos encontros	alegria – tristeza acolhimento – solidão valorização – desvalorização
Insegurança	<ul style="list-style-type: none"> - Estrutura dos modelos pedagógicos de ensinar; - Falta de preparação dos professores; - Conteúdos engessados; - Material didático ultrapassado. 	<ul style="list-style-type: none"> - medo; - insegurança; - desconforto; - tristeza; - vazio; - ansiedade;
Pertinência	<ul style="list-style-type: none"> - amigos; - diálogo; - conhecimento; - novos horizontes. 	<ul style="list-style-type: none"> - colaboração; - vontade de estudar; - orientação para estudos; - interesse.

FONTE: Elaborado pela autora por meio dos geradores de mapa afetivo de Bomfim (2011).

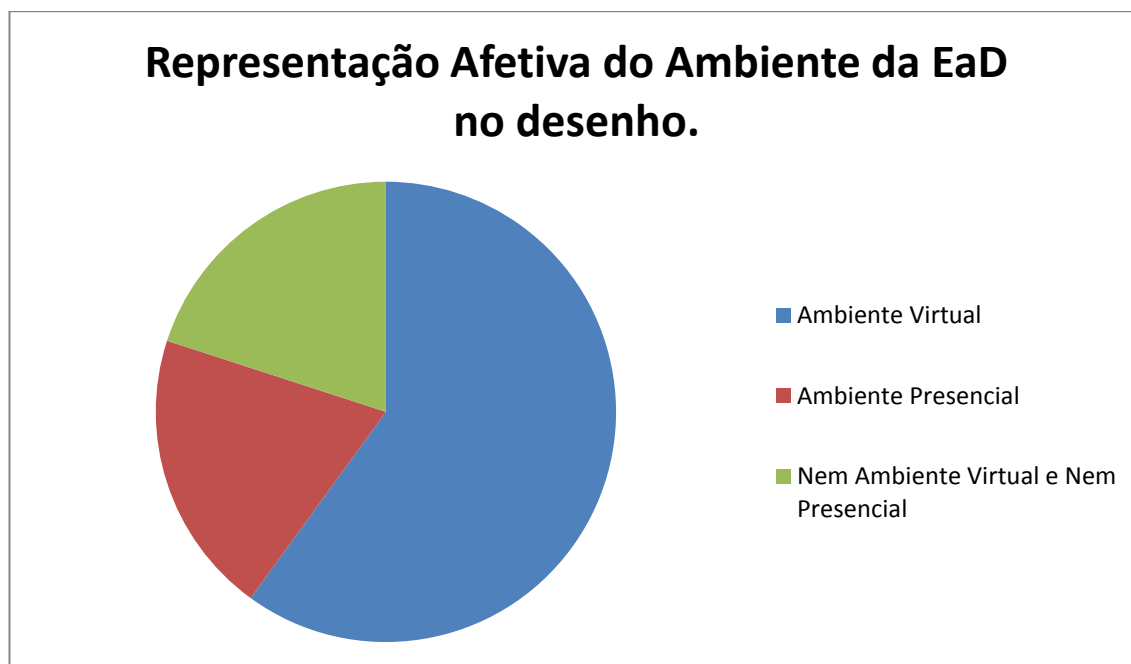
TABELA 3 - SÍNTESE DO AMBIENTE VIRTUAL DA EAD – CONFORME QUALIDADES E SENTIMENTOS DOS ESTUDANTES DE EAD

Imagens	Qualidades do ambiente virtual	Sentimento do ambiente virtual
Agradabilidade	<ul style="list-style-type: none"> - permite tempos e horários diferenciados; - mediação por meio de ferramentas tecnológicas; - informação agilizada; - redes sociais; - pesquisas; - trabalhos. 	<ul style="list-style-type: none"> -despreocupação; - prazer; - alegria; -oportunidade; - acolhimento; - inovação; - modernidade; - conforto; - agilidade.
Contrastes	<ul style="list-style-type: none"> - dificuldade – determinação; - virtualidade – solidão; - adversidade –colaboração; - inovação – reacionário. 	<ul style="list-style-type: none"> alegria – tristeza acolhimento – solidão valorização – desvalorização confiança – vergonha
Insegurança	<ul style="list-style-type: none"> - ferramentas tecnológicas; - autonomia para estudar; - formação superior; - tempo de estudo; - processos de mediação tecnológicos. 	<ul style="list-style-type: none"> - medo; - vergonha; - insegurança; - desconforto; - solidão; - ansiedade; - dificuldade.
Pertinência	<ul style="list-style-type: none"> - determinação; - liberdade para estudar; - flexibilidade de tempo e espaço para estudar; - ambientes virtuais para estudo; - ampliação do espaço de pesquisa. 	<ul style="list-style-type: none"> - autonomia; - persistência para estudar; - interesse; - capacidade; - oportunidade; - consciência; - troca.

FONTE: Elaborado pela autora por meio dos geradores de mapa afetivo de Bomfim (2011).

A seguir, se fará a relação destas tabelas com as variáveis apresentadas por meio das falas dos estudantes, relacionando-as às sínteses de agradabilidade, contraste, insegurança e pertinência e à escala de Likert. Aqui, se considera também, um questionário (APÊNDICE 3) que colaborou com o levantamento das categorias, enquanto expressão da dimensão afetiva destes estudantes, de forma a questionar, caso este estudante representasse um ambiente e não o outro, sobre sua relação com o ambiente da modalidade a distância nestes dois diferentes tópicos: presencial e virtual.

QUADRO 8 - REPRESENTAÇÃO AFETIVA DO AMBIENTE DA EAD NO DESENHO



FONTE: Representação da relação de afetividade com a representação do ambiente da EaD (escala de Likert) dos estudantes investigados entre Outubro e Dezembro de 2016.

Este quadro revela que para a grande maioria dos estudantes da modalidade EaD, a representação da imagem conferiu em sua maioria o espaço virtual de aprendizagem (60,00%). Denotando assim, que estes estudantes evidenciam as ferramentas tecnológicas e o ambiente virtual de aprendizagem como suas maiores impressões no que tange ao ambiente da modalidade a distância.

O ambiente virtual de aprendizagem é um meio educacional rico, que fornece suporte a qualquer tipo de atividade realizada pelo aluno, isto é, envolve um conjunto de ferramentas que são usadas em diferentes situações do processo de aprendizagem, no qual os estudantes são sujeitos ativos na construção dos seus próprios conhecimentos.

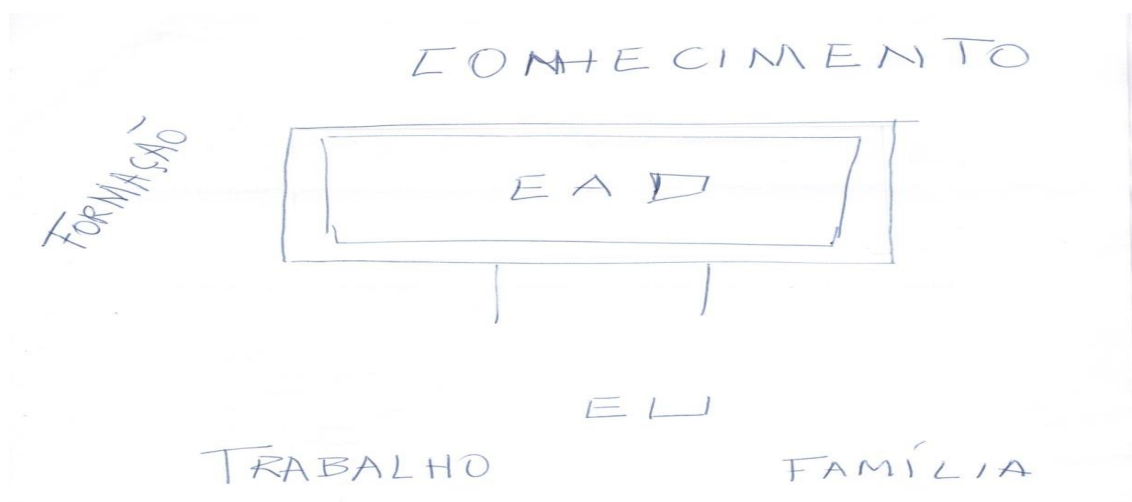
Dessa forma, evidencia-se a preferência por este ambiente, também na fala da estudante Magda de pedagogia: “[...] prefiro o computador e o AVA que é o que mais me ajudou pra estudar... quase não consigo vir para as aulas... tinha dia que até para apresentar trabalho ficava difícil... mas eu vinha.. sem a tecnologia eu não ia conseguir.

Assim, cabe reconhecer que as ferramentas tecnológicas e, entre estas, o espaço virtual, permitem espaços potenciais para o processo de ensino-aprendizagem:

As interfaces interativas do ciberespaço possibilitam justamente a proposição de “outras educações”, assentes numa perspectiva não-linear, que provocam e sustentam o diálogo e a produção colaborativa e cooperativa entre os diferentes sujeitos da educação. (BONILLA, 2005 p. 2).

Como revela Magda, estudante de pedagogia: “[...] a tecnologia para mim, é a mediadora toda da EaD... pra mim a sala de aula pode ser qualquer lugar que tem um computador com internet... prefiro o computador à sala de aula”.

[...] novos modos de aprender começam a ser criados a partir de relacionamentos virtuais dentro dos ambientes informatizados. A Internet possibilita ao mesmo tempo o acesso ao conhecimento massificado e personalizado. O fim da distinção entre o que é ensino presencial e a distância parece ser bastante provável já que o uso das redes de telecomunicações e dos suportes multimídia interativos vem sendo progressivamente integrados às formas mais clássicas de ensino. (CRUZ, 2001, p. 192).



FONTE: Desenho da estudante Magda representando o universo da EaD que remete às palavras e sentimentos: ferramentas tecnológicas, anseios, dificuldade e desconforto (2016).

No que tange ao ambiente presencial da modalidade a distância, o contingente restante de 40% das representações das imagens tiveram como preferência o ambiente presencial, com 20%. E a outra metade, à nenhuma das opções entre ambiente presencial ou virtual, que se refere à uma representação aleatória, há uma condição de reflexão de representatividade de imagem deste estudante.

Como exemplo desta representatividade aleatória destaca-se o desenho do estudante Fernando, o mesmo representou em seu desenho o universo da EaD, como sendo ele próprio, com muitas dificuldades e questionamentos. Destacando

em sua fala: “[...] o desenho representa os meios de informação que circulam em torno do indivíduo. Eu, em particular, me vejo meio perdido em meio a tantas informações.”

Neste sentido faz-se uma reflexão que aponta que estes espaços virtuais da EaD podem parecer confusos e ainda possuem alta carga de informação para estes estudantes que nem sempre estão preparados para o contingente de informações e diversidades desta modalidade.

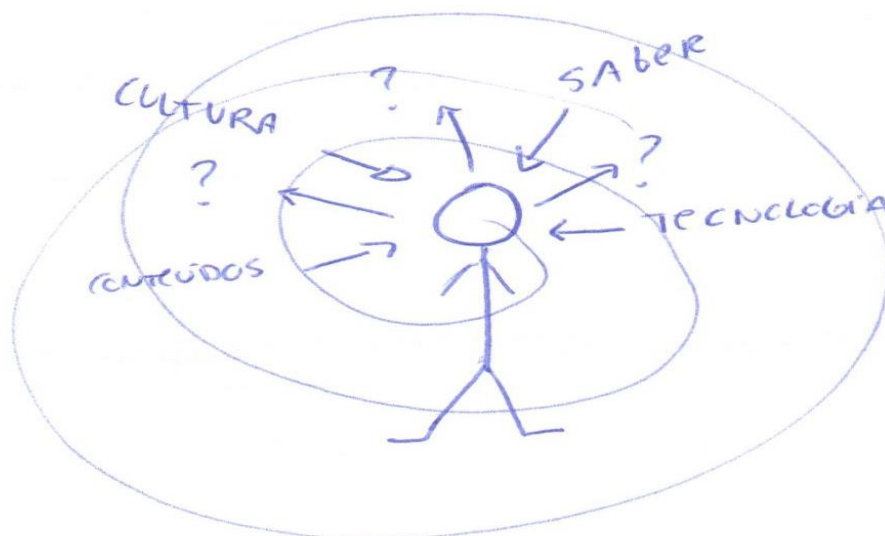
Pois, a consistência das potencialidades envolvidas no processo de ensino-aprendizagem desta modalidade, por vezes podem confundir este estudante.

Assim, pessoas que não têm o hábito de uso, ou nunca tiveram contato com as ferramentas tecnológicas desta modalidade, acabam por ficar perdidas e, por vezes, desenvolvem o sentimento de confusão, de despreparo, de dificuldade em relação a esta modalidade.

É necessário considerar, ainda, que a tecnologia é apenas um meio para a educação atingir um fim comum, como destaca Braga (2001), na medida que nem o ambiente virtual de aprendizagem mais moderno e perfeito, será eficaz se os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem não se dedicarem e interagirem com ele.

Como novos instrumentos de trabalho ocasionam novas estruturas sociais, novos instrumentos do pensamento suscitam o aparecimento de novas estruturas cognitivas. Deste modo, relacionando-se com o mundo e a coletividade onde vive, vai construindo o seu conhecimento através de uma interação mediada por diversas relações intra e interpessoais. (VERONEZI, DAMACENO e FERNANDES, 2005, p. 535).

Neste sentido cabe compreender que os processos de mediação, como remetem os estudantes desta modalidade por meio de suas falas, devem evidenciar um conjunto de processos pedagógicos em comunhão com os avanços tecnológicos, para que efetivamente motivem estes estudantes, a fim de que se sintam “prontos” para participar do processo de ensino aprendizagem.



FONTE: Desenho do estudante Fernando representando o universo da EaD que remete às palavras e sentimentos: ferramentas tecnológicas, anseios, dificuldade, e desconforto (2016).

Já a estudante Larissa, considerou como representativo do espaço da modalidade a distância o ambiente presencial da EaD e, neste sentido, considera: “[...] vejo que tenho dificuldades... e o professor é que mais ajuda... tira as dúvidas.. ajuda a gente, né”.



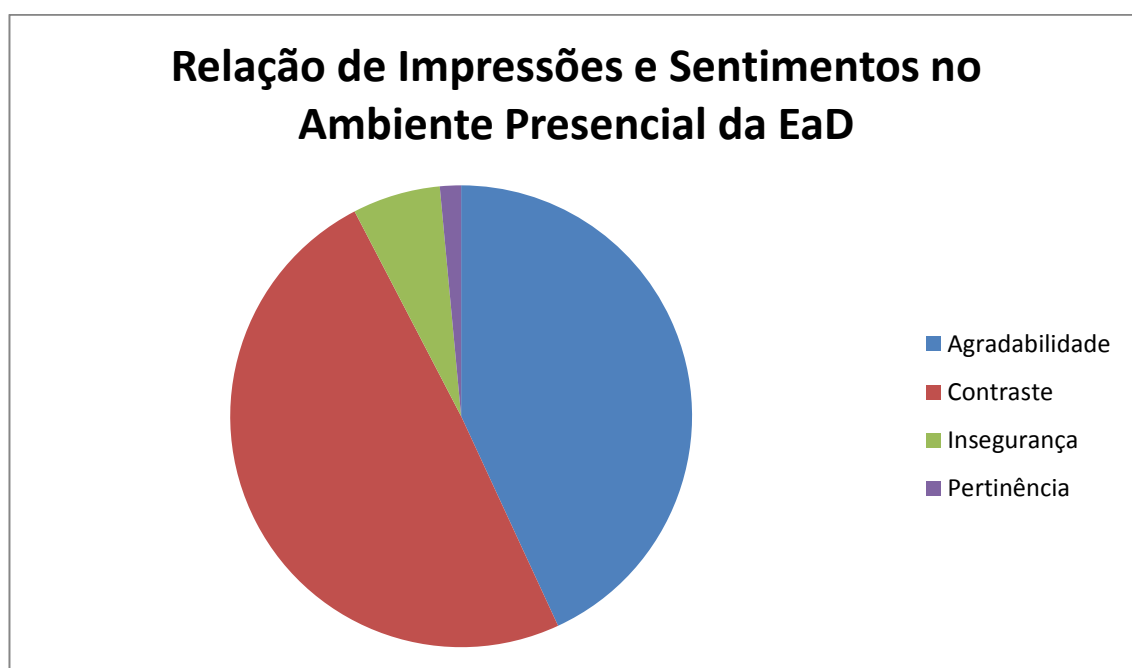
FONTE: Desenho da estudante Larissa representando o universo da EaD e o ambiente presencial, que remete às palavras e sentimentos: professor, mediação, diálogo e presencialidade (2016).

Salienta-se que não foi pedido que os estudantes investigados desenhassem o que representava o ambiente presencial e o ambiente virtual, em separado. Mas que as categorias apresentadas fossem a que representasse para eles o universo da EaD. Sendo que poderiam representar ou não os ambientes presenciais ou os virtuais em seus desenhos.



FONTE: Desenho do estudante Camila representando o universo da EaD que remete às palavras e sentimentos: virtualidade, oportunidade, inovação e conhecimento (2016).

QUADRO 9 - RELAÇÃO DE IMPRESSÕES E SENTIMENTOS NO AMBIENTE PRESENCIAL DA EAD



FONTE: Representação da relação de impressões e sentimentos no ambiente presencial da EaD (escala de Likert) dos estudantes investigados entre outubro e dezembro de 2016.

O quadro 2 faz referência ao ambiente presencial da modalidade a distância, conforme a relação das imagens geradas nos mapas afetivos e nos questionamentos realizados.

A categoria agradabilidade (35%) no ambiente presencial, destacou-se no sentido de que estes estudantes relatam que este ambiente presencial lhes confere uma projeção e um vínculo ao modelo de educação presencial, na qual o professor encontra-se como destaque, apontado por estes estudantes, como aponta Roberto estudante de matemática: “[...]eu preciso das aulas presenciais que temos... assim, não me sinto tão perdido... e consigo daí estudar melhor e me sair bem nas provas”.

Reflete-se, assim, o sentimento de que os estudantes podem estar em contato “olho no olho” com os professores, oportunizando assim a troca de informações e dúvidas de maneira tradicional, ou seja, a mediação mais conhecida por estes estudantes.

Aqui se destaca o conceito de mediação de Vygotsky (1998), que denota que o desenvolvimento humano ocorre por meio das trocas recíprocas que se estabelecem entre indivíduo e meio, sempre mediadas pelo outro e via linguagem, não que esteja se afirmando que não ocorrem em outras instâncias desta modalidade. Mas que se reflete, em especial, nas falas destes estudantes em relação ao espaço presencial.

E esta relação, além de ser o principal instrumento de intermediação do conhecimento entre seus pares, tem relação direta com o próprio desenvolvimento psicológico deste estudante.

[...] O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica superior, ou comportamento superior com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica. (VYGOTSKY, 1998, p. 73).

A categoria contraste (40%) remete às relações apresentadas pelos estudantes no que concerne ao sentimento de pertença ao espaço presencial, permeada pela realidade de estar contido em uma modalidade a distância.

Aqui os alunos fazem referência à necessidade de organização de seus tempos e espaços neste ambiente EaD e ao mesmo tempo relatam a necessidade de mais tempo com o professor em sala de aula.

Como faz referência à pertinência deste espaço a estudante Luíza de história: “[...] pra mim é o professor mesmo.. ele é que mais me ajuda... ele que me incentiva a estudar e não me faz desistir... claro, o computador também ajuda.. mas o professor na sala, para mim, faz a diferença”.

Refletem ainda, por meio de suas falas e imagens, o quanto estão com dúvidas e com sentimentos de ansiedade em relação a este espaço presencial, contido no espaço da modalidade a distância.

Acho que deveria ser um pouco mais de horas ... a gente tem 1h e 30 minutos de aula... pra poder tirar todas as dúvidas e explicar não dá tempo de tudo... acho que devia aumentar... Então a EaD é prático e difícil ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo que se pode estudar em qualquer lugar... é preciso mais dedicação.. mas eu prefiro o espaço presencial.. com o professor. (KELLY).

Então, se faz importante revelar que os estudantes refletem sim, a necessidade de um maior apoio pedagógico, talvez por ser este o modelo que mais vivenciaram nos modelos acadêmicos, seja por dificuldade ou por necessitarem de apoio para construir novas habilidades frente aos processos de criticidade e autonomia, exigidas por esta modalidade.

Assim, diante da necessidade de criticidade e autonomia nos processos da EaD, cabe considerar a validação dos estudos de Rudolf Steiner, no que se refere à liberdade, na medida em que pode ser compreendida como a manifestação de um desafio interior, que consiste em buscar em seu próprio âmago o ponto de apoio para a geração de novos conhecimentos.

Esta capacidade de gerar novos conhecimentos por meio da troca com o que capta do mundo exterior e da troca consigo mesmo caracteriza este estado de liberdade, que irá encorajar a dinâmica criadora e investigativa deste estudante, como processo a ser desenvolvido e que conduz ao conceito de autonomia.

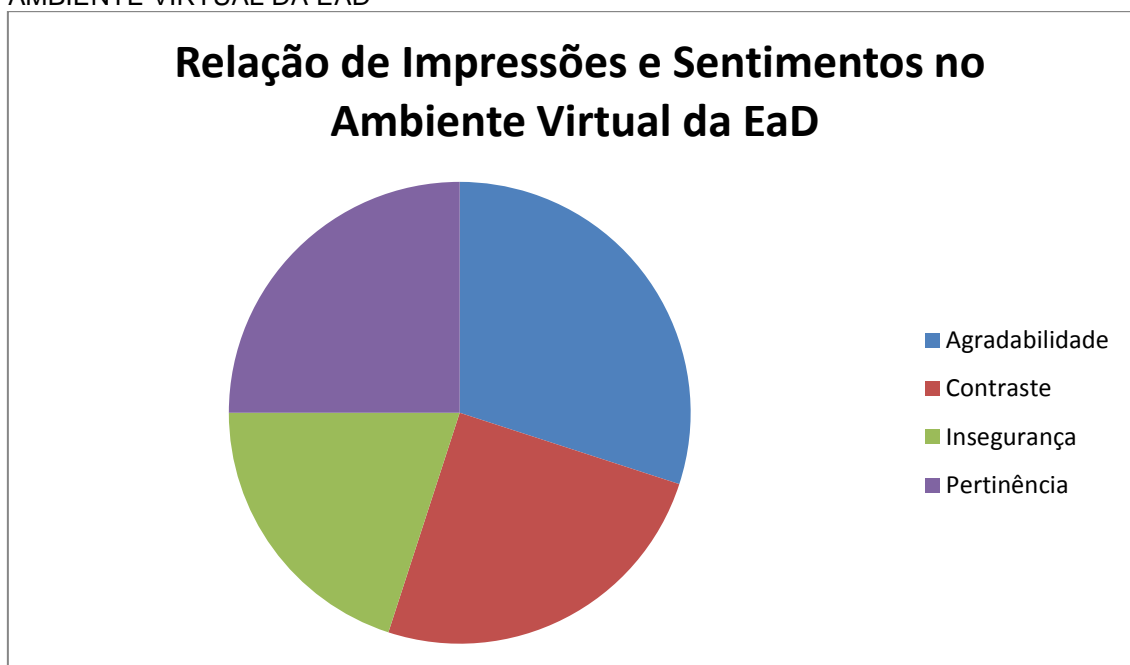
É importante revelar, ainda, como contraponto ao sentimento de pertença a este ambiente presencial da modalidade a distância que se verificou que as salas de aula nos encontros semipresenciais nunca contavam com a maioria da presença destes estudantes. Salvo quando ocorriam apresentações de trabalhos a serem avaliados e no dia da avaliação, no laboratório de informática.

A categoria insegurança no quadro acima aponta que apenas 5% destes estudantes consideram que o ambiente presencial não era convidativo como

espaço relevante dentro do contexto da EaD. Na medida em que a maioria sente-se à vontade neste espaço.

Já a categoria pertinência é revelada no quadro acima com 20% das considerações deste estudante, na medida que destacam que este ambiente é um importante espaço de troca entre estudante e professor, e também entre seus pares. Como exemplifica a fala da estudante Camila: “[...] acho importante este contato com o professor... Eu gosto de vir para as aulas.. sem as aulas presenciais, não sei se conseguiria estudar”.

QUADRO 10 - EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - RELAÇÃO DE IMPRESSÕES E SENTIMENTOS NO AMBIENTE VIRTUAL DA EAD



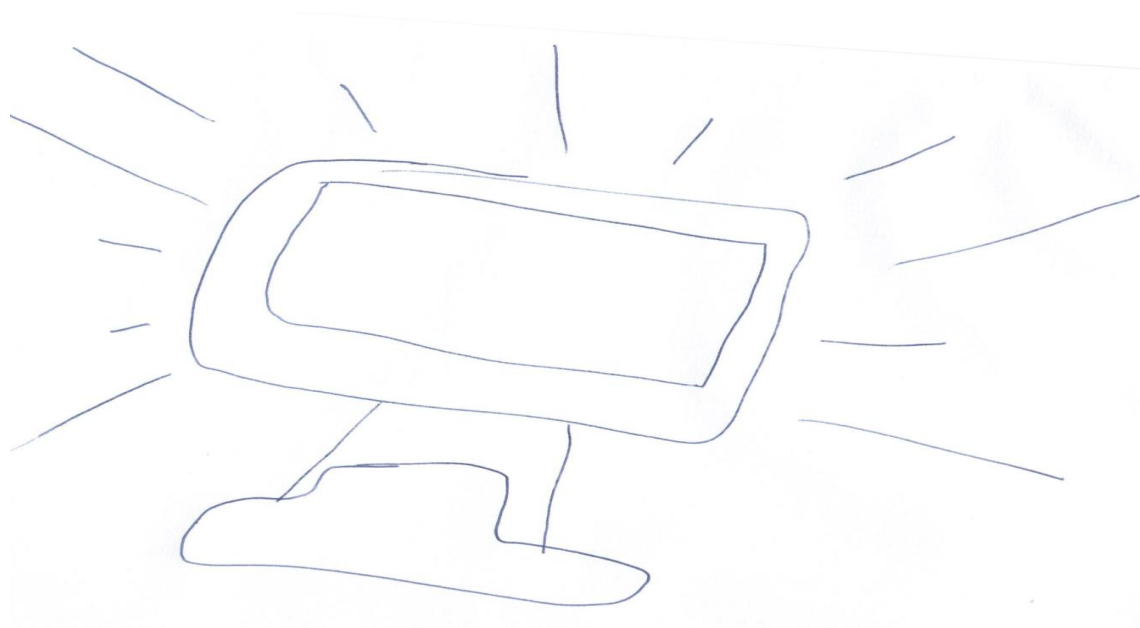
FONTE: Representação da relação de impressões e sentimentos no ambiente virtual de EaD (tabela de Likert) dos estudantes investigados entre Outubro e Dezembro de 2016.

O quadro 3 remete às considerações que revelam a categoria de impressões e sentimentos destes estudantes em relação ao ambiente virtual desta modalidade EaD.

Neste sentido, ao revelar estas categorias infere-se uma quase equidade em relação às considerações acerca da agradabilidade, do contraste, da insegurança e da pertinência que remetem as falas e os desenhos destes estudantes.

Os desenhos destes estudantes, em sua grande maioria, representam a modalidade a distância e, em conjunto com suas falas, destacam que este ambiente virtual é o espaço que mais se identifica com o ambiente da EaD. Também no que

tange aos aspectos tecnológicos envolvidos, quando contam como ponto positivo um ambiente flexível e dinâmico, como destaca Pedro, estudante de matemática: “[...] o AVA pra mim é o que mais uso... , pois só vejo o professor 2 vezes na semana, e mesmo assim, ele não tira minhas dúvidas, daí tenho que me virar, perguntar pros meus colegas e arriscar.”



FONTE: Desenho da estudante Taís representando o ambiente virtual, que remete à impressão e ao sentimento de agradabilidade. (2016).

No que tange às impressões e sentimentos na categoria contraste, para esses estudantes, destaca-se principalmente a ambiguidade de buscarem uma modalidade a distância, ao mesmo tempo que sentem falta de mais aulas presenciais, de mais contato com o professor, encontradas tanto em suas falas como em seus desenhos. Essas relações antagônicas expressam-se no querer maior flexibilidade de lugar e tempo... e, ao mesmo tempo, querer mais aulas presenciais.

Como relata Jénifer, estudante de pedagogia: “[...] é este espaço virtual... que pra mim é a maior contribuição... que supre minhas dúvidas... mas claro que também não é tudo perfeito... podia melhorar... ser mais explicativo e mais fácil de uso.”



FONTE: Desenho da estudante Jénifer representando o ambiente virtual. (2016).

E ainda, consideram a necessidade de envolver tanto flexibilidade, quanto o contato com o professor e a tecnologia, como reflete Luís, estudante de matemática:

O principal motivo foi a busca de flexibilidade de horário de estudo. Estou satisfeito... e é o que o professor faz para que a gente compreenda os conteúdos das disciplinas é o motivador do aluno.. a tecnologia está a disposição de nós ... mas é a gente que faz ela virar meio de aprendizagem... adianta o computador ligado sozinho.. sem a ação da gente... sem a gente não acontece nada... mas os dois juntos ... aí sim... ajuda para aprender. (LUIS).

Em contraponto a estas questões inerentes ao modelo de educação à distância, cabe considerar o elemento insegurança. Esses estudantes deram destaque especial à relação de impressão e sentimento de “solidão” no ambiente virtual. Também falam das dificuldades da pouca ou quase nenhuma intimidade com as ferramentas tecnológicas, e da vergonha que sentem em buscar ajuda.

Os AVA são desenvolvidos e utilizados tendo como base diferentes abordagens epistemológicas. Alguns reproduzem um modelo de ensino linear, com sequências preestabelecidas e com pouca ou nenhuma possibilidade de o aluno protagonizar sua aprendizagem. Outros trazem em suas propostas uma abordagem metodológica que suporta a construção cooperativa do conhecimento. Podem auxiliar na promoção da interdisciplinaridade, da convivência e do comprometimento maior do aluno e do professor com a aprendizagem individual e também coletiva. Destaca-se que a opção pelas tecnologias que mediarão cada curso ou disciplina pode influenciar nos resultados da aprendizagem e mesmo nos índices de evasão instituídos. O ambiente virtual escolhido, dependendo da estrutura e da proposta pedagógica, pode possibilitar em maior ou menor grau: (a) a ampliação e enriquecimento dos espaços de aprendizagem, privilegiando a autonomia e o protagonismo na construção do conhecimento; (b) a interdisciplinaridade e a aprendizagem cooperativa entre os envolvidos; (c) estar em um espaço de interação, diálogo e convivência; e (d) a diminuição ou eliminação do sentimento de isolamento. (DAUDT e BEHAR, 2013, p. 418-419).

Neste sentido, percebem nesta categoria a necessidade de desenvolver “um certo” grau de autonomia, no entanto, não se sentem preparados para alcançar tão importante desempenho. Ficam entre o ir e vir, na medida em que concebem a realidade da EaD como um espaço em que precisam caminhar com liberdade, ao lado da dificuldade que encontram em achar seu próprio caminho.



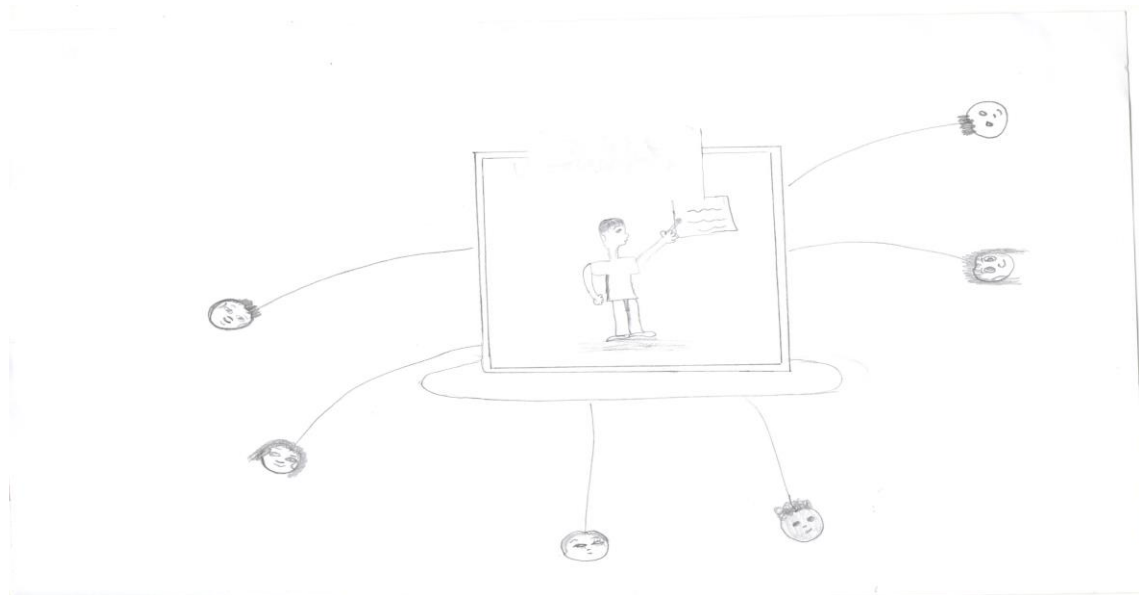
FONTE: Desenho do estudante Lucas representando o universo da EaD que remete às palavras e sentimentos que envolvem tecnologia, insegurança e ansiedade (2016).

Percebe-se que a categoria contraste, em alguns pontos, se aproxima da categoria insegurança, no que tange ao ambiente virtual, inclusive em relação ao percentual de estudantes que relataram tal consideração.

O que se percebe tanto nos desenhos destes estudantes, quanto nas respostas objetivas e subjetivas é que percebem o ambiente virtual com certo receio, devido às diferentes ferramentas que possuem à disposição. Salientam ainda, que os professores pouco, ou nunca ajudam nestas questões, e que possuem pouca informação para interagir com estas ferramentas tecnológicas nos espaços virtuais.

E mesmo que possuem pouca, ou quase nenhuma condição de organização de estudo e, conseqüentemente, de autonomia para a organização de seus meios, ações, perspectivas e condições para aprender.

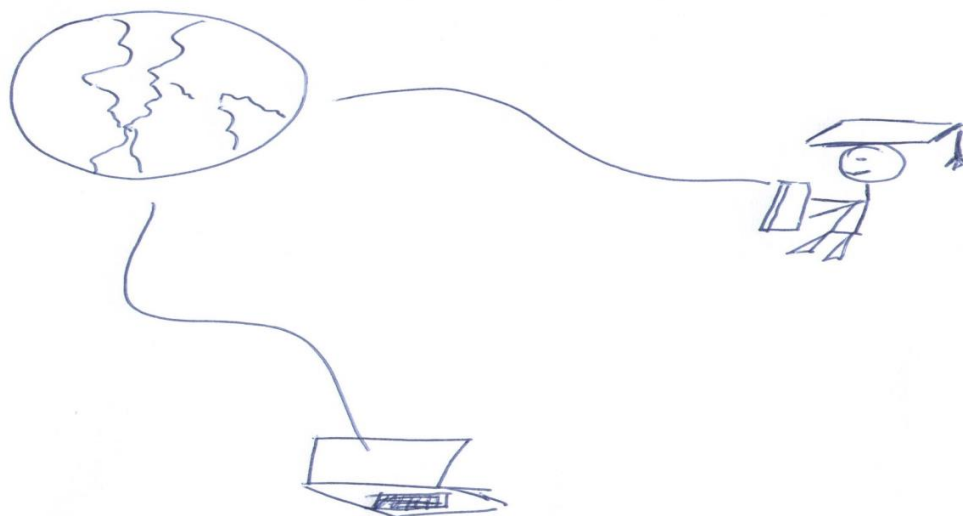
A respeito da categoria pertinência, revela-se que o ambiente virtual é considerado pelos estudantes, levando-se em conta as impressões e sentimentos que estes estudantes estabelecem, principalmente, em relação à flexibilidade de tempo e espaço.



FONTE: Desenho do estudante Luís representando a categoria pertinência em relação ao ambiente virtual da EaD (2016).

Pertinência na medida em que este espaço, mesmo sendo virtual, oportuniza a troca de informações e a ampliação do campo de pesquisa. Já que este espaço virtual permite a organização e a liberdade de estudar, considerando a relação trabalho e família, que em muitas circunstâncias impede que este estudante se dedique em horários específicos.

Como relata a estudante Jénifer de pedagogia: “[...] não queria estar presa a ter que vir todos os dias para a aula... moro do outro lado da cidade... e vir todo dia e chegar tarde em casa ... sei que iria desistir...”



FONTE: Desenho do estudante Vinícius representando a categoria pertinência em relação ao ambiente virtual da EaD. (2016).

Desta maneira, persistindo, e estabelecendo seus limites e possibilidades, este estudante consegue vislumbrar uma oportunidade de desenvolver a sua consciência, e conseqüentemente ascender a um processo que contribua para sua autonomia.

Autonomia esta que compreende este estudante na medida em que passa a ser capaz de dominar sua própria conduta, ou ainda, de acordo com Vygotsky (1995), promove ZDPs (Zonas de Desenvolvimento Proximal), caminho este que é percorrido via mediação do outro.

Assim, à medida que o estudante vai se desenvolvendo, e de acordo com o que lhe é significado pelo outro, vai produzindo seus próprios significados e assumindo o controle voluntário de seu comportamento, que o conduz aos processos de autonomia e liberdade.

Vale ressaltar que os geradores de mapas afetivos contribuíram para compreender este olhar do estudante da EaD sobre a mediação pedagógica e tecnológica, assim como os núcleos de significação. O que se pode inferir, é que esses dados possibilitaram a ampliação do olhar em relação ao estudante de EaD, e que não houve contraste significativo entre as respostas obtidas através dos mapas afetivos e as obtidas por intermédio dos núcleos de significação.

Observou-se, ainda, que as respostas aos mapas afetivos, muitas vezes, expressam sínteses, principalmente no que concerne às impressões e sentimentos em relação à identificação pessoal desses estudantes com o ambiente de EaD.

Em contrapartida, o relato verbal dos sujeitos permitiu um maior aprofundamento dessas respostas, visto que possibilitou desvendar sentidos para as imagens em questão de forma reflexiva, bem como um conhecimento mais específico do tema em questão.

REFLEXÕES SOBRE O FIM DA CAMINHADA... OU O INÍCIO DE UM NOVO PERCURSO

*Ambos procuramos a verdade.
Tu Lá fora na vida, eu dentro
no coração e, assim,
com certeza, podemos achá-la.
Se o olho é sadio, ele encontra
Lá fora o criador.
Se o é o coração, ele espelha em si o universo.*

Friedrich Schiller

A epígrafe transcrita acima reflete que além de buscarmos na ciência e nos métodos a resposta para nossos anseios, não podemos esquecer que esta resposta também se encontra no todo e em cada um de nós. Visto que somos seres únicos e individuais, capazes de viver e criar história.

Assim, recorre-se a confirmar a hipótese de que pesquisar, mais do que deixar-se levar por uma curiosidade, exige paciência, perseverança e, por vezes, só mesmo com “muita vontade” é possível ir adiante.

Resta agora responder ao objeto da pesquisa que foi o de compreender a mediação pedagógica e tecnológica sob o olhar do estudante da modalidade a distância.

Assim, ao chegar a este ponto evocamos a nossa consciência: Será que chegamos onde gostaríamos? Será que demos tudo de nós? ... estas e outras com certeza são algumas das reflexões, que a este ponto fazem rememorar o objeto de estudo e todas as condições que habitaram o tempo que esta tese levou para chegar até aqui.

E, no entanto é a conclusão que devemos chegar se quisermos definir a filosofia do conhecimento científico como uma filosofia aberta, como a consciência de um espírito que se funda trabalhando sobre o desconhecido, procurando no real aquilo que contradiz conhecimentos anteriores. Antes de mais, é preciso tomar consciência do fato de que a experiência nova, diz não à experiência antiga; se isso não acontecer, não se trata, evidentemente, de uma experiência nova. Mas este não nunca é definitivo para um espírito que sabe dialetizar os seus princípios, constituir em si novas espécies de evidência, enriquecer o seu corpo de explicação sem dar nenhum privilégio àquilo que seria um corpo de explicação natural, preparado para explicar tudo. (BACHELARD, 1978, p. 07).

Conclusões são desafios que se impõem... E assim, esta pesquisa procurou compreender a mediação pedagógica e tecnológica sob o olhar do estudante da modalidade a distância, a partir da análise das falas dos estudantes de EaD, dos questionários, dos mapas afetivos e da observação desta pesquisadora.

A tese aqui defendida procurou reflexões válidas para contribuir no desenvolvimento de ações que permitam a integração cada vez maior dos estudantes com os processos de mediação que envolvem a modalidade a distância.

Considerou, para tanto, além das falas e impressões afetivas destes estudantes, os estudos de Steiner e Vygotsky, para desenvolver e propiciar novas discussões que permitam refletir e ampliar os processos de aprendizagem e de desenvolvimento do estudante da modalidade a distância.

Este fato reforça a ideia de que a aprendizagem deve ser uma atividade permanente na vida das pessoas, o que exige o desenvolvimento de competências para aprender a aprender e aprender colaborativamente.

A investigação dos processos de mediação pedagógica e tecnológica foi realizada a partir do levantamento de 3 núcleos de significação: eu estudante, estudante e mediação pedagógica e tecnológica, e estudante e ambiente EaD.

Esses núcleos, em interação com os geradores de mapas afetivos, respondem ao objetivo da pesquisa, na medida em que essas condições são fundamentais para a aprendizagem deste aluno da modalidade a distância.

Percebeu-se assim, que a mediação pedagógica e a mediação tecnológica foram consideradas significativas para os estudantes envolvidos nesta investigação, especialmente em relação ao formato que não exige presencialidade, na qual destacam como potencializadora às questões de lugar e tempo.

Considerou-se primeiramente, quem são esses participantes que buscam na EaD uma formação superior e, para isto, investigou-se curso, tempo de curso, trabalho, formação anterior, idade, sexo, naturalidade, ano de matrícula, renda familiar, na medida em que o levantamento desses dados permite saber quem são estes autores e situá-los neste espaço educacional, com suas especificidades e individualidades. São estudantes que, em sua maioria, são oriundos de contextos desfavorecidos e buscam uma oportunidade de ascensão social por meio da EaD.

Para esses estudantes da modalidade a distância, desta instituição, a EaD é sinônimo de oportunidade, de possibilidade, de proposta de formação que visa

colaborar para que pessoas com dificuldade de tempo e de acesso ao ensino presencial possam realizar seus estudos.

Relatam ainda, que o custo de formação na modalidade a distância é inferior ao da modalidade presencial, representando assim, uma economia significativa para estes estudantes. Por outro lado, também consideram como fator preponderante de escolha para esta modalidade, a diferenciada relação tempo e espaço, permitindo que mantenham uma convivência com suas famílias e trabalho. Ou seja, é uma opção para estudantes que não têm condições de frequentar um curso presencial, na medida em que esta modalidade oferece uma estrutura diferenciada do modelo presencial de ensino, como relata Valmir, estudante de Matemática, “o aluno do curso a distância pode estudar no horário que melhor lhe convir e ainda trabalhar e estar com sua família”.

Este estudo observou que a relação de tempos e espaços síncronos e assíncronos, na modalidade a distância, é um dos grandes motivadores para que este estudante busque este formato de educação. No entanto, estes mesmos estudantes que encontram na EaD a oportunidade de uma formação, relatam, em sua maioria, que se pudessem optariam pela modalidade presencial. Um destes exemplos é Renata “[...] olha gosto da EaD, mas tenho dificuldades... sempre quis voltar a estudar... mas tinha que trabalhar e custa muito, né... então optei pela EaD... mas se pudesse estudava, assim, num curso normal.”

Essas considerações podem indicar a dificuldade destes estudantes em romper com o modelo presencial de educação, no qual o papel do professor é de detentor do conhecimento, e sendo o grande detentor da sapiência, se torna necessário que ele exija e oriente a aprendizagem.

Neste sentido, relata Roberto, estudante de Matemática, “[...] a EaD é boa, mas acho que o professor não muda em nada como ensina no presencial... então só fica muito difícil... a gente reclama na coordenação... mas dizem que é assim mesmo”. Então, tomando alguns exemplos por meio das falas dos estudantes e dos dados levantados nesta investigação, no que remete esta relação de tempo e lugar na EaD, considera-se que talvez, os processos de ensino-aprendizagem da EaD e do presencial ainda são muito semelhantes, o que gera sentimentos de apreensão e desconfiança, na medida em que se deparam com o formato semipresencial, onde ocorrem aulas presenciais (não obrigatórias) e as aulas e encontros virtuais.

Considera-se que a configuração apresentada na EaD, e em destaque a semipresencialidade, realmente é proveitosa, mas será que este professor, que na maioria das vezes, também é professor em outras instituições do modelo presencial de ensino, consegue perceber a diferença?

Nesse contexto, os estudantes podem acabar por compreender que a modalidade EaD pode apenas ter menos aulas presenciais, e/ou aulas em que não há obrigatoriedade de frequência, e onde os conteúdos podem sim, ser apreendidos na virtualidade como mero meio de armazenamento, e não como uma proposta de ensino-aprendizagem.

Cabe ainda, destacar, que esta percepção do estudante, frente à insegurança deste modelo de aprendizagem, o qual concebe como espaço onde nem o professor e nem a instituição estão preparados para lhe dar o suporte esperado, acaba promovendo um efeito negativo na percepção global deste indivíduo.

Reflete-se assim, que mesmo ao considerar relevante o contexto tempo e lugar na EaD, as questões inerentes ao estabelecimento deste processo de ensino-aprendizagem não se fazem apartadas das questões que relacionam os processos de mediação, sejam estes pedagógicos ou tecnológicos.

Como afirma o estudante Pedro, “[...] no curso a distância, eu tenho que ter mais responsabilidade para estudar, pois só vejo o professor 2 vezes na semana, e mesmo assim, ele não tira minhas dúvidas, daí tenho que me virar, perguntar pros meus colegas e arriscar”. Já Roberto, destaca que: “[...] eu que faço minha aprendizagem, aprendo mais sozinho, por isso pra mim a EaD não é tão difícil.

As questões até aqui apresentadas pelos estudantes de EaD, consideram que na concepção destes, a modalidade a distância exige muita responsabilidade para dar conta do “recado”. Para autores como Pratt e Palloff (2004, p. 27), “[...] os alunos sabem que o professor atua como um facilitador do processo de aprendizagem, e que os alunos são os responsáveis pelo próprio processo de desenvolvimento e crescimento reflexivo.”

Então, mesmo considerando o oposto, observa-se que este estudante da modalidade a distância percebe que tem um papel central nesta relação de ensino-aprendizagem. Na qual compreende, ele próprio, que deve procurar construir o seu

conhecimento, não que esteja sozinho, mas que os processos de mediação pedagógica e tecnológica podem ter uma grande colaboração nesta construção.

No que tange à mediação pedagógica, muitos dos estudantes, como foi relatado, declaram que sentem a falta da presença física do professor, e que os dois encontros presenciais não são suficientes; no entanto, como já foi exaustivamente apontado, muitos deles não comparecem a esses encontros presenciais.

Talvez estes aspectos se constituam em paradoxo, que precisa ser estudado e refletido, qual seria o papel deste professor na EaD nos encontros presenciais e nos virtuais? Como efetivamente podemos transcender a virtualidade nos processos comunicativos de ensino e de aprendizagem? Qual deve ser o perfil deste professor na modalidade a distância?

Os estudantes afirmam ainda que, nesta configuração da modalidade a distância, e em relação aos processos de mediação pedagógica e tecnológica, a EaD poderá tanto contribuir para o aprendizado dele, quanto estagnar e até mesmo confundir estes estudantes.

Esta relação é compreendida na medida em que estes estudantes acreditam que o modelo presencial, com a presença do professor, pode ser mais produtivo e mais prazeroso, o que para eles “garantiria” a aprendizagem. E, ao mesmo tempo, consideram que a aprendizagem deve depender do próprio esforço pessoal e do seu interesse em participar ativamente dos processos pedagógicos e tecnológicos que envolvem a EaD.

E mais, os estudantes ressaltam que a modalidade a distância é, em sua maioria, “[...] o meio pelo qual optei para estudar.” (Amanda), mas que se sentem sozinhos nesta caminhada. Destacando ainda, certo isolamento no ambiente virtual, que outros estudiosos também evidenciaram em suas pesquisas. (MORAN, 2000; SILVA, 2003; PALLOF e PRATT, 2004).

No que tange à mediação tecnológica especificamente, percebe-se que os estudantes verbalizam, em suas falas, muitas dúvidas sobre a questão da virtualidade, do acesso ao AVA, e até mesmo por não saberem como utilizar as ferramentas tecnológicas com eficácia.

Destaca-se, assim, que a mediação tecnológica possui algumas desvantagens tais como: os alunos podem sentir-se isolados, por estar realizando

seus estudos sozinhos, situação esta que exige uma grande motivação por parte do aluno para continuar o curso desejado; visto que, caso contrário, possivelmente pode se desmotivar e vir a deixar o curso.

Assim, cabe à instituição e ao corpo docente disponibilizar suporte adequado para os estudantes, tanto no que tange aos processos pedagógicos como aos tecnológicos de mediação, a fim de evitar que este estudo se torne apenas teórico.

Autores como Maia; Meirelles (2004); Neves (2006) e Fávero (2006) consideram que a evasão é um problema resultante de um conjunto de vários fatores que influenciam na decisão de alguém quanto à permanência ou não em algo dentro de contextos sociais e educacionais. É importante salientar que o tema evasão não fez parte do cunho investigativo desta pesquisa, mas que surge como hipótese relevante, caso, os anseios e os propósitos deste estudante não venham a ser atendidos, diante das situações despotencializadoras e desmotivadoras.

Nas observações realizadas, é interessante ainda destacar como fator desmotivador a dificuldade dos estudantes em relação aos meios tecnológicos, mesmo os que já possuem algum contato com estas ferramentas tecnológicas se veem com dificuldade quando na situação de utilizarem tal aporte para a aprendizagem, como aponta Vinícius, que relata que “[...] eu prefiro a modalidade a distância, do que a presencial... por causa do meu tempo... trabalho o dia inteiro no computador.. mas sabe que é diferente quando tenho que estudar e postar trabalhos, daí fica mais complicado”.

Este aspecto aponta que são diferentes os processos de gerir os espaços virtuais para o lazer e para o trabalho, e destaca que compreender estes processos para as questões de ensino-aprendizagem exige mais que o domínio desta ferramenta. Exige que este estudante esteja preparado para a inserção nos meios digitais de forma consciente, intencional e planejada para o conhecimento.

Para Harasim (2005, p. 21), os aportes tecnológicos e os ambientes virtuais podem “[...] gerar respostas entre educadores e estudantes, que acham que as tecnologias de rede podem melhorar os meios tradicionais de ensino e aprendizagem e abrir oportunidades totalmente novas para a comunicação, a cooperação e a construção do conhecimento.”

Assim, adentra-se às questões que se refletem na autonomia deste estudante. Autonomia esta que, para Vygotsky, compreende a mediação do outro,

para que possamos exercer conscientemente uma ação e conseqüentemente, a autonomia tão almejada na modalidade a distância. Esta consideração de Vygotsky conduz à necessidade de refletir sobre a formação dos profissionais da educação. Estão sendo preparados para trabalhar com o ensino a distância? Profissionais de diferentes campos do conhecimento devem estar preparados para exercer os processos de mediação, para que este estudante possa estabelecer “um certo” grau de autonomia frente aos processos de aprendizagem.

No entanto, Cantini *et.al.* (2006), p. 879-880) considera que:

Tais condições não condizem com a realidade da maioria dos professores em nosso país, pois a escola muitas vezes exige a inovação, a mudança, mas não proporciona meios reais para o corpo docente alcançá-las. Os professores possuem uma formação acadêmica deficitária com relação ao uso das ferramentas tecnológicas, e ao ingressarem na carreira docente assumem uma carga horária de trabalho imensa prejudicando a qualidade de sua prática pedagógica, não propiciando a utilização de ferramentas e técnicas mais elaboradas. O professor necessita mudar sua postura, preocupar-se em organizar suas atividades levando em consideração todo o arsenal tecnológico que tem em mãos e como eles podem contribuir para a efetivação da aprendizagem. Segundo Moran “o professor agora tem que se preocupar, não só com o aluno em sala de aula, mas em organizar as pesquisas na internet, no acompanhamento das práticas no laboratório, dos projetos que serão ou estão sendo realizados e das experiências que ligam o aluno à realidade”. (MORAN, 2004, p. 15). Esse novo desafio implica em ampliar a capacidade de propor novas atividades de aprendizagem utilizando-se das modernas tecnologias, de forma a propor aos alunos novos desafios, de reconstrução de conhecimentos já existentes e incentivo para construção de novos. (CANTINI *et.al.*, 2006, p. 879-880).

Frente a este quadro, concorda-se com Wachowicz (1989, p. 131), que “[...] não é o professor o culpado nem é ele o profissional capaz de inverter, individualmente, o polo desta situação. Não é verdade que o desenvolvimento da competência da escola representa por si só, o papel da educação na mudança da ordem social.”

Neste sentido, verificou-se por meio da análise das falas dos estudantes e também com a colaboração dos mapas afetivos, que os estudantes desta modalidade foram desenvolvendo determinadas competências e atitudes, sem que se dessem conta, muitas vezes, e que desta maneira passaram a sentir mais confiança e a conseguir gerir de maneira mais comprometida e responsável os seus estudos.

Estas afirmações têm um significado relevante para o conteúdo desta pesquisa, uma vez que o desenvolvimento de novas competências e atitudes emergiram de maneira espontânea, sem um questionamento específico.

Assim, salienta-se o quanto é importante para o indivíduo, e em destaque para estes estudantes da modalidade a distância, que os processos de mediação sejam capazes de expandir os seus “horizontes”, no sentido de não engessar com percepções fixas, mas oportunizar conscientemente o poder de entender, conhecer, desvendar e se conectar com este ambiente rico em conhecimento.

Levando em conta as possibilidades deste estudante, e de que cada um é um indivíduo único e plenamente capaz de se desenvolver, considera-se importante, neste sentido, situar a questão da liberdade em Steiner, que pressupõe que o fenômeno da individualidade representa a evolução da consciência, um salto além do seu nível comum, como ela se apresenta no cotidiano.

A fenomenologia da liberdade em Steiner reconhece que cada ‘eu’ é uma espécie em si. Porém, compreender a autenticidade da essência humana exige a superação da subjetividade. Superação esta que se realiza por meio do exercício da consciência na apreensão de si mesmo, onde a ideia não é compreendida por meio de representações, mas se realiza por meio de uma consciência intuitiva.

E é o desenvolvimento deste pensar intuitivo deste estudante da modalidade a distância que devemos buscar. Na medida em que esta condição poderá oferecer parâmetros para que este estudante possa inferir ações a partir do desenvolvimento de sua consciência, diante desta realidade midiática, assim como de sua relação com o mundo. Pois, a fonte de referência para o dever não está fora do indivíduo, mas dentro dele.

Neste sentido, destaca-se uma reciprocidade das teorias de Vygotsky e Steiner, no que concerne a que este estudante deve buscar nos mecanismos de mediação, e em seu próprio entendimento, as condições capazes de permitir gerir a sua própria consciência e o seu individualismo ético. No qual este indivíduo não é mero reprodutor do conhecimento, que gera a ação, mas ele é o produtor e o caráter ético é a sua vinculação com o entorno, com o outro.

Mas como desenvolver esta forma de educação a distância? Que formação daria conta do desenvolvimento de uma consciência ética? Uma formação que integre o pensar, o sentir e o querer na EaD. Nesse sentido, um caminho poderia ser o trabalho integrado entre ciência e arte, segundo Stoltz; Weger (2012; 2015).

Constitui-se um desafio trabalhar com a arte na EaD. Mas isto remete a outro trabalho. Resta observar que há muito por fazer para atender às demandas dos estudantes quanto à mediação pedagógica e tecnológica.

Cabe neste sentido, evidenciar que os processos mediadores tanto pedagógicos, quanto tecnológicos, devem estar estruturados para propiciar a este estudante da modalidade a distância, a condição de que estes possam assumir seu próprio processo de educação, suas transformações a partir de impulsos próprios, que os levem a poder desenvolver outros patamares evolutivos de consciência.

Portanto, cabe refletir que os processos de mediação pedagógica e tecnológica são compreendidos por estes estudantes da modalidade a distância, como um processo que deve ser capaz de propiciar condições para dominar e refletir os conteúdos, planejar suas tarefas, desenvolver habilidades junto às ferramentas tecnológicas. Além de fomentar a criticidade e a autonomia, no sentido de que estes estudantes não sejam meros seres adaptados, mas conscientes de sua realidade e da necessidade de transformação por meio dos processos mediadores e da reflexão.

Compreende-se que esta tarefa não é nada fácil, e por isso a necessidade de pesquisas que busquem e compartilhem novas perspectivas, pois não se pode estagnar diante da complexidade da realidade da educação, nem tão pouco deixar de renovar os caminhos e as forças dos que buscam “o diferente”, ou o “repensado”.

Acredita-se que esta pesquisa possa oferecer alguns indicadores, no sentido de ampliar e articular a discussão e a reflexão sobre a educação a distância e seus processos mediadores, que devem se estender como colaboradores dos processos de autonomia e liberdade destes estudantes.

E mais, talvez estes resultados possam subsidiar o fortalecimento de um ambiente que vivifique a articulação das contribuições de professores e estudantes, na medida em que esta troca poderia consolidar a aprendizagem e o conhecimento deste estudante de EaD.

Por outro lado, os principais desafios e também pontos positivos apontados pelos estudantes, poderão servir de subsídios para possíveis mudanças no planejamento, gestão e avaliação de cursos da modalidade a distância.

Em conclusão, e retomando Vygotsky e Rudolf Steiner, a tese propõe olhar renovado na educação a distância, olhar que permita o reconhecer-se como autor e

protagonista de suas transformações por meio do conhecimento e da compreensão da própria essência do agir, o que requer a consciência da vivência cognitiva. Nesse sentido, observa-se a necessidade de equilíbrio entre mediação pedagógica e mediação tecnológica para o desenvolvimento de consciência e de autoconsciência na EaD.

REFERÊNCIAS

ABED. Associação Brasileira de Educação a distância. Censo EaD. Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2014. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. Disponível em: < <http://www.abed.org.br/censoead/>>. Acesso: 22 outubro 2015.

AGUIAR, W. M. J. **Consciência e atividade**: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.) **Psicologia sociohistórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, p. 97-110. 2001.

ALLIPRANDINI, P. M. Z. *et al.* Estratégias de aprendizagem utilizadas por estudantes na educação a distância: implicações educacionais. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 38, p. 05-16, jun. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. Acesso em: 12 janeiro 2016.

ALVES, M. A. J. **O debate atual sobre os paradigmas de pesquisa em educação**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 96, p. 15-23, nov. 1996.

_____. **Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação**. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n. 113, p. 39-49, jul. 2001.

ANDRADE, A. F; VICARI, R. M. **Construindo um ambiente de aprendizagem a distância inspirado na concepção sociointeracionista de Vygotsky**. In: SILVA, Marco (Org.). *Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa*. 3. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2011. p. 259-260-261.

ANDRÉ, M. E. **A pesquisa no cotidiano Escolar**. In Fazenda, Ivani (Org.) *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo. Cortez, 1989.

ANDRIOLI, A. I.; SANTOS, R. Educação, Globalização e Neoliberalismo: o debate precisa continuar. *Revista Ibero Americana*, 2005. Disponível em: <<http://www.campusoei.org>>. Acesso em: 16 outubro 2015.

ALMEIDA, M. E. B. **Revista Brasileira de Educação a Distância**. n. 1. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas e Administração da Educação, 1993.

_____. **Educação a distância na internet**: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, jul./dez. 2003.

_____; IANNONE, L. R.; SILVA, M. G. M. **Educação a Distância**: oferta, características e tendências dos cursos de licenciatura em pedagogia. *Estudos e Pesquisas Educacionais*, v. 3. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2012. p. 279-354.

ALMEIDA, M. E. B. (Coord.). Relatório técnico científico. **O currículo da escola do século XXI** – integração das TIC ao currículo: inovação, conhecimento científico e aprendizagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: CNPq, 2013.

ALONSO, K. M. *et. al.* **Educação a distância**: práticas, reflexões e cenários plurais. Cuiabá- Mt: Central de Texto: UFMT, 2009.

ALONSO, K. M. **A Educação a Distância no Brasil**: a busca da identidade. In: PRETI, O. (Org.). Educação a Distância: inícios e indícios de um percurso. Cuiabá: EdUFMT, 1996. p. 57-74.

_____. Algumas **considerações sobre a educação a distância, aprendizagens e a gestão de sistemas não presenciais de ensino**. In: PRETI, Oreste (Org.). Educação a Distância: ressignificando práticas. Brasília: Liber Livro, 2005.

_____. A expansão do ensino superior no Brasil e a EaD: dinâmicas e lugares. Educ. Soc., v.31, n.113, p. 1319-1335, Out. 2010. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 dezembro 2015.

_____. A expansão do ensino superior no Brasil e a EaD: dinâmicas e lugares. Revista Educação e Sociedade. Campinas, SP, v. 31, n. 113, p. 1319-1335, out./dez. 2010. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 18 janeiro 2015.

_____. **A EaD no Brasil**: sobre (des)caminhos em sua instauração. Dossiê Educação a distância. Educar em revista, p. 37, editora UFPR, Curitiba, edição especial n.4, 2014.

ALVES, J. R. M. **A educação a distância no Brasil**: síntese histórica e perspectivas. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, 1994

_____. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education, 2009, p. 9-13.

ALVES, G. M. **Tecnologias e suas implicações na prática pedagógica do supervisor escolar**. In: 15º. CIAED, 2009, Fortaleza, CE. Anais. SP: ABED, 2009.

AGUIAR, W. M. J. de; OZELLA, S. **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

_____. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. Psicologia: ciência e profissão. Brasília, v. 26 n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 fevereiro 2016.

AGUIAR, W. M. J. de; OZELLA, S. **Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos**. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006. CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 5., 2012. São Leopoldo, RS. Anais. Porto Alegre, PUC-RS, 2012.

AGUILAR, M. Aprendizaje y Tecnologías de Información y Comunicación: Hacia nuevos escenarios educativos. Revista Latinoamericana, volume 10, nº 2, 2012. Manizales. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/scielo.php?>>. Acesso: 28 janeiro 2016.

ALMEIDA, M. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 29, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 18 agosto 2015.

AMARILLA, F. P. Educação a distância: uma abordagem metodológica e didática a partir dos ambientes virtuais. Revista Educação, Belo Horizonte, vol. 27, n. 2, p. 41-72, Agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso: 19 dezembro 2015.

_____. Educação e a cultura da informática. Revista Eletrônica de Educação. UFSCAR, 2008. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em 16 março 2016.

ANDRÉ, M. E. D. A. **A pesquisa no cotidiano Escolar**. In Fazenda, Ivani (Org.) Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo. Cortez, 1989.

ARAÚJO, D. de O.; CARVALHO, A. B. G. O sociointeracionismo no contexto da EAD: a experiência da UFRN. Campina Grande, Paraíba, 2011. p. 276. Disponível em: <<http://www.books.scielo.org>>. Acesso em: 05 janeiro 2016.

ARAÚJO, S. T.; MALTEZ, M. G. L. Educação a Distância: Retrospectiva Histórica. Revista Nexus, número 7, ano IV. Disponível em: <<http://www.virtuallcursos.com.br>>. Acesso em: 20 outubro 2015.

ARAÚJO JR. C. F. de; MARQUESI, S. C. **Atividades em ambientes virtuais de aprendizagem: parâmetros de qualidade**. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education, 2008. p. 358-368.

ARETIO, L. G. **La Educación a Distancia y la UNED**. Madri: UNED, 1996.

_____. **Educación a distancia hoy**. Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1994. In: GUAREZI, R. C. M; MATOS, M. M. Educação a Distância sem Segredos, p.19. Curitiba: Ibpex, 2009.

ARY, E. A breve história da EaD no Brasil: do Instituto Universal Brasileiro à Universidade Aberta do Brasil. 4 jun. 2007. Disponível em: <<http://www.oei.es>>. Acesso em: 12 setembro 2010.

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa, Plátano. Edições Técnicas. Tradução ao português de Lígia Teopisto, do original *The acquisition and retention of knowledge: a cognitive view*, 2006.

AZEVEDO, F. de. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

AXT, M., FAGUNDES, L. **EAD**: Curso de especialização via internet: buscando indicadores de qualidade. In: Congresso Internacional Logo 7, Congresso de informática Educativa do Mercosul. Porto Alegre. Anais.p.120, 1995.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARRETO, R. *et al.* As tecnologias da informação e da comunicação na formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 11, n.31, p. 31-42, 2006. Disponível em: <<http://www.oei.es>>. Acesso em: 12 novembro 2016.

BARROS, G. M.; Carvalho. G. A. B. As concepções de interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem. EDUEPB, Campina Grande, p. 276, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/scielo.php?>>. Acesso: 19 janeiro 2016.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BATISTA, W. B. **Educação a distância**: Universidade Pública e integração regional. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

BEHRENS, M. A. (Org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 13.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução de Marco Estevão. 3a edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

BELLONI, M. L. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. *Educ. Soc.* vol. 23 nº. 78. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 novembro 2015.

_____.; SUBTIL, M. J. Dos audiovisuais à multimídia: análise histórica das diferentes dimensões do uso dos audiovisuais na escola. In: BELLONI, Maria Luiza (org.). *A formação na sociedade do espetáculo*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 27-46.

_____. Educação a distância e inovação tecnológica. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 187-198, Março de 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 28 dezembro 2015.

BLANDIN, B. *Formateurs et Formation Multimédia*. IN Les Éditions d' Organization. Paris. 1990.

BLOIS, M.M. A busca da qualidade na educação superior a distância no Brasil: situação atual e algumas reflexões. 2004. RIED - Revista Iberoamericana de Educação a Distância. Volume 7. nº. 1/2, 2004. Disponível em: <<http://www.utpl.edu.ec>>. Acesso em: 02 julho 2011.

BLAZUS, C. A. **Sistema de fatores que influenciam o aluno a evadir-se dos cursos de graduação na UFSM e na UFSC**: um estudo no curso de Ciências Contábeis. Florianópolis, 2004. Tese. (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade**: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo. Tese de Doutorado, Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2003.

_____, Pol, E. U. **Affective dimension of cognitive maps of Barcelona and São Paulo**. International Journal of Psychology: Environmental Perception and Cognitive Maps, 2005. p. 37-50.

_____. *et al.* **Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods**. In: MIRA, R. G.; DUMITRU, A. (Org.) Urban sustainability innovative spaces, vulnerabilities and opportunities. IAPS, Barcelona, 2014. p.131-148.

_____. **Cidade e Afetividade**: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Fortaleza, CE: Edições UFC. 2010.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente". FAGED/UFBA, 2005. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufba.br>>. Acesso em: 12 fevereiro 2017.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2a edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

_____. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3a edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

BURGE, E., ROBERTS, J. M. **Classrooms with a difference**: a practical guide to the use of conferencing technologies. Toronto: The Ontario Institute for Studies in Education, Distance Learning Office, 1993

BRASIL. Universidade Aberta do Brasil. Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.br>>. Acesso em: 14 fevereiro 2016.

BRASIL. Lei n. 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Institui o Programa Universidade para Todos - ProUni, regula a doação de entidades beneficentes de assistência social no Ensino Superior; altera a Lei n. 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. 2005b. Disponível em: <<http://prouni-inscricao.mec.gov.br>>. Acesso em: 20 setembro 2015.

_____. Decreto n. 5.800, de 8 de junho de 2006. Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil. 2006. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 23 agosto 2015.

_____. Decreto n. 6.303, de 12 de dezembro de 2007. Altera dispositivos dos Decretos n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. 2007a. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 22 agosto 2015.

_____. Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância. 2007. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 01 março 2016.

_____. BRASIL. Universidade Aberta do Brasil. UAB. Disponível em: <<http://www.uab.capes.gov.br>>. Acesso em: 03 março 2016.

_____. BRASIL. Secretaria de Educação a Distância. Grupo de trabalho EAD no ensino superior. Brasília. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf>>. Acesso em: 05 janeiro 2015.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo da educação superior de 2014. Resumo técnico. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior2010.pdf>. Acesso em: 23 novembro 2015.

_____. Ministério da Educação e Cultura - MEC. Estudo analítico da oferta de cursos de educação profissional e tecnológica na modalidade a distância. GELATTI, I. S. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 03 março 2016.

BRITO, G. S.; PURIFICAÇÃO, I. **Educação e novas tecnologias**: um repensar. 2. ed. rev., atual. e ampl. Curitiba: IBPEX, 2008.

_____: BOENO. R. S.; BOENO. R. K. **A inserção de tecnologias na prática docente**: fazendo o mesmo de forma diferente. IX ANPED SUL. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO NA REGIÃO SUL, 2012.

CAMARGO, D. **As emoções e a escola**. 1ª ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

CANO, D. S; ANTUNES S. I. T. O Método de Observação na Psicologia: Considerações sobre a Produção Científica. Revista Interação em Psicologia, p. 199-210, 2007. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/6849/8141>>. Acesso em: 22 fevereiro 2017.

CARVALHO, F.R. **Lógica paraconsistente aplicada em tomadas de decisão**. São Paulo: Aleph, 2002.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 2^o ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTORINA, J. A. et al. **Novas contribuições para o debate**. São Paulo: Àtica, 2003.

CASTRO, L. R. (Org.). **Da invisibilidade à ação**: crianças e jovens na construção da cultura. Crianças e jovens da cultura, 1^a ed., p. 20-66. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001.

CASTRO. C. M. de. No seu conjunto, as avaliações não deixam dúvidas: é possível aprender a distância. Revista Veja. São Paulo, n. 2108, 15 abr. 2009. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br>>. Acesso em: 20 novembro 2015.

CATAPAN, A. H. Mediação Pedagógica Diferenciada. In: ALONSO, K. M.; RODRIGUES, R. S.; BARBOSA, J. G. **Educação a Distância**: Práticas, reflexões e cenários plurais. Cuiabá: EdUFMT, p. 71-79. 2009.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4^a ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CHARLOT, B. **A Pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas**: especificidades e desafios de uma área de saber. Revista Brasileira de Educação, v.11, n.31, p.7-18, jan./abr. 2006.

CHAUÍ, M. de S. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

CLARKE, A. C. **Um Dia na Vida do Século XXI**. Ensino por correspondência, Ministério da Educação, 1980. 1o Ciclo de Debates sobre Educação a Distância. Ministério da Educação, 1987. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1989.

COELHO, M. L. A evasão nos cursos de formação continuada de professores universitários na modalidade a distância via Internet. Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. Disponível em: <<http://www2.abed.org.br>>. Acesso em: 15 fevereiro 2016.

COLL, C.; MONEREO, C. *et al.* **Psicologia da educação virtual**. Aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Tradução Naila Freitas. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COSCARELLI, Carla Viana. **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

COSME. A.; TRINDADE. R. **Área de estudo acompanhado**. O essencial para ensinar e aprender. Edições Asa, Porto, 2001.

COSTA, N.C.*et al.* **Lógica paraconsistente anotada**. São Paulo: Atlas, 1999.

COSTA, E. R.; BORUCHOVITCH, E. **Fatores que influenciam o uso de estratégias de aprendizagem**. Psico-USF,2000.V. 5, p.11-24.

CORRALIZA, J. A. **Emoción y ambiente**. In ARAGONES, J. I.; AMÉRIGO, M. Psicología ambiental, Madrid, España. Ediciones Pirâmide, p. 281-302, 1998.

CORREIA, M. F. B.; LIMA, A.P.B.; ARAÚJO, C.R. As Contribuições da Psicologia Cognitiva e a Atuação do Psicólogo no Contexto Escolar. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 25 março 2011.

CORTELAZZO, I. B. de C. **Tutoria e autoria**: novas funções provocando novos desafios na educação a distância. EccoS, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 307-325, jul./dez. 2008.

COUTINHO, L. Aprendizagem on-line por meio de estruturas de cursos. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

DANIEL, J. S. **Mega-universities and knowledge media**: technology strategies for higher education. Londres: Kogan Page, 1998.

DANNA, M. F.; MATOS, M. A. **Aprendendo a observar**. São Paulo: Edicon. 2006.

DAUDT, S. I. D.; BEHAR, P. A. A gestão de cursos de graduação a distância e o fenômeno da evasão. Revista Educação (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 3, p. 412-421, 2013. Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.pucrs.br>>. Acesso em: 02 fevereiro 2017.

DEL PRETTE, Z. A. P. **Uma análise educativa do professor a partir de seu verbal e da observação em sala de aula**. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1990.

DEMO, P. Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

_____. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **O porvir**: desafio das linguagens do século XXI. Curitiba: Ibpex, 2007.

DIAS, R. A. LEITE, L. S. **Educação a Distância**: da legislação ao pedagógico. Petrópolis: Vozes, 2010.

DOMINGUES, M. A.; BRUNSTEIN, I.; ABE, J. M. **Proposta de uso da Lógica Paraconsistente Anotada na análise do poder de competição**: o estudo do fator “Dificuldades: entrada dos concorrentes”. In: XXIV Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2004. Anais Florianópolis, ENEGEP, 2004.

DOURADO, L. F. Políticas e gestão da educação superior a distância: novos marcos regulatórios?. *Educ. Soc.*, v. 29, n. 104, p. 891-917, out. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a1229104.pdf>>. Acesso em: 21 janeiro 2016.

DOWBOR, L. **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

DUARTE, JR. F. **O sentido dos sentidos**: a educação do sensível. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

DUARTE J. F. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo: Cortez. 1981.

EMERENCIANO, M. S. *et al.* Ser Presença como Educador, Professor e Tutor. Revista digital do CVA. Colabor@ .volume 1, n. 1, p.4-11. Ricesu. Brasília. 2001. Disponível em: <<http://www.nescon.medicina.ufmg.br/>>. Acesso em 16 janeiro 2016.

ESPINOSA, H. R. M. **Desenvolvimento e meio ambiente sob nova ótica**. *Ambiente*, v.7, n. 1, p. 40-44, 1993.

FACCI, M.G. D. Vigotski e o processo ensino-aprendizagem: a formação de conceitos. In: MENDONÇA, S. G. de L.; MILLER, S. (Orgs.). **Vygotsky e a escola atual**: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara: Junqueira & Marin, 2009.

FAGUNDES, L. C. **Educação a distância em ciência e tecnologia**: o Projeto EducaDi/CNPq. vol..16, n.20, p.134- 40, abr./jun, 1996.

FARIA, A. A.. **A história do instituto universal brasileiro e a gênese da educação a distância no Brasil**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Tuiuti do Paraná, 2010.

_____ ; SALVADORI, A. **A Educação a Distância e Seu Movimento Histórico no Brasil**. *Revista das Faculdades Santa Cruz*, v. 8, n. 1, janeiro/junho 2010. 8p.

FERNANDEZ, Consuelo. A avaliação em EAD: o caso da aprendizagem. Disponível em: <<http://www.artigonal.com>>. Acesso em: 30 janeiro 2017.

FERREIRA, V. R. T.; MOUSQUER, D. N. Observação em psicologia clínica. *Revista de Psicologia da UnC*, volume 2, p. 54-61. 2004. Disponível em: ,https://www.researchgate.net/publication/242169894_Observacao_em_Psicologia_Clinica>. Acesso em: 20 dezembro 2016.

FERREIRA, R. B. A. Didática no contexto da Educação a Distância: quais os desafios? Artigo. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Estatística e Informática, Núcleo de Educação a Distância. 2010. Disponível em: <<http://www.ufmg.br>>. Acesso em: 20 agosto 2016.

FERREIRA A. J.; MOULIN, N. **Novas tecnologias na mediação do ensino a distância**: caminhos para a individualização ou para a massificação. Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, v. 29, n.150/151, p. 52-56, jul./dez. 2000.

FREITAS, M. T. de A. As apropriações do pensamento de Vygotsky no Brasil: um tema em debate. In: Psicologia da Educação. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000, n.10/11: 9-28. Disponível em: <<http://www.pucsp.br>>. Acesso em: 26 setembro 2015.

FREITAS, I. F. C.; FERREIRA, S. L. A evolução da EaD no Brasil: um comparativo no ensino superior a distancia X presencial. 2013. ABED, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2013>>. Acesso em:13 janeiro 2016.

FILATRO, A. As teorias pedagógicas fundamentais em EAD. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

FURLANI, D. D.; BOMFIM, Z. A. C. **Juventude e afetividade**: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. Psicologia & Sociedade, p. 50-59, 2010.

GALAFASSI, F. P.; GLUZ, J. C.; GALAFASSI, C. Análise crítica das pesquisas recentes sobre as tecnologias de objetos de aprendizagem e ambientes virtuais de aprendizagem. Revista Brasileira de Informática na Educação. v. 21, n. 3, 2013. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/rieb/article>>. Acesso em: 02 março 2014.

GARNIER, C. **Após Vygotsky e Piaget**: perspectiva social e construtivista. Escola russa e ocidental; trad. Eunice Gruman – Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GATTI J. D. **Apontamentos sobre a pesquisa histórico-educacional no campo das instituições escolares**. Cadernos de História da Educação, vol.1, n.1, p.29-31, jan./dez. 2002.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. vol. 14, n. 2, p. 03-11, Junho de 2000. São Paulo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 12 janeiro 2016.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

_____ ; PESSANHA, E. C. **História da educação**, instituições e cultura escolar: conceitos, categorias e materiais históricos. In: GATTI J. D.; INÁCIO F.O, G. (Orgs.) História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas SP: Autores Associados : Uberlândia, MG: EDUPU, p.71-90, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GIOLO, J. Educação a distância: distância entre o público e o privado. Educação e Sociedade. Campinas, v. 31, n. 113, out.-dez. 2010, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/12.pdf>>. Acesso em: 13 janeiro 2016.

GÓES, M. C. A natureza social do desenvolvimento psicológico. In: Cadernos CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade – Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética. 2ª ed., São Paulo: Papyrus. p. 17-24. 1991. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>>. Acesso: 15 janeiro 2017.

GOFFMAN, E. Situação Negligenciada. In BT Ribeiro e P. Garcez (Eds.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, p. 13-20, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1997.

GOMES, R. EAD X Ensino Presencial. Congresso de ensino superior a distância. ESUD, 2014. Disponível em: <<http://www.esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/file>>. Acesso em: 27 janeiro 2017.

GOMÉZ, G.R. *et al.* **Metodología de la investigación cualitativa**. Havana, Cuba.

GONÇALVES, C. T. Quem tem medo do Ensino à Distância. Revista Educação à Distância, n. 7-8, 1996. Disponível em: <<http://www.intelecto.net/ead/consuelo>>. Acesso em: 12 dezembro 2016.

GOTTARDI, M. L. A autonomia na aprendizagem em educação a distância: competência a ser desenvolvida pelo aluno. Revista ABED. 2015. Disponível em: <<http://www.eer.abed.net.br/edições>>. Acesso em: 16 janeiro 2017.

GUTIÉRREZ, F.; Daniel P. **A mediação pedagógica: educação a distância alternativa**. Campinas: Papyrus. 1994.

HAMZE, A. Andragogia e a arte de ensinar adultos. Disponível em: <<http://www.educador.brasilecola.com/trabalho-docente/andragogia.htm>>. Acesso em: 04 março 2010.

HERNÁNDEZ, F.; SANCHO, J. M.; **Aprendendo com as Inovações nas Escolas**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HODGINS, H. W. The future of learning objects. e-Technologies in Engineering Education: learning outcomes providing future possibilities. In: LOHMANN, J.; CORRADINI, M. et al. ECI Symposium Series. v. P01, 2002. p. 76-82. Disponível em: <<http://www.dc.engconfintl.org/cgi/viewcontent>>. Acesso em: 15 novembro 2015.

IMBERNÓN, F. **La formación y el desarrollo profesional del profesorado**. Hacia una nueva cultura profesional. Barcelona: Editorial Graó, 1998.

INEP. Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação. 2014. Disponível em: <<http://www.portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas>>. Acesso em: 7 novembro 2016.

KAMINSKI, C. **O papel do tutor na educação a distância em instituição pública**. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

_____; STOLTZ, T. **Educação a distância**: Rediscutindo o papel do tutor. Cultura escolar e novas tecnologias. Revista intersaberes, Curitiba, vol.09, n.21, p.561-576, Set/Dez. 2015.

KEEGAN, Desmond. **Foundations of distance education**. 3.ed. London: Routledge, 1996.

KEIM, E. J.; SANTOS, R. F. **Educação da insurreição**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2011.

_____. **Educação e sociedade pós colonial**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2012.

_____. **Educação da insurreição para a emancipação humana**: ontologia e educação em Lukács e Freire. Jundiaí: Paco, 2014.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 2ª edição. Campinas: Papirus, 2004.

_____. Gestão e uso das mídias em projetos de educação a distância. Revista E-Curriculum. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ecurriculum>>. Acesso em: 06 janeiro 2016.

_____. **O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias**. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). Didática: o ensino e suas relações. São Paulo: Papirus, p. 127-147, 2001.

KREPPNER, K.. Sobre a maneira de produzir dados no estudo da interação social. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Volume 17 nº 2. p. 97-107. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 22 fevereiro 2016.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

KUDE, Vera. **Como se faz um projeto de pesquisa qualitativa em psicologia**. Revista semestral do instituto de psicologia da PUC/RG. Volume 28 nº1. Jan.Jun 1997.

LACOMBE, I. A. **Navegando e aprendendo**: reflexões sobre um curso de inglês via rede mundial de computadores. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, p. 270,1991.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. 3º Ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

LAMPERT, E. **Educação a distância**: elitização ou alternativa de democratizar o ensino. Espanha, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2000.

LEONTIEV, A. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de Rubens Eduardo Faria - 2. ed. Centauro Editora, São Paulo, 2004.

LERNER, D. O ensino e o aprendizado escolar: argumentos contra uma falsa oposição. Em J. A. Castorina, E. Ferreiro, D. Lerner & M. K. Oliveira (Orgs.), **Piaget e Vygotsky**: Novas contribuições para o debate (pp. 85-146). São Paulo, SP, : Ática, 1996.

LÈVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o Futuro do Pensamento na Era da Informática. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, 2000.

_____. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo, 2008.

LIEBSCHER, P. **Quantity with quality?** Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. *Library Trends*, v. 46, n. 4, p. 668-680, 1998.

LIMA, J. M.; SILVA. C. V. P.; PAIVA. C. M. Autonomia em educação a distância: relatos a partir da prática de tutoria na disciplina fundamentos psicológicos da educação em dois cursos de licenciatura da UFPB virtual. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa , Paraíba, 2010. Disponível em: <www.abed.org.br>. Acesso em: 23 janeiro 2016.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katalysis*, v. 10, p. 35-45, 2007.

LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education, 2009.

LOBO N. F. J. Org. Regulamentação da educação a distância: caminhos e descaminhos. *Educação a distância: regulamentação*. Brasília: Plano : Rio de Janeiro: ABT, p.399-471, 2000. Disponível em : <<http://www.senac.br/informativo/BTS/282/boltec282e.htm>>. Acesso em: 22 novembro 2015.

LONGO, W. P. **O desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil e suas perspectivas frente aos desafios do mundo moderno**. Coleção Brasil: 500 anos, vol. II, Editora da Universidade da Amazônia, Belém, 2000.

LONGO, W. P. A viável democratização ao acesso ao conhecimento. Revista Lugar Comum. Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 195- 207, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <www.waldimir.longo.nom.br/publicacoes.html>. Acesso em: 06 março 2016.

LOPES M. C., *et al.* O processo histórico da educação a distância e suas implicações: desafios e possibilidades. Revista Unicamp, p. 20. 2011. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer>>. Acesso em: 14 janeiro 2017.

LUCENA, M. Teoria Histórico-Sócio-Cultural de Vygotsky e sua aplicação na área de tecnologia educacional. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, v.26, p.49-53, 1998. Disponível em: <www.abed.org.br/congresso>. Acesso em: 13 março 2016.

LUKACS, G. **A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel**. Sao Paulo: Ed. Ciências Humanas , 1979.

MCCONNELL, D. **Implementing computer supported cooperative learning**. London: Kogan Page, 1999.

MAGALHÃES, M. C. Contribuições da Pesquisa Sócio-Histórica para a Compreensão dos Contextos Interacionais da Sala de Aula de Línguas: foco na formação de professores. The Specialist. V. 17, nº. 1, p. 01-18. São Paulo, 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.pucsp.br/in>>. Acesso em: 12 janeiro 2016.

MAIA, C. **Ead.br: experiências inovadoras em educação a distância no Brasil: reflexões atuais, em tempo real**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2003.

MAIA, M. C. **O uso da tecnologia de informação para a educação a distância no ensino superior**. Tese apresentada ao Curso de Pós Graduação da FGV-EAESP. Área de Concentração: Produção e Sistemas de Informação. São Paulo, 2003.

MARILLA F. P. Educação a distância: uma abordagem metodológica e didática a partir dos ambientes virtuais. Educ. rev. [online], vol.27, n.2, p. 41-72, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000200004>>. Acesso em: 23 novembro 2015.

MARTINS, S. T. F.; Aspectos teórico-metodológicos que distanciam a perspectiva sócio-histórica vigotskiana do construtivismo piagetiano. In: MENDONÇA, S. G. de L.; MILLER, S. (Orgs.). **Vygotsky e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

MARTINS, O. B. **Fundamentos da educação a distância**. Curitiba: Ibpex, 2005.

_____. **A educação a distância: um mapa reflexivo da nova cultura dos docentes e dos tutores na formação dos professores**. Curitiba: Ibpex, 2007.

MARTINS, O. B. Sistemas de gestão em EAD: os desafios de uma proposta crítica comprometida com a gestão em EAD. Revista Latinoamericana de TecnologíaEducativa, RELATEC, Brasil, 2010. Disponível em: <<http://campusvirtual.unex.es>> Acesso em: 08 novembro 2011.

MASETTO, M. T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: MORAN, J. M.; MASETTO M. T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. São Paulo: Papirus, 2000.

_____. **Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação**. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 21. ed. rev. e atual. Campinas: Papirus, 2013.

MATA, M. L. **Educação a Distância e Novas Tecnologias**. Tecnologia Educacional, Rio de Janeiro, v.22, n. 123/124, mar/jun., 1995.

MENEZES. M. B. **A Educação a Distância na Atualidade**. In: Perspectiva da Educação a Distância. Brasília:SEED, 1998.

MILL, D.; OLIVEIRA, M.R.G. **A educação a distância em pesquisas acadêmicas: uma análise bibliométrica em teses do campo educacional**. Dossiê educação a distância. Educar em Revista, n. 4, 2014.

_____; *et al.* Educação virtual e virtualidade digital: trabalho pedagógico na educação a distância na Idade Mídia Linguagem, educação e virtualidade. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 249. Disponível em <<http://www.scielo.org.co/scielo.php?>>. Acesso: 29 janeiro 2016.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIRAS, M. **Afetos, emoções, atribuições e expectativas: o sentido da aprendizagem escolar**. In: CÓLL, C. & Cols. Desenvolvimento psicológico e educação – Psicologia da educação escolar, vol. 2. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 209-222

MOORE, M. G. **Background and overview of contemporary american distance education**. In: MOORE, M.G. (Ed.). Contemporary issues in american distance education. New York: Pergamon, 1990.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a Distância: uma visão integrada**. Tradução Roberto Galman. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

_____; KEARSLEY, G. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thompsom Learning, 2011.

MORAES, M. C. *at al.* Educação a distância: fundamentos e práticas. Campinas,SP: Unicamp, Nied, 2002. Disponível em : <<http://www.escolanet.com.br>>. Acesso em: 08 janeiro 2016.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MORAN, J. M. Como utilizar a Internet na educação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 26, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 20 agosto 2015.

_____. Perspectivas (virtuais) para a educação. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/>>. Acesso em: 03 novembro 2008.

_____. Os novos espaços de atuação do educador com as tecnologias. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/espacos.htm>>. Acesso em 10 abril 2010.

_____. MASETTO, M.; BEHRENS, M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 5. ed. São Paulo: Papirus, 2002.

MOREIRA, M. A.; ARNOLD, S. B. T.; ASSUMPÇÃO, S. B. **A EAD no processo de democratização do ensino superior no Brasil**. In: *Desafios da educação a distância na formação de professores*. Brasília: Secretaria de Educação a Distância/Ministério da Educação, 2006.

_____. **Teorias de Aprendizagem**. 3. Ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2009.

_____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Série Prática Pedagógica. Campinas, Papirus, 2003. (Série Prática Pedagógica).

MOTA, R. **A Universidade Aberta do Brasil**. In: LITTO, Frederic Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (Org.). *Educação a Distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

NEIVA, E. **O que aprender com as Antigas Catástrofes**: comunicação, técnica e sociedade. Editora Ática. São Paulo, 1996.

NICOLODI, S. C. F.; SCHLEMMER, E. Práticas e processos de mediação pedagógica em EaD. Disponível em: <<http://www.abed.or.br/congresso2009>>. Acesso em: 08 janeiro 2016.

NISKIER, A. Os aspectos culturais e a EAD. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

NOVA, C.; ALVES, L. **Educação a Distância**: uma nova concepção de aprendizado e Interatividade. São Paulo: Futura. 2003.

NUNES, I. B. A história da EAD no mundo. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. **Educação a distância o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

OLIVEIRA, G. J.; NUNES, M. M. **Sobre a autonomia do estudante na educação a distância**. Instituto Anísio Teixeira. - IAT, Bahia. 5ª Conahpa - Congresso Nacional de Ambientes Hipermedia para Aprendizagem, Pelotas - RS 5 a 6 de Setembro de 2011.

_____.; VILAS BOAS, A. A. *et al.* **EaD versus ensino presencial**: um estudo da referência do profissional em uma instituição financeira no RS. In: 1st International Conference on Information Systems and Technology Management, 2004, São Paulo. Anais do 1st International Conference on Information Systems and Technology Management. São Paulo: FEA - USP, 2004.

OLIVEIRA, M. K. *et al.* **Pensar a educação**: contribuições de Vygotsky. In: Piaget/Vygotsky: novas contribuições para o debate. São Paulo, Ática, p. 51-81, 1988.

_____. **Vygotsky e o processo de formação de conceitos**. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo, Summus, p. 24, 1992.

_____. **Vygotsky**: alguns equívocos na interpretação de seu pensamento. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.81, p.67-74, maio 1992.

_____. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

OLIVEIRA, R. **Teoria do capital humano e a educação profissional brasileira**. Recife: UFPE, 2001.

OSINSKI, I.C.; BRUNO, A. S. **Categorías de respuesta en escalas tipo Likert**. *Psicothema*. v.10, n. 3, pp. 623-631, 1998.

PACHECO, J. *et al.* **Caminhos para a inclusão**: um guia para o aprimoramento da equipe escolar. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PAIVA, V. L. M. Propiciamento (affordance) e autonomia na aprendizagem de língua inglesa In: LIMA, Diógenes Cândido. **Aprendizagem de língua inglesa**: histórias refletidas. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.

PAIVA, V. L. M. Aquisição e complexidade em narrativas multimídia de aprendizagem. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 2. p. 321-339, 2008. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/2008>>. Acesso em: 16 fevereiro 2016.

PALANGE, I. Os métodos de preparação de material para cursos on-line. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). **Educação a Distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

PASSARELLI, Brasilina. **Interfaces digitais na educação**: alucinações consentidas. São Paulo: Escola do Futuro da USP, 2009.

PASQUALOTTO, L.C. **A educação a distância entre mitos e desafios frente ao processo de mercadorização da educação.** Dissertação Mestrado. 2004.

PERAYA, D. **O ciberespaço:** um dispositivo de comunicação e de formação midiaticizada. In: ALAVA, S. Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais? Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artemed, 2000.

PETRONIA, Ana P. *et al.* VIGOTSKI E PAULO FREIRE: contribuições para a autonomia do professor. Revista Diálogo Educ., Curitiba, volume 9, n. 27, p. 351-361, 2009. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo>>. Acesso em: 03 fevereiro 2017.

PINHEIRO, G. R.; BOMFIM, Z. A. C. Afetividade na relação paciente e ambiente hospitalar. Rev. Mal-Estar Subj, vol.9, n.1, p.45-74, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>>. Acesso em: 02 fevereiro 2016.

PINHEIRO, L. V. R. **Informação:** Esse obscuro objeto da Ciência da informação. Morpheus, ano 2, n. 4, 2004.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. **Pesquisa Exploratória:** procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. In: Revista Da Saúde Publica, no. 29, ed. 4, 318-325, 1995.

PIRES, H. F. Universidade, políticas públicas e novas tecnologias aplicadas à educação a distância. Revista Advir, nº 14, Rio de Janeiro. p.22-30. 2001. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/ead>>. Acesso em: 12 janeiro 2017.

POSSARI, L. H. V. **Linguagem, o ensino, o entorno, o percurso.** Cuiabá: UFMT/NEAD, 1997. Disponível em: <<http://www.uab.ufmt.br>>. Acesso em: 09 janeiro 2016.

_____.; NEDER, M. L. C. **Linguagem, o entorno, o percurso.** 3ª. Ed. Cuiabá: EDUFMT, 1997 – 2003

_____. **Produção de material didático para a EAD.** Texto Impresso I. In Laboratório de produção para a Educação a distância. Curitiba: NEAD/UNIREDE, 2001.

_____. **Comunicação e Educação:** novo conceito de espaço (tempo). in Cadernos de Educação. Cuiabá: EDUNIC. vol. 5., n.1, 2002.

_____. **Material didático para a EaD:** processo de produção. Cuiabá: Ed. UFMT, 2009.

POZO, J. I. **Aprendices y maestros**. La nueva cultura del aprendizaje. Madri: Alianza Editorial, 1996.

POZO, J. J. Estratégias de Aprendizagem. In: COLL, C.; PALÁCIOS J.; MARCHESI, A. (Orgs). **Desenvolvimento psicológico e educação**: Psicologia da educação (pp. 176-197). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PRADO, M.E.B.; VALENTE, J. A. **A Educação a distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica**. In: MORAES, M.C. (Org.) Educação a distância: fundamentos e práticas. Campinas: UNICAMP/NIED, p. 27-50, 2002.

PRETI, O. (Org.). **Fundamentos e políticas em educação a distância**. Curitiba: IBEPEX, 2002. Coleção Educação a Distância 3.

_____. **Educação a Distância**: Sobre discursos e práticas. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

_____. A universidade Aberta do Brasil: uma política de Estado para o ensino superior “a distância”. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.uab.ufmt.br>>. Acesso em: 06 novembro 2015.

PRIMO, A.; CASSOL, M. B. F. **Interação mútua e interação reativa**: uma proposta de estudo. XXI Congresso da Intercom – Recife-PE. Disponível em: <http://usr.psico.ufrgs.br/~primo>. Acesso em: 08 março de 2003.

RAMOS, E. C. (org.) **Fundamentos da educação**: os diversos olhares do educar. STOLTZ, T. Por quê Vygotsky na educação? Curitiba: Juruá Editora, 2010.

REGO, T. C. *et al.* **Configurações sociais e singularidades**: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.

_____. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2009.

REIS, M. M. **O estado da arte da educação a distância no Amapá**. Mídias na Educação: UNIFAP, 2010.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, R. S. **Modelo de planejamento para cursos de pós-graduação a distância em cooperação universidade-empresa**. 2004. 176 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

ROSÁRIO, P., SOARES, S., NÚNEZ PEREZ, J. C., GONZALÉZ PIENDA, J. A., *et al.* Processos de auto-regulação da aprendizagem e realização escolar no ensino básico. Psicologia, Educação e Cultura, 8(1), 141-157, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 02 março 2017.

RUMBLE, Greville. **A gestão dos sistemas de ensino a distância**. Brasília: UnB: UNESCO, 2003.

SAÉZ, V. M. M. **Globalización, Nuevas Tecnologías y Comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1999.

SAINSAULIEU, R.; KIRSCHNER, A. M. **Sociologia da empresa** - organização, poder, cultura e desenvolvimento no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SANCHES, C. M. *et al.* O. Análise qualitativa por meio da lógica paraconsciente: método de interpretação e síntese de informação obtida por escalas Likert. Anais do Encontro de Ensino e Pesquisa em administração e contabilidade. João Pessoa, 2011. Disponível em: <www.anpad.org.br>. Acesso em: 28 fevereiro 2016.

SAMPAIO, H. **O setor privado de ensino superior no Brasil: continuidades e transformações**. Revista Ensino Superior Unicamp, v. 4, p: 28-43, 2011.

SAMPIERI, R. H. *et al.* **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo: McGraw Hill, 2006.

SANTOS, E. O. **Articulação de saberes na EAD online**. In: SILVA, Marco (Org.). Educação online. São Paulo: Edições Loyola, p. 217-230, 2003.

SANTOS, A. V.; VECHIA,(Orgs.) **A. Introdução da perspectiva história na pesquisa educacional**. In. Cultura escolar e história das práticas pedagógicas. Curitiba: UTP, p. 9-14, 2008.

SCAVAZZA, B. L.; SPRENGER, A. **A EAD na formação não formal de professores**. In: LITTO, Fredric e FORMIGA, Marcos (org.). Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo, Pearson Education do Brasil, 2009.

SCHINCARIOL, J. Ensino a distância no Brasil pode dobrar em 5 anos. Exame. São Paulo, 2 Jun. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/-a-distancia-no-brasil-pode-dobrar-em-5-anos>>. Acesso em: 13 janeiro 2016.

SELLTIZ, C. *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2a edição. São Paulo: EPU, 1987.

SENAC. EAD cresce e aparece no Brasil. 2013. Disponível em: <<http://www.ead.senac.br/noticias/2013/12/ead-cresce-e-aparece-no-brasil/>>. Acesso em: 03 dezembro 2015.

SERAFINI, A. M. S. A autonomia do aluno no contexto da Educação a Distância. Revista Edufoco, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaedufoco>>. Acesso em: 15 fevereiro 2016.

SEVERO, R. B. **Avaliação do curso de graduação em administração presencial da UFSM e a distância da UFSM/UFRGS quanto ao processo de ensino aprendizagem em relação às dimensões: aluno/aluno, aluno/professor e aluno/conteúdo**. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, C. S. A evolução da educação a distância no ensino superior. Portal da Educação, 18 abr 2014. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br>>. Acesso em: 13 janeiro 2016.

SILVA, J. da G. *et al.* O uso das novas tecnologias e a mediação pedagógica na percepção de docentes na universidade federal de Itajubá. Congresso de ensino superior a distância XI - ESUD, 2014. Florianópolis; UNIREDE, 2014. Disponível em: <<http://www.esud2014.nute.ufsc.br>>. Acesso em: 06 janeiro 2016.

SILVA, M. *et al.* **Sala de aula interativa**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

_____. *et al.* **Educação online: teorias, práticas, legislação e formação de professores**. Rio de Janeiro: Loyola, 2003.

SIMPSON, O. **Predicting Student Success**. Open Learning. vol. 21, Issue 2, p.p.125-138, 2006.

_____. **Supporting Students in Online and Distance Education**. Routledge, New York, 2013.

SIQUEIRA, R. M. O Programa “Um Salto para o Futuro” e o discurso da formação continuada de professores. Entre o discurso e a prática que se propaga no Programa “Um Salto para o Futuro”. Online. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em 20 fevereiro 2017.

SMOLKA, A. L. B. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. Cadernos Cedes, Unicamp, n.50. v.1. p.26-40. 2000. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/>>. Acesso em: 05 janeiro 2017.

SOARES, J. R. **Atividade docente e subjetividade: sentidos e significados constituídos pelo professor acerca da participação dos alunos em atividades de sala de aula**. 2011. 328 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SONTAG, A. G. *et al.* Fatores que influenciam a opção pelo curso de Ciências Contábeis. V Seminário UNIOESTE, Cascavel. 2016. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/campi/cascavel/>>. Acesso em: 22 fevereiro 2017.

SOUSA, E. C. B. M. **Panorama internacional da Educação a Distância**. Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 70, 1996.

SOUZA, R. P.; Moita, F. M. C. (org.). **Tecnologias digitais na educação**. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005

SOUZA, A. R. B.; SARTORIB, A. S.; ROESLER, J. **Mediação pedagógica na educação a distância: entre enunciados teóricos e práticas construídas**.

SPINK, M. J. P. (org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2004.

STEINER, R. **Verdade e ciência**: prelúdio a uma filosofia da liberdade. São Paulo: Antroposófica, 1985.

_____. *A arte na educação – II*. São Paulo: Antroposófica, 2003
STEINER, R. **A educação da criança**: segundo a ciência espiritual. 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996.

_____. **A educação prática do pensamento**. 1ª ed. São Paulo: Antroposófica, 1996.

_____. **Arte e estética segundo Goethe**: Goethe como inaugurador de uma estética nova. Tradução de: Marcelo da Veiga. São Paulo: Antroposófica, 1998.

_____. **A filosofia da liberdade**: fundamentos para uma filosofia moderna. Resultados com base na ciência pensante, segundo o método das ciências naturais. São Paulo: Antroposófica, 2000.

_____. **Teosofia**: introdução ao conhecimento supra-sensível do mundo e do destino humano. São Paulo: Antroposófica, 2002.

_____. **O método cognitivo de Goethe**: linhas básicas para uma gnosologia da cosmovisão goethiana. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2004a.

_____. **Teosofia**: introdução ao conhecimento supra-sensível do mundo e do destino humano. 7. edição. São Paulo: Antroposófica, 2004.

_____. **A questão pedagógica como questão social**. 1ª edição. São Paulo: Antroposófica. 2009.

TESSARO, N. T. *et al.* A educação a distância e o mercado de trabalho. Revista ABED. 2013. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2013>>. Acesso em: 22 fevereiro 2017.

STOLTZ, T. **O problema das relações entre afetividade e inteligência**. In: Nilson Fernandes Dinis. *et al.* Múltiplas faces do educar: processos de aprendizagem, educação e saúde e formação docente. Curitiba: Editora UFPR, 2007. p.29-46.

_____. A constante criação de si mesmo a partir do outro. In: GUÉRIOS, E.; STOLTZ, T. (Orgs.). **Educação e alteridade**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 167-178.

STOLTZ, T.; WEGER, U. **O pensar vivenciado na formação de professores**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 56, p. 67-83, abr./jun. 2015. Editora UFPR.

STOLTZ, T.; WEGER, U.; WEGER, U. Piaget and Steiner: science and art in the process of formation. Research on Steiner Education (RoSE), Norway and Germany, Rudolf Steiner University College; Alanus University of Arts and Social Sciences, v. 3, n. 1, p. 134-145. Disponível em: <<http://www.rosejournal.com/index.php/rose/article/>>. Acesso em: 25 novembro 2015.

TRINDADE, R. **Os benefícios da utilização das TIC no Ensino Superior: a perspectiva docente na E-Learning.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 4/2014, p. 211-233. Editora UFPR.

TRINDADE, A. R. **Distance Education for Europe: Terms of reference for a european distance education structure.** Lisboa: Universidade Aberta, 1992.

_____. **Fundamentos da educação à distância : panorama conceitual da educação e do treinamento a distância,** Mimeo, 1997

TRIVINOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

TOSCHI, Mirza Seabra. Tecnologia e Educação: Contribuições para o Ensino. Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande, n. 19, p. 35-42, jan./jun. 2005. (Série-Estudos)

_____. (Org.). **Docência nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: múltiplas visões.** Universidade Estadual de Goiás. Anápolis, GO: Ed. UEG, 2013.

TULESKI, S. C. **Vygotski: A construção de uma psicologia marxista.** 2ª edição. Maringá: Eduem, 2008.

TUROFF, M, H., *et al.* Learning Networks: A Field Guide to Teaching and Learning , 1995. Disponível em: <<http://www.dspace.ou.nl/.../Kester>>. Acesso em: 25 janeiro 2017.

UNESCO. **Aprendizagem aberta e a distância: perspectivas e considerações políticas educacionais.** Florianópolis: Imprensa Universitária, UFSC, 1997.

_____. Conferência mundial sobre o ensino superior 2009: as novas dinâmicas do ensino superior e pesquisas para a mudança e o desenvolvimento social. Paris, 05 a 08 de julho de 2009. Disponível em: <faculdade.signorelli.edu.br/docs/>. Acesso em: 11 março 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de bibliotecas. **Teses, dissertações, monografia e trabalhos acadêmicos.** (Normas para apresentação de documentos científicos, 2). Curitiba: Editora UFPR, 2000.

VALENTE, J. A. **Educação a distância: uma oportunidade para mudança no ensino.** In: MAIA, C. (Org.). ead.br: educação à distância no Brasil na era da internet. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2000, p. 97-122.

_____. **A espiral da aprendizagem e as tecnologias da informação e comunicação:** repensando conceitos. In: JOLY, M.C. (Ed.) Tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.15-37, 2002.

VALENTINI, C. B. *et al.* **Aprendizagem em ambientes virtuais:** Compartilhando idéias e construindo cenários. Editora: EDUCS, Caxias do Sul, 2005.

VEIGA, I. P. A. **As dimensões do processo didático na ação docente.** IN: ROMANOWSKY, J. P. *et al.* XII ENDIPE - Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente. Curitiba: Champagnat, 2004.

VEIGA, M. O Significado do Pensamento Filosófico para a Pedagogia Waldorf. In: VEIGA, M.; STOLTZ, T. *et al.* **O pensamento de Rudolf Steiner no debate científico.** Campinas: Editora Alínea, 2014. p. 9-32. WILSON, Colin. Rudolf Steiner: o homem e sua visão. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____; MOURA, A. I.; GONÇALVES, C. A. **O ensino a distância pela Internet: conceito e proposta de avaliação.** In: XXII ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 1 CD-ROM. Foz do Iguaçu. Anais, Anpad, 1998.

_____. Cada homem é um problema.**Considerações sobre a compreensão do outro no enfoque científico de Goethe.** In: GUÉRIOS, E.; STOLTZ, T. (Orgs.). Educação e Alteridade. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 25-38.

_____; STOLTZ, T. (Orgs.). **O pensamento de Rudolf Steiner no debate científico.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2014.

_____. **O Significado do Pensamento Filosófico para a Pedagogia Waldorf.** In: VEIGA, M.; STOLTZ, T. *et al.* O pensamento de Rudolf Steiner no debate científico. Campinas: Editora Alínea, 2014.

VERGARA, S. C. **Métodos de coleta de dados no campo.** São Paulo: Atlas, 2009.

VERONEZI, R., DAMACENO, B., e FERNANDES, Y. (2005, novembro/ dezembro). **Funções psicológicas superiores** – origem social e natureza mediada. Revista ciências médicas, 14(6), 537-541.

VETTORASSI, A. **Mapas afetivos:** recursos metodológicos baseados na história oral e reflexões sobre identidades espaciais e temporais em estudo sociológico. História e Cultura, Franca, v.3, n.3 (Especial), dez. 2014, p. 155-176.

VYGOTSKY, L. S. **Problemas teóricos y metodológicos de la psicología.** Madrid: Visor, 1991. (Obras escogidas, 1).

_____. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: M. Fontes, 1993.

_____. The problem of the environment. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. **The Vygotsky reader.** Oxford: Blackwell, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. In: Obras escogidas, tomo III. Madrid: Visor/MEC, 1995. p. 11-340.
VYGOTSKI, Lev Semiónovich. Paidologia del adolescente. In: Obras escogidas, tomo IV. Madrid: Visor/MEC, 1996.

_____; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: artes Médicas, 1996.

_____. **A formação social da mente**. 6. ed. Trad. José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto e Solange C. Afeche. São Paulo: M. Fontes, 1998.

_____. (1999). **O significado histórico da crise da psicologia**. In Teoria e método em Psicologia (2ª ed., pp. 204-417). São Paulo: Martins Fontes.

WELBURN, A. **A filosofia de Rudolf Steiner e a crise do pensamento contemporâneo**. São Paulo: Madras, 2005.

WERTSCH, J. V.; DEL RIO, P.; ALVAREZ, A. **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____.; Stone, C. A. **The concept of internalization in Vygotsky's account of the genesis of higher mental functions**. In: J. V. WERTSCH (Org.) Culture, communication, and cognition: Vygotskykan perspectives. Cambridge: Cambridge University Press. 1985.

WILSON, C. **Rudolf Steiner: o homem e sua visão**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZANELLI, J. C. **Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas**. Estudos da Psicologia, n. 7, p. 79-88, 2002.

ZATTI, V. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. Disponível em: <<http://www.purs.br/edipurs/online/autonomia>>. Acesso em: 16 janeiro 2016.

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Você,(estudante na modalidade a distância), _____
está sendo convidado a participar de um estudo intitulado “Mediação Pedagógica, Mediação Tecnológica: o olhar do discente”. Pois, é através das pesquisas científicas que ocorrem os avanços importantes em todas as áreas, e sua participação é fundamental.

a) O objetivo desta pesquisa é compreender a relação entre a mediação pedagógica e a mediação tecnológica na educação a distância.

b) Caso você participe da pesquisa, será necessário que você estudante possibilite a observação de sua aula e ambiente escolar e também responda a um questionário.

c) Como risco de participação à esta pesquisa você estudante participante desta pesquisa poderá experimentar algum desconforto, principalmente relacionado a observação de seus estudos, além de considerar responder a perguntas a uma pessoa considerada estranha até o presente momento.

d) Você é livre para responder às perguntas tal como desejar e todas as respostas serão consideradas na pesquisa.

e) Para tanto este pesquisador irá comparecer na instituição classificada para esta pesquisa em Instituição privada de ensino superior de educação a distância para realizar a observação e a coleta de dados através de questionário e de um gerador de mapas afetivos que será respondido pelo entrevistado – estudante, sendo que o questionário será apenas um intermediador de uma entrevista semi-estruturada que será gravada por aproximadamente 10 a 15 minutos e de o mapa afetivo será devidamente explicado e entregue ao estudante que após sua conclusão irá remeter ao pesquisador.

Participante da pesquisa e/ou Responsável Legal: Pesquisador Responsável ou quem aplicou TCLE: Orientador:
--

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da Ufpr I CEP/SD
Rua Padre Camargo,285 I térreo I Alto da Glórial Curitiba/PR I CEP 80060-240 I
cometica.saude@ufpr.br - telefone (041) 33607259

f) Os benefícios esperados desta pesquisa são:

- Investigar sentidos e significados de estudantes de EaD sobre a mediação pedagógica e tecnológica na EaD;
- Identificar a possibilidade de diálogo entre a perspectiva de Vygotsky e a de Rudolf Steiner para a compreensão da mediação pedagógica e da mediação tecnológica na EaD;
- Levantar a estima ao ambiente presencial e virtual do estudante da modalidade a distância;
- Apresentar diretrizes norteadoras de um novo olhar na educação a distância à partir do estudo.

g) A pesquisadora orientadora Tania Stoltz, professora da Universidade Federal do Paraná, telefone (41) 9932-6200, email: tania.stoltz795@gmail.com e Christiane Kaminski, doutoranda em Educação em Educação da Universidade Federal do Paraná, telefone celular (41) 9998-2377, e-mail: christianekaminski@hotmail.com, endereço rua: Gal. Carneiro, 460 – 5º andar, Reitoria da UFPR no horário das 14:00 às 17:00 horas encontram-se a disposição para *esclarecer eventuais dúvidas a respeito da sua participação.*

h) Estão garantidas todas as informações que você queira, antes durante e depois do estudo.

i) A sua participação neste estudo é voluntária. Contudo, se você não quiser mais fazer parte da pesquisa, poderá solicitar de volta o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

j) As informações relacionadas ao estudo poderão ser inspecionadas pelos orientadores que executam a pesquisa e pelas autoridades legais. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida.

Participante da pesquisa e/ou Responsável Legal: Pesquisador Responsável ou quem aplicou TCLE: Orientador:
--

k) A sua entrevista será gravada, respeitando-se completamente o seu anonimato. Tão logo a pesquisa termine, as fitas serão degravadas.

l) Todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa (gravações, deslocamentos, transcrições) não são da sua responsabilidade.

m) Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro.

n) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

o) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, pelo telefone 3360-7259.

<p>Participante da pesquisa e/ou Responsável Legal: Pesquisador Responsável ou quem aplicou TCLE: Orientador:</p>

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da Ufpr | CEP/SD
Rua Padre Camargo, 285 | térreo | Alto da Glórial Curitiba/PR | CEP 80060-240 | cometica.saude@ufpr.br - telefone
(041) 3360-7259

Eu, _____ li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação no estudo a qualquer momento sem justificar minha decisão. Eu entendi o que a minha participação será mantida no anonimato e as informações obtidas serão utilizadas tão somente para a pesquisa e sei que qualquer despesa financeira relacionado a esta pesquisa não terá custos para mim.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Curitiba, de de

(Assinatura do Participante de Pesquisa ou Responsável Legal)

(Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE)

APÊNDICE 02 - MODELO DE ENTREVISTA

Nome:

Curso:

Trabalha ou não?:

Tempo de curso:

Possui alguma formação superior anterior?:

1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?

2) O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.

3) O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.

4) Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?

5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?

6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?

7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?

APÊNDICE 03 – INSTRUMENTO GERADOR DE MAPAS AFETIVOS

Primeiramente, obrigada pela sua colaboração.

Abaixo você deverá fazer um desenho que represente sua forma de ver, sua forma de representar ou sua forma de sentir o universo da educação a distância.

1. As seguintes perguntas fazem referência ao desenho feito por você. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins, mas sim, suas opiniões e impressões.

1.1 Explique brevemente que significado o desenho tem para você:

1.2 Descreva que SENTIMENTOS o desenho lhe desperta:

1.3 Escreva seis palavras que resumam seus SENTIMENTOS em relação ao desenho:

A.

B.

C.

D.

E.

F.

2. Abaixo você encontrará algumas perguntas sobre o seu bairro. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, mas sim a sua opinião.

2.1 Caso alguém lhe perguntasse o que pensa do espaço desta modalidade, o que você diria?

2.2 Se você tivesse que fazer uma comparação entre o espaço presencial e virtual desta modalidade, como você compararia?

3. As frases abaixo dizem respeito a avaliações, impressões e sentimentos que você pode ter acerca do ambiente desta modalidade. Pensando no neste ambiente presencial e virtual, leia atentamente cada uma e indique seu nível de concordância. Para tanto, considere a escala de resposta ao lado. Por favor, procure não deixar sentenças em branco e, sabendo que não há respostas certas ou erradas, tente responder da forma mais sincera possível.

O ambiente da modalidade a distância é um lugar QUE / ONDE:	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. O ambiente da EaD contribui para os processos de aprendizagem.	1	2	3	4	5
2. Acho agradável.	1	2	3	4	5
3. Viabiliza a troca de informações .	1	2	3	4	5
4. Tenho a sensação de que estou desamparado.	1	2	3	4	5
5. Promove encontros (estudantes, tutores, alunos)	1	2	3	4	5
6. Me identifico com esta modalidade.	1	2	3	4	5
7. Considero ter boa estrutura física.	1	2	3	4	5
8. Tenho possibilidade de melhorar de vida.	1	2	3	4	5
9. Tenho sentimento de pertença a este ambiente.	1	2	3	4	5
10. Me faz desenvolver um perfil autônomo	1	2	3	4	5
11. As ferramentas tecnológicas são de fácil acesso.	1	2	3	4	5
12. É facilitador dos processos de construção da aprendizagem.	1	2	3	4	5
13. Promove a reflexão .	1	2	3	4	5
14. Permite minha aprendizagem.	1	2	3	4	5
15. Consigo as coisas que busco.	1	2	3	4	5
16. É um espaço significativo para aprender.	1	2	3	4	5
17. Tenho a sensação de que dificulta minha aprendizagem.	1	2	3	4	5
18. Permite os processos de mediação.	1	2	3	4	5
19. Me incentiva.	1	2	3	4	5
20. A mediação pedagógica é eficiente para os processos de estudo	1	2	3	4	5
21. A mediação tecnológica é eficiente para os processos de estudo	1	2	3	4	5
22. Cria condições de estudo.	1	2	3	4	5
23. Tenho novas oportunidades.	1	2	3	4	5
24. Permite minha liberdade.	1	2	3	4	5
25. Construo minha cidadania..	1	2	3	4	5

4. Gostaria agora de fazer algumas perguntas sobre a forma como você vê a modalidade a distância.

4.1 Indique o ambiente que, para você, representa a modalidade a distância.

4.2 O que você gosta nesta modalidade?

4.3 O que poderia contribuir para melhorar o ambiente da modalidade a distância?

4.4 Você faz parte de algum grupo de estudos nesta modalidade?

Sim ()

Não ()

Caso sim, que tipo de estudos você realiza?

5. Descreva duas dentre as perspectivas que você acredita que podem contribuir no ambiente da modalidade a distância (detalhes que chamem a sua atenção durante seus estudos) no seu dia-a-dia.

Perspectiva 1 –

Perspectiva 2 –

Finalmente,

6. Dados pessoais:

Idade: Sexo: () F () M Naturalidade:

7. Qual o seu curso?

8. Ano de matrícula?

10. Qual o valor aproximado da renda mensal da sua família?

APÊNDICE 4 - DESENHOS



Figura 1 - Camila

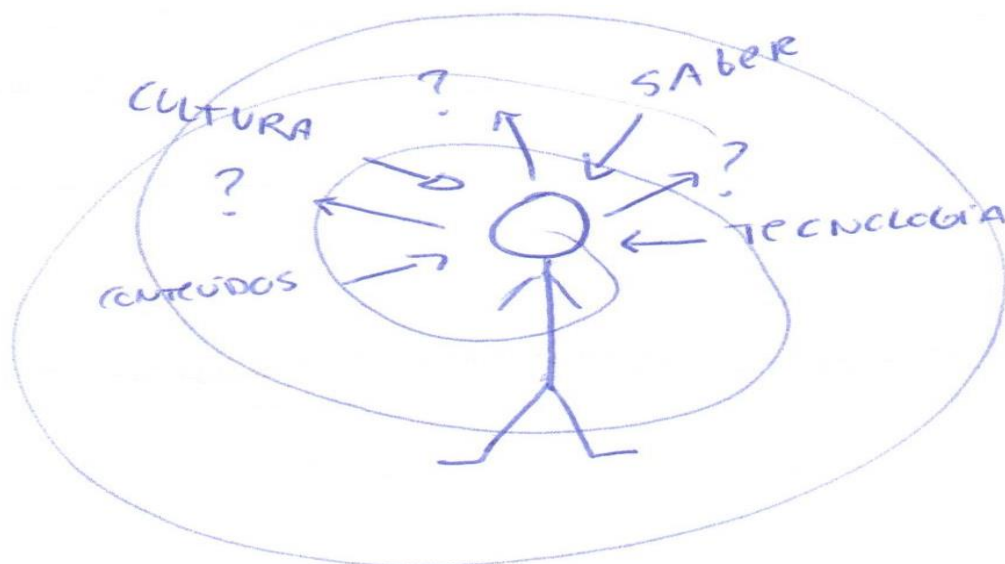


Figura 2 - Fernanda



Figura 3 – Larissa



Figura 4 – Lucas

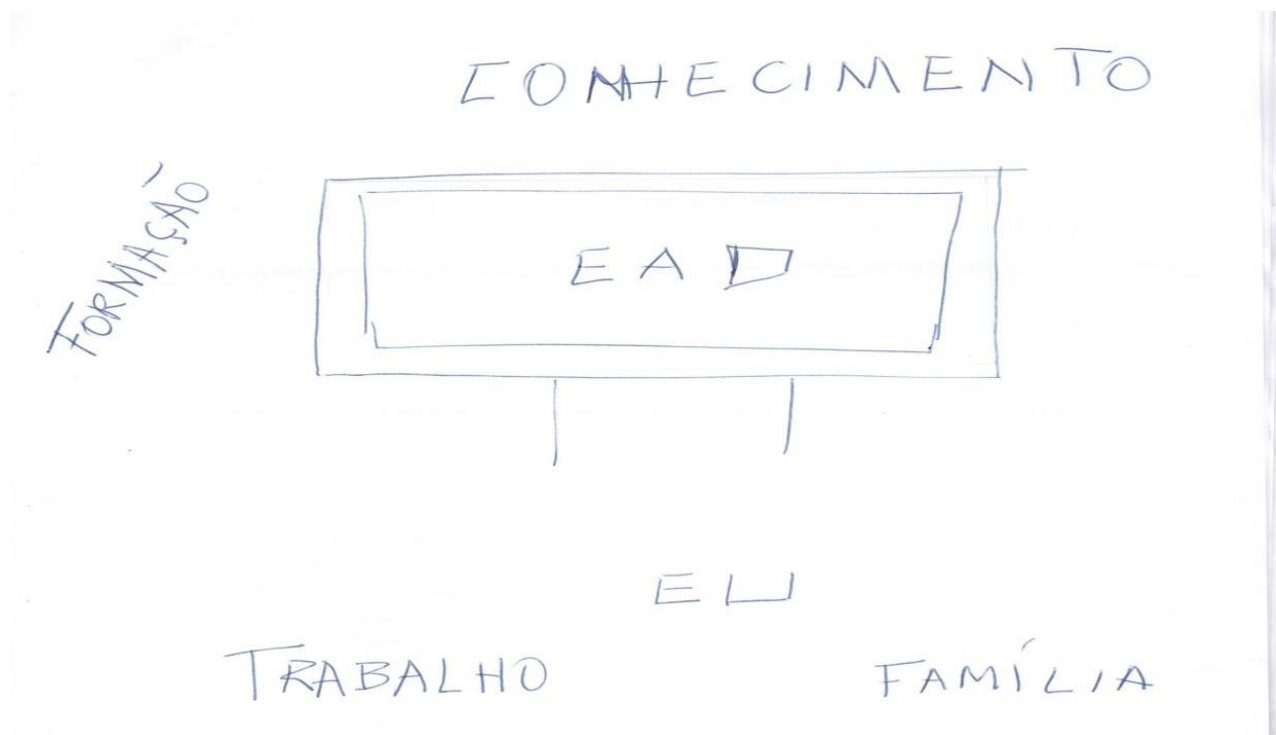


Figura 5- Magda

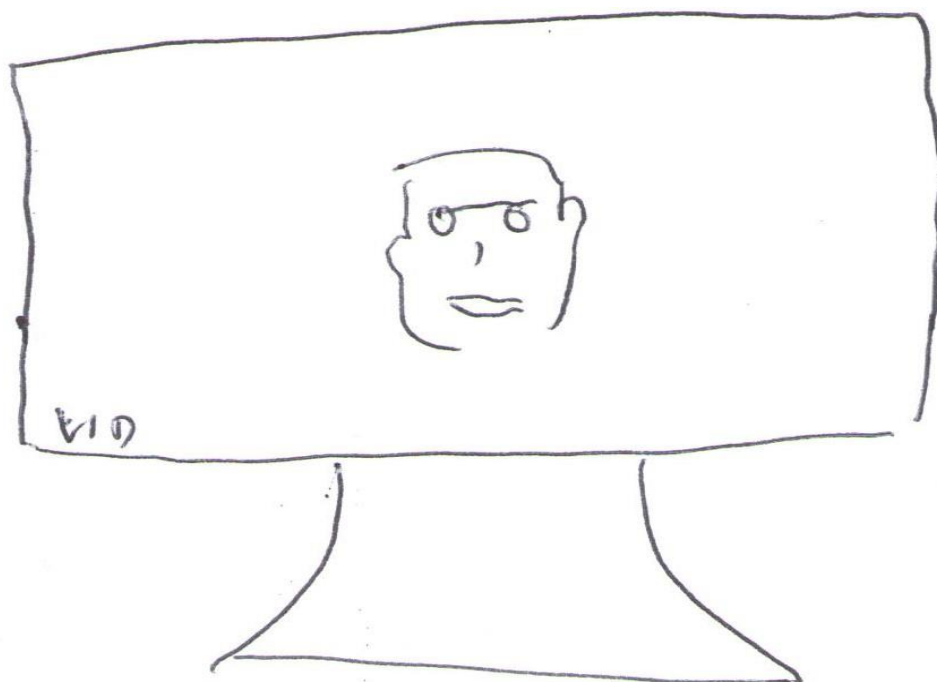


Figura 6 – Valmir

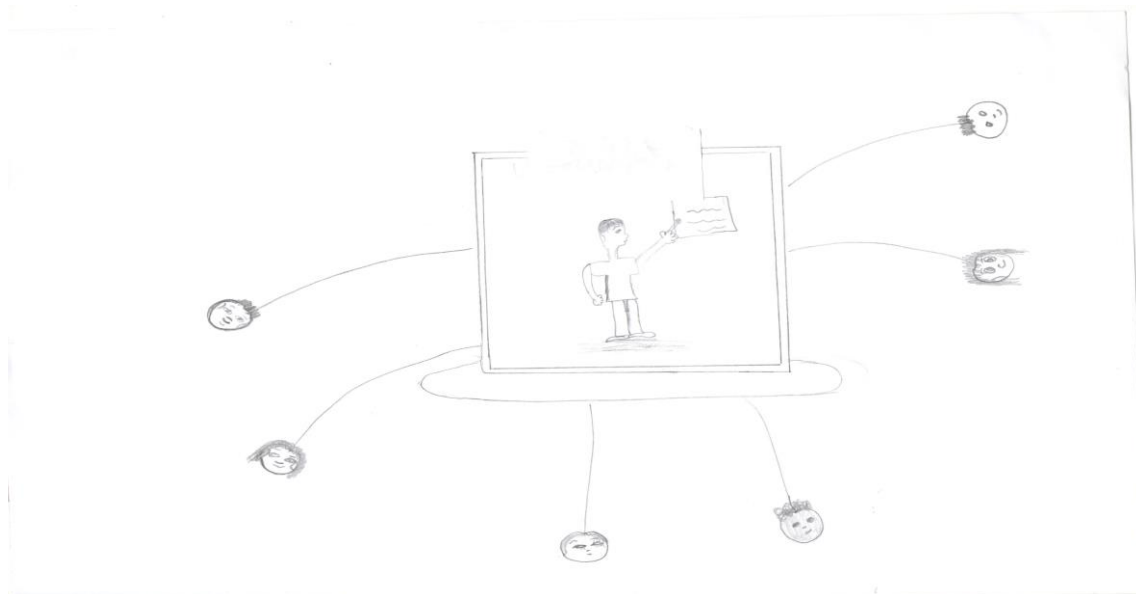


Figura 7 – Luís

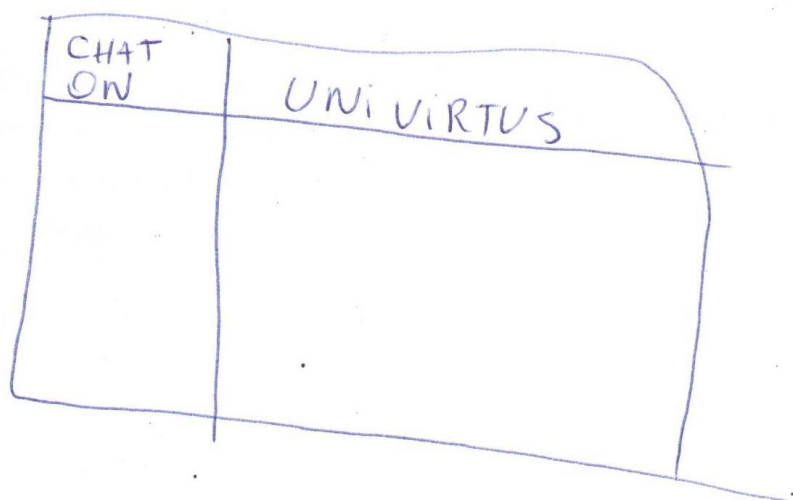


Figura 8 – Roberto

Sala de Aula EAD



Aluno EAD

Mediação
Pedagógica

Mediação
Tecnológica

Professores

Estrutura de currículo e conteúdo das aulas.
Chats, fóruns biblioteca virtual e avaliações.

Figura 9 – Leandro

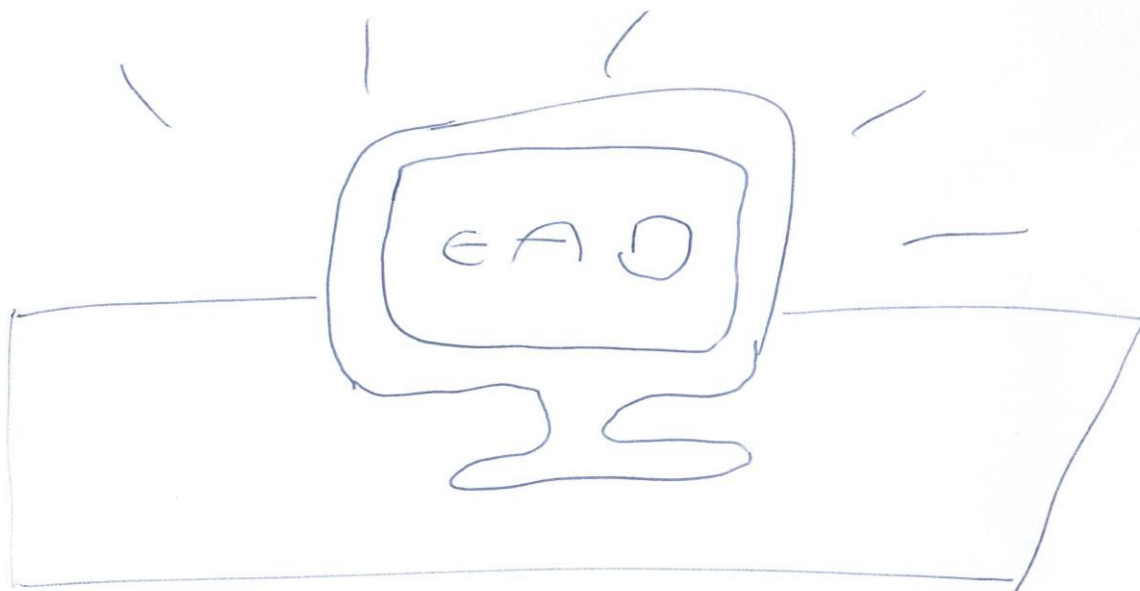


Figura 10 – Vanda



Figura 11- Luíza

PROFESSOR
 APRENDER
 CONHECIMENTO
 ALUNO
 EA □

Figura 12 – Amanda



Figura 13- Vinícius

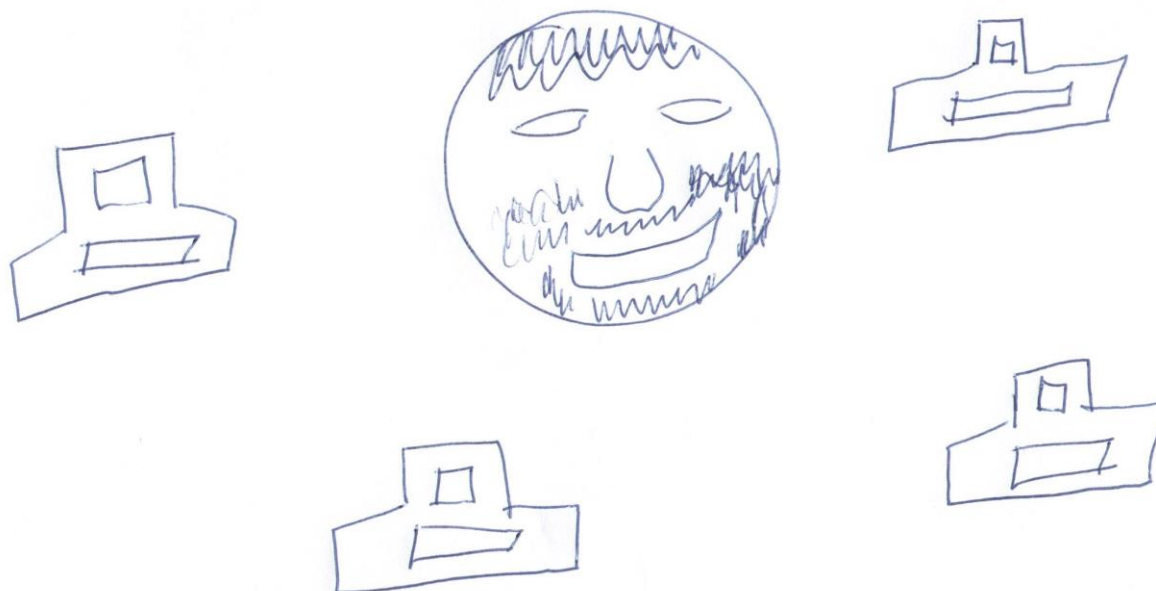


Figura 14 - Jair

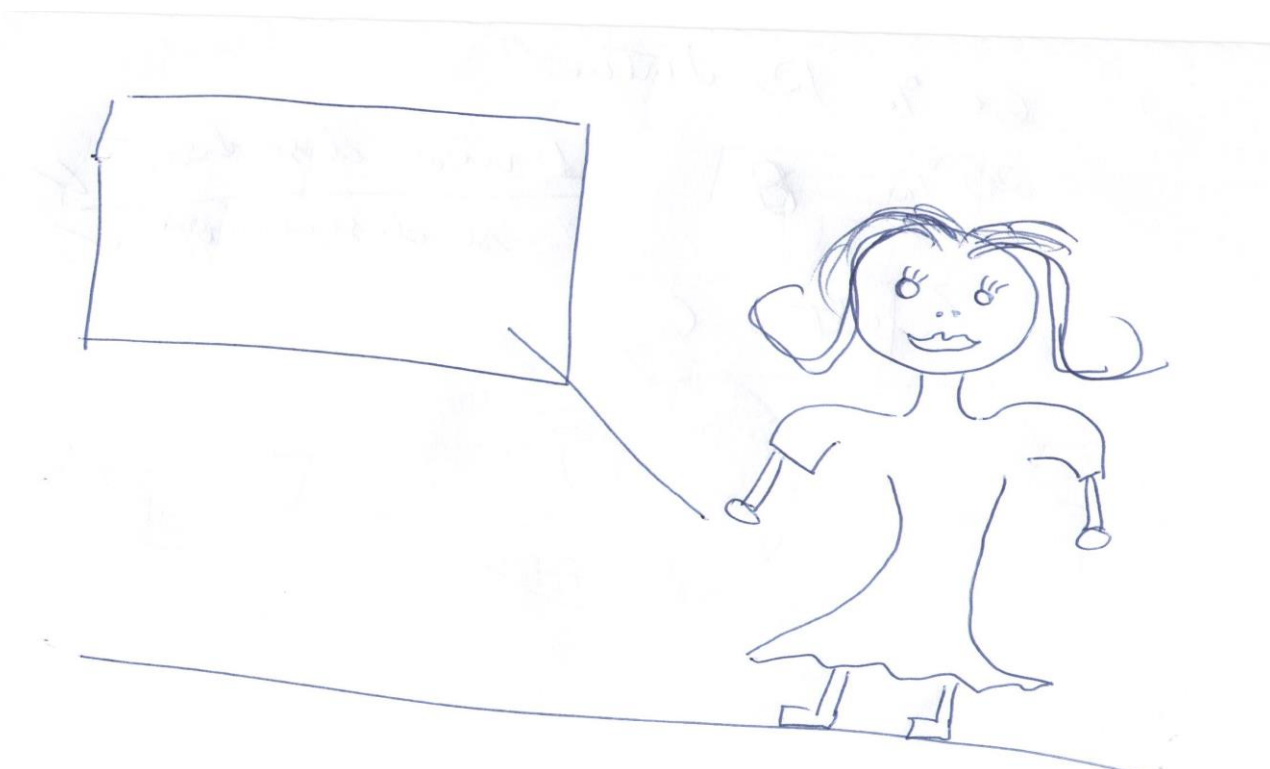


Figura 15 – Renata

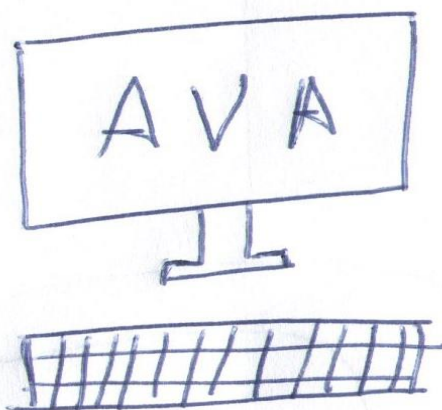


Figura 16 – Thaís

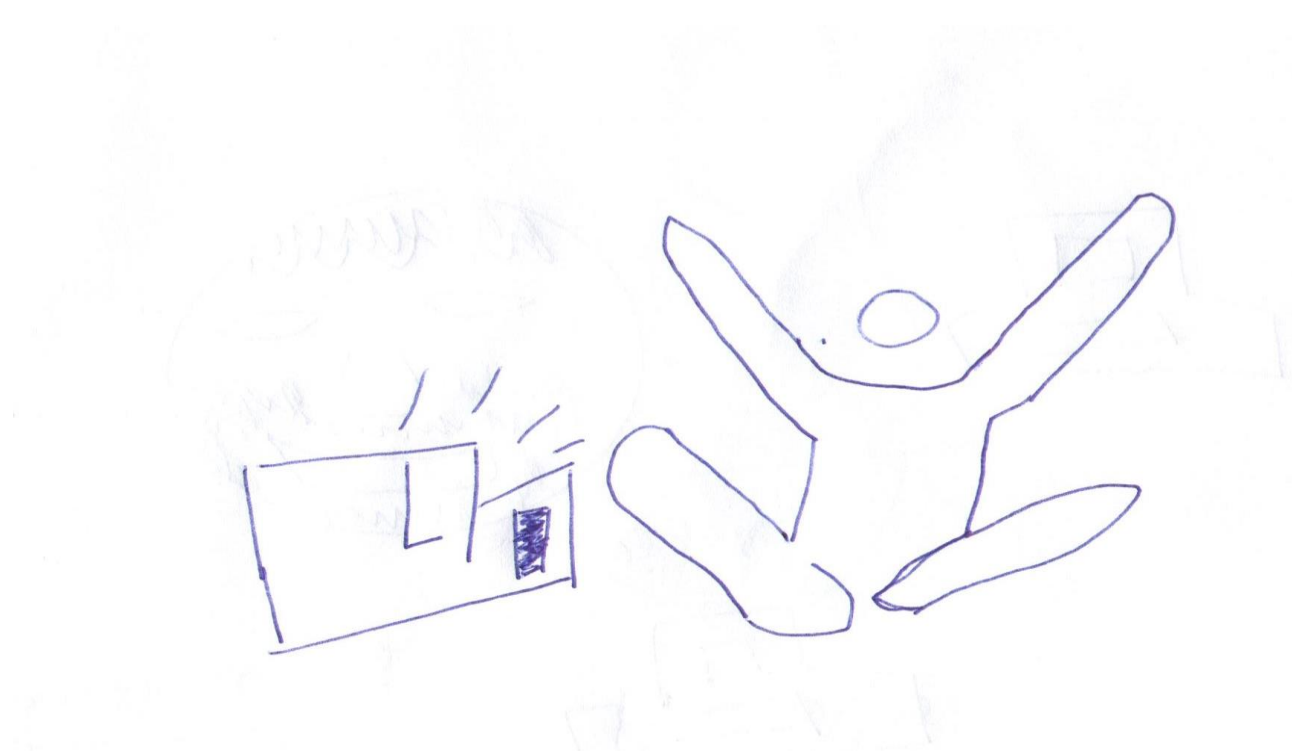


Figura 17– Jénifer



Figura 18– Taís

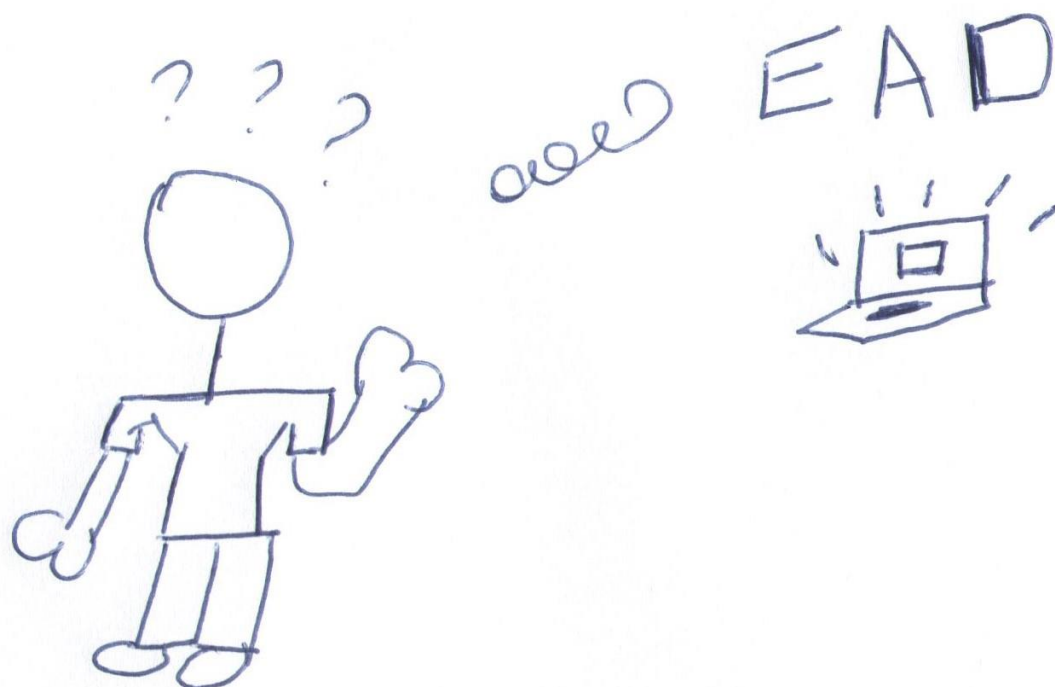


Figura 19– Kelly

Figura 20 – Pedro – Não representou

APÊNDICE 5 - ENTREVISTAS DOS ESTUDANTES

<p>Nome: Lucas, estudante de Geografia</p> <p>Natural de Recife, 47 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial ano 2014</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: aproximadamente 4.300,00</p> <p>Com formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>O principal motivo foi a busca de flexibilidade de horário de estudo. Estou satisfeito com a escolha da opção da EaD, no semi-presencial.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Pra mim, [...] a mediação pedagógica é o movimento que o professor realiza para que eu entenda os conteúdos... acho que é isso... mas eu acho, que ele não explica direito... sabe assim... preciso de mais aulas para entender... parece que estou na escola de novo... kkkkk... no ensino médio... não vejo diferença da EaD pra minha escola. Acredito que a mediação pedagógica é o professor que faz, ... né... pra mim é ele que me motiva... eu queria mais aulas... até queria fazer presencial... mas tá muito caro... daí não dá... então eu não falto nas aulas... gosto dos professores .. claro Tb tem os livros que me ajudam ... mas pra mim.. as aulas me ajudam muito para estudar. o ambiente de aula presencial é meu ambiente preferido... com o professor e a interação com os colegas.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>A mediação tecnológica... pra mim... eu preciso do professor... por isso gosto do semi-presencial... entendo que é a utilização de recursos tecnológicos adequados a forma de ensino a distância... e que procura criar um ambiente de sala de aula na casa do aluno.</p>

<p>4) Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p> <p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p> <p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p> <p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Acredito que ambos os modos de mediação contribuem muito para o aprendizado do aluno. Mas cabe ao aluno seu complemento de disciplina e otimização do tempo no desenvolvimento das aulas.</p> <p>Para mim a autonomia é quando a pessoa, age por si própria... é quando ela consegue realizar as tarefas sem pedir ajuda. Quando eu já sou capaz de fazer sem pedir ajuda. Posso até pedir... mas por precisar de auxílio... e não por que não sei de nada... Daí sempre tô aprendendo... sempre me virando... Daí eu já consigo saber quando preciso de ajuda... e quando não preciso... e percebo que já consigo definir e compreender a minha dificuldade... ou quando já sei me virar.</p> <p>Pra mim que já tenho experiência em cursos EaD. O que faltou nesta instituição foi uma carga de aula de EaD para “doutrinar” os alunos sem experiência nas ferramentas e utilização dos programas de aula. Percebi muitos alunos dizendo hoje no EaD semi-presencial não tenho aula... estou livre. Tive que dizer: não é bem assim. Todo dia temos que estudar no mínimo 2 horas como se estivesse em uma aula física.</p> <p>A principal dificuldade é em relação as aulas que não estão com o espírito EaD. São aquelas nas quais a transmissão do conteúdo é difícil devido a característica de um professor “não EaD”. O professor sabe e tem experiência do conteúdo mais fica “travado” na telinha e acha que a aula presencial é igual.</p>
---	--

<p>Nome: Amanda, estudante de Pedagogia</p> <p>Natural de Curitiba, 32 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial ano 2012</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: não informada</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>Os motivos foram pela falta de tempo diante dos meus compromissos, ficaria difícil frequentar a faculdade todos os dias.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Eu compreendo que a mediação pedagógica é o meio pelo qual o professor faz mediação entre a aprendizagem e o aluno... e os meios que ele utiliza para transmitir conhecimento para mim... no meu cotidiano é um pouco difícil ter essa mediação, pois a modalidade da qual escolhi, me priva um pouco deste contato com o professor.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Eu compreendo que a mediação tecnológica é o meio pelo qual eu optei para estudar... e estudar por esse meio é bastante exigente, tem que ter bastante força de vontade... por que vc tem que se virar por vc mesmo... o professor dá a aula... mas não ensina como fazer no computador... até tem uma aula pra mostrar como é ... mas na verdade a gente vai perguntando pros colegas e vai se virando pra postar os trabalhos .</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Acredito que tudo depende da pessoa... ela que deve ser determinada para estudar, pois ele pode contribuir como também pode dificultar a aprendizagem.</p>

<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p> <p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p> <p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Com certeza é necessário um grau de autonomia, pois eu estudo sozinha e se eu não me policiar, se eu não mergulhar de cabeça com certeza eu vou sair da faculdade do mesmo jeito que eu entrei, não sabendo nada.</p> <p>Acredito que pode contribuir, mas como já disse... depende muito mais do aluno do que dos recursos.</p> <p>Eu diria que a modalidade EaD é uma modalidade da qual exige bastante, que é desafiadora em todos os sentidos, que ainda estou me acostumando com esta modalidade. As dificuldades são muitas, mas ela não podem atrapalhar o meu objetivo que é estudar.</p>
--	--

<p>Nome: Valmir, estudante de Matemática</p> <p>Natural de Curitiba, 38 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial ano 2015</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: aproximadamente não informou</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>É o ensino que eu me encaixo, né... é o ensino assim que... que me capacita... que atende minhas necessidades... e estou muito satisfeito... é uma metodologia... nova... é uma metodologia que eu aceito... né... e vejo que ajuda o aluno a pensar... aluno ir atrás... pesquisar... não aquele aluno... que fica tão copiador... tão dependente... aqui ensina você a ser autodidático... sabe assim, ter um conhecimento independente... ser pesquisador.</p>
<p>2) O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>De direciona, sabe... o professor não ensina... sabe ele... ele te orienta ele intermedia o teu conhecimento... o teu conhecimento individual.. você tem que ir atrás... por que nós viemos de uma educação totalmente dependente, sabe... e eu vejo os meus colegas eles sentem esta dificuldade de dependência... sabe eles ficam querendo se agarrar no professor... não estão totalmente independentes no ensino... sabe, isso foi colocados em nós... foi posto em nós... quando a gente era jovem... e fazem isso com as crianças ainda... sabe... a gente é totalmente dependente do professor... e não é para ser assim, a criança tem que pensar... a criança não pode ser criticada quando tá desenhando o que quer... por que tem que ser o capitão américa... igual ao capitão América... branco... azul... vermelho... sabe é arte a criança pode... pode criar e não ser moldado.</p>

<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Vejo para pesquisa... isso é pra mim... me tornei um pouco independente... do conhecimento do professor... mas alguns colegas nossos tem muita dificuldade... as vídeo aulas ajudam muito... os fóruns... as aulas web... ajudam demais... ajuda muito entendeu... ajuda o meu desenvolvimento até... né... se não fica até dependente do professor... sabe de eu ir atrás... de eu pesquisar... com uma pergunta e abrir outras janelas de pesquisa... pra ir atrás... neste sentido aí.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Sim... ela ajuda muito... a tornar... sabe o aluno independente... e orientar o aluno... sabe... que ele tem que ter orientação... por que o professor ainda no conhecimento ele tá no topo... é o professor... e depois os livros... os outros... são só os meios tecnológicos pra que o professor possa diminuir o conflito... e orientar... pra mim o professor tá no topo da pirâmide do ensino aprendizagem.</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>Sim é importante... pra ajudar ele mesmo a se estimular... como falei para vc o ensino... o conhecimento... ele é individual... sabe... não é a melhor escola... sabe não é isso... não é o melhor professor... não é a melhor universidade... é o aluno... sabe... é o aluno que se destaca... sabe o professor e as mediações tecnológicas... é só para alavancar a ir pra mais longe... mas o conhecimento é dele... do aluno...</p>
<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem?</p>	<p>Sabe pode sim... a pesquisa mesmo... a própria internet... assim, sabe... pode ser um celular... a informação pode ser acessada mais rápida hoje... informação é uma coisa... o conhecimento é outra... como disse antes a mediação pedagógica</p>

<p>Por quê?</p> <p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Pra mim é o professor, e a mediação tecnológica, claro é por computador... mas eu não estaria no computador sem o professor que postou matéria e trabalho para mim.</p> <p>Eu não tenho dificuldade... já tive muito no passado... no passado aquele ensino predador... que só o professor sabia... que ele queria mostrar que ele sabia... e não aquele professor que quer ver o que o aluno sabe. Do graças a um professor a muito tempo atrás que ela me ensinou a buscar o meu conhecimento... ela não mostrava o que eu sabia... ela queria ver o que eu sabia... e foi devido a matemática... foi ela que me ensinou a ler e interpretar a matemática... ela não fazia para mim os problemas... ela me ensinava como fazer.</p>
---	--

<p>Nome: Larissa, estudante de História</p> <p>Natural de Pinhais, 21 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial ano 2015</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: aproximadamente 3000,00</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>Esta é uma modalidade que me permite ter mais tempo e poder trabalhar... dá assim mais tempo pra mim... pras minhas coisas.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>A mediação em relação aos livros, eu acho que são bons... e por exemplo em relação aos professores... eu acho que eles tem ensino e sabedoria para dar alguma coisa para a gente... mas eles se baseiam muito no livro... eles mandam a gente ler o livro e fazer um resumo... é aquele negócio... se eu for ler e fazer resumo... eu faço na minha casa e não perco tempo vindo aqui... por que alguns professores sabem dar aula... porém não sabem... tipo assim, a gente teve uma professora que a gente reclamava dela, mas agora a gente tá parando e vendo que esta professora foi a melhor até agora... por que ela dava conta, explicava, ela fazia dinâmicas com a gente... a gente tinha que lá na frente explicar o conteúdo da aula... a gente tinha um entendimento daquilo... e depois ela saiu... e os professores de agora... tá bem confuso.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Eu tenho um pouco de dificuldade com esta mediação.. tipo assim... é preciso saber mexer bem na internet... no AVA... e tem que... tipo assim... se organizar sozinha... daí fica meio confuso... tinha que ter alguém para ajudar mais a gente... sabe tipo assim... preparar a gente pra entender tudo... e não jogar a gente lá... simples assim.</p>

<p>4) Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>A principal dificuldade é em relação as aulas que não estão com o espírito EaD. São aquelas nas quais a transmissão do conteúdo é difícil devido a característica de um professor “ não EaD”. O professor sabe e tem experienciado conteúdo mais fica “travado” na telinha e acha que a aula presencial é igual.</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>Eu acho que é tipo assim... a gente se virar sem o professor... a gente ter que correr atrás do conhecimento... é o que eu acho que a EaD exige, né... mas não é fácil.. sinto que preciso de mais ajuda... e não simplesmente me virar sozinha.</p>
<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>O computador é o que eu mais utilizo... sabe tipo assim, pra pesquisar... pra postar trabalhos... pra fazer a avaliação.. sabe é pra td né... isto tudo que uso é que ajuda pra minha aprendizagem... e claro as aulas do professor...</p>
<p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Como eu disse... pra mim o computador é o que mais eu uso... mas vejo que tenho dificuldades... e o professor é que mais ajuda... tira as dúvidas... ajuda a gente né.</p>

<p>Nome: Vanda, estudante de Geografia</p> <p>Natural de São Paulo, 32 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial ano 2016</p> <p>Não Trabalha</p> <p>Renda: aproximadamente 3500,00</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>Sabe acabei de entrar na EaD... é minha primeira semana. E busquei por que minha tia fez Pedagogia por EaD, e disse que é muito bom... então, busquei o que eu gostasse de fazer e vou começar a estudar.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Olha.. acho que não sei direito... mas acho que é o que o professor faz na sala de aula... ensina a gente ... é o conhecimento do professor.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Acho que é o computador... a internet... é onde a gente posta os trabalhos e fala com os professores também.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>É pra ajudar a gente a estudar... estudar com o professor e com o computador... acho que são estas duas mediações que ajudam né...</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>Acredito que autonomia é a maneira como irei me organizar para estudar neste curso... só tive uma aula com os professores e conheci o laboratório de informática... sei que vou precisar me policiar para dar conta... mas sou uma pessoa organizada. Olha não sei direito.. posso estar falando besteira... mas você me disse que não tem problema.. é o que eu acho né?... é assim... eu acho que a gente buscar a informação... é ir atrás pra fazer sozinha... se virar pra estudar e aprender.</p>

<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Até agora só vi o professor e mexi no computador pra conhecer o AVA que é onde a gente vai postar os trabalhos e pesquisar.</p>
<p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Ainda não bem o que vai me ajudar pra estudar nesta modalidade... mas acho que tudo deve ajudar um pouquinho.</p>

<p>Nome: Roberto, estudante de Matemática</p> <p>Natural de Belém do Pará, 51 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial ano 2015</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: aproximadamente 4300,00</p> <p>Com formação superior anterior - Administração</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>Esta é uma modalidade que hoje atende minhas expectativas... pois trabalho e já tenho uma formação anterior... que fiz presencial... mas hoje não tenho mais tanto tempo disponível.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Pra mim a mediação pedagógica é a mediação que também acontece no presencial. Pra mim é aquela que o professor faz na sala de aula... aqui também temos aulas presenciais... na qual o professor nos ajuda e o AVA que a gente posta trabalhos e pesquisa. Pra mim o professor é muito importante... ele que explica a matéria... ele que me tira as dúvidas... claro que tenho os livros também... mas é diferente... sempre vou pra aula... por que é diferente ouvir a matéria do professor né... parece que a gente aprende mais... eu acho isso, né... não sei se tô certo... mas acho isso.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É a mediação que a fazemos no AVA, no computador. Pra mim o exemplo mais prático é este o do AVA... onde a gente conversa com o professor... com os colegas e faz pesquisa.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Sem este tipo de mediação ... acho que não tinha EaD... eu acho a EaD boa, mas acho que o professor não muda em nada como ensina no presencial... então só fica muito difícil... a gente reclama na coordenação... mas dizem que é assim mesmo...mas tem professor muito bom... e este ajuda demais.</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua</p>	<p>Eu acho que é a aprendizagem que é o aluno que faz... eu que faço minha aprendizagem, aprendo mais sozinho, por</p>

<p>aprendizagem nesta modalidade?</p> <p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p> <p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>isso pra mim a EaD, não é tão difícil... já tenho experiência... mas o professor ajuda muito também... vencer o desafio de estudar sozinho... eu sei que fazer isto, é ter autonomia... é aprender sem a ajuda do professor.</p> <p>Uso os livros, o computador e as aulas para me ajudar... e tento estudar em casa... por que se a gente não estudar... não consegue acompanhar as aulas.</p> <p>É o professor e o computador... sem ele não acho que dava pra estudar na EaD... eu preciso das aulas presenciais que temos... assim, não me sinto tão perdido... e consigo daí estudar melhor e me sair bem nas provas.</p>
--	---

<p>Nome: Kelly, estudante de Pedagogia</p> <p>Natural de Maringá, 23 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial ano 2016</p> <p>Não Trabalha</p> <p>Renda: não informou</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>Eu trato o meu psicológico, e eu estou reaprendendo a lidar com pessoas... eu tive síndrome do pânico, que eu trato... e a depressão... e por causa disso eu escolhi a EaD... Eu não escolhi a presencial por medo de passar mal e de outras coisas que poderiam acontecer...</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Eu acho que eu não tenho uma opinião formada, assim... sobre isso, ainda.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Tb não sei responder ainda.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Eu acho que pode ser assim, como o ensino presencial... ela pode me ajudar... ela pode me ajudar a ensinar as mesmas coisas que pode me ajudar no presencial... só que a distância. E a tecnologia facilita a pesquisa, facilita o estudo... hoje é mais fácil você assistir um vídeo no YOU TUBE... é mais fácil do que você pesquisar no livro... acho que é isso. Mas prefiro mais a leitura. E acho que o livro é bem mais explicado no livro mesmo, do que no computador. Procuro mais o livro.</p>

<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>Como assim... não há necessidade de autonomia para estudar na EaD... tem sim que ter organização para estudar, senão como é que vou realizar uma prova, ou um trabalho, então a gente tem que ser bem organizada, tem que ter tudo no tempo certo.</p>
<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>O que me facilita é que eu estou aprendendo a lidar com as pessoas... na distância eu não preciso conviver com elas o tempo todo... as vezes eu posso conviver com elas... duas vezes por semana... às vezes o chat que tem no AVA... então eu acho que facilita os textos... os trabalhos que eles postam... vídeos.</p>
<p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Acho que deveria ser um pouco mais de horas... a gente tem 1h e 30 minutos de aula... pra poder tirar todas as dúvidas e explicar não dá tempo de tudo... acho que devia aumentar... Então a EaD é prático e difícil ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo que se pode estudar em qualquer lugar... é preciso mais dedicação... mas eu prefiro o espaço presencial... com o professor.</p>

<p>Nome: Taís, estudante de Pedagogia Natural de Curitiba, 32 anos Cursa EaD, Semipresencial, ano 2015 Trabalha Renda: aproximadamente 4.000,00 Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>Sou casada e tenho pouco tempo para estudar... até preferia um curso presencial... mas não ia conseguir ir para a faculdade todos os dias... daí vi na EaD a oportunidade de voltar a estudar e ter um trabalho fora de casa.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É a mediação do professor... é aquela que a gente tem na sala de aula... temos poucas aulas... mas estas já ajudam bastante.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É saber lidar com o computador, mandar e-mails, acessar a internet, postar trabalhos e fazer a prova... tudo é mediação tecnológica para mim... como eu ia fazer pra estudar este curso, se eu não soubesse mexer nisso tudo.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Com certeza ajuda... sem o professor e o computador a gente não ia poder estudar em um curso EaD. Sabe como que a gente ia fazer tudo isso sem a ajuda do computador... eu abro o computador em casa pra estudar e tudo tá lá... No início é difícil... depois a gente vai acostumando.</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>É como a gente estuda.. sem a ajuda do professor... a gente tem que se organizar pra dar conta de cuidar da casa e estudar... e esta organização é que é a autonomia pra mim.</p>

<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p> <p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Gosto bastante de ler... e a gente recebe uma porção de livros... e tem também o AVA no computador que ajuda bastante.</p> <p>Eu acho que a maior contribuição destes processos é eu poder voltar a estudar... é poder ter uma profissão... por que sem a EaD eu não ia poder voltar a estudar... não ia ter tempo pra isso.</p>
--	---

<p>Nome: Magda, estudante de Pedagogia Natural de Recife, 34 anos Cursa EaD, Semipresencial, ano 2012 Trabalha Renda: aproximadamente 4.200,00 Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>Eu queria voltar a estudar a muito tempo. Trabalho como cuidadora e queria um trabalho diferente do meu... que eu faço agora... vi na pedagogia um sonho que tá virando verdade... gosto de crianças e consegui me organizar trabalhando e estudando... de outra maneira eu não ia conseguir.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>A mediação pedagógica é aquela realizada pelo professor... e como temos 2 aulas semanais... a mediação acontece com a presença do professor e do que ele faz para os processos de aprendizagem... assim é que acontece.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>A tecnologia para mim, é a mediadora toda da EaD... pra mim a sala de aula pode ser qualquer lugar que tem um computador com internet... prefiro o computador á sala de aula.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Se não fosse o meu curso a distância, eu não estaria me formando agora... ter tempo pra estudar e trabalhar... não é fácil... mas eu consegui e já terminei o meu TCC.</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>É esta maneira que a gente vai se organizando e conseguindo superar as dificuldades... vai se superando todos os dias... tem dia que você pensa em desistir... mas quando a gente vê tá terminando e vê que valeu a pena.</p>

<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Eu como já disse... prefiro o computador e o AVA que é o que mais me ajudou pra estudar... quase não consigo vir para as aulas... tinha dia que até para apresentar trabalho ficava difícil... mas eu vinha... sem a tecnologia eu não ia conseguir.</p>
<p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Sem dúvida é a mediação tecnológica que eu acho que mais contribuiu para o meu curso.</p>

<p>Nome: Luíza, estudante de História</p> <p>Natural de Curitiba, 36 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial, ano 2014</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: não informou</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>A falta de tempo para estudar em um curso presencial... mas este curso é muito difícil, não foi uma opção, mas era mais barato e não preciso vir sempre, mas se pudesse escolher, teria feito aulas presenciais, por que o professor sempre tá lá para ajudar.</p>
<p>2) O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É a ajuda do professor... para mim isto que é mediação pedagógica... É isto?</p>
<p>3) O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É tudo que engloba este curso, o computador, as redes sociais, o AVA e tudo que envolve a tecnologia.</p>
<p>4) Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>É quando a gente consegue se organizar... mas não tô conseguindo fazer isto direito... não é fácil... mas se vc quer estudar neste curso... tem que ir dando um jeito.</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>É fundamental a autonomia e a organização pessoal para mim... quando se estuda na EaD... pra mim a autonomia é um cumprimento de um planejamento de estudo todos os dias... que requer autodeterminação para realizar um horário todos os dias como se fosse presencial... é compreender por que estamos na EaD.</p>

<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p> <p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Pra mim é o professor mesmo.. ele é que mais me ajuda... ele que me incentiva a estudar e não me faz desistir... claro o computador também ajuda... mas o professor na sala para mim faz a diferença.</p> <p>É o professor que eu acho mais importante... sem ele eu não ia conseguir mexer no computador... e se ele acho que nem ia aprender.</p>
--	--

<p>Nome: Fernanda, estudante de Pedagogia Natural de São José dos Pinhais, 45 anos Cursa EaD, Semipresencial, ano 2016 Trabalha Renda: aproximadamente 2.800,00 Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>A modalidade a distância foi uma grande oportunidade para mim, pois me deu a oportunidade de uma profissão, pois já tenho 45 anos e dois filhos adolescentes... sabe eu só cuidei da minha família até hoje... e agora estou podendo voltar a estudar e ter meu próprio dinheiro... tô bem feliz... mas sinto dificuldades para acompanhar as aulas no computador... meus filhos me ajudam muito... eles entendem bem de computador... daí eles me ajudam a postar os trabalhos... pois fico com vergonha de dizer que não sei fazer isto direito.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>São as ações do professor na sala de aula para que a gente possa aprender... é a maneira como ele ensina.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É toda a tecnologia que está disponível para que a gente possa aprender à distância... se não fosse a tecnologia toda que temos... ia ser bem mais difícil... imagina estudar como já vimos nas aulas por correspondência... daí não ia dar, kkkk.</p>

<p>4) Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Na verdade eu acho que os dois... dificulta e contribui... dificulta por que parece que a gente sempre tá sozinho quando aparece os problemas no AVA... nunca tem ninguém pra ajudar a gente... depois a gente aprende... daí vê que contribuiu sim e que a gente tá o tempo todo aprendendo... até com o que atrapalha, o espaço virtual me oferece conteúdos abundantes e o espaço presencial, supre minha dúvidas, mas não dá tempo de aprofundar e debater .</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>É esta maneira de a gente ir amadurecendo... de a gente perceber que antes era difícil e que vai ficando fácil com o tempo... é o aprendizado... a nossa organização para aprender.</p>
<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Eu acho que tudo ajuda... cada um do seu jeito... o professor e a tecnologia.</p>
<p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Pra mim é isso ... a contribuição é dos dois ... do professor e da tecnologia.</p>

<p>Nome: Luís, estudante de Matemática</p> <p>Natural de Belo Horizonte, 36 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial, ano 2012</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: aproximadamente 4.000,00</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p> <p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p> <p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p> <p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p> <p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>O principal motivo foi a busca de flexibilidade de horário de estudo. Estou satisfeito.</p> <p>É o que o professor faz para que a gente compreenda os conteúdos das disciplinas é o motivador do aluno.</p> <p>São todos os aparatos tecnológicos que usamos para estudar neste curso... o computador, o telefone, o AVA e as avaliações que acontecem também no computador... bem é tudo que esta relacionado com o modo de aprender com a tecnologia.</p> <p>Pra mim contribui... é a realização de uma vontade que persigo desde muito cedo... sempre gostei de números... sempre tive facilidade... mas só agora pude voltar a estudar.</p> <p>É o nosso incentivo pra estudar, se organizar e fazer as coisas de maneira correta. sei que tenho que manter os horários de estudo, mas não consigo sempre.</p>

<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>A tecnologia está a disposição de nós... mas é a gente que faz ela virar meio de aprendizagem... adianta o computador ligado sozinho.. sem a ação da gente... sem a gente não acontece nada... mas os dois juntos... aí sim... ajuda para aprender.</p>
<p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Não tem como escolher um melhor... para mim um precisa do outro... não adianta tecnologia sem aluno... e não adianta aluno que não estuda...</p>

<p>Nome: Camila, estudante de Pedagogia</p> <p>Natural de Brasília, 31 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial, ano 2012</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: aproximadamente 3.600,00</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>A falta de tempo e o valor mais em conta... tenho 4 filhos, e um deles ainda pequeno... não dou conta de sair todos os dias. Eu estou satisfeita, porém se eu tivesse como fazer presencial eu faria</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Eu escolhi este curso a distância, mas querendo também ter aulas presenciais... por que eu acho importante este contato com o professor. Eu gosto de vir para as aulas... sem as aulas presenciais não sei se conseguiria estudar... não me planejo muito bem para estudar... sabe sozinha... não é fácil... faço o possível para ter o tempo para estudar... mas daí a gente tá cansada... tem outras coisas pra fazer... pra mim as aulas com o professor são as que mais ajudam. E sem o computador eu não ia conseguir terminar este curso.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Pra mim a mediação tecnológica, é o uso do computador, celular, é através da tecnologia que tenho acesso as aulas... no início foi meio difícil... tive que aprender... não usava... tinha até computador em casa... mas agora já estou me virando... mas ainda sinto muita dificuldade no AVA.. principalmente por que não tem ninguém disponível para ajudar quando temos dificuldades.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Há contribui com certeza... facilitou que eu pudesse voltar a estudar.</p>

<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>É tudo que a gente faz para aumentar a aprendizagem... é tudo que... é responsabilidade de saber que tem que estudar naquele horário... que tem que estudar para a prova... é se organizar.</p>
<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Eu uso mais por que é exigido... é o computador... por que a gente só tem aula... duas vezes na semana... é bom o espaço da EaD... e acho que o espaço presencial é bem limitado e o virtual é mais livre.</p>
<p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>É justamente a facilidade de tempo e poder estudar em casa... no trabalho... na hora que dá...</p>

<p>Nome: Pedro, estudante de Matemática</p> <p>Natural de Curitiba, 26 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial, ano 2013</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: aproximadamente 3.000,00</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>Foi a modalidade que estava dentro do meu orçamento... e achei interessante que tem o mesmo valor de formação que um curso presencial.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>A mediação pedagógica o professor quem faz... estimulando e ensinando novos conteúdos.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É quando a gente está no AVA... quando a gente está conversando com este professor pelo computador... trocando informações.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Contribui, sim... estou aprendendo muito... todo dia aprendo e uso o que aprendi.</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>A autonomia pra mim é um desafio, mas preciso dela para poder estudar e compreender as coisas... Como meu curso é matemática... se eu não tiver disciplina e não me dedicar às aulas e aos trabalhos... vou ser alguém que saiu da faculdade sem aprender nada... por isso a autonomia é importante pra mim.</p>
<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>O AVA pra mim é o que mais uso... pois só vejo o professor 2 vezes na semana, e mesmo assim, ele não tira minhas dúvidas, daí tenho que me virar, perguntar pros meus colegas e arriscar.</p>

<p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>É o AVA é pra mim a maior contribuição... nele é que está tudo o que fizemos no curso... tudo o que a gente foi aprendendo...</p>
---	--

<p>Nome: Vinícius, estudante de História. Natural de Piraquara, 34 anos Cursa EaD, Semipresencial, ano 2016 Trabalha Renda: não informou Formação superior anterior - Letras</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>Eu prefiro a modalidade a distância, do que a presencial... por causa do meu tempo... trabalho o dia inteiro no computador.. mas sabe que é diferente quando tenho que estudar e postar trabalhos, daí fica mais complicado.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É a aula do professor... mas eu sinto que as aulas são iguais a qualquer outra que já tive na minha outra faculdade que fiz antes... é só menos tempo com o professor.. mas pra mim é igual... não vejo diferença nenhuma... até pelo contrário... acho que o professor da EaD só quer dar trabalho e xerox pra gente ler e depois dar aula no lugar dele... na verdade procuro me virar sozinho, né...</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É o uso da tecnologia que a gente faz no curso... é o ambiente virtual o AVA... que a gente pesquisa... posta trabalho e troca informação.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Tanto uma como a outra para mim contribuem... mas a gente devia ser mais bem preparado para lidar com este ambiente virtual... mesmo pra mim foi difícil no começo.</p>

<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>É a minha responsabilidade de me organizar... de aprender... de estudar... é entender que tudo tem que ter hora para fazer... só assim a gente aprende.</p>
<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>É o ambiente virtual... por quê não posso vir sempre pras aulas... então é nesta hora que tiro dúvidas e que não perco o meu curso.</p>
<p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>É a tecnologia e tudo que ela pode me oferecer... não tem como fazer um curso a distância... sem aprender a lidar melhor com o computador... tem que avisar que quem quer estudar neste tipo de curso... tem que se esforçar bastante... para aprender a lidar com toda esta tecnologia.</p>

<p>Nome: Renata, estudante de História</p> <p>Natural de Curitiba, 29 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial, ano 2014</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: aproximadamente 4.000,00</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>A modalidade EaD me deu a oportunidade de estudar sem sair de casa.... ficar mais perto dos meus filhos pequenos.... e tendo acesso ao curso superior, a economia em transporte, além da mensalidade muito mais em conta do que no presencial.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Esta é uma mediação que quem faz é o professor... é ele que ensina... é ele que tem mais conhecimento... por isso faz esta mediação.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É quase todo o curso... por que se não tivesse toda esta tecnologia... não ia ter a EaD.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Olha gosto da EaD... mas tenho dificuldades... sempre quis voltar a estudar... mas tinha que trabalhar e custa muito, né... então optei pela EaD... mas se pudesse estudava, assim, num curso normal.</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>É a organização que tenho que ter pra levar adiante... tudo que quero... é ter responsabilidade... sabe... é querer algo e ir atrás.</p>

<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>Mesmo eu tendo dificuldades com a tecnologia... e que eu acho que esta faculdade podia ter mais aulas que ajudassem a gente a lidar melhor com este AVA... a gente se bate bastante... mas o que eu mais uso é mesmo o computador e o AVA.</p>
<p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>O computador e o AVA é o que mais contribui e também o que mais atrapalha...</p>

<p>Nome: Thaís, estudante de História</p> <p>Natural de Pinhais, 29 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial, ano 2014</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: aproximadamente 3.600,00</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>O tempo e o valor das mensalidades.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É a ajuda do professor para aprendizagem.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É este espaço da EaD... é o uso da tecnologia para a aprendizagem.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Contribui... hoje não tem como a maioria estudar sem a tecnologia... só estudo para as provas e faço os trabalhos que os professores e o AVA pedem, sei que não devia ... mas tô levando assim.</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>É a minha autossuficiência... é minha organização para aprender e estudar...</p>

<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p> <p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>O espaço virtual é o que mais uso... não vou muito para as aulas... mais por causa dos trabalhos que valem nota.</p> <p>Aprendo bastante... sei que devia me esforçar mais... mas preciso de uma formação pra poder ganhar mais.. e estou me esforçando.</p>
--	---

<p>Nome: Leandro, estudante de Matemática</p> <p>Natural de Curitiba, 34 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial, ano 2014</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: não informou</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>É o ensino que eu me encaixo, né. É o ensino que me capacita, é o ensino que atende minhas necessidades de tempo. Estou muito satisfeito com esta escolha. É uma metodologia nova... é uma metodologia que eu aceito, né... e vejo que ajuda o aluno a pensar, o aluno ir atrás, o aluno a pesquisar, não aquele aluno que fica tão copiado, tão dependente.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Pra mim é a relação que tenho com o professor... com o conhecimento que ele me passa... são as formas de aprender e ensinar.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É a tecnologia que envolve este espaço do curso... é toda a tecnologia envolvida.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>A EaD pra mim é um novo espaço para aprender... mas tenho gostado muito do que ela tem pra me oferecer.</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>É um novo espaço... e assim a gente tem que aprender coisas novas... a entender que... tenho que aprender a estudar... a me organizar... só assim consigo aprender.</p>

<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>A tecnologia é o recurso que mais uso... é o que facilita pra mim.</p>
<p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>É justamente isso... a tecnologia que mais me ajuda... nela é que tem os trabalhos... as avaliações... as pesquisas... é tudo.</p>

<p>Nome: Jair, estudante de Matemática</p> <p>Natural de Curitiba, 33 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial, ano 2014</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: aproximadamente 4.000,00</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>Eu precisava estudar... mas tudo depende de tempo e dinheiro... assim quando encontrei um bom emprego... voltei e estou gostando.</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>Este é o encontro com o professor... só tenho dois encontros com ele... e outros pelo chat...</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É a tecnologia e os encontros que fazemos pelo chat e pelo AVA... é o lugar que para mim... mais aprendo... acho mais dinâmico.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Pra mim contribui bastante... gosto de participar dos bate papos... agora que já sei bem como me organizar.</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>A autonomia pra mim... precisa do professor... para que eu possa entender melhor as matérias... vejo que depois das aulas eu entendo melhor o que fazer no AVA... pra mim... uma coisa depende da outra... sei que a autonomia é importante, e que depende de mim... mas nem sempre consigo manter a disciplina de estudos.</p>

<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p> <p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>É o chat e o AVA, são eles que me mantêm sempre informado... sobre o que estudar... o que postar e quando tem avaliação.</p> <p>O que difere mesmo é o olho no olho. Essa é a maior diferença da EaD. Poucos encontros com o professor. Pois só temos duas aulas por semana. E para quem quer... pois não somos obrigados a ir. Então, se vc não aparece para as aulas... ou aparece só de vez em quando... fica meio difícil realizar esta mediação... daí é preciso saber mexer na máquina.</p>
--	--

<p>Nome: Jénifer, estudante de Pedagogia</p> <p>Natural de Curitiba, 23 anos</p> <p>Cursa EaD, Semipresencial, ano 2016</p> <p>Trabalha</p> <p>Renda: aproximadamente não informou</p> <p>Sem formação superior anterior</p>	
<p>1) Quais os motivos que lhe fizeram buscar uma modalidade de ensino a distância? Você está satisfeito com esta escolha? Por quê?</p>	<p>Não queria estar pressa a ter que vir todos os dias para a aula... moro do outro lado da cidade... e vir todo dia e chegar tarde em casa... sei que iria desistir...</p>
<p>2)O que você compreende por mediação pedagógica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É a ação do professor para os processos de aprendizagem de nós alunos. É tudo que ele faz para que a gente aprenda.</p>
<p>3)O que você compreende por mediação tecnológica? Exemplifique com fatos do seu cotidiano.</p>	<p>É o uso da tecnologia para mediar o conhecimento... é tudo que media a comunicação com o aluno... para que a gente possa aprender.</p>
<p>4)Você acredita que este tipo de mediação contribui ou dificulta sua aprendizagem?</p>	<p>Depende... ao mesmo tempo que contribui... se eu não souber lidar com esta tecnologia ela acaba me atrapalhando... e o professor neste sentido.. pode me ajudar... me ensinando a lidar com a tecnologia.</p>
<p>5) O que você compreende por autonomia? E como você acredita que esta autonomia possa colaborar para efetivar sua aprendizagem nesta modalidade?</p>	<p>A autonomia é que é o mais necessário na EaD... sem ela... por que a gente na maioria das vezes está sozinho... a gente não ia aprender.</p>
<p>6) Quais são os recursos tecnológicos que você mais utiliza na modalidade a distância? Você acredita que estes recursos tecnológicos que você utiliza, contribuíram para a sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>O AVA e os chats... é o que mais uso... tem todas as informações... mesmo pra quem não vai sempre para as aulas.</p>

<p>7) O que você destaca como maior contribuição para sua aprendizagem na modalidade a distância, em relação aos recursos pedagógicos e tecnológicos que dão suporte à sua aprendizagem? Por quê?</p>	<p>É este espaço virtual... que pra mim é a maior contribuição... que supre minhas dúvidas... mas claro que também não é td perfeito... podia melhorar... ser mais explicativo e mais fácil de uso.</p>
---	---